

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO EM
FILOSOFIA

RODRIGO FRANCISCO BARBOSA

NIETZSCHE E O GESTO SOFISTA NA LINGUAGEM

CURITIBA

2018

RODRIGO FRANCISCO BARBOSA

NIETZSCHE E O GESTO SOFISTA NA LINGUAGEM

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto-senso em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Eladio Constantino Pablo Craia

CURITIBA

2018

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

Barbosa, Rodrigo Francisco
B238n Nietzsche e o gesto sofista na linguagem / Rodrigo Francisco Barbosa ;
2018 orientador: Eladio Constantino Pablo Craia. – 2018.
198, [7] f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,
2018
Bibliografia: f. 198-[215]

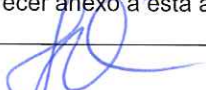
1. Nietzsche, Friedrich, 1844-1900. 2. Sofística. 3. Filosofia alemã. I. Craia,
Eladio Constantino Pablo. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDD 20. ed. – 193

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE N.º 23
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE

Rodrigo Francisco Barbosa

Aos vinte e quatro dias do mês de agosto de dois mil e dezoito, às catorze horas na sala de defesa no segundo andar da Escola de Educação e Humanidades desta Universidade realizou-se a sessão pública do exame de Tese do doutorando **Rodrigo Francisco Barbosa** intitulada: NIETZSCHE E O GESTO SOFISTA NA LINGUAGEM. A Banca Examinadora foi composta pelos professores: Dr. Eladio Constantino Pablo Craia, Dr. Antonio Edmilson Paschoal, Dr. Rogério Antonio Lopes, Dr. Jorge Luiz Viesenteiner e Dr. Rodrigo Gonçalves. Após a instalação dos trabalhos pelo presidente da banca, professor Eladio Constantino Pablo Craia, o candidato fez uma exposição sumária da tese, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e à defesa do candidato. Encerrada essa fase, os examinadores, em reunião reservada, apresentaram suas avaliações, tendo considerado o candidato APROVADO em sua defesa de tese conforme as notas e o conceito registrados abaixo. Após a proclamação dos resultados, o presidente da banca DOUTORGA ao candidato o título de Doutor em Filosofia. Encerrados os trabalhos às 17 h 00 min. lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora. O avaliador professor doutor Rogério Antonio Lopes, teve participação na banca de Defesa de Tese por videoconferência e está de acordo com as notas e conceitos, conforme parecer em anexo.

MEMBROS DA BANCA		ASSINATURA	NOTA
Prof. Dr. Eladio Constantino Pablo Craia – PUCPR			9,0
Prof. Dr. Antonio Edmilson Paschoal – UFPR			9,0
Prof. Dr. Rodrigo Gonçalves (co- orientador) UFPR			9,0
Prof. Dr. Rogério Antonio Lopes – UFMG		Parecer anexo à esta ata	
Prof. Dr. Jorge Luiz Viesenteiner – UFES			9,0
MÉDIA FINAL	9,0	CONCEITO	A


Prof. Dr. Jelson Oliveira
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia - *Stricto Sensu*

AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma imensamente carinhosa aos meus pais sem os quais todo esse trabalho seria absolutamente impossível de ser realizado.

Aos amigos/as que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa no exercício inestimável do “kharin logos”.

Agradeço à Capes pelo período de auxílio durante parte desta pesquisa.

A meu orientador prof. Dr. Eladio Constantino Craia e coordenação da PPGF da PUCPR.

Ao prof. Dr. Jorge Viesenteiner pela longa oportunidade interlocução e fraterna amizade.

Ao prof. Dr. Rodrigo Gonçalves pela disposição e acolhida acerca da interlocução com a sofística e os Antigos.

A “Sturm und Drang” e força centrípeta de amor Julia Caldeira por existir.

A disputa não é pela narrativa, mas pela
linguagem.

Michel Melamed

RESUMO

A tese aqui apresentada é a de que há um *gesto* sofista na linguagem de Nietzsche. Por *gesto sofista*, ou seja, essa “comunicação de um ímpeto”, essa “dimensão própria da linguagem” e mesmo essa espécie de “comunicabilidade sem conteúdo”, compreendo uma série de *nós*, *cores*, *ritmos*, *sons*, *movimentos*, *equívocos* e *ambiguidades* que operam na *discursividade* não “monológica” de Nietzsche. Ademais, enquanto “aspectos performativos dos escritos” pode ser lido ainda na amplitude de “gesto” como “Gebärde” – em que se pode *dar fim a esses gestos* – no âmbito de mostrar como essa “série de engarrafamentos” que configura por sua vez o “discurso sofístico”, *manifesta* “em sua estrutura mesma o sentido como um efeito *a posteriori*”. A partir da análise de um conjunto de elementos que o *texto de Nietzsche* performa como uma “técnica de ponta”, típica dos sofistas, eu tento demonstrar como *Ecce homo*, a princípio um *texto* “segundo”, um “contra-texto”, uma “paródia”, por meio de “aspectos performativos dos escritos” faz parte de um “funcionamento deliberado de um recurso da língua, onde o que está em jogo é tornar-se manifesta a maneira pela qual esse mesmo recurso já é explorado, mas de modo subreptício”, no caso específico de Nietzsche, nos diversos *textos fundadores*. Trata-se de tentar demonstrar como o “texto” do filósofo alemão, em especial a obra *Ecce homo*, a seu modo, quase “folhetinesco” e em disputa com a força de uma *orientação monolítica do texto* impresso do século XIX, opera um esforço “em desvelar os mecanismos da graça eficaz da linguagem”. Isso significa que o complexo do “texto” de Nietzsche como “signo literário” é compreendido no âmbito de uma performance sofística pois não cessa de manipular seus elementos materiais, sua *textualidade* efetiva, em direção a, não um *ocultar-se a si mesmo*, mas a um desvelamento, na forma de “auto-reflexão” e “epideixis” do “estatuto sofístico da linguagem”, isto é, que pode ser lido sob a ótica da tese “logológica” segundo a qual o “ser é um efeito do dizer”. Embora, de um modo mais amplo, esse tipo de abordagem vá de encontro às pesquisas atuais que tem como objetivo “mostrar a relevância cognitiva da materialidade do texto” em todas as suas possibilidades, o esforço deste presente trabalho, em menor escala, consiste apenas em apresentar em português de modo “incompleto e alusivo” o “amplo campo do problema” que implica uma tentativa de “revisão crítica” *do tradicional conceito de texto*.

Palavras-chave: Nietzsche. Sofística. Discursividade. Doxografia. *Ecce homo*.

ABSTRACT

The thesis here presented is that there are a sophistic gesture in the Nietzsche's language. By sophistic gesture (that is, this "communication of an impetus", and this "proper dimension of language" and even this kind of "communicability without content") I understand a series of *node, colors, rhythmic, songs, movements, equivocal* and *ambiguities* that operate in the no-"monologic" *discursivity* of Nietzsche. Furthermore, the "performative aspects of writings" can be comprehended as "gesture" or "Gebärde" – in the sense that one can *give purpose to them* – so that it is possible to show how this "series of clusters" that configure, in turn, the "sophistic discourse", it manifest "in his own structure the meaning as an *posteriori* effect". From analysis of a elements set that the Nietzsche's text perform as a "advanced technical", representative in the sophists, I try demonstrate how *Ecce homo*, initially, a "second" text, a "counter-text", a parody, through of "performative aspects of writings" make it part of a "deliberate performance of a resort of the language, where what is at stake is become manifest the way by this same resort already is exploited but of a way surreptitious", in the case of Nietzsche, on diverse *founding texts*. It consist an attempt to demonstrate how the "text" of German Philosopher, especially the work *Ecce homo*, to its way, almost "*folletinesque*" and in dispute with a force of a *monolitical orientation* of the impress text of nineteenth century, operate an effort "in unveil the mechanisms of the effective grace of language". This means that the complex of the Nietzsche's "text" as "literary sign" is understood in the scope of the sophistic performance because does not cease of manipulate his material elements, his effective *textuality*, in the direction of something, does not to hide itself, but the unveiling, in a form of the "auto-reflection" and "epideixis" of "sophistic statute of language", i.e., that it can be read from the perspective of the "logological" thesis whereby "being is a effect of the say". Although, more widely, this kind of approach meet the current researches that have as objective "show the cognitive relevance of the text's materiality" in all his possibility, the effort this present work, in a smaller extent, consisting it just to present in Portuguese of mode "incomplete and allusive" the "broad field of problem" that imply a try of "critical review" of the text's traditional concept.

Palavras-chave: Nietzsche, sophistic, discursivity, doxography, *Ecce homo*.

LISTA DE ABREVIATURAS

O texto utilizado como referência para nossa pesquisa é a edição crítica das obras de Nietzsche – *Kritische Studienausgabe* –, organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Em relação às traduções das obras publicadas por Nietzsche e disponíveis em português, optamos por utilizar os textos traduzidos por Paulo César de Souza e a de Marco Antonio Casanova para a edição de CoEx-II.

KSA – *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe in 15 Bänden*. Hrsg. Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: DTV & Walter de Gruyter, 1980.

KSB – *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Hrsg. Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: DTV & Walter de Gruyter, 1986.

KGB – *Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe*. Hrsg. Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1975-.

NT – *O Nascimento da Tragédia*.

HH – *Humano, demasiado Humano*.

HH II – *Humano, demasiado Humano* (vol. 2).

GC – *A Gaia Ciência*

Za – *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*.

ABM – *Além do bem e do mal*.

GM – *Genealogia da moral*.

CI – *Crepúsculo dos ídolos*.

EH – *Ecce Homo*. (As citações específicas de EH seguem o padrão da abreviação da *Pesquisa-Nietzsche* como EH-Sábio + numeração – para referenciar, por exemplo, “Por que sou tão sábio”)

AC – *O anticristo*.

Para a referência digital dos textos de Nietzsche na **Nietzschesource**:

NIETZSCHE, Friedrich. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe** [*Friedrich Nietzsche, Digital critical edition of the complete works and letters, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967-, edited by Paolo D'Iorio*]. <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>>

Para a referência aos “póstumos em transcrições diferenciadas” KGW IX, especificamente:

KGW IX/9. Hrsg. v. Marie-Luise Haase und Martin Stingelin. Bearb. v. Marie-Luise Haase, Thomas Riebe, Beat Röllin, René Stockmar, Franziska Trenkle, Daniel Weißbrodt. Unter Mitarbeit v. Karoline Weber. Berlin/Boston: De Gruyter 2012.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
I – TEXTUALIDADE, PERFORMANCE E LINGUAGEM.....	15
2. MÉTODO.....	16
3. TESE.....	25
4. OBJETOS DE ESTUDO: SOFÍSTICA E TEXTO.....	28
4.1. O OBJETO “SOFÍSTICA”: QUEM TEM MEDO DA SOFÍSTICA?.....	33
4.1.1. Esboço de uma “paleontologia da perversão”.....	37
4.1.2. A sofística como discursividade.....	50
4.2. O OBJETO “TEXTO”: O TEXTO DE NIETZSCHE E SUAS POSSIBILIDADES.....	60
4.2.1. O papel da filologia na formação do texto como <i>fixação</i>	65
4.2.2. Texto como <i>fixação</i>	94
4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche.....	118
4.3. DISCURSIVIDADE, POESEOLOGIA E DOXOGRAFIA.....	132
II – FUNCIONAMENTO DO TEXTO E DOXOGRAFIA.....	144
5. <i>ECCE HOMO</i> : OU COMO <i>PERFORMAR</i> UMA DOXOGRAFIA SOFÍSTICA DE SI	145
5.1. O ESTABELECIMENTO DO TEXTO E O STATUS DA OBRA.....	145
5.1.1. Constituição do texto <i>Ecce homo</i>	145
5.1.2. Status da obra e recepção.....	151
5.2. FUNCIONAMENTO DO GESTO SOFISTA NO TEXTO.....	160
5.2.1. Gesto doxográfico: <i>doxografia sofística de si</i>	160
5.2.1.1. Do título à performance dos <i>tipos</i> como “hipotipose” e captura da “ <i>Persönlichkeit</i> ”.....	161
5.2.1.2. A construção da <i>monumentalidade</i> como performance sofística.....	185
5.2.1.3. O <i>preâmbulo</i> como <i>ekhprasis sofística</i>	191
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	194
Anexo I.....	196
REFERÊNCIAS.....	198

1. INTRODUÇÃO¹

nós ousamos abrir as portas...²

O presente trabalho surgiu no contexto de meu anterior projeto de mestrado pelo qual toda atenção foi direcionada ao tema da “linguagem performativa” em Nietzsche. Ali, num primeiro tatear dos elementos da *materialidade dos escritos* foi possível vislumbrar o potencial de performance do texto do filósofo junto a sua premente relação conspícua com os componentes da “mousiké” grega cujo conhecimento filológico de Nietzsche o colocava em contato direto. Precisamente *seus* “gregos”, especificamente, sua leitura da tragédia grega direcionou-me para o universo da língua grega. Em meio ao fascínio das possibilidades dessa língua uma *inquieta suspeita* e entendimento do *modus operandi* de Nietzsche ia se formando e se fortalecendo. Tomar conhecimento de textos da *Pesquisa-Nietzsche* como o de Linda Simonis sobre o “performativo”³, bem como, das reflexões de Martin Stingelin sobre “retórica” e “escrita”⁴, graças ao acesso e interlocução concedidos pelo prof. Dr. Jorge Viesenteiner, alimentaram àquela *inquieta suspeita* até o encontro com a tese de Barbara Cassin sobre a sofística⁵: a suspeita tornou-se intuição e as investigações na ocasião da dissertação de mestrado sobre um *performativo* “avant-la-lettre” em Nietzsche foram se encaminhando. Ao fim dessa etapa, os *vórtices interpretativos* que ali foram alimentados estavam, aos poucos, voltando-se única e exclusivamente para um só ponto: “o estatuto

1 Peço inestimáveis desculpas ao leitor pelo excesso de notas de rodapé. Na esteira da ironia de um “método fantasmático” eu as utilizo dentro dos parâmetros da exigência acadêmica em todos os seus possíveis sentidos: “As notas existem, pelo contrário, para exercer duas outras funções. Em primeiro lugar, elas convencem: convencem o leitor de que o historiador realizou uma quantidade aceitável de trabalho, o suficiente para mentir dentro dos limites toleráveis do campo (...). Em segundo lugar, indicam as principais fontes que o historiador realmente usou.” GRAFTON, 1998, p. 30. Portanto, o uso da “aspas” ao longo do presente texto diz respeito às palavras de alguém do qual eu cito; por outro lado, quando ajusto concordância gramatical de uma citação ou paráfrase ou simplesmente quero enfatizar um termo que me parece interessante eu então uso o *itálico*.

2 “outros escreveram sobre a guerra / com versos que outrora Faunos e vates cantavam. / [Ainda que] nem as escarpas das Musas... / e nem houve algum zeloso do estilo antes desse. / Nós ousamos abrir as portas...” ÊNIO, (Annales 7, frag. 1-1a Warmington) In: FLORES; GONÇALVES, 2014, p. 149. Todas as citações vertidas para o português ao longo desta tese são de minha autoria exceto quando indicada a tradução. Em trechos conceitualmente importantes mantenho o original em nota para comparação.

3 Cf. SIMONIS, Linda “*Der Stil Als Verführer. Nietzsche und die Sprache performativen.*” In: Nietzsche-Studien, band 31(1), De Gruyter, Berlin/New York, pp. 57-74, 2008.

4 STINGELIN, “Rhetorik” In: OTTMANN, 2011, p. 313-315.

5 Primeiro na forma do livro “O efeito sofístico” e, posteriormente, “Se Parmênides”: Cf. CASSIN, 2005 e CASSIN, 2015a.

sofístico da linguagem”⁶ que, com Cassin, era como ter encontrado “ouro” depois de muito escavar e apenas, encontrar, vez ou outra, “minhocas”.

A escassez de textos, especialmente de teses de doutoramento, sobre o relação entre linguagem em Nietzsche e a sofística foi uma espécie de propulsor definitivo nesse caso. Não que o presente trabalho tenha o compromisso de mapear toda bibliografia a esse respeito. Ao contrário, o ponto chave que liga os dois temas é algo da ordem da relação com a própria linguagem, uma imbricabilidade constitutiva que o *logos* fecunda que torna a correlação complexa. Nesse sentido, por exemplo, não se trata aqui de verificar a “fonte” e sua possível recepção positiva ou negativa da “doutrina” sofista, mas sim antes, além de deslocar essa compreensão da sofística como “doutrina”, de verificar até que ponto o *funcionamento do texto* de Nietzsche aponta para algo que configura a máxima potência daquilo que chamamos sofística: sua *discursividade*.

Em termos gerais, a defesa da hipótese de um “gesto sofista” na linguagem de Nietzsche não encontraria muitos problemas para ser legitimada se tomássemos, por exemplo, uma “obra de aforismos” ou mesmo se considerássemos a amplitude dessa forma de escrita no corpus de suas obras. Isso me parece evidentemente claro na medida em que se pode aceitar algo da característica fundamental da forma de escrita aforismática: “o fato de que cada aforismo” assim “desafia o leitor a continuar a considerá-lo como essencialmente ambíguo, que ele frequentemente conecta determinações com um solapamento das respectivas determinações, e que ele é geralmente polêmico”⁷. Para além de qualquer suposta “intenção” do autor, a decidibilidade dessa forma de escrita para suas obras no âmbito de sua potencialização não apenas plurisemântica diante da tradição filosófica coloca, a meu ver, o texto de Nietzsche sob a base de um *estatuto de problematização dos meios* cujo *gesto* foi efetivamente *performedo* repetidas vezes pelos sofistas na Antiguidade: trata-se do “estatuto sofístico da linguagem” que Nietzsche explora por meio daquilo que o século XX chamará de “filosofia dos meios”⁸. Não apenas pelo fato de Nietzsche ter sido o primeiro filósofo do Ocidente a utilizar uma *máquina de escrever*⁹. Nem tampouco apenas pelo fato de optar pelo “caractere latino” e por uma *t i p o g r a f i a e s p e c í f i c a* em detrimento aos padrões

6 CASSIN, 2004, p. 144.

7 TONGEREN, 2012, p. 36.

8 FIETZ, Apud: PICHLER, 2014, p. 60 e JAHRAUS, “*Medienphilosophie*” In: FEGER, 2012, p. 293.

9 Cf. adiante nota 372.

tipográficos do século XIX¹⁰. Da multiplicidade de estilos utilizados por Nietzsche à preocupação dos *meios de suporte* dessa expressão o que, a meu ver, está em questão é exatamente esse “estatuto sofístico da linguagem” cuja operabilidade junto à filologia clássica permite ao filósofo observar e problematizar a partir dos recursos mesmos do “logos” que a materialidade textual implica. Aquilo que Peter Sloterdijk não consegue identificar n’o evento Nietzsche” é que a “catástrofe na história da fala”¹¹ tal como ele compreende, é, precisamente, uma inserção de Nietzsche no interior da *catástrofe sofística do discurso* e toda a sua potência de *produzir mundo* por meio da linguagem. Ainda em termos de similaridade (e ironia), diria que a obra de Nietzsche com todo o requinte de *manipulações* e *falsificações* já opera por si só o registro catastrófico do *darwinismo textual* de milênios de que a sofística *padece*¹².

Esta investigação, portanto, tanto não é a primeira exegese da imanência da obra *Ecce homo* de Nietzsche, quanto não se trata do primeiro trabalho a conceber o aspecto performativo dos escritos de Nietzsche. Talvez até mesmo uma exegese não se aplique ao que que procurei realizar. Com efeito, na função de intérprete, nem estou na posição da personagem da *esposa do velho erudito* de Kierkegaard na obra “*Ou-Ou*”, tampouco me resta a esperança de “soprar” *os problemas hermenêuticos* dos textos de Nietzsche como se fossem um ponto no lugar errado confundido como tal por *um grão de rapé*¹³. No caso dos livros de Nietzsche seria até interessante, à guisa de certa desobediência hermenêutica, virá-los *completamente* e seguir o “hábito” de Nietzsche de poder *descrevê-los*, como faz para com seus “cadernos”, ““de cabeça para baixo” de trás para frente”¹⁴. No entanto, apesar de divertido, isso seria apenas considerado *rizomático* e pouco original no contexto atual.

10 Cf. seção “4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche”.

11 “I would like to describe the Nietzsche-event as a catastrophe in the history of language and put the argument that his intervention as a literary new evangelist constitutes an incision in old Europe's conditions of understanding.” SLOTERDIJK, 2013a, p. 08.

12 “Die Geschichte der N.[ietzsche]-Editionen ist über weite Strecken bestimmt durch Manipulationen und Textfälschungen, wie sie nur wenigen philosophischen Autoren widerfahren sind.” MEYER, “*Geschichte der Nietzsche-Editionen*” OTTMANN, 2011, p. 437.

13 Conforme Benne ilustra a introdução de seu texto sobre “o ponto” com a imagem retirada do livro (“*Enter-eller*” no original dinamarquês traduzido por Benne por “*Entweder-Oder*”) de Kierkegaard em que o *velho erudito perplexo com um ponto no lugar errado ignora o chamado da esposa para o jantar até que ela vem a seu encontro e, assoprando a folha, desvanece o ponto confundido por um grão de rapé*: “Das Entfernen des Punktes löst das hermeneutische Problem, das durch ihn erst entstanden war.” BENNE, 2009, p. 41.

14 Precisamente como os intérpretes referenciam os esboços da primeira versão de *Ecce homo* no volume 9 da KGW IX “S.130-106”; “Einer Gewohnheit Nietzsches entsprechend, Hefte auch „verkehrt herum“, von hinten nach vorne zu beschreiben; vgl. KSA 14, 467, 773.” HÖDL, 2009, nota 1081, p. 503.

Dividida em duas partes a presente investigação tem como objetivo demonstrar a tese de que a obra *Ecce homo* de Nietzsche pode ser interpretada como um gesto sofista, à luz de uma *doxografia sofística de si*. Para tanto, na primeira parte que se distribui em três seções gerais “2. Método”, “3. Tese” e “4. Objetos de estudo: sofística e texto” eu tento explicitar, tanto a condução da pesquisa e seu aparato terminológico, quanto a complexa retroalimentação dos “objetos” ali *plasmados* no interior de um trabalho comparativo: a *discursividade sofística* e o *texto* de Nietzsche. Assim, partindo de um esboço de uma “genealogia” da história sofística na seção “4.1.1. Esboço de uma “paleontologia da perversão”, tento descrever o modo como a noção de sofista e a definição de *sofística* perpassam uma complexa determinação estrutural que modela a totalidade das formas de concebê-las a partir da tradição. Das dificuldades em relação à escassez das fontes à interpretação e manipulação estabelecidas pelo *corpus*, tento demonstrar de que maneira essa determinação, na forma de uma “confisco” e uma “regulação” do discurso, é instaurada pelo *corpus* “platônico-aristotélico” e sancionada pela tradição posterior nas diferentes épocas mesmo nas mais bem intencionadas “reabilitações”. Nesse quadro de problematização o *estatuto da sofística* enquanto “doutrina filosófica” passa a ser radicalmente questionado e é, exatamente, a tese “logológica” de Cassin que nos oferece as ferramentas dessa nova perspectiva sobre a sofística e a “história sofística da filosofia”. Desse modo, na seção subsequente “4.1.2. A sofística como discursividade”, trata-se de uma investigação no âmbito da descrição de uma “história sofística da filosofia” em que a análise da *discursividade sofística* em sua “mekhanai, procedimentos, astúcias, maquinações” permite compreender aquilo que “deve” ter sido “esquecido” na “ordem de obter uma representação de uma presente inteligibilidade”, isto é, “decifrar o que foi deixado” a sofística enquanto discursividade. Por outro lado, o argumento que eu tento desdobrar na seção geral “4.2. O OBJETO “TEXTO”: O TEXTO DE NIETZSCHE E SUAS POSSIBILIDADES” é o de que “texto” em Nietzsche pode ser compreendido como “um dinâmico signo complexo” que é pensado em seu contraste com a *limitariedade* imposta pela “obra” na dinâmica das *versões* e dos *esboços*, sendo reconhecido como esse *complexo de interações* sob o qual uma “valência semântica” (“de construção ou destruição do sentido”) é primeiramente eclodida como *dinamização complexa dos signos* no vórtice do “ato da leitura”, da *materialidade dos escritos* e seu *meio estrutural* costurado pela *textura*. Para tanto, na primeira subseção

subsequente “4.2.1. O papel da filologia na formação do texto como *fixão*” meu interesse específico consiste em tentar demonstrar que isso que *interpreto* como “texto” em Nietzsche, à luz no debate com Axel Pichler e a tese logológica de Cassin, surge como um complexo processo de instrumentalização filológica do qual denomino provisoriamente de “autosupressão” da filologia. Com efeito, na sequência da argumentação, uma vez demonstrado como essa “autossupressão” da *praxis* filológica produz essa expansão e possibilidade criativa com o *texto*, eu apresento na subseção “4.2.2. Texto como *fixão*” um breve esboço de *uma genealogia das noções de texto* e assim discuto, junto ao debate com Pichler e sua adesão à contemporânea teoria da edição alemã, de que maneira a noção de texto que *priorizo* e *modelo* a partir de pequenos ajustes é então compreendida em seu pormenor. Em virtude disso, busco explicitar na subseção posterior “4.2.3.”, conforme o título sugere, “As características dos modos de escrita de Nietzsche” que servem para dimensionar, em certa medida, a amplitude da *textualidade dos escritos* que compõe o complexo do texto em sua “textura” e materialidade efetiva. Assim, na subseção final dessa primeira parte “4.3. DISCURSIVIDADE, POESEOLOGIA E DOXOGRAFIA” experimento realizar uma espécie de síntese argumentativa dos elementos anteriores de modo a refletir sob os três temas que aparecem na forma do título e que configuram a) uma constatação resultante da discussão anterior expressa na tênue relação entre literatura e filosofia (*discursividade*), b) uma possibilidade de verificar *como* atuar interpretativamente diante desse cenário e complexidade dos textos (*poeseologia*) e, c) arriscar alguma *conjectura provisória* (*doxografia*).

Na segunda parte da tese, num primeiro momento, à guisa de discutir o “5.1. O ESTABELECIMENTO DO TEXTO E O STATUS DA OBRA”, eu busco caracterizar tanto o estabelecimento do texto “5.1.1. Constituição do texto *Ecce homo*” na reconstrução de *Ecce homo* pelos editores uma vez que Nietzsche não chega a publicar em vida e tem o manuscrito final *extraviado*, quanto explicitar algumas tendências da recepção da obra em “5.1.2. Status da obra e recepção”. Imediatamente nesta segunda parte, inicio a tentativa de caracterizar o “funcionamento do texto” em “5.2. FUNCIONAMENTO DO GESTO SOFISTA NO TEXTO” no âmbito de desdobrar o argumento mais geral do “gesto sofista”, bem como, em sua forma específica enquanto “doxografia sofística de si”. Para tanto, três subsequentes subseções distribuem a tentativa de *demonstração* desse “gesto”: na primeira subseção “5.2.1.1. Do título à performance dos tipos como “hipotipose” e captura da “*Persönlichkeit*”

tal *gesto* é indicado na condução de *ir* da compreensão da complexidade das funções dos “tipos”, “figuras” e “máscaras” enquanto *hipotipose sofisticada* até elementos tipográficos que contribuem para pensar ainda a dimensão da “paródia” ali contida. Além disso, nessa parte da argumentação, realizo uma tentativa de *contrastação* entre os esboços de títulos de *Ecce homo* com o título estabelecido como “final” no intuito de exemplificar a possibilidade de interpretar as *anotações* de Nietzsche e a riqueza das *dinamizações* que podem ser dali extraídas ao vislumbrar seus processos de *autoreflexão textual*. Na segunda subseção “5.2.1.2. A construção da *monumentalidade* como performance sofisticada” trata-se de explicitar de que modo tal *monumentalidade* do *gesto* acontece de uma maneira propriamente *doxográfica*, ou seja, a partir da ideia de uma “doxografia sofisticada de si”. Por fim, no âmbito de ler o *preâmbulo* como uma espécie de *ekphrasis sofisticada* eu exercito, na última subseção “5.2.1.3. O *preâmbulo* como *ekphrasis* sofisticada”, uma interpretação pontual quase *epidítica* em sua manifestação da exposição.

É deste modo que o presente trabalho ambiciona ser um deslocamento multifacetado entre “sofística” e, por exemplo, talvez “tradução”, no âmbito de efetivar-se, talvez, como *um outro tipo* “de práticas significantes” no plural: por meio desses dois “operadores de desessencialização” eu vou da sofisticada a Nietzsche na cola de suas *autoreflexões* e seus significantes em busca de um *gesto* nietzscheano que aponte para “o estatuto sofisticado da linguagem” em toda sua potência.

I – TEXTUALIDADE, PERFORMANCE E LINGUAGEM

“quem pensa em palavras pensa como orador e não como pensador (isto revela que ele (...) pensa (...) apenas a propósito das coisas; que na verdade pensa em si e em seus ouvintes)”¹⁵.

O objetivo dessa primeira parte da tese é apresentar os “objetos” e a “método” de estudo. Trata-se de dispor os objetos dentro de seus limites de discernibilidade para então abrir o caminho interpretativo. É por esse motivo que tento apresentá-los à luz de uma certa emergência pela qual algo de sua potência aparece: o *objeto sofística* surge como *logos* confiscado no interior de um contexto de determinação ontológica “platônico-aristotélica”; por outro lado, essa potência similar é identificada no *objeto texto* em Nietzsche no âmbito da noção de “operador sofístico” no interior do complexo de elementos materiais que compõem a amplitude da concepção de “texto”.

15 GM III, 8: “aber wer in Worten denkt, denkt als Redner und nicht als Denker (es verräth, dass er im Grunde nicht Sachen, nicht sachlich denkt, sondern nur in Hinsicht auf Sachen, dass er eigentlich sich und seine Zuhörer denkt)”: <[#eKGWB/GM-III-8](#)>, NIETZSCHE, 2006, p. 99.

2. MÉTODO

Embora seja loucura, há método nisto¹⁶.

“Nada esperar acerca do método—a menos que se tome a palavra em seu sentido mallarmaico: ‘ficção’: linguagem refletindo sobre a linguagem”¹⁷.

“Mole madre! Uma receita viva que se alimenta de todo o que a circunda, até de nós mesmos”¹⁸

No intuito de compreender o campo que se abre entre temas como “textualidade”, “performance” e “linguagem”, poderíamos, neste presente trabalho, proceder a partir de uma rubrica específica que, embora dicotômica, englobasse essas três dimensões: ou seja, algo que figurasse como um título parecido com “entre corpo e escrita”¹⁹. No entanto, mesmo que algo da “vocalidade”, que aparece nesse encontro entre “voz coletiva” e “escrita literária” na “forma complexa da oralidade ficcional” do período medievo²⁰, seja aqui talvez vislumbrado a partir de modificações e adequações ao contexto do livro impresso do século XIX e mesmo a partir do “mérito” de Rudolf Fietz em “redescobrir Nietzsche como a origem desse pensamento que poderia simplesmente desconstruir a filosofia como filosofia dos meios”²¹ é, por outro lado, o “objeto sofisticada” que me fornece, fundamentalmente, algo como um “método”²², *um direcionamento do olhar sobre o texto*, uma “direção do olhar” enquanto *noção mais ampla* de “textologia”²³ cujo “método de leitura” pode ser, em certa medida,

16 “Pol. [Aside] Though this be madness, yet there is method in’t” SHAKEASPEARE, 1959, ato II cena II p.40.

17 BARTHES, 2013, p. 07.

18 “Mole madre! Una receta viva que se alimenta de todo cuanto le rodea, hasta de nosotros mismos!” Postado no Twitter do restaurante mexicano Pujol (@pujolrestaurant) em 5 de agosto de 2015, 12:50.

19 “‘between body and writing’.”: “KIENING, Christian. *Zwischen Körper und Schrift. Texte vor dem Zeitalter der Literatur*. Frankfurt a. M. 2003, esp. pp. 7-31.” Apud: GRAGNOLATI;SUERBAUM, 2010, nota 5, p. 02.

20 “a complex form of fictional orality — the creation of a spoken, collective voice evoking poetic presence, but doing so by means of a consciously literate and literary written text.” “‘Vocality’ is the term coined by Paul Zumthor to describe this state of textuality; see Paul Zumthor, *Introduction à la poésie orale*, Paris 1983, and *La lettre et la voix: De la ‘littérature médiévale*, Paris 1987.” Apud: GRAGNOLATI;SUERBAUM, 2010, nota 1, p. 01.

21 O que, a meu ver, já configuraria um “gesto sofista” de Nietzsche: Es war also Fietz ’ Verdienst, Nietzsche als den Ursprung jenes Denkens wiederzuentdecken, der die Philosophie als Medienphilosophie geradezu dekonstruieren konnte.” JAHRAUS, “*Medienphilosophie*” In: FEGGER, 2012, p. 293.

22 “a sofisticada é uma alavanca potente para colocar em perspectiva a ontologia e o pensamento do ser, desde um fora que nos permite vê-los.” CASSIN, 2015a, p. 15.

23 “Textologia”, escreve Axel Pichler, “...originalmente deriva da teoria da edição leste-européia e denomina toda orientação que, no contexto do esforço editorial, lançou um inequívoco foco sobre a condição de formação de um texto, ou seja, da obra. Em ampliação a esse significado original, bem como, em conexão às considerações do grupo de trabalho “Textologie” eu compreendo aqui sob “textologia” uma direção da pesquisa que se dedica à análise de vários textos – [texto] compreendido como signo complexo e dinâmico – assim como da criação de significado dentro desse texto sob especial consideração a sua materialidade, suportado por esta, na interação dos

*poeseológico*²⁴, em *minuciosa atenção à complexidade do texto*²⁵, e, dentre outras coisas, uma específica atenção ao “significante”²⁶. Conforme veremos, o “objeto sofisticado” aparece como um *objeto aberto*, diria *estruturalmente catastrófico*, na medida em que se refaz enquanto “objeto” e como “método”: ou seja, a constitutiva *catástrofe* que a linguagem opera em relação a “equivoco”, “significante” e demais elementos de uma “técnica de ponta”²⁷ é aqui compreendida, simultaneamente como *objeto* e *ferramenta-condução* do estudo. Enquanto “operador sofisticado”, ou seja, “o próprio fato do *logos*”²⁸, a “discursividade sofisticada” como

meios (Textur) e mediação gerada da forma de exposição literário-estética, d.s. especialmente o uso retórico dos tropos e figuras, assim como, a estratégica entrada da Metaisierung [“Metaisierung como fenômeno transgenérico e transmedial...” WOLF, Apud: PICHLER, 2014, p. 36; bem como “Processo transgenérico e transmedial da autoreferência” Cf.: NÜNNING, 2013, p. 514.]. “Textologia”, aqui, significa assim, apenas a investigação do campo, ou seja, a direção da visão sobre um determinado texto co-constituído dessa visão, entretanto, não o método de leitura usado para a atual análise” PICHLER, 2014, p. 38. Ver ainda GLÜCK; RÖDEL, 2016, p. 708. Em alguns pontos eu me distancio da abordagem específica de Pichler na busca de meu próprio *modo* de investigação. No entanto, creio que a partir das devidas adequações que discutirei ao longo desta tese, sua noção de “textologia” – aqui balizada fundamentalmente a partir dos “resultados” do “desenvolvimento do esforço editorial” de teóricos como “Hans Zeller, Siegfried Scheibe, Gunter Martens” e “Roland Reuß” cuja “nova” e “paradigmática teoria da edição” permite pensar o *texto* “em seu concreto, material status de objeto medial...” etc (PICHLER, 2014, p. 21) –, oferece-me o ponto de partida com a qual eu conecto meus dois “objetos” na tentativa de explorar, junto com Cassin, uma abordagem para além do registro “platônico-aristotélico” ainda presente nessa mesma tradição de intérpretes alemães conforme veremos.

24 Em “analogia ao texto literário” e “sua expressão poeseológica”, a *negociação* entre “metareflexividade” do “texto filosófico” e a *fixação* das “condições gerais semânticas e estéticas para auto expressão” são o que, de acordo com Pichler, pode ser entendido por “poeseologia dos escritos filosóficos”: “Aufgrund des sich daraus ergebenden Fokus auf zentrale metareferentielle Passagen des jeweils untersuchten Werkes, welche man in Analogie zu literarischen Texten auch als deren poeseologische Äußerungen bezeichnen kann, sowie in Anbetracht der Bedeutung, die bei der Untersuchung solcher Stellen deren Textualität spielt, wird dieses Procedere im Folgenden als ‘Poeseologie des philosophischen Schreibens’ bezeichnet werden.” PICHLER, 2014, p. 06. Esta noção parece ser um ajuste específico ao desenvolvimento de um *heurístico* “critério pragmático” que Pichler exercita dois anos antes de sua tese em seu ensaio sobre a noção de “para-literarizität” PICHLER, 2012 e cujo objetivo principal parece localizar a função de uma “reconstrução poeseológica” dos escritos tardios de Nietzsche: “der poeseologischen Rekonstruktion von Nietzsches Spätwerk” PICHLER, 2014, p. 130; Cf.: adiante na seção “4.3. DISCURSIVIDADE, POSEOLOGIA E DOXOGRAFIA”.

25 “to pay close attention to the complexity of his manuscripts” seria aquilo sob o qual os leitores do “Nachlass” de Nietzsche seriam “exortados” a fazer no sentido de “refletir sobre as condições de possibilidade da escrita na estrutura do texto escrito” (“it means to reflect on the condition of possibility of writing in the framework of the written text”) com cuja tarefa “os editores da KGW IX” tem feito: ENDRES; PICHLER, 2013, p. 102. Ao mesmo tempo em que se trata – à luz dos trabalhos de Axel Pichler junto ao grupo “textologia.eu” – de uma ambição metódica de também discutir, para além do texto de Nietzsche, “o significado e função da materialidade e da forma de exposição estética” CONTRA “a filosofia” (o “contra” é de minha parte em adesão ao compromisso de Cassin): “...anhand dieses kanonischen Textes der abendländischen Philosophiegeschichte exemplarisch die Bedeutung und Funktion der Materialität und der ästhetischen Darstellungsform(en) für die Philosophie untersuchen.” PICHLER, 2014, p. 03.

26 “O discurso sofisticado se deixa assim figurar como uma série de engarrafamentos, manifestando em sua estrutura mesma o sentido como um efeito de *a posteriori*: discurso esgotante na medida em que provoca uma tensão e uma atenção intermináveis até o silêncio final.” CASSIN, 2015a, p. 92.

27 Discutiremos essas questões adiante: CASSIN, 2005; e “técnica de ponta” CASSIN, 2015a, p. 85.

28 “o operador sofisticado não é a evidência sensível dos pragmata, mas o próprio fato do *logos*, sua realidade concreta.” CASSIN, 2005, p. 34.

“modalidade discursiva radicalmente não-aristotélica”²⁹ é, neste trabalho, meu *índice* daquilo que podemos chamar de “método”. Não se trata de assumir a noção de *método* no sentido da tradição, seja como um “sistema de regras”³⁰, seja como um “procedimento sistemático”³¹, seja como um “encaminhamento para um objetivo, protocolo de operações para obter um resultado” ou ainda “uma idéia de caminho reto”³². A esse respeito, Roland Barthes dirá que, tal direcionamento é, em suma, uma ideia de também *ser* “logrado”³³. Ao evitar desviar o olhar *daquilo que não se sabe*, em decorrência da determinação do *caminho reto* que constrói o objeto³⁴, aceito que o *método* aqui, de um ponto de vista “mallarmaico” como “ficção”³⁵, me parece uma perspectiva *mais eficiente* ao passo que, inevitavelmente, a “erudição” atua como *uma forma de “fantasia”*³⁶. O que eu tento atualizar em termos de “método” é “a feliz ‘combinação’ entre movimentos e materiais”³⁷ que possa configurar algo de uma *perspicácia/brincadeira* (Witz) filológica-filosófica na forma de uma tese de doutoramento: *um trabalho comparativo e pluralista* “incompleto e alusivo”³⁸, uma vez que apenas *copio e*

29 “Essa terceira dimensão da linguagem,(...), via performance e significante, é uma modalidade discursiva radicalmente não-aristotélica, anti e até mesmo ab-aristotélica” CASSIN, 2015a, p. 18.

30 “auf einem Regelsystem aufbauendes Verfahren zur Erlangung von [wissenschaftlichen] Erkenntnissen oder praktischen Ergebnissen” DUDENREDAKTION (o. J.): „Tulpe“ auf Duden online. URL: <http://www.duden.de/node/713429/revisions/1380643/view> (Abrufdatum: 1.08.2017).

31 “systematisches Vorgehen nach bestimmten Grundsätzen und Regeln, folgerichtiges Herangehen an eine Aufgabe.” DWDS, 2017, <<https://www.dwds.de/wb/Methode>>.

32 BARTHES, 2013, p. 06.

33 BARTHES, 2013, p. 06.

34 Como me parece o completo desafio: “Por um lado: por que não filosofar sem subterfúgios nem esse desvio com pretensão científica no qual é preciso rastejar, dizia Nietzsche, “com a acribia de uma lesma míope”? Por outro lado: como justificar essas especulações que incham um trabalho aparentemente sério? Prática filosófica ou prática filológica: uma, se ela não invalida a outra, a torna ao menos ilegível.” CASSIN, 2015a, p. 27.

35 BARTHES, 2013, p. 07.

36 Respectivamente: “the modern form of fantasy is erudition” e “What is at stake here is a series of operations that emerges from the trafficking of the letter — “Erudition is the modern form of the fantastic,” says Borges.” BORGES, *Apud*: CASSIN, 2014a, p. 247 e p. 298.

37 Respectivamente: “Nietzsche’s ‘philological Witz’ – his inspiration, mental agility, and above all his knack (as he himself describes it)”; “Witz (the felicitous ‘combination’ of moves and materials)” PORTER, 2000, p. 121; e, nota 98 e 105, pp. 330-331. Cf.: Carta 604 a Rohde de 9/12/1868: “ein gewisser philologischer Witz”: <[#eKGWB/BVN-1868.604](#)>. Para a etimologia do termo: “>Witz< significa basicamente duas coisas: 1. a capacidade intelectual para ideia surpreendente (que pode ser cômica mas não precisa [ser]), 2. uma concisa, jocosa afirmação geralmente na forma de uma cômica (curta) história que finaliza com um ponto.” “>Witz< bedeutet grundsätzlich zweierlei: 1. die verstandesmäßige Fähigkeit zum überraschenden Einfall (der komisch sein kann, aber nicht muss), 2. eine knappe, scherzhafte Äußerung, meist in Form einer komischen (Kürzest-) Geschichte, die mit einer Pointe endet.” WILLER, 20017, p. 11; e ainda: “Zu Beginn des 19. Jhs. steht Witz bereits für ‘kluger, geistreicher Einfall’ (scherzhaften oder spöttischen Inhalts) und erhält gegen Ende des 19. Jhs. den heutigen Sinn ‘geistreicher Spaß, Scherz, Ulk, humorvolle Anekdote’ verbete “Witz” DWDS, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/eInh4I>> Acesso em 2018).

38 “Atualmente, só se pode ser incompleto e alusivo; no melhor dos casos, programático.” CASSIN, 2005, p. 211.

*aprendo de meus predecessores*³⁹. Semelhante à tese de Cassin, eu gostaria que este trabalho fosse também “testemunha,” daquilo que ela espera ser o “nada que separa o trabalho filológico e o delírio de interpretação”⁴⁰. Ao mesmo tempo em que, como *um direcionamento do olhar*, esse “método” é uma leitura, trata-se de um trabalho que implica uma “leitura disléxica de Nietzsche”⁴¹, na medida em que é também uma “leitura relacional”, ou seja, uma leitura *palimpsestosa* que *ama pelo menos dois textos simultaneamente*⁴². Contra uma possível objeção inicial – que pode ser encontrada em um aforismo do volume II de *Humano demasiado Humano*⁴³ –, acerca do *como* procedo neste presente trabalho, devo salientar o fato de que, embora reconheça a *inevitabilidade de pegar para si aquilo que é necessário*, não tenho aqui “a intenção da pilhagem devastadora” do texto de Nietzsche mas uma “intenção” de *criação-reconstrução*, talvez, reconhecida pelo filósofo alemão como que “de nobre objetivo”⁴⁴, talvez. Nesse sentido, tanto a ambição de um “rigor metódico” se encontra com àquela “perspicácia/brincadeira” nietzscheana⁴⁵ aqui, na forma de um “método” *fantasmático fixional*⁴⁶, quanto as ferramentas com as quais eu tento fazer avançar alguma coisa implicam-

39 Conforme Tomas Brobjer salienta ser a forma como Nietzsche compreende “qual o método usar para (por qualquer pessoa) tornar-se” *grande* em alguma função *artístico-intelectual*: “The question of which methods to use for one (for any person) to become a good composer, painter, or historian is never sufficient for Nietzsche. Experience, appropriate values, a healthy view of the world (...), and personal characteristics are always required. Nietzsche’s general approach is therefore not to approve of specific methods, but to argue that one should copy and learn from great predecessors.” BROBJER, In: DRIES, 2008, p. 57.

40 CASSIN, 2015a, p. 14.

41 “This book began its life as a dyslexic reading of Nietzsche (which all readings of him in some sense are).” PORTER, 2000, p. vii.

42 Neste ponto eu aceito com Lossi que “L’intertestualità deve infatti trovare la via della propria creatività senza imprigionare nuovamente la figura di Nietzsche su un unico modello filosofico o filologico.” LOSSI, 2012, p. 13. Sobre a noção de “palimpsesto” GENETTE, 2006, p. 46.

43 HDH, II, 137: “Os piores leitores. — Os piores leitores são os que agem como soldados saqueadores: retiram alguma coisa de que podem necessitar, sujam e desarranjam o resto e difamam todo o conjunto.” NIETZSCHE, (edição digital), p. 48; <[#eKGWB/VM-137](#)>.

44 Cito a passagem de Langer sob a qual salienta tal possibilidade ao comentar o aforismo mencionado dos “piores leitores”: “Es wird sich hierbei nicht vermeiden lassen, sich das zu nehmen, was gebraucht wird, jedoch ohne Absicht einer verwüstenden Plünderung, vielmehr in Absicht einer Rekonstruktion, die versucht, Nietzsches Sprach- und Subjekthilosophie gerecht zu werden – wobei dies, das sei hinzugefügt, ein hehres Ziel ist.” LANGER, 2005, p. 47.

45 Trata-se do comentário feito por Nietzsche de seu trabalho com o texto de Demócrito em que lhe parece mais proveitoso para “seguir em frente” a ajuda de uma “perspicácia/brincadeira filológica” em que o “rigor metódico” aparece como secundário (Carta 604 a Rohde de 9/12/1868): “Hierbei ist mir mancherlei geglückt, ja ich komme zu der Meinung, daß bei solchen Arbeiten viel mehr ein gewisser philologischer Witz, eine sprunghafte Vergleichung Versteckter Analogien und die Fähigkeit, paradoxe Fragen zu thun vorwärts hilft, als die strenge Methodik, die überall erst am Platze ist, wo die geistige Hauptarbeit bereits abgethan ist.”: <[#eKGWB/BVN-1868.604](#)>. Conforme veremos, o pano de fundo desse tipo de estratégia é exatamente a inventividade do método filológico do professor de Nietzsche Friedrich Ritschl.

46 Ver adiante nota 711 e 722 e atribuição à noção de “fixação”.

me uma paixão e inspiração verdadeiras: na necessidade de primeira ordem de *não* “desconsiderar nada do que existe” na medida em que “nada é dispensável” enquanto *aprendizado* da “coragem”⁴⁷ trata-se, em última instância, de “me” servir “de tudo o que eu posso”, para assim, *usar*, em certa medida “cada ponto de vista como antídoto do outro”⁴⁸. Ainda aqui, isso consiste, a meu ver, em “introduzir” à minha interpretação “uma performativa, interdisciplinar e intertextual concepção da atividade interpretativa”⁴⁹. Sendo assim, no quadro do contexto de uma possível “*permeabilidade dos gêneros*”⁵⁰ e de um relativismo radical acerca de questões da ontologia da tradição⁵¹ cujo principal problema incide sobre a dificuldade de identificar o *gênero* específico de *Ecce homo*⁵² me é oportuna a condição de pensar em que medida o trabalho filosófico não poderia permitir hoje a presença de “oportunistas epistemológicos”/as ou ainda – e mais interessante –, de anarquistas metodológicos/as⁵³ que *Metaisielogologizem* todas as possibilidades da “auto-reflexividade” como na “*Metaisierung*”⁵⁴. Longe de se perguntar “é tal-e-tal verdadeiro?” o propósito

47 EH, *Tragédia 2*: “Apreender isso requer *coragem* e, condição dela, um excesso de força: pois exatamente tanto quanto a coragem pode ousar avançar, exatamente segundo esta medida da força nós nos aproximamos da verdade.” NIETZSCHE, 2005a, p. 63; KSA 6, 30-33, p. 311.

48 CASSIN, 2014b, p. 08.

49 Conforme LEVENTHAL salienta ser a realização de “Lessing, Herder e Schlegel” e, posteriormente, “Nietzsche” e “a wittgensteiniana cultura pós metafísica”: “I will suggest that Lessing, Herder and Schlegel, precisely by doing away with the idea that there can be a truth which stands outside of language, introduce such a performative, inter-disciplinary and intertextual conception of the interpretive activity, one that is taken up by Nietzsche and finds its present analogue in Wittgensteinian post-metaphysical culture.” LEVENTHAL, 1994, p. 10.

50 “This is what I call in French the “*perméabilité des genres*,” the “permeability of genres/genders.” Philosophy as practiced by women is decompartmentalized. Women-philosophers decompartmentalize genres (this is precisely what sophistry does, too, in its own way, which is something I’ll come back to).” CASSIN, 2014a, p. 240. Discutiremos esse ponto adiante na seção: “4.3. DISCURSIVIDADE, POESEOLOGIA E DOXOGRAFIA”.

51 Conforme implica o uso da “*sofística*” como método: “Eu resumiria tudo da seguinte maneira: a desmistificação da doação ontológica produz uma descompartimentação dos gêneros do *logos*.” CASSIN, 2005, p. 265.

52 As tentativas de definição da obra como “autobiografia” pelos intérpretes da Pesquisa-Nietzsche serão discutidas adiante. Aqui, apenas saliento a dificuldade com Ulrich Breuer: ““Obwohl die Forschung auf diesem Gebiet schon große Fortschritte gemacht hat, wird der Status des Werkes als Autobiographie von manchen aufgrund der vermutlich in nur wenige solcher Definitionen passenden Form und des Inhalts zum Teil noch immer angezweifelt.” BREUER, 2014, p. 02.

53 “Why not allow that scientists are ‘epistemological opportunists’ or ‘methodological anarchists’?” GOWER, 2002, p. 236.

54 Talvez golpeando a violência do gesto filosófico com o sopro da “permeabilidade dos gêneros”. Forjo aqui o termo “*Meta-isie-logologizar*” em alusão à tese logológica de Cassin e o termo alemão já mencionado “*Metaisierung*” que, usado no âmbito da *Teoria da Literatura e da mídia* e sem um termo correspondente no português, significa basicamente um “processo transgenérico e transmedial da autoreferência ou reflexividade com a qual um sistema semiótico (uma obra, um gênero ou um meio) reflete sobre a própria ficcionalidade e/ou medialidade no sentido de ›Invenção‹ ou ›artificialidade, feitura‹”; “transgenerisches und transmediales Verfahren der Selbstreferenz bzw. Rückbezüglichkeit, mit dem ein semiotisches System (ein Werk, eine Gattung oder ein Medium) über die eigene Fiktionalität und/oder Medialität im Sinne von ›Erfundenheit‹ oder ›Künstlichkeit, Gemachtheit‹ reflektiert.” NÜNNING, 2013, p. 514.

heurístico desta investigação vai na direção de pensar “o que acontece se...” pudermos, por exemplo, identificar elementos da *discursividade sofística* no texto de Nietzsche. Mais do que “matemáticos”/as ou “jardineiros”/as, respectivamente, com suas “descobertas nos teoremas” ou “mudando suas plantas de lugar” para testar os efeitos⁵⁵, penso o trabalho desenvolvido neste texto à luz do “caráter exploratório” do experimento científico: enche-se “um saco de pele de touro de nove anos”⁵⁶ com o que interessa das ciências e monta-se a sela *lançando-nos* “ao proibido”⁵⁷. A partir do privilégio de “ler por último” provisoriamente, alguma coisa⁵⁸, e, em algum momento, exercitar tal leitura como uma “filósofa-mulher”⁵⁹, me parece fundamental que “devemos deixar claro os objetivos e métodos” como destaca McComiskey ao citar Edward Schiappa em sua controvérsia com Scott Consigny sobre os modos de ler a sofística grega, apenas para citar um exemplo⁶⁰. Para além da suposta dicotomia entre “reconstrução histórica” e “apropriação neosofista” que sustenta essa querela contemporânea, minha intenção é, por um lado, me “certificar”⁶¹ de que *meu método fantasmático corresponda a meu objetivo*⁶² no amplo sentido de, por outro lado, não apenas poder *diferenciar as abordagens para o estudo dos sofistas da Grécia antiga*, conforme salienta Schiappa, mas, compreender que a “teorização sofística acerca da retórica é melhor

55 GOWER, 2002, p. 236.

56 “δῶκε δὲ μ’ ἐκδείρας ἄσκὸν βοὸς ἐννεώροιο” Hom. Od. 10.1, verso 19. (<http://goo.gl/XioGOL>).

57 *Nititur in vetitum*: “Recentemente vi um cavalo que resistia à brida; sua boca havia rejeitado o freio; ele voava como o raio. Ele parou, tão logo sentiu que afrouxavam as rédeas, e que elas repousavam sobre sua crina, que tremulava ao vento. Nós nos lançamos ao que é proibido, e ansiamos o que nos é negado” OVIDIO Apud: NIETZSCHE, nota 11, 2006, p. 159. Respectivamente: ABM § 227: NIETZSCHE, 2006, p. 119; GM III, § 9: NIETZSCHE, 1998, p. 102 e; EH, *Prólogo* 3: NIETZSCHE, 2005a, p. 18.

58 “Quem ler por último lerá melhor.” GENETTE, 2006, p. 05.

59 “Can a man be a woman- philosopher? For me, as my answer would be “yes,” it is simply a complementary way of approaching the permeability of genres/genders.” e, “Philosophy as practiced by women is decompartmentalized. Women- philosophers decompartmentalize genres”, respectivamente, CASSIN, 2014a, p. 241 e p. 240. Se seguimos ainda o argumento de Michelle Ballif é via “linguagem” que essa “mulher-filósofa” se torna possível, por exemplo, em Nietzsche: “Indeed, there are many women in Nietzsche’s works, and he espouses no one opinion regarding them, nor does he offer one characterization of women but at least three. I argue that two of his characterizations serve to demonstrate how Woman has been produced, constituted, and represented heretofore, and that his Third Woman attempts to unrepresent these women via the excesses and instabilities of language.”. Discuto essas questões adiante na seção: “4.3. DISCURSIVIDADE, POESEOLOGIA E DOXOGRAFIA”.

60 “we must maintain a clear distinction between the goals and methods of historical scholarship that *interprets* ancient doctrines and “neo” historical scholarship that *appropriates* ancient doctrines for contemporary purposes.” MCCOMISKEY, 2012, p. 8 e nota 1 p. 139.

61 O que significa, em outros termos, “abrir e colocar equívocos para o trabalho, tornar as dificuldades mais explícitas”; “We have to open up and put equivocations to work, make difficulties more explicit...” CASSIN, 2015b, p. 149.

62 “I believe that we need to be clear about what we are doing when reading or writing a work concerning the Sophists, and we need to make sure our methods match our goals” SCHIAPPA, 2003, p. 65.

entendida” se observada “como um processo de fazer perguntas sobre o *logos* e o mundo”⁶³. Esse, a meu ver, é o caso envolvido, de modo decisivo, na tese “logológica” de Cassin⁶⁴ e na discussão que envolve o elemento “texto” em Nietzsche⁶⁵. Nesse sentido, embora pareça irônica a ideia aqui de *cientificidade*, é por meio dela ou de alguma coisa nessa direção, que gostaria de conduzir a presente investigação rumo a uma “denúncia dos resultados da ontologia e a economia metódica constitutiva da ciência”, conforme indicaria ainda o próprio *gesto sofista* do texto de Nietzsche⁶⁶. Nisso, semelhante ao ponto nebuloso do qual se encontrava o *tratado anônimo*⁶⁷, eu gostaria de avançar o olhar diante do “mistério” que *permanece* sobre o *Ecce homo* de Nietzsche⁶⁸. Assim, o que se pode chamar de *método* neste trabalho, é algo como *uma ferramenta de condução do olhar* alimentada, especificamente, pela intuição nietzscheana, talvez colocada em prática por Cassin⁶⁹, de que o que interessa de

63 Respectivamente: “Those approaches can be described as the construction of neosophistic rhetorical theory and criticism, and the historical reconstruction of sophistic doctrines.” p. 65, e ainda, “Sophistic theorizing about rhetoric is best understood not as a collective answer to the question ‘What is rhetoric?’ but as a process of asking question about *logos* and the world”: SCHIAPPA, 2003, p. 71.

64 Basicamente, a *produção* de “efeito-mundo” pela “modalidade discursiva” que caracteriza os sofistas ao qual Cassin chama “após Novalis e Dubuffet” de “logologia” CASSIN, 2015a, p. 17. Bem como “Logologia: o discurso faz ser, o ser é um efeito de dizer.” CASSIN, 2005, p. 63.

65 Isso implica, a meu ver, considerar os efeitos para a interpretação da publicação dos volumes da KGW IX no trabalho de “gênese do texto” que a especificidade da “autoreflexão” dos escritos de Nietzsche exigem. Vale lembrar o recente projeto de Paolo D’Iorio (que já mantém digitalmente a edição crítica das obras (KSA) e cartas (KSB) com suas respectivas correções no portal [Nietzschesource](http://Nietzschesource.org)) que ambiciona ser *um modelo conceitual e protótipo da edição genética digital de uma obra de Nietzsche* (“O Andarilho e sua sombra” de 1879) *que incluiria os primeiros esboços, cópias limpas, o manuscrito para impressão, provas e a cópia da primeira edição*: D’IORIO, pp. 191-204, 2017.

66 Como faz Barbara Cassin em sua tese, minha fundamental inspiração: CASSIN, 2015a, p. 22.

67 De acordo com Cassin, “possuímos (...), duas versões, aparentemente completas e *grosso modo* convergentes, do Tratado de Górgias “Sobre o não-ser ou sobre a natureza””: a primeira versão “filologicamente menos problemática” é aquela “transmitida por Sexto Empírico, sete séculos depois de Górgias” e que “incita a perceber a sofística como um avatar do ceticismo”; a outra versão intitulada “*De Melisso, Xenófanes e Górgias* (...)” é um tratado composto de três unidades distintas” que foi atribuída a Aristóteles e publicada ao fim do “*corpus*”. Esta versão possui uma dificuldade de identificação dos filósofos nas duas primeiras seções (o que gerou hesitações dos intérpretes) mas concordância em relação ao último autor que é Górgias. Por outro lado “a atribuição e a datação do tratado continua sendo objeto de conjecturas numerosas e divergentes”. Para Cassin o principal problema parece o fato de que cada intérprete “se incline para o lado da sua concepção da doxografia” que está estruturada efetivamente sobre “meios teóricos sobretudo aristotélicos”: CASSIN, 2005, p. 269-270. É no foco de análise dessa segunda versão que Cassin elabora sua tese *logológica* ao mesmo tempo em que aponta certo “tráfico filológico” na manipulação dessa versão do texto: CASSIN, 2015, p. 32.

68 É o que reiteram os autores na ocasião do “12. Nietzsche-Werkstatt 2004” ocorrido em Schulpforta e cujas tentativas de diversos autores de clarificar tal dificuldade acerca da obra são publicadas no ano seguinte no volume 12 da “Nietzscheforschung” aqui, posteriormente discutida: “Friedrich Nietzsches *Ecce homo* bleibt in vieler Hinsicht ein Rätsel.” MÜLLER; SOMMER, 2005, p. 127.

69 Estaria Cassin, em sua tese sobre “o *tratado anônimo*”, levando adiante uma espécie de “filologia do futuro” já esboçada anteriormente no jovem Nietzsche? Estaria Cassin lendo os “gestos” de Platão e Aristóteles com a mesma “*ephexis* na interpretação” como Nietzsche lê, em *O Anticristo*, “os gestos” de Paulo? (Por exemplo: AC 44 e 52) Questão a ser enfrentada em outro momento.

“um método” é o *efeito da prática científica (rigorosa) sobre os modos de pensar*⁷⁰. É exatamente uma tal problematização radical do *método* que me coloca o desafio de desenvolver algo como uma *leitura* que seja “incomensuravelmente”⁷¹ incompatível com o que se poderia denominar “tradição platônico-aristotélica”⁷². Nisso estou de acordo com o *palimpsesto* em que se relata que “é impossível fazer de outro modo”⁷³. Ao pensar, de modo geral, a “sofística” como “uma alavanca potente para colocar em perspectiva a ontologia e o pensamento do ser, desde um fora que nos permita vê-los”, em específico, trata-se de “explorar as singularidades de um texto”⁷⁴ nesse “espaço de uma operatividade” que seria a *textualidade*⁷⁵. Isso significa assumir como “único” recurso a “letra do texto” na medida em que, no intuito de ler o texto “sem corrigir imediatamente o que não se compreende sob o pretexto de” (no caso de Nietzsche) *texto literário*, não filosófico, se *preste atenção* “a todas as indicações diferenciais até então negligenciadas, tais como a ordem das palavras...”, “pontuação”, “tipografia” e mesmo a “distribuição das partículas” que servem como “rastros do sentido” donde “mora o clique de seu mecanismo”⁷⁶. É a partir desse tipo de *prática inversa* do exercício filológico⁷⁷ que *meu direcionamento do olhar* é aqui conduzido: uma vez que o “texto” analisado *Ecce homo* “teria provisoriamente por gênero não tê-lo”⁷⁸, eu me utilizo da *letra desse texto, a materialidade dos escritos das diferentes versões e esboços* em

70 “La science en tant que pratique habituelle apparaît dès lors comme un instrument particulier susceptible de servir la transformation, l’élevage (Züchtung) du philosophe que Nietzsche envisage.” DENAT, 2010, p. 291.

71 “O que diferenciou essas várias escolas não foi um ou outro insucesso do método (...) mas aquilo que chamaremos a incomensurabilidade de suas maneiras de ver o mundo e nele praticar a ciência” KUHN, 1998, p. 23.

72 Respectivamente: “condenação platônico-aristotélica”, “ontologia platônico-aristotélica sob a qual vivemos.” CASSIN, 2005, p. 14, p. 17.

73 Aqui, Cassin faz ressoar Nietzsche que ressoa Lutero pela manipulação, a seu jeito, da expressão “nicht anders können”: CASSIN, 2015a, p. 27, “Il est impossible de faire autrement, voilà tout” CASSIN, 1980, p. 17. Veja-se: eKGBW/BVN-1868,569: <<https://goo.gl/VLn timer>>; eKGBW/NF-1883,20[4]: <<https://goo.gl/yvUMF5>>. De forma especial, ABM §202: “Não podemos agir de outra forma: pois precisamente nisso está nossa nova visão” NIETZSCHE, 2006, p. 89.

74 Respectivamente: CASSIN, 2015a, p. 15 e “Mas, ao fazê-lo [tomar de empréstimo as vestimentas da ciência para ler o *De M.X.G.*], ela, na verdade trapaceia, na medida em que, em vez de explorar as singularidades de um texto e de uma transmissão, ela encoraja, assim, apenas essa distância do objeto que autoriza todas as manipulações.” CASSIN, 2015a, pp. 33-34.

75 “textuality as “the space of an operativity”” GODZICH Apud: CLARK, 2004, nota 18, p. 286.

76 CASSIN, 2015a, p. 35.

77 “Em vez de lhe supor um gênero que autorize seu desmembramento com um tratamento normativo da letra, é preciso recusar essa intimação prévia: o tratado teria provisoriamente por gênero não tê-lo. A prática se inverte então” CASSIN, 2015a, 34.

78 Veja-se toda discussão acerca da manipulação do texto apenas autorizado por Nietzsche antes do colapso e as disputas interpretativas sobre o gênero “autobiografia filosófica”: Cf. adiante “5.1.2. Status da obra e recepção”. Sobre a citação, ver nota anterior: CASSIN, 2015a, p. 34.

contraste com a suposta *versão final*, deixando-a funcionar – e permitindo eclodir as dinâmizações – na tentativa de, pela observação de qualquer *jogo* “com o significante, com equívoco”⁷⁹, por exemplo, “extrair” alguma “lei desse funcionamento catastrófico” que opera no “texto” de Nietzsche⁸⁰ *reativando* assim, contemporânea e *anacronicamente*, “o jogo doxográfico”⁸¹. É deste modo que o presente trabalho ambiciona ser um deslocamento multifacetado entre “sofística” e, por exemplo, talvez “tradução”, no âmbito de efetivar-se, talvez, como *um outro tipo* “de práticas significantes” no plural⁸²: por meio desses dois “operadores de desessencialização”⁸³ eu vou da sofística a Nietzsche na cola de suas *autoreflexões* e seus significantes em busca de um *gesto* nietzscheano que aponte para “o estatuto sofístico da linguagem”⁸⁴ em toda sua potência.

79 CASSIN, 2015a, p. 17.

80 CASSIN, 2015a, p. 86.

81 Acerca de uma contraposição à autoridade do estabelecimento do corpus dos relatos doxográficos por Diels, Cassin salienta: “A fim de escapar disso, é preciso reativar o jogo doxográfico, liberando a singularidade dos horizontes, e reanimar as interpretações antigas...” CASSIN, 2015a, p. 118. Discutirei essa questão adiante.

82 “A sofística está ficando na moda, porque ela desdobra os paradoxos implicados na lógica dita clássica e limpa assim o terreno, propõe até mesmo um modelo para outros tipos de práticas significantes.” CASSIN, 2015a, p. 110.

83 CASSIN, 2015a, p. 19.

84 Especialmente CASSIN, 2005, pp. 07-10 e CASSIN, 2010, pp. 11-48.

3. TESE

Aqui traço uma linha – como abertura ao pensamento segundo o qual possa valer a pena, no futuro, ler os livros de Nietzsche também *superficialmente*⁸⁵.

A tese aqui apresentada é a de que há um *gesto* sofista na linguagem de Nietzsche. Por *gesto sofista*, ou seja, essa “comunicação de um ímpeto”, essa “dimensão própria da linguagem” e mesmo essa espécie de “comunicabilidade sem conteúdo”⁸⁶, compreendo uma série de *nós*, *cores*, *ritmos*, *sons*, *movimentos*, *equívocos* e *ambiguidades* que operam na *discursividade* não “monológica” de Nietzsche⁸⁷ enquanto “aspectos performativos dos escritos”⁸⁸ que podem ser lidos ainda na amplitude de “gesto” como “Gebärde”⁸⁹ – em que se pode *dar fim a esses gestos*⁹⁰ – no âmbito de mostrar como essa “série de engarrafamentos” que configura por sua vez o “discurso sofístico”, *manifesta* “em sua estrutura mesma o sentido como um efeito *a posteriori*”⁹¹. Embora os *gestos* se misturem enquanto parte característica da “primeira” e da “segunda sofística”, a ideia aqui é esboçar de que maneira se trata, efetivamente, de um “gesto sofista”⁹². A partir da análise de um conjunto de elementos que o

85 “Qui traccio una linea – come apertura per il pensiero secondo cui potrebbe valer la pena, in futuro, leggere i libri di Nietzsche anche *superficialmente*”: “RAHN, T. *Delle nuove tavole. Sull’arte tipografica come mezzo interpretativo in Nietzsche*” In: LOSSI; ZITTEL, 2015, p. 113.

86 Por “gesto” compreendo tanto essa “comunicação de um ímpeto” que se *cristaliza* como “gesto lírico” (“...the communication of an impetus crystallizing in the form of the poem. This impetus can be described as a gesture, or as a set of lyrical gestures” RABATÉ, 2017, p. 89), na ordem da *performatividade de seus efeitos* (“Der Charakter einer Geste ist somit performativ, ihre Wirkung liegt notwendigerweise vorrangig in der Hestellung ihrer Sichtbarkeit und in ihrem Gelingen vollzieht sich zugleich der Prozess der Generierung von Bedeutung” DAIBER, 2017, p. 143), quanto uma dimensão de “*energeia*” própria da linguagem (“a gesture, an *energeia*, an energy like a language or languages, and not an *ergon*, a finished, self-sufficient work” CASSIN, 2015b, p. 146), e ainda, como essa “comunicabilidade sem conteúdo” tal como Daniel Heller-Roazen define o tratamento de Giorgio Agamben das questões que envolvem o tema da “glossolalia”: “communicability without content, or, more simply, “gesture.” CASSIN [et al.], 2014, p. 594.

87 “Das Aufbrechen der monologischen Diskursivität ist als ebenso kühn wie im historischen Maßstab der Philosophie neu anzusehen.” SCHÄRF, In: SCHMITZ-EMANS; LINDEMANN; SCHMELING; 2009, p. 298.

88 “diesen Aspekt des performativen Schreibens” BORN; PICHLER, 2011, p. 43 e PICHLER, 2014; Veja-se seção adiante “4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche”.

89 “Movimento das mãos, traços, olhos, que expressam um processo interno, um sentimento” DWDS: <<https://goo.gl/QP6Pj2>> “que devem expressar uma sensação, imitação ou comunicação”: DUDEN: <<https://goo.gl/RdeGfx>>; Cf.: DWB: <<https://goo.gl/Alhyzp>>.

90 AC 44: “*eu não leio as palavras sem ver os gestos, eu dou fim a eles...*” NIETZSCHE, 2007, p. 52; “weil ich keine Worte lese ohne Gebärden zu sehn, mache ich mit ihnen ein Ende...” <[#eKGWB/AC-44](https://www.kgwb.ac-44)>.

91 CASSIN, 2015a, p. 92.

92 Ou seja, embora a primeira impressão do texto de Nietzsche seja a de que se trata de uma discussão efetivamente “filosófica” como no caso do tratado de Górgias e toda a primeira sofística, por outro lado, há um deslocamento que o texto suscita em direção aos componentes da segunda sofística em que o “epidítico” demarca a “prática sofística do discurso” seja ela como um “pôr o dedo na homonímia constitutiva do *factum*” como na “história” de Luciano ou na “mimesis literária” própria da segunda sofística que apaga os limites entre

texto de Nietzsche performa como uma “técnica de ponta”, típica dos sofistas, eu tento demonstrar como *Ecce homo*, a princípio um *texto* “segundo”⁹³, um “contra-texto”⁹⁴, uma “paródia”⁹⁵, por meio de “aspectos performativos dos escritos” faz parte de um “funcionamento deliberado de um recurso da língua, onde o que está em jogo é tornar-se manifesta a maneira pela qual esse mesmo recurso já é explorado, mas de modo subreptício”, no caso específico de Nietzsche, nos diversos *textos fundadores*⁹⁶. Trata-se de tentar demonstrar como o “texto” do filósofo alemão, em especial a obra *Ecce homo* a seu modo, quase “folhetinesco”⁹⁷ e em disputa com a força de uma *orientação monolítica do texto* impresso do século XIX⁹⁸, opera um esforço “em desvelar os mecanismos da graça eficaz da linguagem”⁹⁹. Isso significa que o complexo do “texto” de Nietzsche como “signo literário” é compreendido no âmbito de uma performance sofisticada pois não cessa de manipular seus elementos materiais, sua *textualidade* efetiva, em direção a, não um *ocultar-se a si mesmo*¹⁰⁰, mas a um desvelamento, na forma de “auto-reflexão”¹⁰¹ e “epideixis”, do “estatuto sofisticado da linguagem”, isto é, que pode ser lido sob a ótica da tese “logológica” segundo a qual o “ser é

filosofia e literatura (e esse é um dos principais pontos em que me afasto da exigência dos “pressupostos filosóficos” de Pichler, pois, como Cassin o que me interessa é pensar em como a sofística lança luz sobre esses processos de violenta imposição da filosofia sobre seus “outros”: “...what interests me is the light that sophistics can shed on philosophy” CASSIN, 2014a, p. 15): CASSIN, 2005, pp. 211-262.

93 “o discurso sofista não é jamais primeiro” CASSIN, 2015a, p. 101.

94 CASSIN, 2005, p. 22.

95 Seja “paródia” entendida no sentido antigo, como enfatiza Benne, enquanto “criada para descrever” tanto “a separação entre a palavra e a música” quanto “a possibilidade de combiná-los num novo e não esperado jeito” que, no contexto da retórica de Quintiliano recebe a designação de “*prosopopoeia*” (“em Latim, *fictio personae*”) e é então utilizada por Nietzsche como “personificação” via modulação das diferentes “vozes” no texto (BENNE, 2016, p. 275-286), seja como, com Zittel na “dependência” de um “pretexto”, a “parodia como auto-relação” Apud: PICHLER, 2014, p. 101.

96 Essa seria uma diferença específica ao texto de Górgias como “contra-texto” do texto fundador de Parmênides (CASSIN, 2005, p. 22): *Ecce homo* não teria, em tese, um único “texto fundador” a que se operaria como “contra-texto”, mas diversas tendências textuais fundadoras que compõe a metafísica da tradição.

97 “Così come questo scritto ci si presenta, esso fa l'effetto del prodotto di un «fogliettonista» pieno di spirito che gioca con pensieri grandi. Il che questi sono i suoi pensieri gli assicura il diritto alla nostra profonda simpatia. Ma resta in ultima analisi il rincrescimento che Friedrich Nietzsche questa volta abbia scritto come un «fogliettonista»”. Trata-se aqui do comentário de Ferdinand Avenarius no artigo “Wagner-Nietzsche” publicado em 1888 na revista “*Der Kunstwart*”: AVENARIUS, Apud: JANZ, 1982, p. 291.

98 Cf.: BABICH, 2013, p. 171 e NIETZSCHE, 2013, pp. 301-2 e p. 766.

99 CASSIN, 2005, p. 18.

100 Como no exemplo de Parmênides lido a luz de uma “terceira dimensão da linguagem” como quer Cassin: “O *Poema* de Parmênides, como o *Tratado* de Górgias, é um ato de linguagem, sendo a diferença que ele tenta esconder – ou se esconder a si mesmo – sua “terceira dimensão”.” CASSIN, 2010, p. 37.

101 Conforme caracteriza Pichler a maneira pela qual o próprio “texto filosófico” seria constituído: eles “sempre refletem sua própria natureza e sua condição”: “Diesem Vorgehen liegt die These zugrunde, dass philosophische Texte – genauso wie komplexe literarische Texte – ihre eigene Beschaffenheit sowie die Bedingungen derselben stets selbst reflektieren.” PICHLER, 2014, p. 44.

um efeito do dizer”¹⁰². Embora, de um modo mais amplo, esse tipo de abordagem vá de encontro às pesquisas atuais que tem como objetivo “mostrar a relevância cognitiva da materialidade do texto” em todas as suas possibilidades¹⁰³, o esforço deste trabalho, em menor escala, consiste apenas em apresentar em português o “amplo campo do problema” que implica uma tentativa de “revisão crítica” *do tradicional conceito de texto*¹⁰⁴. Assim, como salientado acima na seção “método”, o deslocamento que eu tento aqui realizar a partir do texto de Nietzsche entre “sofística” e “tradução” como “operadores de desessencialização”¹⁰⁵ tem como pano de fundo um projeto ainda embrionário de uma espécie de *teoria*¹⁰⁶ *poeseológica sofística da tradução do texto de Nietzsche*¹⁰⁷ com a qual eu gostaria de, num futuro, mostrar com Cassin, que “é bem aí”, no interior de “equívocos, semânticos mas também gramaticais e sintáticos” de um texto “que tropeça a tradução”¹⁰⁸.

102 CASSIN, 2005, p. 63.

103 Tal como Claus Zittel define como sendo o propósito de suas pesquisas junto ao grupo “Textologie”: “Meine Forschungen verfolgen das Ziel, die kognitive Relevanz der materiellen Dimension der Texte aufzuzeigen, indem deren Rolle für die Lektüresteuern und Textorganisation vorgeführt wird, von denen wiederum die Form, Stringenz und Überzeugungskraft der Argumentation abhängt.” ZITTEL, 2017; Disponível em: <<http://textologie.eu/Profil--Zittel.html>> acesso agosto de 2018.

104 Esse é o propósito descrito por Pichler da investigação do “grupo de trabalho” *Textologie* do qual o autor faz parte; Respectivamente “einem weitläufigeren Problemfeld” e “(...) ist es, „im Zuge einer kritischen Revision überkommener Konzepte und Vorstellungen den ‚Text‘-Begriff so zu fassen, dass mit ihm die Entstehungsbedingungen, materiale Logik und Organisation des Textes eingeholt und transparent gemacht werden“ können.” PICHLER, 2014, p. 02.

105 CASSIN, 2015a, p. 19.

106 Gostaria que se entendesse aqui “teoria” no sentido descrito por Roland Barthes pelo qual significa “descrição, produção pluricientífica, discurso responsável com os olhos voltados para o perfil infinito de um problema e aceitando questionar-se como discurso da cientificidade” BARTHES, 2004, p. 171.

107 Em termos simples significa trabalhar com a possibilidade de pensar a tradução do texto de Nietzsche para o português à luz de uma “re-atuação do altamente complexo, potencialmente espalhado e documentado na textura sentido de realização de um texto filosófico”: “(...) der Nachvollzug des hochkomplexen, sich potentiell selbst austreichenden und auf der Textur dokumentierten Sinngeschehens eines philosophischen Textes.” PICHLER, 2014, p. 50.

108 CASSIN, 2015a, p. 18.

4. OBJETOS DE ESTUDO: SOFÍSTICA E TEXTO

“O objeto é não identificado porque não se sabe nem de quem ele fala, nem quem fala, nem portanto, qual é a finalmente o seu sentido e o seu interesse.”¹⁰⁹.

A escolha dos “objetos” e do “método” passa pela constatação de que há, de certa maneira, uma interdependência entre ambos que sustenta uma investigação: mesmo longe da pretensão de cientificidade de Ferdinand de Saussure ao estabelecer o objeto de estudo da linguística, parece justo aceitar aqui, que é “o ponto de vista que cria o objeto”¹¹⁰ seja no âmbito do “objeto sofística”, seja no âmbito do “objeto texto” em Nietzsche. É por esse motivo que a discussão aqui realizada do procedimento, como *condução do olhar* junto à sofística, é tão indissociável da definição dos “objetos” uma vez que, como descrito, o *método condiciona a construção do objeto de estudo*¹¹¹. Sendo assim, eu gostaria de, em linhas gerais, explicitar esse “ponto de vista” que *cria* qual e tal objeto aqui investigado.

Nesse sentido, o “objeto sofística” é condicionado à escolha metódica que implica uma tomada de posicionamento no embate contemporâneo de revitalização da sofística. De modo específico, interessa-me pensar em que medida assumir com Barbara Cassin *a sofística como discursividade* permite sair do registro “platônico-aristotélico” das abordagens contemporâneas e se esquivar das dicotomias acerca da existência ou não de um “factum” histórico da sofística, ou seja, sua suposta “*ipsissima verba*”¹¹². Se, como salienta McComiskey, uma “apropriação neosofista” consiste em “investigar o passado para contribuir para os modernos problemas e problemáticas teóricas” então, poderíamos assumir que o que é feito neste trabalho é uma “apropriação neosofística”. No entanto, há o detalhe de que não é “o passado” sofístico enquanto “doutrina” que se busca aqui investigar, bem como, não se trata de “impor (conscientemente ou não) uma estrutura moderna sobre o passado” tal como se caracterizaria uma “interpretação histórica”. Sendo assim, trata-se de uma investigação no âmbito de uma “história sofística da filosofia” em que a análise da *discursividade sofística* em sua “*mekhanai*, procedimentos, astúcias, maquinações”¹¹³ permite compreender aquilo que

109 CASSIN, 2015a, p. 28.

110 SAUSSURE, 2006, p. 15.

111 Por exemplo: “Changes in the method of analysis affect not only the way an object is perceived, but also modeled.” FIGAL Apud STOBBE, 2014, p. 52.

112 Especialmente debate entre Edward Schiappa e Scott Consigny. Cf. seção subsequente “4.1.1. Esboço de uma “paleontologia da perversão”.

113 CASSIN, 2005, p. 09.

“deve” ter sido “*esquecido*” na “ordem de obter uma representação de uma presente inteligibilidade”¹¹⁴, isto é, “decifrar o que foi deixado” e, então, poder “escrever a história do ponto de vista da prostituta”¹¹⁵.

Em relação ao “objeto texto” no que se refere ao pensamento de Nietzsche trata-se, em certa medida, de interpretar o texto do filósofo alemão no âmbito de um “operador sofisticado” em que a análise dos múltiplos elementos textuais permitam conceber uma confluência entre “textualidade” e “performance” na medida em que se é dado, primeiramente, uma “atenção ao significante”¹¹⁶. Dessa maneira, a partir do suporte da tese *logológica* de Cassin e a abordagem de Pichler, o conceito de “texto” em Nietzsche é compreendido como “um dinâmico signo complexo” que é pensado em seu contraste com a *limitariedade* imposta pela “obra” na dinâmica das *versões* e dos *esboços*, sendo reconhecido como esse *complexo de interações* sob o qual uma “valência semântica” (“de construção ou destruição do sentido”) é primeiramente eclodida como *dinamização complexa dos signos* no vórtice do “ato da leitura”, da *materialidade dos escritos* e seu *meio estrutural* costurado pela *textura*. Assim, no âmbito de uma específica dimensão performativa sob a qual o pano de fundo da “cultura da oralidade” dos textos gregos é transferida em *palimpsêstica* hipertextualidade ante uma espécie de modernidade em que o *texto*¹¹⁷ é “monoliticamente” *orientado* na publicação de textos filosóficos¹¹⁸, o “objeto texto” em Nietzsche é aqui estendido a um objeto *aberto* em

114 “In *The Writing of History*, Michel de Certeau argues that the necessarily contingent process of writing history ‘promotes a selection between what can be *understood* and what must be *forgotten* in order to obtain the re-presentation of a present intelligibility’” McCOMISKEY, 2012, p. 08.

115 Respectivamente: “decipher what is left over, the remainder— here, sophistics.” e, de forma especial, item “The Prostitute’s History” em que se lê: “story should be written from the point of view of the prostitute instead of from the point of view of the client.” CASSIN, 2014, p. 27 e p. 03.

116 Todo o trabalho de Cassin em desenvolvimento desde sua tese apontam para a perspectiva (salientada pelo tradutor Cláudio Oliveira) de que “o significado de um texto só pode surgir de uma compreensão da trama de seus significantes” e que “a atenção ao significante” parece ser a “regra de ouro a ser seguida ferreamente como única possibilidade de compreensão de um texto filosófico” para além do registro *platônico-aristotélico*: CASSIN, 2015a, p. 09.

117 “Texto, que Nietzsche aprende de seu professor [Ritschl], **permanece sempre em um complexo tecido de relações de influências e versatilidade de peças**, que por sua vez, em contrapartida, [permanece] um texto a ser decifrado (lat. *textus*, tecido, entrançamento)”: “Texte, das lernte Nietzsche von seinem Lehrer, **stehen immer in einem komplizierten Beziehungsgewebe aus Einflüssen und Versatzstücken**, die ihrerseits wiederum einen zu entschlüsselnden Text ausmachen (lat. *textus*, Gewebe, Geflecht).” BENNE, 2005, p. 96-7. Grifo meu. Conforme veremos, neste trabalho não estou em condições de apresentar toda envergadura da discussão sobre “o velho significado tradicional de texto” relacionado à ideia de “texto como *ἔργον*” como salienta Pichler: PICHLER, 2012, p. 165 especialmente nota 1 p. 171. Cf. minha breve discussão desse ponto na seção “4.2.2. O texto como *fixação*” adiante.

118 “Yet openness of an oral culture is foreign to us. It is because we are so very monolithically text (letter, law) oriented” BABICH, 2013, p. 171.

que musicalidade, ritmo e *significante* encontram-se em sua complexidade própria de “estatuto sofístico da linguagem” uma vez que, de acordo com o filósofo alemão, a *vivacidade exigida ao texto com estilo*¹¹⁹ conduz, inevitavelmente, à *corporeidade dos gestos do orador*¹²⁰, ao movimento e, fundamentalmente, à *dança*¹²¹. Em termos sofistas isso implica dizer, com Górgias, que, em última instância, “‘só há o ouvir’”¹²²: o que nos faz pensar em que medida essa multiplicidade de elementos textuais que formam o “texto” tem diversas outras funções que não puramente a de ser um *argumento filosófico*. Assim, o “ritmo” como elemento constitutivo de uma materialidade musical do texto, da “palavra enquanto palavra”¹²³, parece ser explorado, conforme veremos, essencialmente no âmbito de uma “musicalidade” que engloba elementos de uma espécie de “vocalidade”¹²⁴ cuja direção conduz, por exemplo, à ideia de uma “música da vida” do final do livro quinto d’*A gaia ciência*¹²⁵. É deste modo que, de acordo com Wiebrecht Ries, os “escritos” de Nietzsche “atuam de modo eminentemente ‘musical’ sobre o leitor” e, o “estilo” assim, “estampa uma linguagem musical dos signos”¹²⁶, ou seja, acima de tudo, “texto” em Nietzsche é aqui assimilado como um *campo material inesgotável onde os signos devem dançar*¹²⁷.

119 NF-1882,1[109]: “Primeiro, é a vida o que se faz necessidade: o estilo deve viver”: “Das Erste, was noth thut, ist Leben: der Stil soll leben.” [#eKGWB/NF-1882,1\[109\]](#).

120 Primeiro o esboço: NF-1882,1[45] [#eKGWB/NF-1882,1\[45\]](#); e, posteriormente, o esboço mais acabado de uma “Teoria do estilo” dedicado a Lou Salome: NF-1882,1[109] [#eKGWB/NF-1882,1\[109\]](#).

121 HDH I, §206: “Bücher, welche *tanzen* lehren”. Veja-se também a discussão de Christian Benne acerca dos componentes envolvidos no texto de Nietzsche: “nelle arti apotelestiche, Nietzsche si orienta alle arti pratiche o musiche del movimento e dell’azione, a cui apparteneva tradizionalmente, accanto alla musica e alla poesia, anche la danza” BENNE, 2014, pp. 38-39 bem como: “Nietzsche hat seine Leser zum Tanzen gebracht” MÜLLER FARGUELL, 1995, p. 266.

122 “O discurso não significa, ele se faz ouvir e até mesmo ‘só há o ouvir’” CASSIN, 2015a, p. 106; e, “ὅλλ’ ἄκούειν” CASSIN, 2015a, p. 210.

123 “to Plato’s Socrates and his invocation of music, as well as Nietzsche’s Pindar and Heidegger’s Hölderlin (which is also Adorno’s paratactic Hölderlin), to frame an effective or working musical stylistics of the word as word.” BABICH, *The Hallelujah Effect. Philosophical Reflections on Music, Performance Practice and Technology*, p. 169

124 “a complex form of fictional orality — the creation of a spoken, collective voice evoking poetic presence, but doing so by means of a consciously literate and literary written text.” “‘Vocality’ is the term coined by Paul Zumthor to describe this state of textuality; see Paul Zumthor, *Introduction à la poésie orale*, Paris 1983, and *La lettre et la voix: De la “littérature médiévale*, Paris 1987.” Apud: GRAGNOLATI; SUERBAUM, *Aspects of the performative in medieval culture*, nota 1, p. 01.

125 No sentido em que a complexidade do “ritmo” no texto poderia, dentre outras coisas, *redespertar* “o sentido para” à *música*: STEGMAIER, 2013, p. 141.

126 “Seine Schriften wirken auf ihre Leser eminent „musikalisch“, ihren Stil prägt eine musikalische Zeichensprache” RIES, 2013, p. 04.

127 GC, §366: “Nossas primeiras perguntas, quanto ao valor de um livro, uma pessoa, uma composição musical, são: ‘É capaz de andar? Mais ainda, é capaz de dançar?...’” NIETZSCHE, 2007, p. 267 (HDH 206 “Bücher, welche *tanzen* lehren”; HDH II 140 “In Ketten *tanzen*.”). Especialmente a ideia de que o *pensamento* “é uma espécie de dança” NIETZSCHE, 2014, p. 62 e toda a amplitude da simbologia desse termo no pensamento de

Nesse sentido, o que permite compreender a confluência que realizo desses dois “objetos” no intuito de ler a performance de seus funcionamentos à luz de um “gesto sofista” é um semelhante posicionamento no texto, seja de Nietzsche, seja do sofista *Anônimo* e nos demais sofistas, que reitera o movimento como “gesto” e como direcionamento ao “estatuto sofístico da linguagem” na medida em que, por exemplo, “autoreflexividade” e “efeito significante” são o que demarca o lastro de uma possível compreensão de um texto: *sofística como discursividade* a partir de uma *insistente* observação (de, e com Cassin) “na relação entre o discurso do doxógrafo anônimo e o objeto sofístico”¹²⁸, bem como, *texto de Nietzsche* lido sob a rubrica de um conjunto de práticas autoreflexivas que se desdobram na *textura de elementos literarizantes* e exatamente suas relações com esse “objeto sofístico” pelos quais já aponta.

Por fim, não se trata de investigar a relação de “fontes” da sofística no texto de Nietzsche. Ademais, já salientei de que maneira a própria recepção que o filósofo alemão faz da sofística se dá, de modo geral¹²⁹, a partir da tradição que concebe a sofística como “doutrina” em que, de modo específico, o texto “Os cétricos gregos” de Victor Brochard exerce fundamental importância nessa recepção. Mesmo que o uso feito por Nietzsche de termos e aspectos ligados ao *cultivo de plantas*¹³⁰ já pudesse conceder-nos um suporte semântico para interpretar tal uso como um *direcionamento* – ou mesmo uma “bofetada” em Aristóteles¹³¹-, diante do completo banimento da humanidade dos sofistas, como destacado acerca da *querela* entre Thomas Brobjer e Joel E. Mann¹³², não se trata aqui de verificar a

Nietzsche: RESCHKE “Dança” In: NIEMEYER, 2014, p. 135 e SCHÜLE “Tanz” In: OTMMAN, 2011, p. 335.
128 CASSIN, 2005, p. 271.

129 Mesmo no âmbito de uma revitalização da sofística: “Pode-se, sobretudo, de um modo mais crítico em relação à tradição metafísica dominante, no rastro de Nietzsche e com o mais recente Kerferd, insistir no anti-idealismo dos pragmatas e considerar o momento sofístico como um momento de lucidez da filosofia (...) essa reabilitação e todas as reabilitações desse tipo, ainda me parecem inteiramente tributárias da condenação platônico-aristotélica.” CASSIN, 2005, p. 14.

130 Por exemplo “Gesammtversuche von Zucht und Züchtung” e “*die Pflanze Mensch*” (ABM, 203 e 44) e o recente artigo de Vanessa Lemm “What we can learn from Plants about the Creation of Values”: LEMM, 2015.

131 Cassin usa esse termo “bofetada” (CASSIN, 2005, p. 46 e p. 77) precisamente para salientar o ponto alto do exercício de violência que caracteriza a filosofia ocidental e intriga a autora: “What strikes me are the points at which philosophy is impelled to violence. It’s what I call “using the stick.” When Aristotle says of those “people who are puzzled to know whether one ought to honor the gods and love one’s parents” that they “need punishment, while those who are puzzled to know whether snow is white or not need perception,” I want to know at what point philosophy feels it has the right to say that people need punishment . . .” CASSIN, 2014a, p. 04.

132 “Em outras palavras, ler a recepção de Nietzsche da sofística buscando encontrar ou não relações de influência sem reconhecer o *problema da sofística* como “objeto” parece-nos extremamente problemático.” BARBOSA, 2015b, p. 276.

“fonte” e sua possível recepção positiva ou negativa da “doutrina” sofista, mas, trata-se antes, além de deslocar essa compreensão da sofística como “doutrina”, de verificar até que ponto o funcionamento do texto de Nietzsche aponta para algo que configura a máxima potência daquilo que chamamos sofística: sua *discursividade*.

4.1. O OBJETO “SOFÍSTICA”: QUEM TEM MEDO DA SOFÍSTICA?

O erro é mais simples que a verdade¹³³

Um primeiro olhar panorâmico sobre a história da filosofia no Ocidente permite-nos observar algumas variações da compreensão dos estudiosos acerca da sofística do século V a.C.; Mesmo que algumas dessas versões, ora “destaquem algumas coisas”, ora “encubram outras”, como salienta John Poulakos, os “sofistas” enquanto representantes da sofística sempre atraíram defensores e detratores e, embora hoje tenham mais popularidade entre seus “defensores” do que entre seus “detratores”, deve-se assentir com a ressalva de que “nem sempre isso foi assim”¹³⁴; e, especialmente isso também pode nos revelar algo. Definir quem são os sofistas hoje é ainda tão “difícil” como foi no passado “da Antiguidade clássica à Antiguidade tardia” para “os autores que viviam e estudavam” nesse período¹³⁵. Desse modo, o que me parece interessante é o fato de que, por exemplo, as “definições” da noção de *sofista* tenham “alterado o pano de fundo com o qual os sofistas têm sido estudados e compreendidos” conforme destaca Edward Schiappa¹³⁶. Ainda aqui, é exatamente esse tipo de efeito interpretativo sobre a tradição que faz com que Barbara Cassin caracterize essa *determinação* como um problema fundamental que exige o esforço de uma “paleontologia da perversão” por parte do intérprete, algo como um “escrever a história do ponto de vista da prostituta”¹³⁷. Ademais, o conjunto de *adversidades* que compõe o quadro da sofística como uma espécie de *fatalidade histórica* é o que a apresenta como um objeto de estudo paradoxalmente interessante: seja pela “ausência de textos originais”, seja pelos “comentários hostis de intérpretes indispostos”, seja pelos “excessos de literalidade” ou “excessos

133 A, §168: “que o velho erro (*error veritate simplicior* [o erro é mais simples que a verdade]) prossiga seu velho caminho!” NIETZSCHE, 2004, p. 124.

134 “At present, they are enjoying considerable popularity as their defenders seem to outnumber their detractor. This was not always só.” POULAKOS, 2013, p. 01.

135 McCOMISKEY, 2012, p.01.

136 “these definitions have altered the interpretative frameworks within which Sophists have been studied and understood” SCHIAPPA, 2003, p. 03.

137 Respectivamente, “My work is thus a paleontology of perversion” CASSIN; WOLFE, 2000, p. 104 e de forma especial, item “The Prostitute’s History” em que se lê: “story should be written from the point of view of the prostitute instead of from the point of view of the client.” CASSIN, 2014, p. 03.

interpretativos” das “escolas”, a sofística se-nos apresenta como um objeto a, definitivamente, *não se deixar temer*¹³⁸.

Desse modo, é no interior dessas *adversidades* que encontramos os dois principais problemas que relegam à sofística, a meu ver, o status de indefinibilidade do objeto de estudo (afinal, diria Nietzsche, “definível é apenas aquilo que não tem história”¹³⁹) – que é ao mesmo tempo, sua maior limitação e mais completa riqueza: a escassez de fontes diretas dos chamados sofistas e, conseqüentemente, o peso do juízo da tradição a partir do *corpus platônico-aristotélico* estabelecido como última palavra acerca do que teria sido a sofística até cerca de dois séculos. É ante esse quadro de reconhecimento de que um suposto “erro” seria “mais simples que a verdade” como sugere Nietzsche¹⁴⁰, que se insere o presente desafio *filológico-filosófico* – ou, de “uma certa relação entre” essas *esferas*¹⁴¹ –, que constitui o problema fundamental acerca do “estatuto da sofística” desta investigação.

A escassez de fontes em relação ao que a tradição denominou “sofística” parece ser um dos principais problemas para a compreensão do *estatuto* desse “fenômeno” como objeto de investigação histórica. A carência de textos e a inevitável dependência dos relatos doxográficos fazem com que se cresça em torno da investigação desse “objeto” todo tipo de *querela* que implica tomada de decisões metodológicas dos estudiosos frente ao difícil processo de interpretação do tema. Mesmo no texto de Nietzsche essa *fatalidade histórica* parece reconhecida quando o filósofo menciona o “error veritate simplicior”¹⁴² de Platão que se apresentaria como um erro “filologicamente irrefutável” conforme salienta Joel Mann¹⁴³. Este “filologicamente irrefutável” parece ser a constatação que inviabilizou possibilidades de ler a sofística a partir de qualquer outro registro e que, atualmente, após uma série de descaminhos – que descreveremos ao longo dessa primeira parte –, permite conceber a sofística como um objeto amplamente *indefinido* e problematicamente enigmático. Em contraste a essa *fatalidade histórica*, encontramos hoje trabalhos bem interessantes no que se

138 “the most remarkable feature of the story is its persisting appeal despite several kinds of adversity, including the loss of original texts, hostile reviews by unsympathetic commentators, and the scholarly excesses of literal-mindedness on the one hand and overinterpretation on the other” POULAKOS, 2013, p. 01.

139 GM, II, §13: “todos os conceitos em que um processo inteiro se condensa semioticamente se subtraem à definição; definível é apenas aquilo que não tem história” NIETZSCHE, 1998, p. 68.

140 Veja-se acima nota 48.

141 “il s'agit de philosophie et de philologie, d'un certain rapport entre elles” CASSIN, 1980, p. 17 e CASSIN, 2015a, p. 27.

142 A, §168: “o erro é mais simples que a verdade” NIETZSCHE, 2004, p. 124.

143 Joel Mann chega a afirmar que Nietzsche tem consciência de que devido a essa *fatalidade*, fazer um elogio dos sofistas seria um “projeto sem esperança”: MANN, 2003, p. 412.

refere ao estudo de fontes da Antiguidade: por exemplo, e de modo mais emblemático, o projeto desenvolvido por Gregory Nagy de reconstrução digital das diferentes versões dos textos homéricos transmitidos ao longo da tradição. O motivo pelo qual esses textos homéricos nos foram transmitidos e não outros textos atribuídos à sofística só pode ser concebido até agora, a meu ver, à luz de uma complexa e definitiva *fatalidade histórica*, uma “grande malícia do supernaturalismo” como diz Nietzsche¹⁴⁴. Sendo ainda mais incisivo, com Cassin, podemos também aludir a esse descaminho a partir da ideia de um “Darwinismo textual” que “de Parmênides a Heidegger” exerceu a influência da determinação de nossas interpretações sobre a história da filosofia¹⁴⁵. Apenas para ilustrar essa problemática, se observamos que, das duas versões d’*O Tratado do não ser* de Górgias “a mais conhecida, porque também filologicamente menos problemática, foi transmitida por Sexto Empírico, sete séculos depois de Górgias” cuja exclusiva edição na *indiscutível suma*¹⁴⁶ dos “*Pré-socráticos* de Diels-Kranz” coloca o texto “na condição de fragmento de Górgias (82 B 3,II, p. 279-83)” sendo, por exemplo, “a única” versão “traduzida” e “retraduzida” “em francês”, então, podemos perceber como, na medida em que ela, de acordo com Cassin, é a versão “a que os filósofos e os historiadores da filosofia, com mais frequência comentam” e que “ela incide a perceber a sofística como um avatar do ceticismo”¹⁴⁷, desse modo, é possível compreender a amplitude deste quadro geral de determinação fatural dos escritos relacionados a sofística. Assim, é nesse contexto de enfrentamento de uma certa “logofobia”¹⁴⁸ e, seguindo a pista de Cassin, de tentar “decifrar o que foi deixado” para além desse “darwinismo”¹⁴⁹, que se orienta o presente desafio de investigar esse complexo objeto de estudo.

No epicentro dessa *fatalidade*, como um dos acessos possíveis para investigar esses descaminhos, encontramos *a determinação factual de um corpus de textos* a partir do qual foi possível o *conhecimento* da tradição acerca da “sofística” e “os sofistas” na Antiguidade: o “corpus platônico”¹⁵⁰. Mesmo reconhecendo que, de certa maneira, o estabelecimento da visão

144 BAW 3: 363 Apud: PORTER, 2000, folha de rosto.

145 CASSIN, 2014a, p. 27 e CASSIN; WOLFE, 2000, p. 104.

146 Veja-se a argumentação de Cassin sobre Diels em que se afirma que um “erro metódico produz uma doxografia fantasmática” que em certa medida “nadifica o texto” colocando “definitivamente fim ao jogo doxográfico” CASSIN, 2015a, especialmente pp. 113-125.

147 CASSIN, 2005, p. 269.

148 POULAKOS, 1995, p. xii.

149 CASSIN, 2014a, p. 27 e CASSIN; WOLFE, 2000, p. 104.

150 Poulakos chega a afirmar que “se existe apenas uma preocupação no corpus platônico, são os sofistas e sua retórica” POULAKOS, 2013, p. 74. De alguma maneira, ao trabalhar o “gesto” da linguagem de Nietzsche nesta presente investigação, trata-se de discutir, de que modo, após a “inventiva de Nietzsche contra o platonismo” cu-

tradicional sobre a sofística que o *corpus* determinou, relegou os “textos da sofística” ao abandono, a certa *transformação* e *ininteligibilidade* por parte de “seus inimigos”¹⁵¹, foi o parecer contido nesses textos que deu o tom do tratamento que a tradição filosófica confere “aos sofistas” e a “sofística”. Tanto a “estabelecida lista” dos sofistas “canonizada por Diels-Kranz” não resolve o problema sobre a transmissão de uma posição segura acerca de *quem são os sofistas* quanto, de certa forma, ela é “um tanto arbitrária”¹⁵² e configurada no contexto daquilo que Cassin define como parte da “grande tradição da filologia alemã” que, em última instância, seria ainda “herdeira da interpretação platônica”¹⁵³. É, todavia, exatamente a *querela* quanto ao uso ou não do *corpus* que diferencia o critério das “abordagens” sobre a sofística, que emerge especialmente no século XX dos quais McComiskey sumariza como sendo quatro: 1) a abordagem na qual “alguns estudiosos tomam Platão em suas palavras, depreciando os sofistas como ávidos trapaceiros”, 2) a abordagem em que “alguns estudiosos aceitam aquilo que Platão diz sobre os sofistas, mas eles avaliam, mais do que depreciam a caracterização de Platão desses sábios viajantes”, 3) a abordagem na qual “alguns estudiosos deixam de lado as deturpações de Platão sobre os sofistas, examinando os textos mesmos destes na ordem de descobrir linhas comuns entre os mais importantes sofistas ‘antigos’” e, 4) a abordagem em que “alguns estudiosos deixam de lado as deturpações de Platão sobre os sofistas, examinando os textos mesmos destes na ordem de compreender uma única contribuição de cada sofista individual no contexto do pensamento pré-socrático”¹⁵⁴. Sem entrar no mérito dessa caracterização contemporânea, o reconhecimento desse ponto de partida geral permite-nos identificar o momento de uma espécie de *nascimento* fundamental dos *filhos* que, em certa medida, tornaram-se *vergonhosos* para aqueles que os conceberam.

jo mote e “gesto de exclusão” é encontrado nos diálogos de Platão, é possível pensar a “existência sombria da textualidade do pensamento filosófico” como quer Pichler (PICHLER, 2014), sobretudo no interior de uma nova *sofisticização* enquanto “estatuto sofístico da linguagem” como aposta Cassin: CASSIN, 2005.

151 “transformed and made unintelligible by their enemies” CASSIN, 2014a, p. 02.

152 “Unfortunately, canonized or not, the list is somewhat arbitrary and cannot be squared with the available ancient testimony” SCHIAPPA, 1991, p. 06.

153 CASSIN, 2015a, p. 82.

154 “Throughout the twenty centuries of the Common Era, there have emerged four critical approaches to the sophists, and I list them here in ascending order of value. First, some scholars take Plato at his word, disparaging the sophists as greedy cheaters. Second, some scholars accept what Plato says about the sophists, but they value, rather than disparage, these traveling teachers based on Plato’s characterization. Third, some scholars put aside Plato’s misrepresentations of the sophists, examining the sophistic texts themselves in order to discover common threads among the most prominent “older” sophists. Fourth, some scholars put aside Plato’s misrepresentations of the sophists, examining the sophistic texts themselves in order to understand the unique contributions of each individual sophist in the context of pre-Socratic thought.” MCCOMISKEY, 2012, p. 05.

4.1.1. Esboço de uma “paleontologia da perversão”

“a proibição da homonímia é tão estruturante para o discurso quanto a proibição do incesto para a família e a sociedade.”¹⁵⁵

Uma vez que o *status de indefinibilidade do objeto de estudo da sofística* passa pela compreensão de uma série de *adversidades* e certa *fatalidade histórica* das fontes, cumpre inicialmente, interrogar *quem são esses filhos* mencionados e, com o mesmo humor e seriedade de Nietzsche, perguntar pelo *nome de batismo* com os quais tais singularidades tornaram-se tão negativamente conhecidas no Ocidente¹⁵⁶. No intuito de ir de encontro à sofística como enigmático objeto de estudo, devemos inicialmente, perguntar pela *proveniência* de seus protagonistas, mesmo que suas imagens sejam as vezes confundidas com imagens de “homens planta”¹⁵⁷ que, em seu simultâneo “instante de batismo” platônico tenha se tornado uma imagem “pálida e inapreensível para nós”¹⁵⁸: *quem, afinal, são os sofistas?*

O *instante de batismo*, para utilizar ainda a expressão de Nietzsche¹⁵⁹, pode ser identificado por meio do “corpus platônico”¹⁶⁰ que, conforme salienta McComiskey, a partir do “uso negativo do termo sofista” foi gerado uma influência “tão potente” que “Aristóteles e muitos retóricos” usaram o termo apenas em referência a esse uso depreciativo¹⁶¹. De acordo com Schiappa, as “formas importantes” pelas quais os “autores antigos e modernos” *definiram* o termo sofista “alteraram” significativamente, “o quadro interpretativo” com o qual “os sofistas tem sido estudados e compreendidos”¹⁶². Segundo McComiskey, em linhas

155 CASSIN, 2015a, p. 17.

156 A, §168: “aquela cultura que merece ser batizada com o nome de seus mestres, os sofistas” NIETZSCHE, 2004, p. 124.

157 “homoioi phutôi” CASSIN, 2014a, p. 45, e “pois um tal homem, enquanto tal, é, de imediato, semelhante a uma planta.” ARISTÓTELES, *Metafísica*, Gama, IV, 1006a-1006b. In: CASSIN, 2005, p. 384.

158 A, §168: “e que, desde o instante de batismo, infelizmente começa a tornar-se pálida e inapreensível para nós” NIETZSCHE, 2004, p. 124.

159 “Augenblicke der Taufe”: A imagem do “batismo” parece ser uma referência burlesca de Nietzsche em que o verbo alemão derivado carrega a amplitude semântica da proveniência etimológica do “batismo cristão” que “por aspersão imergia a cabeça em água benta”: <<https://www.dwds.de/wb/taufen>>. Cf.: <<https://goo.gl/ZBu47R>> e <<https://goo.gl/BdB6lf>>.

160 Doravante “corpus”.

161 McCOMISKEY, 2012, p. 01.

162 SCHIAPPA, 2003, p. 03.

gerais, “algumas das vozes do corpus platônico que caracterizam essa visão de Platão dos sofistas” estariam contidas em diálogos como “O sofista (223b e 233c)”, “Mênon (91c)”, “Protágoras (312a)”, “Timeu (19e)” e “República (6.493a)”¹⁶³. Especificamente, se acompanharmos a ocorrência dos termos nesses diálogos, é possível encontrar um número significativo de menções que ampliam essa caracterização geral mencionada por McComiskey e que se especializa, conforme veremos, a uma “definição técnica” em Platão, como destaca Schiappa¹⁶⁴. Ademais, de acordo com Poulakos, “embora Platão dedique um diálogo exclusivo (*O Sofista*) para retratar o sofista, muitas de suas outras obras antecipam, complementam, estendem e qualificam aquilo que ele diz lá”¹⁶⁵. Assim, a propósito desse *instante de batismo*, os possíveis elementos que tornam difícil tal definição são salientados por McComiskey da seguinte forma: a) “qualquer pessoa sábia no mundo grego antigo era chamada sofista”; b) sofistas são aqueles que “possuem crenças em comum”; c) a existência de uma “radical diferença entre os textos e uso dos estilos” caracterizam tal dificuldade¹⁶⁶. Nesse sentido, enquanto, por um lado, a “definição mais familiar de ‘sofista’ é pejorativa”, por outro lado, a definição mais “antiga e amigável” é aquela que “tem raiz no termo grego *sofia*, significando sabedoria ou habilidade”¹⁶⁷ com cuja caracterização pelo dicionário Oxford, por exemplo, é descrita em termos de compreender o sofista como “alguém que é distinto pela aprendizagem; um sábio ou homem instruído”¹⁶⁸. Essa última definição “amigável” é salientada por George Grote e G. B. Kerferd¹⁶⁹ e permite atribuir enquanto sofistas “uma variedade de pessoas na Grécia antiga” como, por exemplo, “poetas, músicos, rapsodos, adivinhos e pessoas agora chamadas de filósofos”¹⁷⁰. Após encontrarmos atribuições de “sofistas” a “Sócrates e Platão”, por exemplo, em Aristófanes e Isócrates¹⁷¹, no diálogo

163 “just a few voices from the Platonic corpus that characterize Plato’s view of the sophists” McCOMISKEY, 2012, p. 02.

164 Parte do fichamento das ocorrências dos termos pode ser consultado no apêndice I ao final deste trabalho.

165 POULAKOS, 2013, p. 77.

166 McCOMISKEY, 2012, p. 01.

167 SCHIAPPA, 2003, p. 04.

168 “‘one who is distinguished for learning; a wise or learned man.’; ‘Sophist,’ *The Compact Edition of the Oxford English Dictionary* (Oxford: Oxford U. Press, 1971)” Apud: SCHIAPPA, 2003, p. 04.

169 “Do século V a.C. em diante, o termo *sophistês* é aplicado a muitos desses primeiros ‘sábios’ – a poetas, inclusive Homero e Hesíodo (...). Não há nada de depreciativo nessas aplicações, muito pelo contrário.” KERFERD, 2003, p. 46.

170 “a wide variety of people in ancient Greece were called Sophists, including poets, musicians, rhapsodes, diviners, and persons now called philosophers.” SCHIAPPA, 2003, p. 04.

171 “Even Socrates and Plato were called Sophists (Aristophanes, *Clouds*; Isocrates, *Against the Sophists*).” SCHIAPPA, 2003, p. 04.

platônico *Protágoras*, conforme salienta Schiappa, além da assimilação de que os sofistas possuem uma “tradição longamente estabelecida” anterior, ali, são atribuídos como “seus predecessores [dos sofistas como Protágoras] os poetas e os profetas do passado” o que incluiria, por exemplo, “Homero, Hesíodo, Simônides, Orfeu e as Musas” como “sofistas”¹⁷². Esse contraste entre a *definição mais familiar* “pejorativa” e a antiga definição genérica “amigável” é importante porque permite identificar o preciso momento do *batismo* em que o sofista é *definido sistematicamente* por Platão e, como ressalta Cassin, a partir de um conjunto lexical novo (“*eristike, antologike, dialektike*, talvez até mesmo *sophistike*”) que compõe, a meu ver, uma espécie de superfície da *banheira em que ocorre o batismo*, “inventa-se” a palavra “retórica” com cuja ligação à sofística é realizada no diálogo “Górgias”¹⁷³. Ainda aqui, é no interior desse *batismo* que, conforme salienta Poulakos, o *corpus* “desenha o esboço da luta épica entre dois jeitos irreconciliáveis de ser no mundo – o retórico e o filosófico”¹⁷⁴ e este é o modo com o qual Platão “trabalha lentamente para codificar” as “práticas e doutrinas” daqueles seus *antípodas* sofistas, a partir de “seu novo vocabulário de ideias”¹⁷⁵: na disputa incansável por identificar os “nomes corretos” no “mundo do pensamento”¹⁷⁶, nada mais justo do que a *ironia* de Nietzsche ao destacar esse *instante de batismo* e assim, atacar na *nuance*, duplamente Platão¹⁷⁷. Nesse sentido, ele mesmo parece dizer, indiretamente e com o auxílio da *repetição* cristã, que “o personagem do sofista (...) é desenhado pela ontologia”¹⁷⁸.

172 SCHIAPPA, 2003, p. 04.

173 “Já se observou com bastante frequência que tal palavra [*rhetorikes*] não aparece antes de Platão, mas nunca se tentou verdadeiramente examinar isso antes de Schiappa” CASSIN, 2005, p. 146. Como contraponto a tese de Schiappa de que foi Platão que cunhou o termo “retorica”; Cf. SCHÄFER, 2012, p. 280.

174 POULAKOS, 2013, p. 74.

175 “...Plato toiled to codify their practices and doctrines in his new vocabulary of ideas.” POULAKOS, 2013, p. 105.

176 “For Plato, the world of thought required correct names as well as clear and distinct ideas, not discourses with blurred lines on matters of knowledge and ethical conduct.” POULAKOS, 2013, p. 105.

177 Primeiro, ao ironizar a nomeação dos sofistas na forma do *batismo cristão* e, segundo, ao assim ligar tal estratégia retórico-filosófica ao modo de valorização do cristianismo (isto é, que diz “não” ao polimorfismo e multiplicidade dos sofistas e valoriza a si [os “verdadeiros” filósofos] a partir da diferença ao “outro”). Veja-se aforismo 372 de *A Gaia Ciência* em que Nietzsche compreende Platão como um “idealista” cuja “cautela de uma saúde muito rica e perigosa, o temor ante sentidos *muito poderosos*” poderia ser atribuída ao “sensualismo” dos sofistas e seus “discursos” (GC, §372: NIETZSCHE, 2007, pp. 275-6); parágrafo 10 da primeira dissertação da *Genealogia da Moral* em que “a rebelião escrava da moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores” (GM I, §10, p. 28); *Prólogo de Além do bem e do mal* na conhecida atribuição de “cristianismo é platonismo para o ‘povo’” (ABM, Prologo: NIETZSCHE, 2006, p. 8) e; por fim, aforismo 168 de *Aurora* em que sobre a querela entre Platão e sofistas se é dito que “a verdade é aqui tão emaranhada e retorcida, que relutamos em desenredá-la: que o velho erro (*error veritate simplicior* [o erro é mais simples que a verdade]) prossiga seu velho caminho!” (A, §168: NIETZSCHE, 2004, p. 124).

178 CASSIN, 2015a, p. 107.

Uma vez mais, se seguirmos a interpretação de Schiappa, cujo objetivo consiste em “sumarizar como os significados da palavra ‘sofista’ têm sido submetidos a sucessivas redefinições pelos filósofos antigos e contemporâneos”, a “definição técnica” do termo em Platão ocorre precisamente no diálogo *Sofista*¹⁷⁹. Desse modo, o diálogo de 360-347 a.C. “é a primeira tentativa de registro de uma definição sistemática em resposta a questão ‘o que é um sofista?’”¹⁸⁰. Para tanto, é inevitável reconhecer que “os interlocutores de Platão” aceitam, nesse contexto, as seguintes definições: 1) o sofista é um “um caçador remunerado atrás de jovens e ricos”, 2) o sofista é “um tipo de mercador do conhecimento e da alma”, 3) o sofista é um “retalhador”, 4) o sofista é “um vendedor de suas próprias produções do conhecimento”, 5) o sofista é “um atleta em competição das palavras – especificamente disputa (*eristikê*), embora os oradores fossem vagos”, 6) o sofista é “um purificador da alma que remove opiniões que obstruem aprendizado através do *elenchus*”¹⁸¹. Assim, a conclusão extraída desse conjunto, e que engloba o aceite dos interlocutores, é aquela contida em 233c do *Sofista* dita pela boca do Estrangeiro sob a qual “um sofista não oferece conhecimento verdadeiro, mas meramente uma opinião [*doxa*] das coisas”, ou seja, ele é apenas “possuidor de um conhecimento aparente”¹⁸². Aqui, Schiappa salienta que esse contraste estabelecido, a partir dessa definição entre o *sofista que propaga a opinião das coisas* e o *filósofo* “amante do conhecimento”, consiste na estratégia retórica caracterizada por Chaim Perelman e L. Olbrechts-Tyteca da “dissociação”: *rompe-se uma ideia unificada em dois conceitos*, isto é, o antigo “*sophistes*” como “pessoa sábia” ou “professor” é bifurcado em duas definições antagônicas, qual seja, “o filósofo como aquele que procura a verdadeira sabedoria” e o “sofista como o possuidor da falsificação do conhecimento”¹⁸³. É desse modo que podemos observar o “objetivo retórico” dos diálogos que, para além da exclusividade d’*O Sofista*¹⁸⁴, consiste em “dissociar o usual ou ‘sentido comum’ de um termo tal como ‘conhecimento, ‘justiça’ ou ‘sofista’ a partir do qual Platão acredita que deveria ser o uso correto”. De acordo

179 SCHIAPPA, 2003, p. 03. Vale destacar a ressalva de Poulakos, já mencionada, de que “embora Platão dedique um diálogo exclusivo (*O Sofista*) para retratar o sofista, muitas de suas outras obras antecipam, complementam, estendem e qualificam aquilo que ele diz lá” POULAKOS, 2013, p. 77.

180 SCHIAPPA, 2003, p. 05.

181 SCHIAPPA, 2003, p. 05.

182 Respectivamente: SCHIAPPA, 2003, p. 05; PLATÃO, 1980, p. 49; e, “ὁ σοφιστής”: Platonis Opera, 1903. Disponível em: <<https://goo.gl/HScZLO>> Acesso em agosto de 2018.

183 SCHIAPPA, 2003, pp. 05-6.

184 Schiappa menciona que, conforme nota Charles L. Stevenson “many of Plato’s dialogues can be described as promulgating *persuasive definitions*”, e isso permitiria ampliar a discussão a outros diálogos: SCHIAPPA, 2003, p. 06.

com Schiappa, na medida em que Platão fornece aos termos “sofista” e “filósofo” uma precisão de significado técnico e *pinta* seus personagens de modo “mais ou menos atrativos”, o filósofo grego estaria estabelecendo “um significado emocional e técnico favorável” ao termo “filósofo” e, conseqüentemente, “um significado negativo, emocional e técnico” para o termo “sofista”¹⁸⁵. Para além da conclusão específica de Schiappa em torno de tais questões, vários outros estudiosos da Antiguidade têm, em certa medida, reiterado ou complexificado a conclusão semelhante do autor: a de que “por dois mil anos nossa compreensão de quem os sofistas foram tem sido dominada pelos escritos de Platão”¹⁸⁶. É o que diz, por exemplo, McComiskey ao destacar que, “embora séculos após Platão, o conhecimento recebido acerca dos sofistas era amplamente derivado do corpus platônico” e mesmo “se qualquer exame dos textos sofistas” era feito, isto se dava através da “perspectiva dos termos do corpus”¹⁸⁷. A mesma conclusão parece inferida do questionamento de Poulakos quando se pergunta “se o retrato que Platão faz dos sofistas e sua retórica tem perdido seu apelo (...) por que considerar aquilo que ele diz [Platão] sobre eles [sofistas]?”¹⁸⁸. Ademais, a resposta de Poulakos à questão passa pela possibilidade de deixar de lado a validade ou não do *corpus* após as querelas que colocaram em disputa o retrato ali contido dos sofistas¹⁸⁹. Em uma versão mais incisiva, conforme acima mencionado, Cassin aponta que mesmo “Diels” fazendo parte da “grande tradição da filologia alemã” cuja *herança* é ainda a “interpretação platônica” interdita, a partir de um efeito de autoridade filológica, os caminhos ao objeto sofística que o *corpus* platônico anteriormente sanciona: enquanto representante “das duas sumas sem as quais nenhum filólogo e talvez nenhum filósofo poderia passar”, Diels “põe definitivamente fim ao jogo doxográfico, à proliferação das interpretações e das reinterpretações dos resumos antigos”¹⁹⁰. Ainda aqui, esse *efeito restritivo* sob a égide do juízo de Platão parece ancorar as diversas definições posteriores possíveis da noção de “retórica” que, indiretamente, aludem à ideia de que “se assiste, em Platão, simultaneamente à invenção da retórica e à sua

185 SCHIAPPA, 2003, p. 06.

186 “For over two thousand years our understanding of who the Sophists were has been dominated by Plato’s writings.” SCHIAPPA, 2003, p. 07.

187 “Yet for centuries after Plato, received wisdom about the sophists was derived largely from the Platonic corpus, and if any sophistic text was examined closely, it was most often done through the perspective of a Platonic terministic screen.” MCCOMISKEY, 2012, p. 04.

188 POULAKOS, 2013, p. 75.

189 “If we are to make some sense out of the sophists today, we need to ask why their rhetoric turned out the way it did, not whether Plato was right or fair. Perhaps this question could not have been asked before some of Plato’s awesome power had been challenged; but today it can.” POULAKOS, 2013, p. 02.

190 CASSIN, 2015a, p. 82, 115-16.

eliminação”¹⁹¹: por exemplo, em descrições contemporâneas sobre a “antiga retórica”, como tendo sua forma de estabelecimento a partir da “reflexão científica”, especialmente, em Platão¹⁹². É nesse sentido que Cassin não cessa de enfatizar o fato de que “a primeira sofística só foi denominada *sophistike* pela e para a filosofia”, ou seja, nada menos que aquela instauração de *batismo*, “no processo de se diferenciar de seu semelhante e de seu fora – e é nesse caso, sem dúvida alguma, Platão o *nomoteta*”¹⁹³. Por fim, a reiteração daquela conclusão de Schiappa, é interessante aqui, por explicitar de que maneira o *corpus*, exemplificado em sua tarefa de *conferir* “um significado mais técnico e preciso” ao termo “sofista”, bem como, somado ao “poderoso estilo de prosa”, exerce um *efeito esmagador* sobre a tradição acerca da definição dos sofistas¹⁹⁴.

Por outro lado, consequentemente, o tratamento dado aos sofistas e a sofística por Aristóteles aparece de modo “paralelo” ao juízo de Platão que configura o *corpus*¹⁹⁵. Conforme salienta Classen, o que acontece é nada menos do que uma *adaptação* que Aristóteles realiza das “ideias e práticas dos sofistas” para “seu próprio esquema conceitual”¹⁹⁶. Seja nas *Refutações*, na *Metafísica* ou na *Retórica*, “sua descrição do pensamento dos sofistas”, salienta Schiappa, “está quase sempre em contraste a seu próprio esquema superior”¹⁹⁷ e as diferentes menções giram em torno dessa adequação que relega a sofística a condição de *saber aparente*¹⁹⁸. Mesmo em certa medida baseando seu juízo sobre os sofistas a partir daquele de Platão, a designação de sofistas é conferida, conforme destaca Classen, a um grupo estranho de personalidades: por exemplo, Polidos, Licofron e Brison¹⁹⁹. De acordo com Cassin, Aristóteles é, e não apenas Platão, o “filósofo que foi principalmente o

191 CASSIN, 2005, p. 150.

192 “Es setzte mit der WISSENSCHAFTLICHEN Reflexion ein insbesondere von *Platon* (427-347 v. Chr.) und seinen philosophischen Dialogen *Gorgias* (ca. 393-388) und *Phaidros* (ca. 365-350).” BRINKER, [et al.], 2000, p. 03.

193 CASSIN, 2005, p. 198.

194 “The effect of Plato's giving ‘sophist’ a more precise and technical meaning, combined with his powerful prose style, was nothing short of overwhelming.” SCHIAPPA, 2003, p. 07.

195 SCHIAPPA, 2003, p. 07.

196 CLASSEN Apud: SCHIAPPA, 2003, p. 07.

197 SCHIAPPA, 2003, p. 07.

198 Por exemplo: “a sofística é uma sapiência apenas aparente”, “a sofística é conhecimento aparente, mas não real” ARISTÓTELES, 2002, *Metafísica*, livro 4, 1004b, 15-25, p. 139, bem como, sancionada junto a esfera dos “acidentes”: “Por isso Platão, em certo sentido com razão, considerou a sofística como ciência do não-ser: de fato, os discursos dos sofistas giram, por assim dizer, sobretudo sobre o acidente.” ARISTÓTELES, 2002, *Metafísica*, livro 6, 1026b 15, p. 275. O fichamento completo das ocorrências dos termos pode ser consultado no apêndice I ao final do texto.

199 “The people to whose names Aristotle adds the designation ὁ σοφιστής make up a rather odd group: Polyidus, Lycophron and Bryson.” CLASSEN, 1981, p. 07.

responsável por marginalizar” os sofistas²⁰⁰, ou seja, aquele que “verdadeiramente os classifica como “outro”” na medida em que seu “princípio de não contradição” *confisca-os de toda possibilidade de humanidade*²⁰¹. Para McComiskey a visão de Aristóteles é mais semelhante a visão do estrangeiro de Platão na obra *O Sofista*²⁰². Assim, como a tradução de George Kennedy da Retórica sugere, Aristóteles descreve os sofistas nesse contexto como falantes que usam “complexos” ou “ilusórios” argumentos²⁰³. Logo, tem-se como consequência um juízo sobre os sofistas como inimigos do certo e do bem²⁰⁴. Apesar desse juízo negativo como força do *corpus* há ainda o fato de que “nem todos os autores antigos aceitaram as versões da história de Platão e Aristóteles”, como é o caso de Aristides²⁰⁵. McComiskey destaca, a partir de uma passagem de *Orações* de Aristides (46), como passa a ser uma “fonte de vergonha” ser *batizado* com o termo sofista depois de Platão²⁰⁶.

Para finalizar essa *cena do batismo* e simultânea exclusão, é possível aceitar a afirmação de Cassin acerca da análise das posteriores “reviravoltas” que envolvem as relações entre filosofia, retórica e literatura na “segunda sofística” de que, para além desse *momento de batismo*, “apenas um sofista – em todo caso, não certamente um filósofo – pode atribuir a si mesmo esse nome”²⁰⁷.

Após os efeitos do *corpus* sobre a tradição antiga e medieval, os primeiros esforços em relação a compreender o *locus* da sofística na história da filosofia sem, imediatamente, *banir seus representantes da humanidade* como quer Aristóteles²⁰⁸, acontece a partir de Friedrich Hegel e o contemporâneo de Nietzsche, George Grote. Se, por um lado, Hegel aparece como

200 “The philosopher who was mostly responsible for marginalizing them, in this instance, was not so much Plato as Aristotle” CASSIN, 2014a, p. 06.

201 “It was Aristotle who truly classified them as “other,” who put them in the index as “other” (in the sense, too, of putting them on the Index) when he demonstrated that their discursive regime, their way of speaking, was not human. They fell outside the principle of noncontradiction, and that made them immediately *homoioi phutôi* —“like plants.”” CASSIN, 2014a, p. 06.

202 “Aristotle, perhaps Plato’s most famous student, toes the party line, as it were, and his view of sophists and sophistry most resembles the view of Plato’s Stranger in *The Sophist*.” MCCOMISKEY, 2012, p. 02.

203 MCCOMISKEY, 2012, p. 03.

204 “And so the scene was set for future rhetoricians to vilify the sophists as opponents to everything right and good” MCCOMISKEY, 2012, p. 03.

205 “happily, not all scholars in antiquity accepted Plato’s and Aristotle’s versions of the story” bem como “Yet even Aristides recognized that the ancient Greek term sophist simply meant “wise man,” until, that is, Plato and his fourth-century BCE contemporaries changed its usage to a term of reproach” MCCOMISKEY, 2012, p. 03.

206 “According to Aristides, then, a radical shift in the usage of the term sophist had occurred. Before Plato it was good to be called a sophist, but after Plato it was a source of shame” MCCOMISKEY, 2012, p. 03.

207 CASSIN, 2005, nota 48, p. 178.

208 ARISTÓTELES, 2005, pp. 377-400.

o primeiro filósofo a considerar os sofistas “mestres da Grécia”²⁰⁹, por outro lado, junto às considerações de Grote²¹⁰, sua avaliação dos sofistas foi responsável por identificá-los em paralelo ao “iluminismo do século XVIII”²¹¹, ou seja, uma espécie de “Aufklärung grega”²¹² e, tal avaliação produziu um primeiro processo de “reabilitação” da sofística.

Embora seja possível notar um crescente interesse dos estudiosos a partir desses primeiros esforços, “até o século dezenove”, conforme destaca Susan Jarrat, “os primeiros sofistas tem sido enterrados sob dois milênios de negligência”²¹³ e, quando “reabilitados” pela designação geral de “sofística”, isso acontece “não sem remorso”²¹⁴. Ademais, o uso e a escolha dos “representantes” da chamada “sofística” nesses casos, parece revelar o problema de reduzir aquilo que poderia ter sido a sofística a uma *doutrina filosófica* ou *verborragia* não-filosófica. Nesse sentido, tanto a “retirada dos sofistas da obscuridade” realizada por Hegel²¹⁵, quanto as atribuições feitas em tentativas de definir genericamente “a sofística”, como a realizada pelo dicionário Lalande²¹⁶, embora aparentemente se apresentem como expressões de um certo *entusiasmo* frente à sofística, por fim, indicam elementos de uma problemática “reabilitação” na esteira do pensamento “platônico-aristotélico” responsável pela condenação e negligência da sofística: como um “efeito de estrutura”, conforme salienta Cassin, “a singularidade da doutrina sofística” é ao mesmo tempo “uma realidade histórica” e um *produto* da filosofia, isto é, “artificialmente produzida pela filosofia” como seu “mau Outro”²¹⁷.

Um exemplo de que esse *aceno* inicial de “reabilitação da sofística” no século XIX era, sobretudo, tímido e refletia o mencionado “efeito de estrutura” é a variação das considerações de Victor Brochard sobre a sofística (uma das principais fontes de interlocução de Nietzsche sobre o tema)²¹⁸. Em “Os cétricos gregos” o autor deixa entrever, numa

209 “the masters of Greece” CASSIN, 2014a, p. 05 e 180; bem como “the masters of Greece” CASSIN [et al], 2014, p. 1007.

210 GROTE, 1850, pp. 434-544.

211 LESKY, 1995, p. 371.

212 PEREIRA, 2002, p. 336.

213 JARRAT, 1987, p. 67.

214 CASSIN; WOLFE, 2000, p. 65.

215 JARRAT, 1987, p. 69.

216 LALANDE Apud: CASSIN; WOLFE, 2000, p. 102.

217 CASSIN; WOLFE, 2000, p. 105.

218 Conforme nos mostram as evidências do trabalho de fontes de Thomas Brobjer, especialmente no “apêndice 1” de um de seus artigos em que ele apresenta uma tabela da ordem cronológica das leituras de Nietzsche de 1885 à 1889: BROBJER, 1997, p. 690; bem como, seu debate com Joel Mann já acima mencionado (BROBJER, 2005 e MANN, 2003).

ambiguidade própria do registro da regulação “platônico-aristotélica”, uma espécie de *inimizade sutil* que a sofística representaria: por um lado, diz Brochard, “os sofistas são charlatães” ou seja, “os falsos sábios que designamos pelo nome de sofistas” mas, por outro lado, destaca, “os sofistas são homens hábeis” e cheios de “sutilezas”²¹⁹. Tal ambiguidade – que também aparece na definição mencionada de Lalande – revela a dificuldade de identificar a sofística fora da posição de suposta “superioridade” da filosofia: *nós* os filósofos de um lado, e os “charlatães” do outro (que tentam apenas simular *nossa* sabedoria). Trata-se, neste caso, de um juízo DA filosofia, de *dentro* dela e de seus partícipes. Um “efeito de estrutura” e de manutenção da estrutura como reprodução da *história de um confisco*.

Esse processo de “reabilitação” da sofística, embrionário nos modernos, ganhou nos últimos séculos diversas formulações e expressões que tentaram conduzir a compreensão da sofística, e seu *locus*, para além da obscuridade do *confisco* do pensamento “platônico-aristotélico”: como salienta Poulakos, seja com Hegel ao considerar a sofística como “momento necessário da história da filosofia”²²⁰, seja com Nietzsche como “fenômeno cultural único”²²¹, seja com Jaeger e Kerferd – bem como Guthrie e Lesky²²² – na atribuição de “profundo movimento intelectual”²²³, a sofística recebe um tratamento cuidadoso que, no século XX e XXI, é refletido por uma tentativa de intérpretes de várias áreas do conhecimento de compreender a “extensão da história dos sofistas” para além da “lente do platônico e aristotélico modo de pensar”²²⁴. Assim, o século XX viu ressurgir uma série de “reabilitações” da sofística que ambicionavam certo distanciamento ou mesmo uma crítica mais radical à sufocante pressão da recepção negativa da tradição “platônico-aristotélica”²²⁵. É nesse sentido que Guthrie destaca que após a visão dominante sob a qual “Platão estava com a razão em sua querela com os sofistas” assistimos, “a partir da década de trinta” o que ele chama de “um movimento vigoroso para restaurar os sofistas e sua parentela como campeões de progresso e ilustração”²²⁶: como aqueles que “refutam a abstração vazia do ser eleático pela consideração

219 BROCHARD, 2009, pp. 34 e 57.

220 “a necessary moment in the history of philosophy (Hegel)” POULAKOS, 2013, p. 01.

221 “a unique cultural phenomenon (Nietzsche)” POULAKOS, 2013, p. 01, provavelmente em menção à “aquela *cultura dos mais desassombrado conhecimento do mundo*” NIETZSCHE, 2004, p. 124.

222 GUTHRIE, 1995, p. 15; LESKY, 1995, p. 371.

223 POULAKOS, 2013, p. 01.

224 JARRAT, 1995, p. 70.

225 “This received wisdom, however, would begin to change in the twentieth century” MCCOMISKEY, 2012, p. 04.

226 GUTHRIE, 1995, p. 15.

das coisas efetivas, da realidade do mundo sensível e vivo, pluralidade, movimento, subjetividade”, os sofistas são, assevera Cassin, por exemplo, celebrados pelo interesse nos “*pragmata* como uma instância do humanismo que dá sentido a essa grande tragédia fenomenológica que é a existência” em Untersteiner. Ainda aqui, conforme salienta Cassin, é “no rastro de Nietzsche” e sua crítica à “tradição metafísica dominante” que Kerferd insiste nos “anti-idealismo dos *pragmata*” ao considerar “o momento sofístico como um momento de lucidez da filosofia”²²⁷. Parece interessante reconhecer a ressalva de McComiskey de que o problema de “muitas dessas” *reabilitações* enquanto “‘novas’ interpretações das doutrinas sofísticas” é o fato de “comprometerem-se apenas com uma desconstrução negativa” a partir de um *contramovimento* a Platão não por meio das “palavras” dos sofistas mas pela própria doutrina de Platão²²⁸. É, todavia, exatamente o que Cassin reitera, incansavelmente em sua obra: certas tentativas de reabilitação da sofística, por mais bem intencionadas que sejam, “parecem inteiramente tributárias da condenação platônico-aristotélica”²²⁹. Mais recentemente, a balança dos efeitos daquilo que Michael Hasset chama de “o ressurgimento do interesse no movimento sofístico da Grécia antiga”²³⁰ não *pende* apenas para um só lado: seja a partir de uma avaliação positiva do *ressurgimento*, por exemplo, na consideração de Thomas Kent ao “explicar que os sofistas podem constituir uma nova “genealogia” cuja “retórica paralógica” fugiria ao esquema dual da retórica esboçada na filosofia de Platão²³¹, seja ainda por meio da afirmação de Stanley Fish de que esse *ressurgimento* seria “sofística contemporânea” e ainda sua visão segundo a qual “a ênfase sofística sobre o profissionalismo e os modos de pensamento antifundacionais” são a “chave de uma nova abordagem para a linguagem”²³², seja ainda, por outro lado, como consideração crítica a esse *ressurgimento*, na censura a Fish feita por Roger Kimball de que tanto “os sofistas como Fish corrompem, mal compreendem ou ignoram “distinções elementares de gosto e valor””, aqui, a avaliação dos efeitos desse *ressurgimento* se iguala na medida em que esse tipo de polarização

227 CASSIN, 2005, p. 14

228 “And so these “new” interpretations in the first half of the twentieth century revalued sophistic doctrines that Plato, not the sophists themselves, wrote.” McCOMISKEY, 2012, p. 04.

229 CASSIN, 2005, p. 14.

230 “The resurgence of interest in the sophistic movement of ancient greece has been noted by many contemporary teachers and theorists of rhetoric and composition.” HASSET, 1995, p. 372.

231 HASSET, 1995, p. 372.

232 HASSET, 1995, p. 372.

contemporânea poderia se assemelhar a própria disputa que se dá no contexto *platônico-aristotélico* do qual tomamos conhecimento, especialmente, junto ao *corpus*²³³.

Nesse sentido, é a partir desse quadro que, como já acima mencionado, McComiskey sumariza as tentativas de reabilitação da sofística por meio de quatro abordagens que compõem o panorama das interpretações contemporâneas, isto é, 1) a abordagem na qual “alguns estudiosos tomam Platão em suas palavras, depreciando os sofistas como ávidos trapaceiros”, 2) a abordagem em que “alguns estudiosos aceitam aquilo que Platão diz sobre os sofistas, mas eles avaliam, mais do que depreciam a caracterização de Platão desses sábios viajantes”, 3) a abordagem na qual “alguns estudiosos deixam de lado as deturpações de Platão sobre os sofistas, examinando os textos mesmos destes na ordem de descobrir linhas comuns entre os mais importantes sofistas ‘antigos’” e, 4) a abordagem em que “alguns estudiosos deixam de lado as deturpações de Platão sobre os sofistas, examinando os textos mesmos destes na ordem de compreender uma única contribuição de cada sofista individual no contexto do pensamento pré-socrático”²³⁴. Como é possível conceber a partir dessa caracterização, é, todavia, exatamente a questão de considerar ou não o *corpus* como a via de acesso à compreensão da sofística que emerge como problemática central na interpretação dos estudiosos contemporâneos. Nesse sentido, é o estatuto dos textos da sofística que direciona as estratégias dos intérpretes. Especificamente, em meados dos anos noventa do século XX ocorreu uma importante disputa aberta desses teóricos demarcada sob um acirrado confronto cuja *pedra de toque* parece ter sido o sintagma “retórica sofística” que, por exemplo, faz com que Edward Schiappa chegue a considerar tal terminologia como uma *ilusão desnecessária* enquanto uma “miragem” *que permite continuar a caminhar no deserto*²³⁵. Logo, o

233 “This conversation about the sophists is a repetition occurred when the sophists actually lived and practiced. Then, of course, the sophists supported their own viewpoints while Kimball's position was developed by Plato, Aristophanes, and Aristotle. Later, the sophistic position seems to have died out, or at least gone underground. The attack on the sophists continued, however, through Cicero, Quintillian, Augustine, and on through in the nineteenth century. Now, the sophistic position, the “weaker argument” in sophistic terms, has reemerged.” HASSET, 1995, p. 372.

234 “Throughout the twenty centuries of the Common Era, there have emerged four critical approaches to the sophists, and I list them here in ascending order of value. First, some scholars take Plato at his word, disparaging the sophists as greedy cheaters. Second, some scholars accept what Plato says about the sophists, but they value, rather than disparage, these traveling teachers based on Plato’s characterization. Third, some scholars put aside Plato’s misrepresentations of the sophists, examining the sophistic texts themselves in order to discover common threads among the most prominent “older” sophists. Fourth, some scholars put aside Plato’s misrepresentations of the sophists, examining the sophistic texts themselves in order to understand the unique contributions of each individual sophist in the context of pre-Socratic thought.” McCOMISKEY, 2012, p. 05.

235 “I want to make the case that ‘sophistic rhetoric’ is, for the most part, a mirage – something we see because we want and need to see it – which vaporizes once carefully scrutinized” SCHIAPPA, 1991, p. 5.

desdobramento dessa controvérsia gerou uma *distinção* metódica pelos quais os teóricos contemporâneos digladiam: a didática distinção entre “fundacionalistas” (“foundationalist”) e “neosofistas” (“Neosophists”).

Autores como Edward Schiappa e John Poulakos são os mais emblemáticos que se orientam diante dessa distinção entre os chamados *fundacionalistas* e *neosofistas*²³⁶. Nesse panorama, o critério central nesse embate é, evidentemente, um critério filológico: o da existência ou não de um “texto original” da sofística²³⁷. Esse é o ponto principal que mobiliza a querela que divide a interpretação dos estudiosos. No material consultado, cronologicamente, o debate inicia-se a partir de um artigo de Edward Schiappa intitulado “*Sophistic Rhetoric: Oasis or Mirage?*” que apresenta uma hipótese muito clara: “a retórica sofística... é uma miragem que vaporiza uma vez cuidadosamente examinada”²³⁸. Já de início podemos observar que a imagem da “miragem” é estrategicamente interessante na medida em que, como “fenômeno puramente subjetivo”, ilustra uma possível “causa” do problema e suscita alternativas ao “observador” como quer Schiappa: “algo que vemos porque nós queremos e necessitamos ver”²³⁹. Ademais, a proposta do autor para problematizar o “construto retórica sofística” consiste em evitar o “anacronismo” realizado pelas crescentes interpretações contemporâneas da “retórica sofística”. Assim, no intuito de demonstrar como esse “construto” é uma “miragem” mantida pelos estudiosos, Schiappa destaca que a “lista” dos sofistas estabelecida por Diels e adotada pelos estudiosos é “um pouco arbitrária e não se coaduna com os testemunhos antigos disponíveis”²⁴⁰. Segundo Schiappa até o *corpus* dos textos mais influentes como o de Platão e Aristóteles são “suficientemente equivocados” em falar “genericamente” dos sofistas²⁴¹ e ainda o fato de que, necessariamente, “quem nós escolhemos para chamar de sofista”, por exemplo nessa lista de Diels, “impacta sobre como descrevemos ‘retórica sofística’”²⁴². Dessa forma, o ponto central da divergência de Schiappa com os intérpretes da sofística parece ser a implicação “política” que a “promoção de uma

236 “John Poulakos, Sharon Crowley, Victor Vitanza, Kathleen and we may identify Welch, and Susan Jarratt, as “antifoundationalists” e “Eric Havelock, G. B. Kerferd, Jacqueline de Romilly, and Thomas Cole, as “foundationalists” CONSIGNY, 1996, p. 253.

237 Veja-se seção “4.2.1. O papel da filologia na formação do texto como fixão” adiante.

238 SCHIAPPA, 1991, p. 5.

239 “I want to make the case that ‘sophistic rhetoric’ is, for the most part, **a mirage – something we see because we want and need to see it – which vaporizes once carefully scrutinized**” SCHIAPPA, 1991, p. 5.

240 SCHIAPPA, 1991, p. 06.

241 “In both Plato’s and Aristotle’s writings there is evidence of different *kinds* of ‘sophists’” SCHIAPPA, 1991, p. 06.

242 SCHIAPPA, 1991, p. 08.

histórica ficção” permite legitimar, isto é, já que “é improvável” encontrar “uma definição historicamente baseada de ‘retórica sofística’ derivada do século V na Grécia”, de acordo com Schiappa “nós não necessitamos da ficção ‘retórica sofística’ como uma maneira de pressionar temas contemporâneos” já que uma “ahistórica” “miragem” seria no mínimo “supérflua”²⁴³. A resposta a esse texto de Schiappa ocorre na edição seguinte do mesmo volume da revista “Rhetoric Review” numa espécie de apêndice de duas páginas de DB intitulado “*Response to ‘Sophistic Rhetoric: Oasis or Mirage?’*”. Nele, a querela é iniciada logo no primeiro período do texto em que, segundo DB, Schiappa “representa a sofística de um modo ofensivo”²⁴⁴. Após destacar o mote geral da acusação de Schiappa de que os “estudiosos tem estudado uma miragem”, D.B. aponta alguns elementos do artigo de Schiappa que demonstrariam um problema “com o objeto de estudo”. Seja ao destacar a “recusa silenciosa para tolerar uma condição comum dos estudos históricos” que é a “variabilidade da intenção e ação junto ao objeto de estudo” pelos quais o mais prudente seria “esperar aprender que” determinadas “generalizações são insustentáveis”, seja identificando a “relutância” de Schiappa em desenvolver os argumentos nesse caso, em todos esses elementos o que vem à tona como indagação fundamental de D.B. é o “por que?” da *relutância* de Schiappa e o motivo de seu “descrédito (indireto)” à diversas investigações e trabalhos de reconstrução. Por outro lado, posteriormente Scott Consigny em seu artigo “Edward Schiappa's reading of Sophists” de 1996²⁴⁵ em que, na tentativa de “examinar a leitura de Schiappa dos sofistas e explicar o porque (..) ele falha ao se colocar mais forte do que seus rivais neosofistas”²⁴⁶, elabora uma resposta a Schiappa a partir de um *gesto* gorgiano: caracteriza assim as “três interligadas estratégias interpretativas”²⁴⁷ de Schiappa que consiste em 1) considerar a existência da “*Ipisissima verba*”, isto é, a “palavra original dos sofistas”, 2) *agrupar conceitos filosóficos contemporâneos observando os significados que as palavras tem para os sofistas mesmo*, como, por exemplo, a) *Ressonância de um termo de um autor a outro*, b)

243 “My argument is that a historically based definition of ‘sophistic rhetoric’ derived from fifth-century Greece is improbable, and ahistorical definitions are misleading, unhelpful, or superfluous” SCHIAPPA, 1991, p. 15.

244 “Edward Schiappa's ‘Sophistic Rhetoric: Oasis or Mirage?’ represents sophistry in an ugly mood.” DB. *Response to ‘Sophistic Rhetoric: Oasis or Mirage?’*. Rhetoric Review, Vol. 10, Nº. 2 (Spring, 1992), pp. 390-391.

245 CONSIGNY, Scott. *Edward Schiappa's reading of the Sophists*. Rhetoric Review, Vol. 14, Nº. 2 (Spring, 1996), pp. 253-269.

246 “examine Schiappa's reading of the sophists, and explain why I think he fails to make it stronger than that of his neosophistic rivals.” CONSIGNY, 1996, p. 253.

247 “Schiappa advocates three interrelated interpretive strategies” CONSIGNY, 1996, p. 258.

Triangulação, exemplificada pelo “radio transmissor” e, finalmente, 3) *situar as obras dos sofistas em seu próprio contexto histórico*. Após essa caracterização, Consigny opõe à interpretação de Schiappa o *gesto sofista* de Górgias ao poema de Parmênides, isto é, 1) *a Ipsissima verba não existe*, pois 2) *Se existisse não seria compreendida, apenas parcialmente*, e, 3) *Se compreendida, não poderia ser articulada sem reler sobre um parcial, vocabulário retórico*. Por fim, aqui bem genericamente simplificado, Consigny conclui que a “*Ipsissima verba*” é *uma reconstrução parcial e a realidade histórica é uma fabricação*²⁴⁸. De uma forma geral, a querela não resolvida sinaliza para o fato de que a questão a esse respeito permanece em aberto e muito da plausibilidade das abordagens concentra-se na explicitação dos critérios que já, de início, demarcaria a que posicionamento (*neosofistas* ou *fundacionalistas*) a interpretação pertence.

4.1.2. A sofística como discursividade

“a sofística é uma outra espécie de poesia, poesia de gramáticos talvez, que se esforça em desvelar os mecanismos da graça eficaz da linguagem.”²⁴⁹

Tentei desdobrar até qui, nesse anterior esboço de uma “genealogia” da história sofística, o modo como a noção de sofista e a definição de sofística perpassam uma complexa determinação estrutural que modela a totalidade das formas de concebê-las a partir da tradição. Das dificuldades em relação a escassez das fontes à interpretação e manipulação estabelecidas pelo *corpus*, tentei demonstrar de que maneira essa determinação, na forma de uma “confisco” e uma “regulação” do discurso, é instaurada pelo *corpus* “platônico-aristotélico” e sancionada pela tradição posterior nas diferentes épocas mesmo nas mais bem intencionadas “reabilitações”. Nesse quadro de problematização o *estatuto da sofística* enquanto “doutrina filosófica” passa a ser radicalmente questionado e é, exatamente, a tese “logológica” de Cassin que nos oferece as ferramentas dessa nova perspectiva sobre a sofística e a “história sofística da filosofia”²⁵⁰.

248 CONSIGNY, 1996, p. 266.

249 CASSIN, 2005, p. 18.

250 Especialmente: “Proponho chamar de “história sofística da filosofia” esta que relaciona as posições, não as relativas à unicidade da verdade, (...), mas esta que as relaciona aos instantâneos do *kairos*, ocasião, oportunidade, graças a *mekhanai*, procedimentos, astúcias, maquinações, permitindo agarrar o *kairos* por seu topete.” CASSIN, 2005, p. 09.

Se o acesso documental a qualquer esclarecimento efetivo sobre a sofística em sua disputa épica com o *corpus platônico-aristotélico* nos parece inacessível, então apenas a *via* de uma abertura interpretativa a partir da análise de um “texto anônimo” nos permitiria vislumbrar qualquer possível *gesto* dessa sofística então “transformada e tornada ininteligível por seus inimigos”²⁵¹. Esta parece ser exatamente a *aposta* de Cassin ao operar radicalmente sua captura da sofística pelo “*topete*”²⁵² para além daquele *confisco platônico-aristotélico* estruturante: ela ambiciona tanto *testemunhar* o “nada que separa o trabalho filológico e o delírio de interpretação” a partir dessa “prática” *inversa de filologia* com o texto anônimo²⁵³, quanto realocar o *face-a-face* entre a filosofia e seus “Outros”²⁵⁴ por meio de uma *complicação do universal*²⁵⁵ que salienta o *exercício de violência e julgamento* dessa exclusão que foi a “história da filosofia”²⁵⁶. É desse modo que Cassin efetua sua interpretação *logológica* a partir da análise do texto “*De Melisso, Xenófanes e Górgias*” cuja existência material “oferece a outra versão da obra de Górgias” enquanto um “pequeno tratado composto de três unidades distintas” de autoria *indefinida*²⁵⁷. Ao ser, por exemplo, atribuído a Aristóteles o texto passa a ter “sua publicação” determinada “tradicionalmente” no “final do *corpus*”. Todavia, conforme destaca Cassin, “a atribuição e a datação do tratado continua sendo objeto de conjecturas numerosas e divergentes”²⁵⁸ e, de modo geral, os problemas que envolvem as

251 “transformed and made unintelligible by their enemies” CASSIN, 2014a, p. 02.

252 “é o *kairos*, esse belo jovem careca atrás, e que deve ser capturado pelo seu *topete* da frente” e “Proponho chamar de “história sofística da filosofia” esta que relaciona as posições, não as relativas à unicidade da verdade, (...), mas esta que as relaciona aos instantâneos do *kairos*, ocasião, oportunidade, graças a *mekhanai*, procedimentos, astúcias, maquinações, permitindo agarrar o *kairos* por seu *topete*.” Respectivamente, CASSIN, 2005, p. 70 e p. 09.

253 Respectivamente: CASSIN, 2015a, p. 14 e 34.

254 “It was Aristotle who truly classified them as “other,” who put them in the index as “other” (in the sense, too, of putting them on the Index) when he demonstrated that their discursive regime, their way of speaking, was not human. They fell outside the principle of noncontradiction, and that made them immediately *homoioi phutôi* —“like plants.”” CASSIN, 2014a, p. 06.

255 Respectivamente: “I try to complicate the universal using the difference between genres and genders as well.” e “Eu sei o que me importa, que é complicar o universal. Pela diversidade das línguas, pela permeabilidade dos gêneros, em todos os sentidos do termo, gêneros literários assim como gênero-*gender*.” CASSIN, 2014a, p. 244 e CASSIN, 2014b, p. 11.

256 “I want to know at what point philosophy feels it has the right to say that people need punishment . . .” CASSIN, 2014a, p. 04. É exatamente nesse sentido que toda movimentação contemporânea em torno da sofística (seja ela qual for) parece não apenas interessante, mas efetivamente necessária: como salienta Gibson, ao permitir *reenfatizar a importância da linguagem*, os sofistas (e por extensão a sofística) podem auxiliar-nos a ter “responsabilidade e humildade”: “Walker Gibson, in a recent *College English* article, explains that the sophists can help reemphasize the importance of language, and they can teach us “responsibility and humility.”” HASSET, 1995, p. 372.

257 CASSIN, 2005, p. 270.

258 “pertencia a Aristóteles (é o que os manuscritos geralmente dizem), a Teofrasto (segunda mão do manuscrito R), a um peripatético do séc. III a.e. (o Diels dos *Doxographi Graeci*, Gigon, Kerferd), ou do 1º d.e., mais tardio

atribuições desses autores reside no fato de que “cada um se incline para o lado da sua concepção da doxografia”, isto é, por meio de “uma forma muito elaborada, característica, com efeito, de uma escolaridade tardia de inspiração cética” que implica uma teorização “sem argumentos estilísticos determinantes, mas com meios teóricos sobretudo aristotélicos”²⁵⁹ essas atribuições parecem ainda insuficientes. Assim, primeiramente a partir da discussão da “identidade” desse *texto anônimo* Cassin nos faz observar todo o “tráfico filológico” subscrito na determinação filológica do texto e sua “reificação fantasmática”²⁶⁰ no decurso da tradição doxográfica cuja decisiva chancela e sutil *exclusão* do “jogo doxográfico” acontece via, o já mencionado, “aparecimento das duas sumas sem as quais nenhum filólogo e talvez nenhum filósofo poderia passar”, ou seja, “os *Doxographi Graeci* em 1873 e *Die Fragmente der Vorsokratiker* em 1903” de Diels²⁶¹. Isso a que Cassin denomina “tráfico filológico” a fim de desconstruir o efeito de autoridade do que ela chama a “grande tradição da filologia alemã”²⁶² é, para dizer de outro modo, a constatação de que a “filologia pode produzir a materialidade superficial de um texto editado, mas esta presença é sempre recriada”²⁶³. Desse modo, em contrapartida às insuficiências das atribuições mencionadas, a ênfase da abordagem de Cassin pode ser sumarizada da seguinte forma: a *insistência* “na relação entre o discurso do doxógrafo anônimo e o objeto sofístico”²⁶⁴, o que revela, por seu turno, aquela mencionada “reificação fantasmática” do texto. Para tanto, Cassin destaca a possível existência de uma “intenção teórica” que liga “as três unidades entre si: Melisso, Xenófanos e Górgias” pelos quais a *ordenação*, mais do que puramente “cronológica”, configuraria uma “ordem” das “condições teóricas da sofística”, ou seja, “uma transformação da doutrina de Parmênides” que é, nesse caso, trazida à tona “pela crítica do doxógrafo que não se contenta, portanto, em “anotar as opiniões””. De acordo com a autora, todo o movimento efetuado no texto, do ““algo” de Melisso” ao ““deus” de Xenófanos” em direção à ocupação do “lugar do sujeito de “é”” por atribuição de “predicados antinômicos”, ou seja, no encadeamento dessa *sucessão*, as e, portanto, mais eclético (o Diels de *Aristotelis qui fertur de M.X. G. libellus*, AP A W 1900, que serve de edição de base – Gomperz, Robin), a um cético (Gercke); é hoje a obra de um megárico (Untersteiner), de um representante do reflorescimento do eleatismo (Wiesner), ou de um aristotelismo que pirroniza (Mansfeld).” CASSIN, 2005, p. 270.

259 “(distinção dos sentidos do ser, distinção entre negação e privação)” CASSIN, 2005, p. 270.

260 CASSIN, 2015a, pp. 32-33.

261 CASSIN, 2015a, pp. 115-116.

262 CASSIN, 2014a, p. 298 e CASSIN; WOLFE, 2000, p. 104.

263 “Philology might produce the superficial materiality of an edited text, but this presence is always a recreated one.” STOBBE, 2014, p. 57.

264 CASSIN, 2005, p. 271.

nuances trabalhadas na *catástrofe sintático-semântico* de uma “repetição doxográfica” como esta, indicam que “a perspectiva está, então toda traçada para que o “nada é” de Górgias substitua o “é” de Parmênides” e, de modo mais especial, “se desenvolva uma teoria do ser como efeito do discurso ontológico”²⁶⁵. Nesse sentido, ao reconhecermos tal artimanha como ponto chave da captura da *prática sofística* torna-se possível vislumbrar propriamente de que modo a sofística se efetiva enquanto *discursividade*.

Que tal interpretação “implica determinada maneira de filosofar”²⁶⁶ cuja existência “provoca arrepios na história da filosofia”²⁶⁷ isso já podemos ter observado. Em certa medida, parece apenas por meio de “uma contingência bem-vinda” cujo “amor à língua e às línguas” conduz a um verdadeiro *espanto* “com o primeiro amor” que “uma obra tão original” pode ser atualmente *produzida*²⁶⁸. É a partir desse tipo de problematização, – que encerra talvez um outro tipo de “paixão do conhecimento”²⁶⁹, um *pathos das línguas* –, que podemos compreender especificamente o que está em jogo quando Cassin se serve do termo “discursividade”: “Bem no início deste livro”, ou seja, do livro *O Efeito Sofístico*, diz Cassin, “propos, para falar do *logos* sofístico, o termo “discursividade” ao invés de retórica – mesmo se não mantive sempre tal precaução”²⁷⁰. Essa ressalva permite observar, a meu ver, uma dupla articulação de Cassin acerca de uma demarcação da noção de *discursividade*, embora obviamente passível de flutuação semântica em suas obras: 1) Enfatizar que se trata de “falar de *logos* sofístico” ou melhor, de *ter* “por atividade o *logos*” e; 2) Uma esquivia terminológica à “invenção filosófica da retórica”²⁷¹: essa “máquina platonicóide de espacializar o tempo”

265 “A construção anônima revela, assim, que o fim do eleatismo, em todo o sentido do termo, é a sofística.” CASSIN, 2005, p. 271.

266 “...isso implica determinada maneira de filosofar, não muito reconhecida por certo tipo de filosofia analítica”: CASSIN, 2014b, p. 10.

267 Como Cassin caracteriza o que ela chama de “efeito sofístico”: CASSIN, 1999, p. 13.

268 “Como você encontrou o caminho que a levou a produzir uma obra tão original?” Cláudio Oliveira, CASSIN, 2014b, p. 07. Respectivamente: CASSIN, 2014b, “contingência bem vinda” p. 10; “A língua, o amor à língua e às línguas” p. 09; “Eu sou helenista e sou filóloga” p. 10; “O grego é a língua que me espantou, como a gente se espanta com um primeiro amor” p. 09.

269 A, 429: “A inquietude de descobrir e solucionar tornou-se tão atraente e imprescindível para nós como o amor infeliz para aquele que ama (...) O conhecimento, em nós, transformou-se em paixão que não vacila ante nenhum sacrifício e nada teme, no fundo, senão a sua própria extinção;” NIETZSCHE, 2004, p. 225; Veja-se ainda: “O conceito-chave de “paixão do conhecimento (EBBERSMEYER 1995; BRUSOTTI, 1997), (...) calcula explicitamente esta possibilidade” [de “uma “tragédia como ponto de partida do conhecimento”] DELLINGER, In: NIEMEYER, 2014, p. 107; ainda aqui: “...a paixão do conhecimento ocupa uma função canônica de preparar as condições mais adequadas para a auto-formação do homem.” VIESENTEINER, 2013, p. 92.

270 CASSIN, 2005, p. 145.

efetuada por Platão²⁷². Assim, ao terminologicamente desacoplar o estigma da noção de retórica da tradição, Cassin caracteriza de modo preciso que se trata da amplitude do *logos*, da efetiva “natureza do discurso” tal como a autora propõe ao traduzir o sintagma de Élio Aristides “τῇ τοῦ λόγου φύσει”²⁷³. Embora não se trate de “retórica” essa demarcada esquiva terminológica se apresenta como uma maneira de acentuar, especificamente, “um privilégio dos poderes da linguagem”, isto é, “uma consciência de sua eficácia e performatividade, relacionada ao que constituirá a retórica”: falar em retórica é ainda falar em *regulação platônico-aristotélico* do qual se quer, exatamente, evitar²⁷⁴. Trata-se aqui, de reconhecer a noção de *discursividade* como um “operador sofístico”, isto é, como “o próprio fato do *logos*” que, na tradução do sintagma acima, designa acerca do *logos* “sua realidade concreta”²⁷⁵. Assim, é somente pela “via” da “performance” e do “significante” como índices de observação interpretativa que se pode reconhecer a efetividade própria do discurso sofístico em sua “modalidade” plena.

Contudo, qual seria a modalidade específica dessa “natureza sofística do discurso” que se pretende tal discursividade? Nisso Cassin é tradicionalmente radical: diante da *estrutural proibição da homonímia* que a condenação aristotélica do *princípio de não-contradição* promulga, resta aos “sofistas” *aterem-se* ao “que há nos sons da voz e nas palavras”: eles jogam com o significante, com o equívoco”, ou seja, na medida em que seus textos apontam para essa “modalidade discursiva que os caracteriza” que é a “*epideixis*”, “a performance”²⁷⁶ podemos compreender quão “ab-aristotélica” se estrutura essa “modalidade discursiva” a que Cassin chama *discursividade*²⁷⁷. Desse modo, a “prática sofística” como salienta Cassin, enquanto uma *prática* “do”, e “no” discurso, “nos introduz, antes, em um domínio

271 “A conseqüência [sic] mais significativa de tal invenção filosófica da retórica pode ser formulada sob forma de uma tese bem simples que eu sugiro provisoriamente: a retórica é a invenção da ontologia para domesticar – para espacializar – o tempo no discurso.” CASSIN, 2005, p. 148. Tal esquiva parece, por outros motivos, também efetuada por Austin na discussão sobre o “perlocucionário” em que “(...) apesar de a palavra “retórica” não aparecer nem nesse capítulo nem, salvo erro de minha parte, onde quer que seja em todo o livro. Todas as suas características aí estão, mas não o nome.” CASSIN, 2010, p. 23.

272 CASSIN, 2005, p. 200.

273 ““Discursividade” é um termo que procura prestar conta do sintagma: τῇ τοῦ λόγου φύσει, “a natureza do discurso”. ” ARISTIDES, Élio. Contra Platão, para defender a retórica. 403; In: CASSIN, 2005, p. 355.

274 “Sophistical discourse implies a privileging of the powers of language, an awareness of its efficacy and performativity, linked to what will constitute rhetoric” CASSIN [et al.], 2014, p. 1007.

275 CASSIN, 2005, p. 34.

276 CASSIN, 2015, p. 17.

277 “Essa terceira dimensão da linguagem, (...), é uma modalidade discursiva radicalmente não-aristotélica, anti e até mesmo ab-aristotélica” CASSIN, 2015a, p. 18.

completamente diferente, aquele da identidade sonora: aquele do significante” e é exatamente nessa “técnica de ponta” e “sofisticação” do discurso que a “prática” propriamente sofística acontece²⁷⁸. Além disso, no transito realizado por Cassin entre o que concebe como “primeira” e “segunda sofística”²⁷⁹, ao reconhecermos de imediato a dupla propriedade do “discurso logológico” de, por uma lado, tratar-se de uma prática que “sempre se exagera”²⁸⁰ e, por outro lado, atuar como “um discurso segundo ou crítico”, então, é possível em termos de síntese, delinear algumas de suas principais características ligadas a “significante”, “homonímia” e “tempo no discurso” ou “retóricas do tempo”²⁸¹.

Diferente daquilo que Michelle Ballif caracteriza como “ato de esquecimento que abraça a retoricidade”²⁸² a sofística enquanto discursividade é, não um “ato de esquecimento” embora “o discurso sofístico não” cesse “de se esvanecer”²⁸³, mas um “ato” que, em sua potência *epidítica* “à deriva”²⁸⁴, de “instaurar (...) o tecido das referências literárias”²⁸⁵ bem como de *produção* de “poética presença”²⁸⁶, conduz uma “maior atenção ao próprio discurso”²⁸⁷ na medida em que, por exemplo, através de uma “linearidade do significante” tanto “obriga a tomar consciência do curso do discurso, e constrange a ouvir o jogo significante da sintaxe”²⁸⁸, quanto evidencia “os movimentos da graça eficaz da linguagem”²⁸⁹. É exatamente a partir da observação dessa “prática” que *remunera* “as falhas

278 CASSIN, 2015a, p. 88; “Ele não diz nada, não transmite nada, não tem objeto: é primeiramente, uma prática que, à medida que ela se efetua (...) denuncia os resultados da ontologia e a economia metódica constitutiva da ciência” e “técnica de ponta” CASSIN, 2015a, p. 22 e 85.

279 Por exemplo, ao complexificar ainda mais suas análises do funcionamento de ambas as sofísticas de sua tese inicial de 1980 até as publicações atuais.

280 No contraste, por exemplo, com a “clareza do estilo fenomenológico”: CASSIN, 2005, p. 249.

281 “O traço genérico das retóricas do tempo é que o discurso, em sua seqüência, (...) é (...) antes, um *panta*, uma pluralidade de emissões singulares necessariamente sucessivas (...). A logologia (o ser é um efeito de dizer) é uma cronologia: o tempo é o princípio efetuate ou eficaz do discurso.” CASSIN, 2005, pp. 200-201.

282 “Paradoxically, it is the act of forgetting that embraces rhetoricity—that is rhetoric as Woman, sophistry, or the instability of language and the incommensurability of discourse.” BALLIF, 2001, p. 119.

283 “o discurso sofístico não conhece acumulação sistemática, ele não tem memória, já que, ao contrário, ele não cessa de se esvanecer.” CASSIN, 2015a, p. 95.

284 “Laurent Pernot mostra como o epidítico é um “conceito à deriva”, entre emprego técnico (elogio e censura) e sentido amplo (os “diferentes gêneros literários em que o *logos* parece empregado como veículo de divertimento”)” CASSIN, 2005, p. 243.

285 “toda *epideixis* consiste em suscitar as “narrativas apropriadas”, em instaurar, por vezes com uma só palavra, o tecido das referências literárias.” CASSIN, 2005, p. 253.

286 Algo da mencionada “vocalidade” enquanto potência de criar por meio da linguagem uma “presença poética”: “is a complex form of fictional orality—the creation of a spoken, collective voice evoking poetic presence, but doing so by means of a consciously literate and literary written text.” GRAGNOLATI; SUERBAUM, 2010, p. 01.

287 CASSIN, 2005, p. 34.

288 CASSIN, 2015a, p. 92.

289 CASSIN, 2005, p. 18.

das línguas”²⁹⁰ que a sofística e então sua *discursividade* nos remete à dimensão da “homonímia”, essa espécie de *materialidade constitutiva do logos*.

Com efeito, é aqui que encontramos a dimensão da “homonímia”. Sobretudo, o substantivo feminino “homonímia” do grego “ὁμωνυμία” pode ser, de modo genérico, definido como “semelhança de nome; ambiguidade”²⁹¹ ou ainda como “similhança de som em diferentes [sic] palavras com significação diversa”²⁹². Numa definição escolar é possível encontrar o termo associado a “1. Caráter do que é homônimo” e “2. Identidade de pronúncia (homofonia) ou grafia (homografia) entre palavras de sentido diferente”²⁹³. Essa última asserção coincide com a definição específica cuja descrição é identificada como uma “coincidência fonética de palavras com diferentes significados”²⁹⁴. Assim, enquanto sinônimo de “ambiguidade”, mais especificamente de “ambiguidade lexical”²⁹⁵, a homonímia é caracterizada como a “relação de significado de dois signos linguísticos que são idênticos fonética e graficamente na divergência da expressividade de seu conteúdo”²⁹⁶. Ademais, essa “identidade” pode residir na “pronúncia”, na “ortografia” ou “em ambos”²⁹⁷. Conforme é possível notar, a palavra “homonímia” não apresenta maiores problemas em relação à “dificuldades de tradução” ao considerá-la, igualmente para o termo “sinonímia”, como “modelada do grego para as línguas modernas”²⁹⁸. Como destacam Cassin e Rosier-Catach a dificuldade relacionada à noção de homonímia se apresenta no fato de que “a semelhança das palavras esconde um número de mudanças no significado que são mais complexos” e pelo fato de estarem ligadas a “uma paisagem ontológica” que se altera conforme as “diferentes doutrinas e tempos” e tem, de modo especial, “os avatares da crítica aristotélica do

290 CASSIN, 2015a, p. 93.

291 ISIDRO PEREIRA, 1951, p. 407.

292 SARAIVA, 1910, p. 556.

293 RODRIGUES; NUNO; 2004, p. 400.

294 “lautliche Übereinstimmung von Wörtern mit verschiedener Bedeutung”: „Homonymie“, bereitgestellt durch das Digitale Wörterbuch der deutschen Sprache, <<https://www.dwds.de/wb/Homonymie>>, abgerufen am 24.07.2018.

295 “Lexical ambiguity arises because of polysemy (words having more than one meaning) or homonymy (words having the same form, but different origins)” WALES, 2011, p. 16.

296 “(griech. (homōnymia) ›Gleichnamigkeit‹. Auch: Mehrdeutigkeit) Bedeutungsbeziehung zweier sprachl. Zeichen, die bei Nichtübereinstimmung ihres Inhalts ausdrucksseitig, und zwar phon. und graph. ident. sind” GLÜCK; RÖDEL; 2016, p. 273

297 “The relationship between two or more words which are identical in form but not in meaning. The identity may be in pronunciation (‘homophones’, e.g. *fair* and *fare*), in spelling (‘homographs’, e.g. *minute* ‘division of time’ and *minute* ‘tiny’) or both (‘homologues’, e.g. *band* ‘ribbon’ and *band* ‘group of musicians’).” HARTMANN; JAMES, 2002, p. 69.

298 “The words “homonymy” and “synonymy,” modeled on the Greek in most modern languages, do not in and of themselves present translation difficulties.” CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 450.

platonismo”, elas são “menos frequentemente tematizadas”²⁹⁹. O efeito dessa negligência com as complexidades que amparam a homonímia é a “dificuldade de compreender os textos antigos” que, por meio de “um certo número de más traduções” tornam tais textos “ininteligíveis hoje em dia”³⁰⁰. Um indício de como a “homonímia” enquanto “possibilidade” tem, ainda contemporaneamente, sua potência restringida como uma “proibição” desde Aristóteles³⁰¹, é a constatação de que, por exemplo, para o âmbito de um “meio estilístico lexical” as “palavras são pouco interessantes” e, no mais das vezes, como *possibilidade homonímica* tem seus usos reconhecidos como mero “jogos de palavras”³⁰². Essa “proibição” que, grosso modo, se estabelece pela exigência “das condições ou critério de identidade de significado” cuja fundação do “princípio de não-contradição” requer uma exclusiva “univocidade das palavras e sentenças”³⁰³ é, contudo, aquilo que será questionado no período medieval na “ordem de distinguir entre os diferentes tipos de variação semântica” via *redefinição* das “noções de *equivocatio* e *univocatio*”³⁰⁴: ou seja, “não significar uma coisa única” diz Aristóteles estabelecendo a *proibição* à posteridade, “equivale a nada significar”³⁰⁵. Assim, “somos confrontados com uma rede de termos – *equivocatio*, *univocatio*, *multiplicitas*, *ambiguitas* – que coexistem ao longo dos termos modelados do grego” cujo êxito em *solucionar* ou *reconsiderar* as complexidades da homonímia não é encontrado e, conduz portanto, à exigência sob a qual o “primeiro pré-requisito da lógica ou de até mesmo de certas

299 CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 450.

300 “This has led to recurrent difficulties in the understanding of ancient texts, manifested through a certain number of mistranslations, that make them unintelligible nowadays.” CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 450.

301 “a proibição da homonímia é tão estruturante para o discurso quanto a proibição do incesto para a família e a sociedade” CASSIN, 2015a, p. 17.

302 “Für die Stilistik weniger interessant sind die Wörter, die lautgleich, aber bedeutungsverschieden sind bzw. verschiedene Bedeutungen besitzen. Auch hier ist es müßig zu streiten, ob es sich dabei um ein Wort mit verschiedenen Bedeutungen handelt (*Polysemie*) oder ob es mehrere bedeutungsverschiedene, aber lautgleiche Wörter sind (*Homonymie*). Mitunter werden allerdings diese Wörter zu Wortspielen herangezogen.” SOWINSKI, 1999, p. 116.

303 “The entire Aristotelian logic (meaning of words, predicative syntax, syllogism) depends on “the most stable principle of all,” the onto-logical principle that establishes a link between the order of being and the order of discourse, which has come down to posterity as the principle of noncontradiction:” CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 451

304 “Questioning these criteria of identity of meaning led medieval philosophers to redefine the notions of *equivocatio* and *univocatio*, in order to distinguish between different types of semantic variation.” CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 451.

305 “Mas se assim não se faz e afirma-se que significa uma infinidade de coisas, é evidente que não haverá discurso; pois não significar uma coisa única equivale a nada significar, e se as palavras não significam, elimina-se a possibilidade de se dialogar uns com os outros, e, em verdade, consigo mesmo: pois nada podemos pensar quando não pensamos em algo de único, e se pudermos pensar, é porque teremos atribuído um termo único a este algo.” ARISTÓTELES, *Metafísica*, Γ.4, 1006b, CASSIN, 2005, p. 384-385.

éticas da linguagem” é a “busca por homonímia, intencional ou não”³⁰⁶. Conforme mostram as descrições gerais acima, “as contemporâneas definições de homonímia comumente aceitas são um tanto vagas”³⁰⁷. Ademais, é enquanto “o simétrico opositor da sinonímia” que a “homonímia é mais frequentemente definida”: como na citação de Ritter “a homonímia existe sempre que uma palavra tem vários significados” enquanto que, por oposição, “a sinonímia” existe “quando várias palavras tem um único significado”³⁰⁸. Esta é, de acordo com Cassin e Rosier-Catach, uma definição que é “herança de uma longa tradição que tem sido bem estabelecida entre os gramáticos latinos” e da qual “aparece sob o nome de Fronton”³⁰⁹. O que parece interessante neste ponto é o fato, aqui salientado pelas autoras, de se “o problema” surgido “dessas definições aparentemente congruentes” reside na decisão sobre se acontece um “relacionamento entre palavras e seus significados” como na definição de Ritter, ou, se se trata “do relacionamento entre palavras e coisas” como suscitado no Fronton³¹⁰. Para além da decidibilidade desta questão e toda a aparente “simetria”, a diferenciação delineada pelas autoras entre a concepção da homonímia nos antigos e nos modernos permite desacoplar a questão como uma problemática inicial e esclarecer os mal-entendidos acerca do termo homonímia. De acordo com as autoras, três pontos permitem “ajudar-nos a mensurar a evolução do significado da homonímia e traçar a diferença entre o conceito antigo e o moderno – que é a fonte primária das atuais incompreensões”: Em primeiro lugar, salientam o fato de que “na Antiguidade” como mostra o exemplo dos “dois Ajazes na *Ilíada* (*Ilíada*, 18.720)”, os “homônimos e sinônimos não são empregados primariamente em relação a palavras, mas principalmente, e em qualquer caso também, em relação às coisas”³¹¹. Em segundo lugar, ainda no que se refere à Antiguidade, “homônimos e sinônimos não são uma posição de simetria reversa (uma palavra-vários significados / um significado-várias

306 CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 451.

307 “The commonly accepted contemporary definitions of homonymy are rather vague.” CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 451.

308 “Homonymy is most often defined as the symmetrical opposite of synonymy: broadly speaking, homonymy exists whenever one word has several meanings (“eine Name mit mehreren Bedeutungen”), and synonymy whenever several words have a single meaning (“eine Bedeutung mit mehreren Namen,” quoted by Ritter in RT: *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, s.v.)” CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 451.

309 CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 451.

310 “We can, however, already see an indication of an initial problem between these apparently congruent definitions: Is it a matter of the relationship between words and their meanings (Ritter) or of the relationship between words and things (Fronton)?” CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 451.

311 CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 451.

palavras)”³¹². Por fim, em terceiro lugar, a “*univocatio* é introduzida na idade média, em contraste a *equivocatio*, para descrever uma multiplicidade dos significados de uma palavra que”, por sua vez, “não deriva de um novo, imposto significado, se é uma questão de uso metafórico ou de significados contextualmente determinados da “mesma” palavra”³¹³. Especificamente, o ponto chave da noção de homonímia com a qual Cassin se instrumentaliza no âmbito da discursividade sofística é a sua capacidade de produzir “confusão” e “embaralhar as definições” na medida em que “tira proveito do significante”³¹⁴ ao mesmo tempo em que ela, junto a “anfíbolia”, “deve assim parecer” tanto como “essência pensante de uma língua”, quanto “seu desnudamento, sua virtuosidade gímnica”³¹⁵. Logo, a “homonímia” e, mais especificamente, sua restituição enquanto *possibilidade* diante da “proibição” aristotélica, aparece aqui, exatamente como um dos traços essenciais daquilo que, segundo Paul van Tongeren, caracteriza a “marca literária” dos escritos de Nietzsche enquanto “realização de uma pluralidade de significados”³¹⁶. Sob o mesmo ponto de vista influi aquilo que Cassin denomina de “tempo no discurso” ou mesmo “retóricas do tempo” cujo desdobramento teórico recai tanto sobre o fato do “tempo ser o princípio efetuate ou eficaz do discurso”³¹⁷ quanto acerca da discussão de temas como “fato/ficção”, “romance” e “*ekphrasis*” e que é fundamental no meu argumento segundo o qual um dos principais *gestos* *sofistas* do texto de Nietzsche imbrica exatamente essa relação com a história operada especialmente pela segunda sofística cuja performance interpreto em *Ecce homo* como *doxografia sofística de si*, isto é, a sofística é compreendida como uma prática transversal³¹⁸.

312 CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 452.

313 CASSIN; ROSIER-CATACH, In: CASSIN [et al.], 2014, p. 460.

314 Aqui, Cassin explora essas “definições” da homonímia por oposição ao que a “metáfora” não é/faz: “Pois a metáfora não é precisamente a homonímia: ela não produz confusão, mas ainda conhecimento.” e ainda “a metáfora não tira proveito do significante, como faz a homonímia, para embaralhar as definições; ao contrário, ela tem uma estrutura regrada que depende estritamente da própria classificação epistemológica ou científica, e implica o conhecimento prévio, compartilhado pelo locutor e pelos ouvintes, das taxonomias definicionais.” CASSIN, 2005, pp. 246-247.

315 CASSIN, 2005, p. 34.

316 “In Nietzsche’s writings these text-constitutive procedures are much more important than they usually are in philosophical texts. It would be a mistake to attribute this to the literary nature of his texts. Although it does constitute, at least partly, this literary mark, it is motivated by what I mentioned before as being the two main goals of his linguistic struggle: the realization of a plurality of meaning and the selection and transformation of his audience (see pp. 65–66 and 73–74).” TONGEREN, 2000, p. 84.

317 CASSIN, 2005, pp. 200-201.

318 “Sophistics here serves to designate a transversal practice which bears witness to a non-Aristotelian usage of language in antiquity; a usage that denied the opposition between words and things, the distinction between being and non-being.” GONÇALVES, 2015, p. xiv.

4.2. O OBJETO “TEXTO”: O TEXTO DE NIETZSCHE E SUAS POSSIBILIDADES

“Nietzsche é o nome próprio de um episódio do conflito entre história, filosofia, retórica e literatura”.

Pareceu-me justo, a partir de uma “transformação simples”, apresentar a epígrafe acima como um “hipertexto” do “hipotexto” de Cassin sobre Luciano³¹⁹: aquilo que na epígrafe é dito referir-se a Nietzsche, é todavia, o que a autora atribui à situação de Luciano ante a tradição³²⁰. Essa minha alusão *hipertextual* parece auxiliar a compreensão daquilo que exatamente está em jogo na complexidade de identificar o “objeto texto” em Nietzsche: uma artimanha *palimpsestosa*³²¹ em que a noção de “texto” só pode ser pensada em suas complexas relações com outros textos, inclusive sua própria constituição. Assim, essa similar condição de configurar o “nome” em torno do “conflito entre história, filosofia, retórica e literatura” é assimilada ao observarmos o quadro da filologia no pensamento de Nietzsche e seus desdobramentos para tal compreensão do texto. Nesse sentido, o argumento que eu tento desdobrar nessa seção geral é o de que “texto” em Nietzsche, a meu ver, pode ser compreendido como “um dinâmico signo complexo” que é pensado em seu contraste com a *limitariedade* imposta pela “obra” na dinâmica das *versões* e dos *esboços*, sendo reconhecido como esse *complexo de interações* sob o qual uma “valência semântica” (“de construção ou destruição do sentido”) é primeiramente eclodida como *dinamização complexa dos signos* no vórtice do “ato da leitura”, da *materialidade dos escritos*³²² e seu *meio estrutural* costurado pela *textura*³²³. Nesse sentido, reconhecendo uma série de questões já estruturadas pela *Pesquisa-Nietzsche* como, por exemplo, “as características dos escritos filosóficos de

319 Os termos são retirados da descrição de Gérard Genette da “hipertextualidade” que pode ser resumida como “toda relação que une um texto B (que chamarei hipertexto) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei hipotexto) do qual ele brota, de uma forma que não é a do comentário.” GENETTE, 2006, p. 12.

320 CASSIN, 2005, p. 236.

321 Como já mencionado, trata-se do termo empregado por Philippe Lejeune salientado por Gerard Genette em seu texto “Palimpsestos” GENETTE, 2006, p. 46.

322 Sigo aqui a demarcação de Pichler sob a qual “com o conceito de ‘escritos’ deve ser indicado, uma vez mais, o foco do presente estudo sobre a textualidade do texto filosófico” PICHLER, 2014, p. 45. Veja-se seção “4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche” adiante.

323 “(...) Text als einem komplexen dynamischen Zeichen, dessen Dynamizität sich nicht bloß auf die Textgenese beschränkt, sondern sich auch in abgeschlossenen und veröffentlichten Textdokumenten, sprich Werken, in der komplexen Interaktion zwischen den einzelnen Teilmomenten desselben realisiert und auf diesem Wege ausgehend von den Primärbedeutungen der verwendeten (Sprach-)Zeichen zur Sinnkonstitution oder -destruktion beiträgt.” PICHLER, 2014, p. 40.

Nietzsche³²⁴ bem como, o aspecto próprio de sua constituição na produção de um *texto filosófico característico*, o meu interesse específico aqui consiste em tentar demonstrar que isso que *interpreto* como “texto” em Nietzsche, à luz no debate com Axel Pichler e a tese logológica de Cassin, surge como um complexo processo de instrumentalização filológica³²⁵, do qual denomino provisoriamente de “autosupressão” da filologia³²⁶, e que se trata de uma *instrumentalização* de Nietzsche d“aquilo que dispomos da linguagem radicalizando-o; recriando-o; desorientando-nos;”³²⁷ e cujo objetivo fundamental, explicitamente identificado na forma da “auto-reflexão”³²⁸ e *inteira crítica da linguagem*, é o de uma *performance efetivamente sofisticada* sob a qual tanto a “auto-reflexão” é apenas um dos elementos em que *no discurso se concede uma maior atenção ao próprio discurso*, quanto esse aspecto “*para-literarizante*” da linguagem³²⁹ é constitutivo da “discursividade sofisticada” e da “logologia”³³⁰. Assim, o fato de também ocorrer uma espécie de “filosófico silêncio do ‘texto’”³³¹ nas obras de Nietzsche, é justamente reconhecendo com Benne a flexibilidade e adesão do filósofo à compreensão de texto de seu mestre Ritschl³³² que me propus a investigar nessa primeira parte

324 Discutirei isso na seção adiante.

325 Na linha do *atual estado da pesquisa sobre a relação de Nietzsche com a filologia* de que “há boas razões para afirmar que [a] especificidade do pensamento e da escrita de Nietzsche perdura estreitamente junta a sua específica proveniência filológica”: “Im Gegenteil gibt es gute Gründe für die Annahme, die Spezifik von Nietzsches Denken und Schreiben hänge eng mit seiner spezifischen philologischen Herkunft zusammen. BENNE; SANTINI, 2013, p. 175.

326 O que precisamente Benne salienta como uma espécie de “simbiose” entre “hermenêutica” e “semiótica” que a instrumentalização e “extemporaneidade” de Nietzsche com a filologia no final do século XIX poderia ter produzido: “Nietzsches singuläre Stellung am Ende des neunzehnten Jahrhunderts wäre nach dem bisher Ausgeführten damit zu erklären, dass er, in der Tat ein Unzeitgemäßer, an Positionen einer durch historisch-kritische Methode und Frühromantik modifizierten semiotisch fundierten Aufklärungshermeneutik festhält, wie sie ihm durch die philologische Schulung seiner Jugend- und Studienjahre vermittelt und durch Lektüre und eigenes konsequentes Zu-Ende-Denken bekräftigt worden war. Semiotik und Hermeneutik stehen sich nicht feindlich gegenüber, sondern bilden eine Symbiose aus geschichtlichem bzw. genetischem und überzeitlichindividuellem Bewusstsein.” BENNE, 2003, p. 274. *Instrumentalização e extemporaneidade* que poderia ser sintetizada numa imagem pela constatação de que “Nietzsche foi o primeiro professor de filologia alemã a utilizar a máquina de escrever”: WINTHROP-YOUNG; WUTZ, 1999, p. xxxi.

327 SUAREZ, 2011, p. 135.

328 Cf. adiante a discussão que faço via Pichler do tema da “Metaisierung”.

329 PICHLER usa a expressão “para-literaricidade” (“Para-Literarizität”) em seu *ensaio “Para-literaricidade. Ensaio de uma alternativa visão heurística sobre o limite do gênero da filosofia e literatura*” (“Para-Literarizität. Versuch eines alternativen heuristischen Blicks auf die Gattungsgrenze von Philosophie und Literatur”) sob o qual busca discutir a impossibilidade da distinção entre os gêneros “filosofia” e “literatura” no âmbito de demonstrar os elementos literários de “todo texto”, inclusive o “texto filosófico”. Cf. adiante seção “4.3. DISCURSIVIDADE, POESEOLOGIA E DOXOGRAFIA”.

330 CASSIN, 2005, p. 63.

331 Expressão usada por Pichler para salientar a lacuna na discussão específica do “texto” no “*linguistic turn*” ao comentar a concepção de Rorty: PICHLER, 2014, p. 16.

332 De acordo com Benne, diferente do método tradicional de Lachmann cuja importância central é o “estabelecimento do texto”, Ritschl estaria satisfeito em demonstrar o parentesco dos textos uma vez que estava pouco

desta seção tal instrumentalização da filologia na formação daquilo que chamo de *texto como fixação*³³³. Desse modo, o propósito da sub-seção “4.2.1. O papel da filologia na formação do texto como *fixação*” é demonstrar de que maneira a amplitude da reflexão de Nietzsche sobre a filologia clássica no interior do contexto da luta entre a tradição “humanista” e a “ciência filológica” do século XIX³³⁴ e a respectiva ambientação na chamada “época da especulação”³³⁵ permite ao filósofo alemão uma *criativa instrumentalização*³³⁶ de elementos que, posteriormente, ampliam a possibilidade de compreensão da noção de “texto”³³⁷: como mencionado, chamo a isso, provisoriamente, de uma “autossupressão” da filologia³³⁸ na medida em que Nietzsche transfigura um “pontapé dado” em um “pontapé recebido”³³⁹.

preocupado com o “original” (Urtext): “Texte, das lernte Nietzsche von seinem Lehrer, stehen immer in einem komplizierten Beziehungsgewebe aus Einflüssen und Versatzstücken, die ihrerseits wiederum einen zu entschlüsselnden Text ausmachen (lat. *textus*, *Gewebe*, *Geflecht*).” BENNE, 2005, pp. 86-97.

333 Cf. adiante seção “4.2.2. Texto como *fixação*”, especificamente, as notas 712 e 717.

334 BOMMEL, 2015, p. 67.

335 “Die wissenschaftlichen Methoden entstanden demzufolge auf dem Boden der alexandrinischen Gelehrtenkultur, besonders ihrer Philologie und „Kunst, gut zu lesen“ – und im Anschluss an die Epoche der Spekulation.” BENNE, 2005, p. 27.

336 Conforme mencionado anteriormente, trata-se do amálgama entre o “rigor metódico” e a “perspicácia-brincadeira” filológica de “feliz ‘combinação’ de movimentos e materiais” de Nietzsche: Cf.: [#eKGWB/BVN-1868.604](#) “*strenge Methodik*” e “Witz”; bem como, PORTER, 2000, p. 121, e nota 98 e 105, pp. 330-331.

337 No sentido já mencionado de que esse pano de fundo da “praxis filológica”, especialmente o trabalho com as fontes, é que ambienta a possibilidade de pensar a noção de “texto”: “Die Zentralität des Textbegriffs für Nietzsches Werk hat weitreichende Konsequenzen, vor allem wenn man ihn vor dem Hintergrund seiner Prägung durch die philologische Praxis der Quellenforschung betrachtet.” BENNE; SANTINI, 2013, p. 193.

338 A hipótese aqui é a de que há uma espécie de “Selbstaufhebung” da filologia acentuada a partir de uma *só-fisticização* do discurso em Nietzsche que caracteriza a *discursividade sofisticada*: “A sofística torna manifesto que uma catástrofe, uma revolução, não tem lugar a partir do fora, que uma instituição não cai como uma cidade sitiada, mas apenas desde dentro, por esgotamento da lógica do sistema” CASSIN, 2015a, p. 109. Cf. “A tentativa de avaliar as figuras da autossupressão na filosofia de Nietzsche” em que Zittel assume a tese de que: 1 “a figura da autossupressão [é] um Leitmotiv, mais ainda: representa uma característica do pensamento de Nietzsche”: “die Selbstaufhebungsfigur ein Leitmotiv, mehr noch: *einen Grundzug des nietzscheanischen Denkens darstellt*”; 2. “ela é a consequente estratégia crítica de Nietzsche”: “*sie die konsequenteste Kritikstrategie* Nietzsche ist;”; 3. “ela pode ser estimada, assim, tanto [como] uma chave teórica para o avaliação do status das diferentes declarações individuais de Nietzsche”; “tanto quanto um decisivo ponto de partida na ordem de prover, além das alternativas simplificações, uma clara luz sobre os supostos paradoxos...” ZITTEL, 1998, p. 10-1. Vale lembrar a ênfase de Michael Skowron à forma mais ampla da “Selbstaufhebung” (traduzida ali por “autossuperação”) como “um acontecimento existencial e corporal que toma o homem como um todo” SKOWRON, “Auto-superação” In: NIEMEYER, 2014, p. 65. Se minhas pistas estiverem certas essa suposta “autossupressão” da filologia como *exagero e exaustão* de seus próprios mecanismos e ferramentas é o que permite uma espécie de “insolência até o extremo” na linguagem de Nietzsche e que configura exatamente o “estilo logológico”: CASSIN, 2005, pp. 249-250.

339 A partir da ressalva de Porter em relação a “ocasião” da conferência inaugural de Nietzsche na Basileia e o “programa” de “Homero e a filologia clássica” que o intérprete conjuga na forma de um jogo de palavrinhos no alemão tentei verter aqui (precarosamente e apenas a ordem do significado) para o português aquilo que em alemão é possível alterando duas letras “us” no lugar de “n” em que o radical permanece “tritt”. Destacando ainda o fato de que um dos significados de “der Tritt” que origina o radical é, precisamente, “pontapé” (o *pontapé dado* que inicia uma partida ou jogo e o *pontapé recebido* que ilustra a saída forçada num relacionamento amoroso) DWDS, 2018, <<https://www.dwds.de/wb/Tritt>>: “on this ceremonial occasion Nietzsche seems to have been an-

Embora eu reconheça as complexidades e dificuldades envolvidas nos *pressupostos* que implicam filologia e historiografia ao longo das obras de Nietzsche e que “o trabalho com a *Philologica* tem apenas começado”³⁴⁰, o que me interessa dessa abordagem é o ponto em que as insuficiências da filologia e sua instrumentalização permitem vislumbrar novas perspectivas para a crítica da historiografia³⁴¹ e, com isso, fornece a possibilidade da interpretação daquilo que denomino “doxografia” e mesmo, “doxografia sofisticada de si” em Nietzsche coroada, a meu ver, na obra *Ecce homo*³⁴². Contudo, na sequência da argumentação, uma vez demonstrado como essa “autossupressão” da *praxis* filológica produz essa expansão e possibilidade criativa com o *texto*, eu apresento na sub-seção “4.2.2. Texto como *fixação*” um breve esboço de *uma genealogia das noções de texto* e assim discuto, junto ao debate com Pichler e sua adesão à contemporânea teoria da edição alemã, de que maneira a noção de texto que *priorizo* e *modelo* a partir de pequenos ajustes é então compreendida em seu pormenor. Assim, de acordo com as diversas possibilidades *implícitas* com as quais o filósofo alemão compreende a noção de texto, seja no “sentido conservativo de ‘documento escrito’ e o sentido de liberdade de direção de ‘qualquer possível locus de significado’” cujo “conglomerado de fatores que os produzem” sejam considerados³⁴³, seja como “uma complicada tecitura de influências e versatilidade de peças”³⁴⁴, seja propriamente nessa “maior liberdade de direção da definição de texto”³⁴⁵ apenas para mencionar algumas, todas essas possibilidades somadas à contemporânea impossibilidade de definição última da noção de

nouncing a program that would lead not to an *Antritt* but to an *Austritt*.” PORTER, 2000, p. 35.

340 Especialmente pela publicação da seção I e II da KGW e a nova recepção dos intérpretes que “integra” filologia e filosofia: “Die Beschäftigung mit den *Philologica* hat freilich gerade erst begonnen.” BENNE; SANTINI, 2013, p. 174.

341 Que é o ponto preciso em que se ancora minha interpretação de *Ecce homo* em concorrência à noção de “autobiografia” que a tradição lhe imputa. Para uma complexificação do debate veja-se Anthony Jensen que, opondo-se à abordagem que vê uma continuidade entre o “primeiro método filológico” de Nietzsche e “suas posteriores técnicas historiográficas”, especificamente “sua genealogia” (James Porter e Christian Benne), argumenta que há uma “importante mudança nas pressuposições meta-históricas” de Nietzsche “entre os primeiros trabalhos e os posteriores” JENSEN, 2013a, p. 196.

342 Eis a hipótese fundamental do presente trabalho. Discutirei esse ponto e sua efetividade no texto de Nietzsche na seção “5.2.1. Gesto doxográfico: *doxografia sofisticada de si*”.

343 ““Texts” in both the conservative sense of “written document” and the free-wheeling sense of “any possible locus of meaning” cannot be considered finished products theoretically separable from the conglomeration of physiognomic factors that produced them.” JENSEN, 2013a, p. 204.

344 “Texte, das lernte Nietzsche von seinem Lehrer, stehen immer in einem komplizierten Beziehungsgewebe aus Einflüssen und Versatzstücken, die ihrerseits wiederum einen zu entschlüsselnden Text ausmachen (lat. Textus, Gewebe, Geflecht).” BENNE, 2005, pp. 96-97.

345 “After his academic publications, Nietzsche envisions both a more free-wheeling definition of “text...” JENSEN, 2013a, p. 203.

texto fornecem a ocasião de minha provisória conjectura³⁴⁶: se essas diversas nuances são vislumbradas à luz da perspectiva de que “não há critério ‘objetivo’ irrefutável e obrigatório em relação ao que é um texto”³⁴⁷ e a determinação daquilo que talvez seja um texto ou sua qualidade passa pela indicação dos critérios a serem utilizados, então, o modo como assimilo o complexo do texto em Nietzsche é, por sua vez, a partir do critério pragmático do “*faktum plural*”³⁴⁸ que identifica os “elementos estéticos-literários”³⁴⁹ e o *significante* no interior da névoa fronteira dos gêneros textuais, em que o texto passa então a ser compreendido não como um “objeto linguístico fixado cujas versões [anteriores] não pertencem a ele” mas sim como “um dinâmico conceito de texto, que compreende ao [termo] “texto” um “complexo de todas as versões e variações de texto”³⁵⁰. Em complementariedade a esse ponto, explicito na sub-seção posterior “4.2.3.”, conforme o título sugere, “As características dos modos de escrita de Nietzsche” que serve para dimensionar, em certa medida, a amplitude da *textualidade dos escritos* que compõe o complexo do texto em sua “textura” e materialidade efetiva. Toda essa movimentação que, a meu ver, passa pela já mencionada *luta* entre a tradição “humanista” e a “ciência filológica” do século XIX³⁵¹, sua respectiva ambientação na chamada “época da especulação”³⁵², bem como pela incorporação do “retorno da poética”³⁵³ ancorado ainda pela presença constante do tema da “incompreensibilidade”³⁵⁴, revela de certo

346 Discutirei essa questão adiante: “Definition ist bislang nicht gelungen” GLÜCK; RÖDEL, 2016, p. 707 e “Despite being one of the more frequently used terms in contemporary aesthetics, cultural studies, literary theory, and critical theory, *text* is one of the more difficult to define.” DI LEO, 1998, p. 370.

347 HORSTMANN Apud: PICHLER, 2014, p. 17.

348 Conforme salienta Pichler utilizando-se da *teoria da literatura* de Gérard Genette: “„Die Literarität ist ein plurales Faktum, und darum verlangt sie eine pluralistische Theorie, die die verschiedenen Arten der Sprache berücksichtigt, der praktischen Funktion zu entkommen, sie zu überleben und Texte hervorzubringen, die als ästhetische Objekte rezipiert und bewertet werden können.“ (Genette 1992, 31). Diese pluralen Formen – zusammengefasst in den sehr weiten Kategorien der Diktion und Fiktion – kann man potenziell auch in philosophischen Texten finden.” PICHLER, 2012a, p. 167

349 “Para-literarisch sind dann die literarisch-ästhetischen Elemente in allen Texten, die nach den gegenwärtig gültigen, pragmatischen Kriterien auf den ersten Blick nicht unter die Gattung „Literatur“ fallen.” PICHLER, 2012a, p. 167.

350 Esse argumento será discutido adiante em seu pormenor: BORN; PICHLER, 2013, nota 10, p. 18.

351 BOMMEL, 2015, p. 67.

352 “Die wissenschaftlichen Methoden entstanden demzufolge auf dem Boden der alexandrinischen Gelehrtenkultur, besonders ihrer Philologie und „Kunst, gut zu lesen“ – und im Anschluss an die Epoche der Spekulation.” BENNE, 2005, p. 27.

353 Sandra Richter problematiza alguns conceitos fundamentais da filosofia para reorientação do campo da “poética” como “objeto de estudo” no período entre 1770 até 1960: RICHTER, 2010, pp. 7-18.

354 Robert Leventhal problematiza e reconstrói a história da hermenêutica ao dizer que a “a hermenêutica moderna” é encontrada “dois séculos antes” LEVENTHAL, 1994, p. 02.

modo aquilo que Roland Barthes caracteriza como “encontro das epistemes”³⁵⁵: o texto de Nietzsche como “produto de uma operação criadora”³⁵⁶ *mimetiza* a força catastrófica da discursividade sofística e mostra sua “existência sombria” como “textualidade do pensamento filosófico”, ou melhor “sofístico”, já banida desde Platão³⁵⁷. Aqui, o texto de Nietzsche é compreendido como a complexidade material da trama em que se efetiva uma espécie de *exaustiva* “prova de força” “autoreferencial” e portanto, *performativa*³⁵⁸ de uma *sofisticidade* até então confiscada.

4.2.1. O papel da filologia na formação do texto como *fixação*

“Nietzsche o repete após Novalis: “Aquele que considera a linguagem interessante em si mesma é diferente daquele que nela reconhece apenas um meio de pensamentos interessantes”. Mas considerar a linguagem “interessante em si mesma”, todos os poetas e todos os filósofos (...) também o fazem. A questão é a de saber como a linguagem é interessante, ou qual “em si mesma”, de que autonomia, se trata.”³⁵⁹

Teologia e metafísica não imaginam em quais profundezas do texto elas se movem³⁶⁰.

Todas as grandes coisas perecem por obra de si mesmas, por um ato de auto-supressão³⁶¹

355 “é preciso que haja encontro de epistemes diferentes, até comumente ignorantes umas das outras (...) e que esse encontro produza um objeto novo (...); na circunstância é esse objeto novo que se chama *texto*” BARTHES, 2004, pp. 267-268.

356 CASSIN, 2015a, p. 36.

357 PICHLER, 2014, p. 02.

358 Embora Endres e Pichler enfatizem a “autoreferencialidade dos escritos de Nietzsche” como tendo sua “constituição material ligada à autodeixis” (ENDRES; PICHLER, 2013, p. 97), conforme tentarei demonstrar adiante, a meu ver, isso que os autores chamam de “esta específica interação entre o pensamento filosófico e a escrita” (“This specific interaction between philosophical thinking and writing”) que implica uma certa “resistência a paráfrase” (em referência a MAGNUS) e aquilo que eles compartilham na forma da “visão que os tópicos filosóficos em Nietzsche são sempre (co)constituídos pela (o uso da) linguagem mesma” (“view that the philosophical topics in Nietzsche are always (co)constituted by (the use of) language itself” ENDRES; PICHLER, 2013, nota 26, pp. 107-108) me parece, precisamente, a força deíctica do potencial performativo da “*epideixis*” sofística que tanto “trata-se do verbo que em Platão caracteriza a discursividade sofística” (PROTÁGORAS, 320 b-328 d In: CASSIN, 2005, nota 1, p. 331), quanto “pode ser” compreendida como uma “demonstração de força” (“an *epideixis* may thus be a demonstration of force” CASSIN, 2014a, p. 215) que a sutil ideia da “*Beweis der Kraft*” bíblica que Nietzsche utiliza da tradução de Lutero permite pensar o *efeito sofístico* da *performance* do melhor em seu texto: “na história sofística da filosofia, ficaria explícito que o melhor, a performance, é a medida do verdadeiro.” CASSIN, 2005, p. 09. Discutirei esse ponto adiante.

359 CASSIN, 2005, p. 263.

360 “Theologen und Metaphysiker ahnen nicht, in welchen Untiefen des Textes sie sich bewegen.” BENNE, 2005, p. 98.

361 GM II, §27: “Alle grossen Dinge gehen durch sich selbst zu Grunde, durch einen Akt der Selbstaufhebung” NIETZSCHE, 1998, p. 148.

No interior da “ciência da literatura” o “conceito de texto tinha, previamente, um significado filológico”³⁶². Levando em conta a relevância da filologia na formação do pensamento de Nietzsche, seja aceitando com Christian Benne “a importante função” que a filologia tem na “vida de Nietzsche” sendo a que “atua fortemente no desenvolvimento de suas concepções”³⁶³, seja com James Porter em que a “filologia” é “vista” como um “sintoma da modernidade” cuja instrumentalização permite ao filósofo alemão “diagnosticar os pressupostos culturais do presente histórico”³⁶⁴, seja com Anthony Jensen assumindo o lado tradicionalmente *positivista* da filologia que Nietzsche *inicialmente compartilha*³⁶⁵, seja ainda com Fietz segundo o qual a compreensão de “filologia e interpretação” permitiria ao intérprete seu enfoque no “significado da faticidade dos textos” para interpretar “música, linguagem e escrita de Nietzsche” como “diferentes tipos de organização dos signos”³⁶⁶, o solo sob o qual a noção de “texto” é compreendida e instrumentalizada pelo filósofo alemão parece, a meu ver, permitir uma abordagem interpretativa em que esse rastro da filologia pode ser esboçado a partir de algumas nuances elucidativas. Não significa aqui, explorar estritamente a possível noção de *texto* em Nietzsche que, como acontece em boa parte de seus contemporâneos filólogos, recebe um certo “silêncio” ao ser tratada, secundariamente, enquanto um “conceito fundamental implícito” no interior de outros temas³⁶⁷. De modo geral, o argumento é o de que a “declaração de intenção” *nunca realizada* de Nietzsche de uma “filologia do futuro” possa ser compreendida como uma “incorporação da filologia dentro de

362 “In der Literaturwissenschaft hatte der Textbegriff zuvor eine philologische Bedeutung.” KURZ, 2000, p. 210.

363 Mencionando uma das recepções da filologia em Nietzsche na tradição (Howald (1920) und Svoboda): “Die Philologie spielte in Nietzsches Leben eine wichtige Rolle und habe stark auf die Entwicklung seiner Anschauung gewirkt.” BENNE, 2005, p. 02.

364 PORTER, 2000, p.06.

365 Aquela abordagem inicial de um trato com a *objetividade* na disputa dos métodos da filologia do jovem Nietzsche que concebe que “há um texto, uma atual, estável e existente fonte sobre a qual as falsas interpretações foram gradualmente construídas”: “One necessary meta-historical presupposition of Sprachphilologie, which Nietzsche at least at this time shares, is that there was a text, an actual, stable, extant source upon which the false interpretations were gradually built.” JENSEN, 2013a, p. 200.

366 De acordo com Pichler, a partir do uso da “música” como modelo de um “tipo de organização dos signos” cuja descrição enquanto “estrutura de elementos sintática relacional sem uma codificada dimensão semântica” permitiria a elaboração de uma “teoria musical” como quer Fietz, e que resulta, a partir do exame dessa “faticidade dos textos”, numa ênfase sobre a noção de “significante”: “Mit diesem aus Nietzsches eigenem Philologie- und Interpretationsbegriff abgeleiteten Fokus auf die Bedeutung der Faktizität des Textes weist Fietz semiotisch-medienphilosophische Studie auf jene Problemkonstellation, die Anfang der neunziger Jahre des vorigen Jahrhunderts ins Zentrum der Aufmerksamkeit der eigentlichen Nietzsche-Philologie gerückt ist.” PICHLER, 2014, p. 60.

367 Cf. nota adiante 597: KNOBLOCH, 2010, p. 37.

seu posterior modo de pensar”³⁶⁸. O que, de modo específico, significa tentar demonstrar como aquilo que chamo de “objeto texto” passa pela discussão da filologia em Nietzsche e como ela é a principal ferramenta de produção desse “objeto” que culmina, por exemplo, numa das facetas do funcionamento da obra *Ecce homo* como *doxografia sofisticada de si*. Assim, o que interessa aqui é destacar exatamente o ponto em que a constatação e instrumentalidade das insuficiências de um (filologia), tornam o outro (noção de texto), um campo aberto de possibilidades por meio de um “efeito recriado”³⁶⁹: no âmago do transcurso de uma “autossupressão” da filologia o reconhecimento de suas insuficiências e a exploração de seus paradoxos feitos por Nietzsche aprofundam seu “esgotamento” interno a partir de uma “técnica de ponta” sofista como *manifestação catastrófica* do discurso³⁷⁰. É neste sentido que a noção de “texto” – vislumbrada por sua *dinamicidade complexa* que ampara a respectiva dimensão da “escrita”³⁷¹ e o singular experimento específico da “máquina de escrever”³⁷² que demarcam a “constituição material” da escrita e sua “autoreflexividade” ligada à noção de “autodeixis”³⁷³ – pode ser compreendida no âmbito dessa complexidade que envolve o

368 Aqui, sigo as reflexões de Benne sobre a questão embora reconheça que o intérprete não note (ao considerar “*Ecce homo*” como uma obra “direta e não ambígua”), tal como *aqui* destaco, que essa conjectura possa ser lançada especialmente para sua verificação nos elementos textuais da obra *Ecce homo* no desdobramento de uma prática [filológica] de uma “doxografia de si”: “Man kann darin die Absichtserklärung einer Zukunfts-philologie erkennen, die Nietzsche dann selbst doch nie verwirklicht hat. Es könnte aber auch sein, dass Nietzsche die Philologie unbewusst oder absichtlich in seinen künftigen Denkweg eingebaut hat.” BENNE, 2005, p. 22.

369 Próximo a ideia de “autossupressão” que assumo aqui, Benne utiliza o sintagma “„umschaffende Wirkung”” para explorar a tese de que esse “efeito recriado” já [é] emanado no método filológico do jovem Nietzsche: “Möglicherweise ist es allzu kühn, die „umschaffende Wirkung“, die bereits für den jungen Nietzsche von der philologischen Methode ausgeht, zur Umwertung aller Werte im Antichrist in Beziehung zu setzen. Wie gezeigt werden wird, gibt es für die Stichhaltigkeit dieser These aber gute Anhaltspunkte.” BENNE, 2005, p. 29. O verbo alemão “schaffen” significa “criar” e sua forma adjetivada “schaffend”, “criado”. Conforme destaca o tradutor Paulo Cesar de Souza, “o prefixo *um* indica movimento circular, retorno, queda ou mudança” daí minha opção por “re-criado” In: NIETZSCHE, 2005a, nota 5, p. 119.

370 Conforme mencionado acima, a hipótese aqui é a de que há uma espécie de “Selbstaufhebung” da filologia acentuada a partir de uma *sofisticização* do discurso em Nietzsche que caracteriza seu “texto” e a *discursividade sofisticada*: Cf: CASSIN, 2015a, p. 109 e, especificamente, ZITTEL, 1998, p. 10-1.

371 Especificamente, a constante reflexão de Nietzsche a partir de três elementos fundamentais como salienta Martin Stingelin: 1) “o elemento linguístico e, respectivamente, semântico do escrever”; 2) “a tecnologia exigida para sua expressão, bem como a instrumentalidade”; e, 3) “a corporeidade exigida por essa, assim também os gestos a ser adquiridos pelo treinamento da escrita.” STINGELIN, “Escrever” In: NIEMEYER, 2014, p. 177.

372 Nietzsche foi uma dos primeiros filósofos a experimentar a máquina de escrever e, segundo mencionado em uma recente reportagem do jornal alemão *Spiegel*, “ela” o “levou ao desespero” (“Sie brachte Nietzsche zur Verzweiflung,”: <<https://goo.gl/vmckKir>>). A esse respeito Cf. especialmente o trabalho de Thomas RAHN: “RAHN, T. *Delle nuove tavole. Sull'arte tipografica come mezzo interpretativo in Nietzsche*” In: LOSSI; ZITTEL, 2015, pp-89-113 e, M.A. DISSER, 2006, pp. 47-51.

373 Ver nota anterior 355; Conforme discutiremos adiante sobre o aspecto da “auto-referência” e “performance”: “the self-referentiality in Nietzsche’s writing does not primarily affect the question of the nature of language or the problematization of expression but rather the question of the omnipresent self-reference of writing to its material constitution and the meaning that is directly linked to that autodeixis.” ENDRES; PICHLER, 2013, p. 97.

trabalho filológico e a reflexão radical de seu estatuto por meio de *experimentos* e insuficiências de elementos estritos a partir de *dentro*: materialidade do texto, corporeidade da escrita, efeitos tipográficos e embaralhamento dos gêneros textuais como apenas alguns dos índices daquilo que representaria ao filósofo alemão tornar *visível* certa “insuficiência de nosso conhecimento” aos “condicionantes gramaticais” da linguagem³⁷⁴ e “heterogêneas possibilidades de expressão humana na linguagem”³⁷⁵, bem como, refletiria a produção de uma específica “*praxis* de irritação” cujo objetivo consiste em “aumentar a atenção do leitor para o próprio texto”³⁷⁶, para o *curso do discurso* mesmo, no quadro de uma modernidade em que os *escritos* são “monoliticamente” *orientados* na publicação de textos filosóficos³⁷⁷. Nesse sentido, o que se segue é uma breve caracterização de alguns pressupostos teóricos da filologia junto a descrição do treinamento de Nietzsche que permitem lançar luz sobre *minha* compreensão de “texto” e sua efetiva performance no pensamento de Nietzsche e suas “obras” como “uma rede deliberadamente recursiva de comentários sobre comentários, prefácios, escritos e explicações”³⁷⁸.

Com efeito, isto significa que o trabalho de exposição das linhas gerais de uma *pré-história da atividade filológica* é não apenas um esforço hercúleo mas uma tarefa que, devido às limitações da presente investigação, deve ser reservada a outra ocasião. De qualquer forma, eminentemente de modo “incompleto e alusivo”³⁷⁹ é importante reconhecer que dos achados das tabuinhas cuneiformes sumérias a 3200 a.C na cidade de Uruk³⁸⁰ aos desdobramentos

374 Que Nietzsche “desde sua juventude já havia submetido (...) à crítica” STINGELIN, “Escrever” In: NIEMEYER, 2014, p. 177.

375 “Aqueles reflexões das condicionantes e heterogêneas possibilidades de expressão humana na linguagem inspiraram o espírito experimental e móvel de Nietzsche durante sua vida.” STINGELIN, “Escrever” In: NIEMEYER, 2014, p. 178.

376 Cf. seção subsequente “4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche” em que, por exemplo, elementos como a “irritação grafemática” nos escritos de Nietzsche são identificados como responsáveis por performar esse efeito de atenção do/a leitor/a: PICHLER, 2014, p. 108.

377 “Yet openness of an oral culture is foreign to us. It is because we are so very monolithically text (letter, law) oriented” BABICH, 2013, p. 171. Como acima mencionado, algo já vislumbrado por Nietzsche desde a época de professor de filologia da Basileia: “nos es preciso aprender nuevamente a leer, pues hemos desaprendido a hacerlo a causa de la hegemonía de la letra impresa”, “la comprensión de lo escrito es difícil precisamente porque el estado de ánimo, el afecto, no consiente que se lo reproduzca por medio de signos” e “O espírito dos alemães é sufocado pela sua cerveja e pelos seus jornais” respectivamente: NIETZSCHE, 2013, pp. 301-2, p. 766 e, HDH II: NIETZSCHE, (edição digital), p. 101.

378 “Nietzsche’s works form a deliberately recursive chain of commentaries on commentaries, prefaces, postscripts, and explanations.” BENNE, 2016, pp. 275-6.

379 CASSIN, 2005, p. 211.

380 Conforme destaca Michael HOLQUIST em nota: “Pesquisadores debatem se os hieróglifos egípcios podem estar um pouco antes ou contemporâneos com as tábuas sumérias, mas, é claro que escrita entra na história humana aproximadamente no fim do quarto milênio. Uruk, apropriadamente, é a cidade que foi governada por

posteriores acerca do “relacionamento entre a educação clássica e as sociedades modernas” no “*Gymnasium* humanístico” alemão³⁸¹, por exemplo, a atividade filológica se consolidou como uma disciplina importante no Ocidente em direção a determinação de seu estatuto propriamente científico³⁸², especialmente, *à luz do século XIX* enquanto “método histórico-crítico”³⁸³: seja pelo complexo de atribuições determinantes relacionadas à esfera dos “gramatikoi”³⁸⁴ que contempla o universo “alexandrino” dos fins do século três de nossa era³⁸⁵, seja pela “abordagem mais ortodoxa para a interpretação textual”³⁸⁶ de Friedrich August Wolf que demarca *o fim da sacralização do texto*³⁸⁷ e cuja eficácia metodológica “domina os debates sobre métodos filológicos pelo resto do século”³⁸⁸, seja *comicamente* como ideal de “segunda esposa” em Guillerme Budé³⁸⁹, seja ainda como ambição totalizante de “rainha das ciências” do qual o exemplo da *Enciclopédia Filológica* de August Böckh (1785-1867) é,

Gilgamesh. Cf. Damrosch (2006, esp. Chaps. 5 and 6, pp. 151–235)” HOLQUIST, 2011, p. 269, nota 11.

381 “Ideas about classical education were strongly influenced by this philosophical paradigm shift, as the new demands of science were transferred to two fields closely related to classical education: philology and pedagogy.” BOMMEL, 2015, p. 64.

382 A demanda de “influência” dessa mudança no final do século XVIII “sobre” as “ideias acerca da educação clássica” acontece, de acordo com Bommel, pelo surgimento da nova concepção do “conceito de ciência” (*Wissenschaft*) que, na esteira da compreensão da crítica de Kant e toda a ambição e “necessidade de clareza conceitual”, reverbera em ciências no plural (*Wissenschaften*) cuja demarcação específica na esfera da educação clássica modela a “pedagogia e a filologia”. Esse quadro permite observar a “ciência” (*Wissenschaft*) dos “historicistas” (BOMMEL, 2015, nota 5, p. 67) e a “formação” (*Bildung*) dos “humanistas” mobilizando uma importante tensão nas disputas de método para a filologia na metade do século XIX: BOMMEL, 2015, p. 64.

383 “Die historisch-kritische Methode ist geboren, zumindest aus Sicht des neunzehnten Jahrhunderts.” BENNE, 2005, p. 29.

384 Nesse ponto é curioso notar que dentre os possíveis sentidos de se compreender a exortação de Nietzsche n’*O Crepúsculo dos Ídolos* do abandono da gramática como alternativa ao condicionamento à *crença em deus*, está a intrínseca relação da “gramática” e do “gramático” na origem da “filologia” e da atividade do filólogo junto a tarefa da análise textual na Antiguidade com a qual ficou conhecida. Isso implica, por sua vez, uma crítica indireta à filologia diante da negligência desses condicionantes estruturais da linguagem: “In der antiken Überlieferung besteht die Tätigkeit des ›Philologen‹ (der zunächst noch ›Grammatiker‹ hieß, während der Name ›Philologe‹ allgemein für den Liebhaber der Rede, der Literatur und für den Gebildeten gebraucht wurde) aus vier bis sechs Teilaufgaben der Textanalyse.” KNOBLOCH, 2010, p. 33.

385 “Seit Ende des dritten Jahrhunderts etablieren sich dann die philologischen Wissenschaftler (meist wieder unter dem Titel grammatikoi), die ihre Kerntätigkeit in textkritischer und lexikographischer Arbeit, in Quellenforschung, Aufarbeitung von Realien, dem Erstellen von Chronologien und Kommentaren, grammatischen Analysen und metrischen Studien finden.” BENNE, 2005, p. 29.

386 ASHER, 1994, p. 3013.

387 “Wolf instead opted for a secular, critical stance toward texts grounded in scholarship and rigorous method, as opposed to a mode of reading governed by faith and ecclesiastical authority – convictions held prior to examination of the text.” HOLQUIST, 2011, p. 273.

388 Fazendo inclusive que Nietzsche declare-o como “meu grande predecessor” : Friedrich August Wolf, the venerable father of philology, Nietzsche names “my great predecessor” (Nachlass 1870/71, 7[79], KSA 7.156). JENSEN, 2011, p. 219; Cf.: ASHER, 1994, p. 3013.

389 ASHER, 1994, p. 3012.

fundamentalmente, decisivo³⁹⁰. Na esquivia de reconstruir *ab ovo* a gênese desse processo de *profissionalização da filologia*³⁹¹, podemos reconhecer que é exatamente nesse quadro de “reflexão intensa sobre a linguagem, o pensamento,” e “os textos (...)”³⁹² – seja como “ponto de referência central” de um “programa educacional” e suas transformações em torno de uma “ciência histórica”³⁹³ – da atividade filológica enquanto “filologia clássica”³⁹⁴ junto a seu esgotamento na ambição totalizante do final do século XIX que a formação e o relacionamento de Nietzsche com a disciplina permitem pensar o aporte dessa “autosupressão” cujo direcionamento é uma abertura de possibilidades à noção de *texto*.

390 Trata-se da repetição de seu seminário 25 vezes ao longo de seus 54 anos que confirmam tal devoção e comprometimento acerca da “definição e metodologia” da disciplina. Dedicção da qual Holquist chega a dizer que Böckh “leva essa tendência de intelectualidade imperialista ao extremo insuportável” em sua “Enciclopédia” e que pode ser refletida nos seminários (HOLQUIST, 2011, nota 40, p. 275.): “Wolf’s student, August Boeckh, took this intellectually imperialist tendency to an insupportable extreme. More than any other single figure, including Wolf, Boeckh may be regarded as the man who made philology for a brief period the Queen of Sciences in Germany. During his long life (1785–1867) he published what became the Bible of philology at the time, his great *Encyklopädie und Methodologie der philologischen Wissenschaften*” HOLQUIST, 2011, p. 275.

391 Enquanto por um lado, intérpretes identificam Frederick August Wolf “no centro do desenvolvimento da instituição da filologia”, por outro lado, Robert Scott Leventhal argumenta que “a base da teoria e prática filológica” pode “ser lincada diretamente a Heyne e ao Seminário filológico de Göttingen”: Respectivamente, HÜLTENSCHMIT; GRAFTON, Apud: LEVENTHAL, 1994, p. 240 e, LEVENTHAL, 1994, p. 240.

392 Refiro-me aqui as “observações e conhecimentos” que foram “sistematizados, compreendidos e nomeados conceitualmente” em “um processo profundo, concreto, abrangente de cientificização e historização da própria cultura...” que já na Antiguidade cria o conjunto de processos que constitui a filologia (CANKIK “*Filologia antiga (Filologia)*”, In: NIEMEYER, 2014, p. 213) e que em termos de “método” o próprio Nietzsche salienta a posse e conhecimento completo já na Antiguidade que é, porém, ignorado e transformado especialmente no “protótipo do falsificador e copiador” que foi Paulo (“dem Prototypen des Fälschers und Zurechtmachers” BENNE, 2005, p. 36): Veja-se a discussão de Benne a partir do aforismo 59 de *O Anticristo*, BENNE, 2005, p. 30: “(...) Todos os pressupostos para uma cultura douta, todos os *métodos* científicos já estavam presentes, já se havia fixado a grande, a incomparável arte de ler bem — esse pressuposto para a tradição da cultura, para a unidade da ciência; (...) *Tudo em vão!* (...) A nobreza do instinto, do gosto, a pesquisa metódica, o gênio da organização e da administração, a fé, a *vontade* para o futuro do homem, o grande Sim a todas as coisas visível como *Imperium Romanum*, (...) — E não soterrado repentinamente por uma catástrofe natural! Não pisoteado por germanos e outros patudos! Mas sim arruinado por astutos, furtivos, anêmicos, invisíveis vampiros! Vencido não — meramente sugado!” NIETZSCHE, 2007, pp. 75-76.

393 Sobre esse aspecto *pedagógico* já salientado acima com Bommel e, aqui, enfatizado por Gentili no fato da “filologia” ser esse “ponto de referência central” para o “programa educacional” na medida em que é “o instrumento do conhecimento para o ideal de Antiguidade atuando, simultaneamente, como ferramenta para uma nova determinação das tarefas do presente”; Bem como, o panorama de suas modificações a partir de seu novo “status de uma ciência histórica” (MUHLACK Apud: GENTILI, 2010, p. 16) que tem no “ideal pedagógico-humanístico de Wilhelm Humboldt” o exemplo “dessa modificada função da filologia” (Cf.: “3. *Neue Aufgaben der Philologie und Philosophie: der begriff der historischen Individualität bei Wilhelm von Humboldt und Schleiermacher*” In: GENTILI, 2010, pp. 15-21).

394 Verto aqui o trecho esclarecedor de Benedeta Zavatta: “O desenvolvimento da linguística como um campo autônomo de estudo entre as *ciências do espírito (Geisteswissenschaften)* foi baseado na nova concepção de filologia clássica desenvolvida na Universidade de Göttingen graças a Christian Gottlob Heyne e Friedrich August Wolf. Na Alemanha, diferente da França e Grã-Bretanha onde a filologia era mera *Sprachstudium*, filologia era compreendida em um amplo sentido como *ciência da Antiguidade (Alterthumwissenschaft)* onde linguagem, religião, arte, usos e costumes tem igualmente uma importante função”: ZAVATTA, 2013a, p. 266.

Desse modo, reconhecendo o complexo transcurso histórico da atividade filológica no Ocidente³⁹⁵ e sua dupla conotação tradicionalmente conhecida como “amor das palavras” e mesmo como “histórica curadoria do texto”³⁹⁶, é lícito salientar que aquilo pelo qual designa a disciplina filologia enquanto “filologia clássica” e sua “elaborada forma” de uma “tradição metodológica” começa, efetivamente, a partir da “crítica”: ou seja, “com estabelecimento do texto sobre a base de manuscritos, excertos, citações, fontes, modelos”³⁹⁷. De acordo com Benne ao descrever o processo no interior da “escola de Bonn”, essa “etapa primária” da “baixa crítica é complementada com a baixa hermenêutica” que corresponde à “etapa inicial da interpretação do texto”³⁹⁸. Digno de nota é o fato de que esse aspecto aparentemente dicotômico da crítica textual da tradição pode ser entendido, grosso modo, como uma *dicotomia positivista*³⁹⁹ que caracteriza a “filologia” como prática de “estabelecer um texto” e “criticamente comparar variantes textuais preservadas ou descobertas para o propósito de criar ou reconstruir uma possível variante canônica final” que, por sua vez, teria prioridade em relação à “hermenêutica” enquanto prática de “interpretação a partir de várias perspectivas da variante textual estabelecida como um resultado do trabalho filológico”⁴⁰⁰. Esse aspecto torna possível assentir com Istvan Féher em sua problematização dessa *abordagem positivista*

395 Cf. como um dos índices dessa complexidade, o debate introduzido pelo indologista John Pollock (POLLOCK, 2009) sobre o estatuto contemporâneo da disciplina após sua “época de ouro” e cujo êxito do autor para legitimá-la, conforme salienta Michael Holquist, “none has succeeded in establishing a clear-cut definition of the discipline, or its place in the university as it is now constituted”: HOLQUIST, 2011, nota 2, p. 268. As questões e conclusões colocadas por Pollock parecem mobilizar ainda hoje os estudiosos: “The question, then, is whether it still makes sense to speak institutionally and epistemologically of ‘philology.’ Does this venerable title still signify a truly coherent field, and not rather a multitude of scattered currents and competing genealogies, differing national characteristics and inconsistent methodologies? And if we ask what philology is and what it can be, must we not also ask ourselves what it is that we do? And how, more importantly, we can continue to do it?” BAJOHR; et al, 2014, p. 01.

396 O primeiro refere-se ao significado etimológico do termo “filologia” aqui aludido por Hans Ulrich Gumbrecht citando o dicionário Oxford (“‘interest in or fascination with words,’””) e, o segundo, refere-se a descrição usada em seu livro que implicaria a compreensão de 4 itens específicos que podem ser sumarizados da seguinte forma: 1) *prática ligada ao momento cultural*; 2) *emergência a partir do desejo do passado textual* (“identificação e restauração dos textos a partir de cada passado cultural em questão”); 3) *diferenciação com a hermenêutica* (“estabelece uma distância em relação ao espaço intelectual da hermenêutica e da interpretação como a prática textual que hermenêutica informa”); 4) *exerce uma importância sobre “disciplinas que se ocupam com os mais cronologicamente e culturalmente segmentos remotos do passado”* (p. 04): “philology is narrowly circumscribed to mean a historical text curatorship that refers exclusively to written texts.” GUMBRECHT, 2003, p. 02

397 “In der ausgearbeiteten Form dieser für Nietzsche maßgeblichen methodischen Tradition beginnt Philologie also immer mit Kritik, genauer: mit Herstellung des Textes auf der Grundlage von Handschriften, Exzerpten, Zitaten, Quellen, Vorbildern (manche Quellen können nur als Zitatenschatz interessant sein, um mit ihrer Hilfe andere Texte zu emendieren, die sie selbst ausgeschlachtet haben bzw. umgekehrt).” BENNE, 2005, p. 97.

398 “Dieses Stadium der sog. niederen Kritik wird ergänzt von der sog. niederen Hermeneutik als erstem Stadium der Textauslegung.” BENNE, 2005, p. 97.

399 “According to the traditional (positivist) approach, any work in the humanities is articulated in two steps, one preceding the other” FÉHER, 2012, pp. 114.

tradicional que o processo de “estabelecimento do texto não acontece sob as condições de laboratório como se [acontecesse] em um espaço vazio de interpretação” mas, ao contrário, destaca que “filologia e hermenêutica” estariam “multiplamente interligadas”⁴⁰¹. Para além das possíveis controvérsias que tal debate ensejaria para as “edições críticas”⁴⁰² que, inclusive tem, tanto revigorado contemporaneamente a *edição crítica das obras de Nietzsche*⁴⁰³, quanto é, como vimos, um dos *nós* de enfrentamento da discussão do texto “anônimo” da tese de Cassin⁴⁰⁴ e aparece também, conforme veremos, como uma ampliação das possibilidades de elaboração do conceito contemporâneo de *texto*, a manutenção dessa abordagem dicotômica parece ainda muitas vezes *sancionada* de modo, aparentemente, não problemático⁴⁰⁵. Se retomarmos a descrição do procedimento próprio da *filologia clássica* que especificamente a “escola de Bonn” segue enquanto “método” e que é fundamental na formação de Nietzsche, é possível sumarizar o processo da seguinte maneira: *Um texto é estabelecido sobre a base de um complexo textual em que a baixa hermenêutica atua de modo complementar a baixa crítica na etapa inicial de interpretação do texto com o qual se lê frase por frase sem levar em conta o contexto geral, mas sim estilo e gênero, na medida em que as diversas circunstâncias meta-textuais são ilustradas pela explicação fatural; Assim, o comentário como forma extrema de uma tradução anotada é criado e, caso apareçam contradições de interpretação na baixa hermenêutica, a baixa crítica ou diagnóstica o corrumpimento do texto ou, semelhante a uma conjectura, estabelece o texto como “filho preferido do*

400 “In this approach philology precedes hermeneutics and is ostensibly separated from it; and interpretation is built upon the results of philology.” FÉHER, 2012, pp. 114-5.

401 “One of the basic theses of this present work is that the establishment of the text does not happen under laboratory conditions, as if in a space void of interpretation, and that thus philology and hermeneutics are multiply intertwined.” FÉHER, 2012, p. 150.

402 Por exemplo a discussão de Istvan Féher sobre as dificuldades sob as quais, exemplificando as edições críticas de Hegel, estariam “sempre condenadas ao fracasso”: “This fair (ideal-typical) scheme might work indeed in some – fortunate – cases; however, during the redaction process of (historical-critical) life-work editions of important thinkers it is often doomed to failure.” FÉHER, 2012, p. 115.

403 Cf. por exemplo, as críticas de Wolfram Groddeck a edição da KSA e os trabalhos realizados a partir dessas críticas aos manuscritos e anotações de Nietzsche na edição KGW XI-9. Nota adiante 658 e PICHLER, 2014, p. 63.

404 Cf. seção anterior “4.1.2. A sofística como discursividade”.

405 Apenas para ilustrar esse uso, no início de uma resenha na edição 40 da *Nietzsche Studien* de 2011, James Porter enfatiza uma importante “eterna lei da filologia” sobre a qual “novas edições geram novas escolas”. Com o intuito de, na sequência do texto, destacar os méritos da edição crítica das obras de Nietzsche, a KGW, e comentar algumas publicações sobre o tema “Nietzsche e os gregos”, Porter parece ilustrar exatamente o caráter dicotômico do tradicional “*approach*” positivista utilizado nas obras das humanidades: “It is an eternal law of philology: new editions spawn new scholarship.” PORTER, 2011, p. 343.

filólogo”⁴⁰⁶. Esse ponto parece central na medida em que podemos reconhecer que “no imaginário da filologia desde Wolf, Hermann e Friederich Ritsch (...) é o estabelecimento do texto a tarefa central do pesquisador”⁴⁰⁷ o que significa, o já mencionado, “estabelecimento dos dados a serem explicados”⁴⁰⁸ como procedimento central da atividade filológica. O núcleo dessa determinação tão importante para a compreensão da “disciplina” e sua história só contemporaneamente tem sofrido *em quase todos os seus aspectos* uma “transformação radical”, seja no âmbito de seu “objeto, escopo ou metodologia”⁴⁰⁹ o que, todavia, talvez tenha feito os estudiosos polemizar sobre o *status de sua existência atual*⁴¹⁰. Em linhas gerais, o procedimento de estabelecimento do texto ancorado sob o pano de fundo da busca e reconstrução de um suposto texto “original” passa a perder fôlego na contemporaneidade na medida em que, especialmente o método de Lachmann, é problematizado⁴¹¹. Desse modo, o que é aqui importante, e que nos auxilia a compreender o *locus* dessa atividade com a qual Nietzsche foi exemplarmente treinado, é o fato de que a *filologia*, para além dos “estudos literários” da “crítica” ou da “*germanística*”, é, tanto encontrada precisamente na “raiz” dessas disciplinas e pode ser concebida como algo que *as* “excede”, a partir de um “*amplo sentido*” em que, como “um termo abrangente que revela uma certa distância e atua como superfície genérica na qual se pode projetar ideais utópicos” quanto, especificamente, ainda “aquilo que incorpora o que pode ser chamado de ‘núcleo de competências’ dos estudos

406 BENNE, 2005, p. 97.

407 O que reflete no processo de formação de Nietzsche desde Pforta: BENNE, 2005, p. 96; (Resumo do processo em MANSFELD, 1986, p. 44-45).

408 “In der Vorstellungswelt der Philologie seit F.A. Wolf, Gottfried Hermann und Friedrich Ritschl ist nicht die Interpretation von Texten die zentrale Aufgabe des Forschers, sondern zuallererst seine Herstellung, nämlich als Herstellung des zu erklärenden Tatbestandes.” BENNE, 2005, p. 96.

409 “Since the days of Karl Lachmann, it seems that nearly every aspect of it has changed radically, be it the subject, scope, or methodology.” BAJOHHR et al, 2014, p. 01.

410 Cf. nota anterior 395 em que o indologista John Pollock é identificado no cerne do debate de “reabilitação” da filologia. Ainda aqui, vale ressaltar que alguma coisa da *dificuldade* e *indecidibilidade* da noção de filologia que abala o *lugar* da chamada “rainha das ciências” (HOLQUIST, 2011, p. 275) no meio acadêmico contemporâneo aparece no início da aula inaugural de Nietzsche, intitulada “Homero e a filologia clássica”, em que o jovem filólogo reitera “não existir” em seu tempo “uma opinião pública unânime e claramente reconhecida sobre a filologia clássica” (KGW II/1 247-269). É a partir dessa dificuldade de definição no interior de um quadro de variações que tornam a “identidade da filologia” algo “indistinto” na medida em que, como disciplina, “é amplamente percebida como tendo morrido em algum ponto do passado” e que ela passa a ser “agora percebida por muitos como moribunda” (HOLQUIST, 2011, p. 269), ou seja, parte então de “um campo agora extinto” (“now defunct field,”) DUTTON, Apud: POLLOCK, 2009, p. 934.

411 Logo adiante retorno ao tema do método de Lachmann na descrição da formação de Nietzsche: “(...) weil sich die Perspektive der meisten Philologien auf ihren Gegenstand verändert hat: Es steht nicht mehr (nur) das Original (die ‚Urfassung‘) im Vordergrund, sondern Phänomene wie Textgenese, Textrezeption und Textüberlieferung nehmen deutlich mehr Raum ein.” BEIN, 2015, p. 43.

literários” que conjuga todo o complexo da determinação e constituição textual, suas complementariedades e facetas⁴¹². Ao pensar o panorama atual que parece estar dividido em “três tendências” específicas, o status é de abertura de possibilidades na medida em que ou “a filologia” se localiza “em um impasse ou” ocorre “que sua crise perpétua pode ser parte de seu carácter geral”⁴¹³. Nesse sentido, é o trabalho de formação de Nietzsche junto aos diferentes *métodos* de abordagem do problema que parece configurar toda a riqueza da instrumentalização da filologia pelo filósofo alemão.

Antes de assentir com a declaração de que Nietzsche “permanece filólogo durante toda a sua vida produtiva”⁴¹⁴ é preciso ainda explicitar, mesmo que de modo breve, o reflexo de um certo “ostracismo” que o filósofo recebe, bem como, *as diferentes fases do relacionamento de Nietzsche com a filologia*⁴¹⁵ e como isso permite-nos reconhecer a instrumentalização daquela mencionada *autosupressão* da filologia. Assim, acerca do primeiro ponto, é importante aqui questionar, com o auxílio da irônica indagação de Ranjit Chatterjee, a recusa histórica obtida por Nietzsche no círculo acadêmico dos grandes filólogos clássicos do fim do século XIX: “por que alguém, a ser declarado um gênio filólogo (...) tem pouco a ver com a linguística subsequente?”⁴¹⁶; E ainda, por que apesar de todas as *acusações* de “fascista, antisemita e misógino” ele *nunca recebe a alcunha de “linguista”*⁴¹⁷? A interrogação acima é interessante

412 Que, grosso modo, poderia ser simplificada pela expressão acima de Gumbrecht de “histórica curadoria do texto”: “Traditionally, these ‘core competencies’ entail the constitution of texts and textual criticism; stemmatics and the edition of manuscripts; the delineation of the transcript history of documents and their provenance; identifying fragments and writing commentaries; and taking care of the text in general—whether that care be of an immaterial nature, as with the corpus of a work, or of a material nature, as the subject of archival ministration and scrutiny.” BAJOHR et al, 2014, pp. 01-2.

413 Aspecto que, no entender dos autores, “revela a nova-descoberta confiança na possibilidade não apenas da sobrevivência da filologia, mas também de sua contínua utilidade como uma ampla ou enfática disciplina”. As três tendências são as seguintes: “(1) a movement away from the text that is connected to thematic and methodological expansion; (2) an antithetical movement back towards the text that is connected with a revaluation of the competencies of textual work as the discipline reworks itself; (3) and an increasingly elaborate self-reflection on the history and practice of philology.” BAJOHR et al, 2014, p. 02.

414 Após o intérprete comentar o surgimento da segunda extemporânea sobre a história em contraste com a primeira obra publicada de Nietzsche, NT: “This is not to suggest that Nietzsche did not remain a philologist during his entire productive life – quite the contrary, the point here is that despite his contributions to numerous fields and disciplines, Nietzsche consistently approached his work with the ethos, method and skill of a philologist.” DEL CARO, 2004, pp. 11-12.

415 BENNE; SANTINI, 2013, 173.

416 “Why has someone, declared to be a philologist of genius, appointed Professor of Philology – as the professional study of language was then known – at the University of Basel at twenty-four, given his doctrate with examination exempted by Leipzig, birthplace of comparative linguistics, why has Nietzsche had so little to do with subsequente linguistics?” CHATTERJEE, 1984, p. 25.

417 “Fascist; anti-Semite; misogynist;” como “serious charges” em termos de desqualificação de Nietzsche: “The one charge not brought against Nietzsche is *linguist*.” CHATTERJEE, 1984, p. 25 e p. 26.

porque permite compreender a amplitude da disputa em curso que envolve, de modo geral, o *desafio* mais amplo entre “humanismo clássico” e “filologia científica” após o “despertar de Kant”⁴¹⁸ e, de modo específico, a complexa consolidação da “definição e metodologia” da disciplina⁴¹⁹ no transcurso de sua configuração enquanto prática “científica” e “historicismo” do fim do século XIX⁴²⁰. É exatamente esse pano de fundo que nos faz pensar o que é, e qual a amplitude dessa disciplina, que era “compreendida no amplo sentido de ciências da Antiguidade” em que “linguagem, religião, usos e costumes” atuavam como funções importantes⁴²¹: isto é, um panorama de *confisco* e “ostracismo” de Nietzsche⁴²² como filólogo profissional em que se tem um negativo *parecer*⁴²³ (de autores como Willamowitz, Usener e Diels) “quase unânime” cuja única exceção na defesa da excelência do filólogo Nietzsche parece ser “Bursian” no que se refere aos “estudos filológicos, especialmente sobre Diógenes

418 Especificamente no que se refere à “transformação da filologia clássica iniciada por Wolf e Creuzer” que coloca, segundo Bommel, “um maior desafio ao ideal de educação do humanismo clássico” a partir de três principais aspectos: 1. *a dificuldade dos classicistas justificarem o foco sobre literatura clássica após o “Kantian turn” que descredibiliza o conceito de “schöne Wissenschaft”*; 2. a dificuldade de manter a “visão tradicional de educação clássica” a serviço de “um propósito não-vocacional”, isto é, a tendência dos “filologistas clássicos” de “equilibrar a educação do homem com o estudo profissional, especializando em filologia científica” e, por fim; 3. uma vez que “a tradicional distinção entre as *schöne Wissenschaften* e ‘as ciências superiores’” já parece não se sustentar, as “escolas estão em risco de perder sua relativa independência para a universidade” BOMMEL, 2015, pp. 80-81.

419 Veja-se Böckh (Cf.: BOMMEL, 2015, p. 65; HOLQUIST, 2011, p. 275) e o completo desenvolvimento das “Enciclopédias filológicas” como ambição de “ciência pura”, isto é, “filologia de Kant” (Christian GAVE, “Kant of philology” Apud: BOMMEL, 2015, p. 78) desde Wolf que culmina (diferente do que concebiam Wolf e Creuzer: BOMMEL, 2015, p. 81) na incompatibilidade entre “humanismo clássico” e “filologia científica”. Cf.: Capítulo “1. The Challenge of Science” (pp. 64-105) e, de modo especial, o sub-iten “Classical philology as ‘pure science:’ Friedrich August Wolf” BOMMEL, 2015, p. 75-78.

420 Disputa que, segundo Bommel, está “ainda aberta”: “Although scholarship on the scientification of classical philology is immense, as far as the conflict between science and humanism is concerned, most scholars restrict themselves to observing that Wolf’s foundation of *Altertumswissenschaft* has “left philology and (...) the humanities with a dilemma” that is “still open.”” BOMMEL, 2015, p. 67. Sobre o termo “historicismo”: “The conflict between classical humanism and scientific philology has also often been described as a conflict between classical humanism and *historicism*” BOMMEL, 2015, nota 5, p. 67.

421 “in Germany philology was understood in a wider sense as *Alterthumswissenschaft*, where language, religion, art, usages and customs played equally important roles” ZAVATTA, 2013a, p. 266.

422 Ver item “1.1. Del ostracismo a la popularidad” de Diego Sánchez meca em nota introdutória ao volume II da edição dos “escritos filológicos” para a língua espanhola: MECA, In: NIETZSCHE, 2013, pp. 15-21.

423 De acordo com a carta 265 de 25 de outubro de 1972 de Nietzsche a seu amigo Erwin Rohde, Usener a quem Nietzsche *estima*, chega a dizer sobre NT: “o verdadeiro absurdo que não servem para nada: alguém que escreve algo assim está cientificamente morto”, “In Leipzig ist eine Stimme über meine Schrift: wie sie lautet, hat der brave und von mir sehr geachtete Usener in Bonn, vor seinen Studenten, die ihn gefragt haben, verrathen „es sei der baare Unsinn, mit dem rein gar nichts anzufangen sei: jemand, der so etwas geschrieben habe, sei wissenschaftlich todt.“” <[#eKGWB/BVN-1872.265](#)>.

Laércio”⁴²⁴. Como já é sabido e descortinado pela *Pesquisa-Nietzsche*⁴²⁵, aquilo que demarca a manutenção dessa recusa histórica é, basicamente, a *querela*, considerada ainda como “controvérsia violenta”⁴²⁶, que a publicação do livro *O Nascimento da tragédia* em 1873 produz no âmbito acadêmico da filologia: “poucas semanas” após a publicação deste, “o jovem filólogo berlinense Wilamowitz-Moellendorff” publica o panfleto “*Filologia do futuro!*” que desqualifica por completo o trabalho de Nietzsche na medida em que não reconhece “qualquer base científica e valor metodológico” ao escrito⁴²⁷; aspecto esse, que repercute *fatalmente* sobre seus contemporâneos e *arruína a reputação* de Nietzsche como filólogo⁴²⁸ produzindo assim “a imagem que se difundiu dele no mundo acadêmico como inimigo da ciência”⁴²⁹, cuja recepção de antemão o próprio Nietzsche tem conhecimento e a retrata em carta, citando o juízo do *respeitável* filólogo Hermann Usener que considera “morto para a ciência alguém que tenha escrito algo assim”⁴³⁰. O peso desse julgamento, mesmo com tentativas de contraposição⁴³¹, tem relegado ao nome de Nietzsche um fascínio por parte dos filólogos que oscila da “repulsão e repressão à curiosidade persistente”⁴³². Por outro lado, é importante salientar o fato de que o pano de fundo que hospeda essa *querela* é

424 “Eine der wenigen Ausnahmen von dieser fast einhellig ablehnenden Stellung der Philologenschaft war Bursian, der sich in seiner *Geschichte der klassischen Philologie in Deutschland* (München u. Leipzig 1883, 929) günstig über N. s. philologische Studien, insbesondere über die Diogenes Laertius betreffenden aussprach.” ORSUCCI, “Altphilologie”, In: OTTMAN, 2011, p. 428

425 Especialmente: CALDER, 1983, pp. 214-254 e MANSFELD, 1986, pp. 41-58.

426 “violent controversy” LLOYD-JONES, Hugh, Apud: JENSEN, 2013b, p. 76.

427 “Nur wenige Wochen nach Erscheinen der *Geburt der Tragödie* veröffentlichte der dreiundzwanzigjährige Berliner Philologe Wilamowitz-Moellendorff sein Pamphlet *Zukunftsphilologie!*, in dem er der Schrift N. [ietzsche]s jegliche wissenschaftliche Basis und jeglichen methodischen Wert absprach.” UGOLINI, “Philologica”, In: OTTMAN, 2011, p. 157.

428 NIEMEYER, “*GT: O nascimento da tragédia a partir do espírito da música*”, In: NIEMEYER, 2014, p. 252. Reputação que os discípulos de Wilamowitz-Moellendorff reiteraram posteriormente. Bem como: ORSUCCI, “Altphilologie”, In: OTTMAN, 2011, p. 428.

429 Conforme salienta Meca, o pouco interesse da tradição aos escritos filológicos de Nietzsche é refletido, por um lado, no juízo dos filósofos segundo o qual a filologia de Nietzsche seria apenas “uma fase superada e deixada para trás” que interessaria apenas como ponto de abordagem para encontrar algum distante tema filosófico anterior quanto, por outro lado, o interesse para os filólogos dá-se apenas enquanto chancela de banimento e exclusão promovidos pelo juízo de Wilamowitz-Möllendorf sobre o *Nascimento da Tragédia* de “acientífico, ignorante e insolente” cuja sansão se estende então aos demais trabalhos filológicos de Nietzsche: MECA, In: NIETZSCHE, 2013, p. 15.

430 “In Leipzig ist eine Stimme über meine Schrift: wie sie lautet, hat der brave und von mir sehr geachtete Usener in Bonn, vor seinen Studenten, die ihn gefragt haben, verrathen „es sei der baare Unsinn, mit dem rein gar nichts anzufangen sei: jemand, der so etwas geschrieben habe, sei wissenschaftlich todt.“ Es ist als ob ich ein Verbrechen begangen hätte;” <[#eKGWB/BVN-1872,265](#)>.

431 A polêmica resposta do amigo de Nietzsche Erwin Rohde intitulado “Afterfilologie”: PORTER, 2000, p. 16.

432 PORTER, 2000, p. 13 e, de modo especial, nota 20 em que Porter salienta como Diels menciona em carta a Zeller de 26 de Julho de 1897, que “Nietzsche é “apenas atrativo psicologicamente como ele é, apesar disso, repulsivo””, p. 292.

ainda o contexto da disputa entre as escolas alemãs das chamadas “ciências da Antiguidade” acerca da complexa consolidação da “definição e metodologia” da disciplina cuja orientação se dá por meio de uma polarização de tendências filológicas denominadas “Wortphilologie” e “Sachphilologie”⁴³³. Apenas para ilustrar, em sua análise da *Segunda Extemporânea* de Nietzsche no “contexto dos estudos filológicos do século XIX”, Anthony Jensen caracteriza as duas vertentes dessa polarização no intuito de demonstrar o contexto em torno do qual tais correntes levariam até Ritschl, que parece ser o mobilizador fundamental da assimilação (ou não) dos métodos dessas escolas por parte de Nietzsche⁴³⁴. Enquanto a “Wortphilologie” teria como principal expoente Johann Gottfried Jakob Hermann e, seria a escola filológica, muitas vezes chamada de “positiva” e “crítica”, que “aproxima-se da Antiguidade com as ferramentas de correção textual, códices e criticismo literário”⁴³⁵, a “Sachphilologie”, com August Böckh como representante, estaria interessada em “demonstrar a amplitude do espírito da escrita da Antiguidade e implantar este ideal no interior dos corações e mentes de seus estudantes”, enquanto denominação de uma concepção “‘hermenêutica’, ‘antiquária’ e ‘humanística’”⁴³⁶. Mesmo reconhecendo o fato dessa divisão ser um tanto “simplista”, Jensen destaca também uma espécie de continuidade no decorrer dessa polarização segundo a qual teríamos, de um lado, Hermann, Lachmann e Wilamowitz-Möllendorff (*Wortphilologie*) e, de outro lado, Böckh e Otto Jahn (*Sachphilologie*) que seria uma básica polarização entre as escolas, respectivamente, de Leipzig e Bonn⁴³⁷. O mais interessante disso tudo, como salienta Jensen, é

433 “Die Altertumswissenschaft war in Deutschland bekanntlich seit dem großen Philologenstreit zwischen dem ‚Wortphilologen‘ Gottfried Hermann und dem ‚Sachphilologen‘ August Boeckh in zwei Lager gespalten.” BENNE, 2005, p. 52.

434 Em nota, Jonathan Barnes menciona uma carta de Nietzsche ao amigo Paul Deussen de 4 maio de 1867 (KGB 1/2, p. 205 [no. 539] = BAB II, p. 127 [no. 333]) que conteria um “tributo a Ritschl” BARNES, 1986, nota 12, p. 18. Rogério Lopes também destaca, por exemplo, a pretensão de Nietzsche de publicar um dos projetos filológicos (numa adesão dos métodos de Valentin Rose) jamais levado a diante sobre Demócrito, numa “coletânea dedicada a Ritschl”: LOPES, 2008, nota 154, p. 193.

435 “the first of which has sometimes been labelled ‘positive’, ‘critical’, or *Wort-Philologie*, approaching antiquity with the tools of textual emendation, codices, and literary criticism” JENSEN, In: DRIES, 2008, p. 215.

436 “demonstrate the writ-large spirit of antiquity and to implant that ideal into the hearts and minds of their students, was variously named ‘hermeneutical’, ‘antiquarian’, ‘humanistic’, or *Sach-Philologie*” JENSEN, In: DRIES, 2008, p. 215.

437 Conforme destaca Benne “Ernst Vogt demonstrou que a disputa entre Hermann e Böckh não [era], como comumente se assume, baseada sobre a oposição entre a pesquisa da crítica-gramatical e antiquarismo-histórico mas, “primariamente sobre uma diferente compreensão da linguagem” (1979:116) Para Hermann [o] domínio da linguagem já inclui a competência [linguística], para Böckh era ela mesma [a competência] um objeto da filologia entre outros objetos”: “Ernst Vogt hat nachgewiesen, dass der Streit zwischen Hermann und Boeckh nicht, wie gemeinhin angenommen, auf einem Gegensatz von grammatisch-kritischer und historisch-antiquarischer Forschung beruhte, sondern „primär auf einem unterschiedlichen Verständnis von Sprache.“ (1979:116) Für Hermann schloss Sprachbeherrschung Sachkenntnis schon mit ein, für Boeckh war sie selbst Objekt der Philologie

que Ritschl parece estar *politicamente* dividido, uma vez que *migra* a revista de filologia “*Rheinisches Museum für Philologie*” da escola de Bonn para Leipzig e, enquanto um “Hermaniano com crescentes simpatias em torno do antiquarismo”, Ritschl “falha ao abraçar as duas tradições” na medida em que “aos olhos de Lachmann, Haupt e agora Jahn,” aparentaria estar “conduzindo algo como um golpe”⁴³⁸. Como um *bom discípulo que então supera o mestre*, Nietzsche, de acordo com Jensen, “em seus primeiros dois livros, com a eficácia de uma nova voz, rejeita ambas as tradições posicionando-se numa terceira forma própria”⁴³⁹ uma vez que o filósofo alemão não se permite manter nessa *querela*, reduzida ao âmbito da “estupidez”⁴⁴⁰. Nesse sentido, característico é o fato de que precisamente a ressonância dessa *querela* na contemporaneidade permita a Michel Holquist apontar o ano de publicação da obra de Nietzsche como a *demarcação* do fim da “era de ouro” da “filologia clássica” e a “renúncia” *profissional* do filósofo alemão⁴⁴¹. Sem adentrar na controvérsia específica, é interessante destacar que não apenas Nietzsche “foi um classicista promissor”⁴⁴² e que, portanto, “manejou profissionalmente os instrumentos e métodos de estudos da Antiguidade”⁴⁴³ a partir de um amplo domínio *textual* somado ao “amplo conhecimento em muitos aspectos da ciência da Antiguidade” que formaram então, as “disciplinas autônomas auxiliares (história antiga, epigrafia, numismática, arqueologia)” como, essa *formação* permite ao filósofo alemão, inclusive, realizar uma profunda crítica aos filólogos de seu tempo como “caçadores de minhocas” por meio de figuras “faustianas” que, por exemplo, o estudo de Demócrito revela⁴⁴⁴. Ademais, tanto “em sua apresentação inaugural na Basileia” intitulada “*Homero e a filologia clássica*” Nietzsche “segue o jeito de seus mestres [Ritschl e

unter anderen Objekten (ebd.). BENNE, 2005, p. 52

438 JENSEN, In: DRIES, 2008, p. 218.

439 “in his first two books, with a powerful new voice, reject both traditions on the way to positing a third way of his own.” JENSEN, In: DRIES, 2008, p. 218.

440 “In the end, Nietzsche’s resignation was plain: ‘Wort- und Sach-Philologie – stupid quarrel’” JENSEN, In: DRIES, 2008, p. 227. e “Cumprir lembrar que Nietzsche desprezava a disputa metodológica entre Sprach e Sach-philologie, classificando-a como uma ‘estupidez’ (Nachlass/FP 1875, 5[106]. KSA 8, 67)” NASSER, 2015, p. 98.

441 “I hope, suffice for purposes of this short essay to limit the example of philology to what is widely conceded to be its Golden Age: from April 8, 1777 (when the first student matriculated for an academic degree in the subject) to 1872 (the year in which the young philologist Friedrich Nietzsche effectively renounces his profession in *The Birth of Tragedy*)” HOLQUIST, 2011, p. 271.

442 “(...) he at least deserves to be remembered in the history of philology as the gifted and promising classicist that he was—surely as one of the more promising and least realized classicists of all time.” PORTER, 2014, p. 27.

443 “estudo dos manuscritos, crítica das fontes, técnicas editoriais, análise histórico-crítica.” CANCIK, “*Filologia antiga (Filologia)*” In: NIEMEYER, 2014, p. 213.

444 CAMPIONI, 2013, p. 15.

Curtius] olharem para o tema” da filologia⁴⁴⁵, quanto “a obra de Herman permeia o trabalho filológico de Nietzsche”⁴⁴⁶. Conforme salienta Porter e ao que indica o olhar detido aos trabalhos filológicos, essa *rejeição* e *exclusão* de Nietzsche pelos filólogos de seu tempo e pela tradição parece apenas um dos resultados de uma crescente inquietação metódica pelo qual Nietzsche tanto “explora os paradoxos da filologia clássica”⁴⁴⁷, quanto “está constantemente pressionando a questão da comensurabilidade precária da filologia a seus objetos”⁴⁴⁸ num contexto que o próprio filósofo parece *expressar* “um mal-estar difundido na segunda metade do século XIX” do qual se tem primazia as “atitudes da prática filológica” que a figura do “criado Wagner” do “doutor Fausto” representa para ele⁴⁴⁹: isto é, as limitações de se assemelhar a “trabalhadores de fábrica a serviço da ciência”⁴⁵⁰.

Consequentemente, acerca das *diferentes fases do relacionamento de Nietzsche com a filologia*, é bastante conhecido o fato de que o filósofo não apenas *dedica vinte e um anos de sua vida à disciplina*⁴⁵¹ como também, “sempre permanece no desenvolvimento de seu pensamento [...] uma reflexão sobre o status e a tarefa da pesquisa filológica”⁴⁵². Embora tivesse um “apreço por explorar diversas áreas”, Nietzsche possuía “conhecimento metódico” apenas em filologia⁴⁵³: esta “ciência” que “molda o jovem Nietzsche” de maneira mais intensa

445 “His inaugural lecture at Basle in May 1869, *Homer und die klassische Philologie*, confirms that he had chosen to follow his masters’ way of looking at the subject.” ZAVATTA, 2013a, p. 266.

446 “Furthermore, the work of Hermann himself pervades Nietzsche’s *philologica*.” JENSEN, 2008, nota 16, p. 219.

447 Aqui, especialmente em relação aos estudos de Nietzsche sobre o “ritmo”: “Nietzsche is exploring the paradoxes of classical philology, and so his theory is a much a metacritical one as it is a positive (albeit skeptical) contribution to the history an ancient field.” PORTER, 2000, p. 27.

448 Neste ponto, especificamente ao que se refere às questões trabalhadas na “Encyclopedia”: “Nietzsche is constantly pressing the question of philology’s precarious commensurability to its objects.” PORTER, 2000, p. 28.

449 Em artigo de 2013 Giuliano Campioni demonstra como a crítica de Nietzsche aos “trabalhadores filológicos” passa pela identificação às figuras faustianas do *filólogo que fica feliz em encontrar uma minhoca na sua escavação de toupeira*: CAMPIONI, 2013. O que é aqui confirmado ao reconhecermos com Benne que a crítica de Nietzsche à *filologia* é em primeiro lugar “contra a forma de existência dos filólogos, dirigida contra a profissão e não contra a ciência como tal”: “Kaum jemand scheint erkannt zu haben, dass sich seine philologiekritischen Äußerungen in erster Linie gegen die Existenzform des Philologen, gegen den Berufsstand richten und nicht gegen die Wissenschaft als solche.” BENNE, 2005, p. 22.

450 BENNE, 2005, p. 99.

451 “Nietzsche hat vom Eintritt in die Pforte bis zur Aufgabe der Basler Professur insgesamt Jahre lang, also gut die Hälfte seines bewussten Lebens, den größten Teil des Tages der Philologie gewidmet, darunter die intellektuell prägenden Jahre der Jugend.” BENNE, 2005, p. 01.

452 “Hervorzuheben gilt es zunächst, dass Nietzsches Interesse an der Philologie nach der «philosophischen Wende» keineswegs erlosch. Vielmehr ging die Entwicklung seines Denkens von den vier *Unzeitgemässen Betrachtungen* bis hin zum *Antichrist* stets mit einer Reflexion über den Status und die Aufgaben der philologischen Forschung einher.” GENTILI, 2010, p. 09.

453 “Nietzsche, der es liebte, auf vielen Gebieten zu dilettieren, besaß nur in dieser Disziplin gründliche und methodische Kenntnisse.” BENNE, 2005, p. 01.

do que qualquer outra “ciência” e que *inspira*, sem dúvidas, o “interesse da pesquisa” do filósofo⁴⁵⁴. Além disso, a mudança do paradigma da filologia em geral a partir do ano de 1890 é produzido por interferências de autores de outras disciplinas cujo vislumbre é de grande interesse para Nietzsche⁴⁵⁵. Todavia, de acordo com Christian Benne e Carlota Santini “a relação de Nietzsche com a filologia” pode ser dividida nos seguintes termos: 1) “Nietzsche como aluno e estudante de línguas clássicas e filologia clássica no Ginásio de Naumburgo”⁴⁵⁶; 2) “Professor de filologia na Basileia”⁴⁵⁷ que é simultâneo a 3) “[Nietzsche] como renegado filólogo que desafia sua disciplina com sua nova compreensão radical da Antiguidade, inspirada pela estética e filosofia contemporânea” pela qual “fornece crescente função e orientação para a filologia no sistema de formação e na sociedade”⁴⁵⁸; 4) “Nietzsche como defensor dos princípios metodológicos da filologia histórico-crítica”⁴⁵⁹ e, finalmente o 5) “crescente aparecimento do carácter ambivalente da filologia” *ambientado* por um “ceticismo”⁴⁶⁰. Nesse sentido, ao formarem uma “unidade” os dois últimos itens tem uma importância específica aqui, na medida em que integram tanto uma “sobreposição temporal” quanto uma conexão “sistemática” no sentido de refletir “o significado da filologia para a obra de Nietzsche em contraste com a questão da atividade de Nietzsche como filólogo”⁴⁶¹.

454 “Die Philologie hat Nietzsche früher und wohl auch nachhaltiger geprägt als jede andere Wissenschaft. (...) Anthropologische, ethnologische, naturwissenschaftliche und verwandte Forschungsinteressen, denen er sich seit den 70er Jahren mit zunehmender Intensität widmete, waren in ihrem Ursprung entweder von philologischen Fragestellungen inspiriert oder wurden an den methodischen Standards der Philologie gemessen.” BENNE; SANTINI, 2013, p. 173.

455 “Der ab 1890 zu beobachtende Paradigmenwechsel in der klassischen Philologie verdankt sich Autoren aus anderen Disziplinen, deren Forschungen schon N.[ietzsche] das größte Interesse entgegengebracht hatte. Einige Beispiele mögen diese neue Situation interdisziplinärer Affinitäten und Entsprechungen illustrieren.” ORSUCCI “*Altphilologie*” In: OTMANN, 2011, p. 429.

456 “(I) Nietzsche als Schüler und Student der klassischen Sprachen und der Klassischen Philologie im Naumburger Dom-Gymnasium, dem Eliteinternat Schulpforta und an den Universitäten Bonn und Leipzig;” BENNE; SANTINI, 2013, p. 173.

457 “(II) Nietzsche als Professor der Philologie in Basel, der sich zugleich...” BENNE; SANTINI, 2013, p. 173.

458 “(III) als philologischer Renegat erprobte, indem er seine Disziplin mit einem radikal neuen Verständnis der Antike herausforderte, das von der zeitgenössischen Philosophie und Ästhetik inspiriert ist und zunehmend Rolle und Ausrichtung der Philologie in Bildungssystem und Gesellschaft infrage stellte;” BENNE; SANTINI, 2013, p. 173.

459 “(IV) Nietzsche als Verteidiger methodischer Prinzipien der historisch-kritischen Philologie: nach Aufgabe der Professur und dem Bruch mit Wagner spielt die Philologie in einem sehr allgemeinen Sinn eine rhetorisch wichtige Rolle als Instrument in der Hand des freien Geistes und als Bundesgenossin gegen „Hinterweltler“ aller Art;” BENNE; SANTINI, 2013, p. 173.

460 “(V) schließlich kommt zunehmend wieder der ambivalente Charakter der Philologie zum Vorschein, deren eingebauter Skeptizismus auch ein Nihilismus sein kann, der stellvertretend für das asketische Ideal steht.” BENNE; SANTINI, 2013, p. 173.

461 “Doch bilden die beiden letzten Phasen nicht allein wegen ihrer zeitlichen Überlagerung eine Einheit, sondern weil sie auch systematisch zusammengehören: als Frage nach der Bedeutung der Philologie für Nietzsches Werk im Unterschied zur Frage nach Nietzsches Tätigkeit als Philologe.” BENNE; SANTINI, 2013, pp. 173-4.

Com efeito, Nietzsche não apenas foi formado em uma “universidade” que era sinônimo de “método” por excelência⁴⁶², como também obteve um treinamento específico “na filologia clássica da escola de Bonn” *constituída* pela “clássica ciência da Antiguidade”⁴⁶³ a partir da “combinação da crítica textual e pesquisa de fontes com prosódia, métrica, epigrafia e estudos histórico-literários”⁴⁶⁴ cujo principal propósito era, o já mencionado, “estabelecimento do texto e sua interpretação crítica a fim de assegurar a tradição”⁴⁶⁵. Ao mesmo tempo que a “universidade de Bonn” foi sinônimo de *universidade* do “método”, seu “excepcional representante”⁴⁶⁶ Friedrich Ritschl tem seu nome também associado a “sinônimo de método” porém, de forma mais ampla, como “do século XIX”⁴⁶⁷ e parece justamente tal *atmosfera* em torno da figura do mestre latinista que “fascina Nietzsche até o fim da vida”⁴⁶⁸. Isso é importante pois destaca precisamente os principais elementos que modelam a experimentação do método na formação de Nietzsche. Conforme destaca Benne, “a filologia histórico-crítica” (a quarta etapa descrita acima da relação de Nietzsche com a filologia) “não é um paradigma homogêneo” na medida em que “a filologia de Ritschl se distingue do método estritamente científico baseado na crítica do texto e das fontes”⁴⁶⁹. Mesmo considerando essa prática científica que é a filologia, a partir de uma singularidade tal que *o modo de leitura nunca se confunde com outras disciplinas relacionadas*⁴⁷⁰, atuando no horizonte de um “rigor de método” e “distância crítica” porém, “nunca puramente formal”⁴⁷¹, cuja “dissecação pode ser

462 “Bonn wurde die Universität der „Methode“ schlechthin.” BENNE; SANTINI, 2013, p. 177.

463 “Ein Schwerpunkt der 1818 gegründeten Universität Bonn war – ähnlich wie in Berlin – die klassische Altertumswissenschaft. Die Verbindung der Philologie mit Religionsgeschichte und Archäologie gehörte zum Programm.” CANCIK, 2000, p. 23.

464 “Bonner Schule der klassischen Philologie, und in ihrem Geist wird Nietzsche hauptsächlich erzogen, heißt die Verbindung von Textkritik und Quellenforschung mit prosodischen, metrischen, epigraphischen und literaturhistorischen Studien.” BENNE; SANTINI, 2013, p. 177.

465 “Die Etablierung von Texten und ihre kritische Auslegung zum Zwecke der Sicherstellung der Überlieferung war ihr wesentliches Anliegen.” BENNE; SANTINI, 2013, p. 177

466 “Der überragender Repräsentant der Bonner Schule” BENNE, 2005, p. 46.

467 “Ritschl Name war geradezu Synonym der „Methode“ des neunzehnten Jahrhunderts.” BENNE, 2005, pp. 48-9.

468 “Der überragender Repräsentant der Bonner Schule – „vir incomparabilis Ritschelius“, wie Nietzsche ihn in einem Brief an Mushacke vom 15. Juli 1867 mit bewundernder Ironie nennt (1.2:220), hat Nietzsche bis an sein Lebensende fasziniert.” BENNE, 2005, p. 46.

469 “Die historisch-kritische Philologie, deren Bedeutung für Nietzsches Denken hier behauptet wird, bildet kein genau abgegrenztes, homogenes Paradigma: die Philologie Friedrich Ritschis weist einige Merkmale auf, die sie vom Hauptstrom der auf Text- und Quellenkritik beruhenden, streng wissenschaftlichen Methode unterscheidet, der sie normalerweise zugeordnet wird.” BENNE, 2005, p. 46.

470 “Die Art und Weise ihres Lesens unterscheidet die Philologie als Disziplin von verwandten Disziplinen.” BENNE; SANTINI, 2013, p. 178.

471 “Sie verstand sich als hart und unerbittlich in der Strenge ihrer Methodik, die gleichwohl nicht rein formal sein soll, sondern Strenge eher in der kritischen Distanz zur eigenen wissenschaftlichen Phantasie praktiziert.”

lida como prática do ceticismo”⁴⁷², há ainda, sempre o risco de *perder-se* na atenção à *parte* que o trabalho “microcopista” de *trabalhador filológico* e *escavador profissional* impõe⁴⁷³. Esse parece ser o preciso “medo” de Nietzsche (*tornar-se um trabalhador de fábrica a serviço da ciência*)⁴⁷⁴ que impulsiona sua crítica aos filólogos profissionais de seu tempo em contraste com uma possível *instrumentalização criativa*⁴⁷⁵ que o método *histórico-crítico da filologia* de Ritschl inspirava com sua “abertura intelectual”⁴⁷⁶. Em suma, são os seguintes requisitos da “escola de Bonn” – esses “continuadores de Humboldt e Wolf”⁴⁷⁷, – que, a meu ver, exercem uma principal força de influência na formação filológica de Nietzsche seja para *adesão* ou *crítica e transformação* desses elementos no interior de um uso propriamente “filosófico”, quicá “sofístico” junto ao *texto*⁴⁷⁸: 1) *Rigor*; 2) *Foco no exame em pontos individuais*; 3) *Foco na exposição dos resultados do exame em pontos individuais*; 4) *Intuição é considerada*; 5) *Crítica do texto*; 6) *Relação entre crítica e hermenêutica*; 7) *Leitura como atividade característica*; 8) *Fundamento empírico*.

BENNE; SANTINI, 2013, p. 177 e BENNE, 2005, p. 59.

472 BENNE; SANTINI, 2013, p. 178.

473 Respectivamente, “microcopista histórico-natural da linguagem” e “micrologistas desagradáveis”: NT 20 “naturhistorischer Sprachmikroskopiker”, <#eKGWB/GT-20>, NIETZSCHE, 2007, p. 119 e Co.Ext II, HL, 2 “peinliche Mikrologen”, <#eKGWB/HL-2>, NIETZSCHE, 2003, p. 18.

474 “Em vista do rigor e concentração do método da crítica do texto compreende-se absolutamente o medo de Nietzsche em tornar-se um “trabalhador de fábrica a serviço da ciência” (KGW I.4:222f) que, ao fim, não sente mais nenhuma inclinação, [não] compreende coisas grandes e diminui ao vulgo as faculdades filosóficas”: “Angesichts der Strenge und Konzentration textkritischer Methodik ist Nietzsches Befürchtung durchaus nachzuvollziehen, zum „Fabrikarbeiter im Dienste der Wissenschaft“ (KGW I.4:222f) zu werden, der am Ende keine Neigung mehr verspürt, größere Dinge zu erfassen und zum Vulgus der philosophischen Fakultät absinkt.” BENNE, 2005, p. 99.

475 Por exemplo, acerca da ambivalência que recobre o escrito “Nós filólogos”: “Nietzsche estiliza temporariamente a filologia como uma ocupação anêmica de auxiliares que é diametralmente oposta a uma filosofia criativa”: “Nietzsche stilisiert die Philologie zeitweilig zur blutarmen Beschäftigung von Hilfsarbeitern, die einer schaffenden Philosophie diametral entgegensteht.” BENNE, 2005, p. 21-22.

476 “(...) wie sie schätzte er die besondere Mischung aus wissenschaftlicher Strenge und intellektueller Offenheit.” BENNE, 2005, p. 46

477 “Die Bonner Schule verstand sich ferner, und das ist vor allem bei Welcker, aber durchaus noch bei Ritschl der Fall, als Fortfuhrer Wilhelm von Humboldts und Friedrich August Wolfs.” BENNE, 2005, p. 55.

478 A mencionada “autosupressão” da filologia em sua vasta amplitude seja como “incorporação da filologia dentro de seu posterior modo de pensar” (BENNE, 2005, p. 22) como “*ephexis* na interpretação” (Por exemplo, na interpretação elaborada n’*O Anticristo*: AC 44 e 52), seja de modo especial como a instrumentalização e subversão de *praxis* filológicas colocada em atuação na *textualidade dos escritos* (*emendatio*, radicalização do uso da pontuação, etc) cuja ênfase por fim destaco para aquilo que compreendo como *doxografia sofisticada de si* em *Ecce homo*.

1) *Rigor*: em primeiro lugar, “a filologia em Ritschl se estabelece em direção a um indiscutível ethos” cuja demanda exige propriamente “inexorável rigor contra toda meia medida no pensamento”⁴⁷⁹.

2) *Foco no exame em pontos individuais*: devido ao fato de ter como “objetivo o conhecimento universal da Antiguidade” a filologia desta escola “concentra-se, no trabalho diário, em pontos individuais que devem ser examinados de maneira exaustiva”, sendo assim, como salienta Benne, “esse compromisso” é o que propicia tanto a “dimensão” do *método* quanto sua “limitação” na medida em que, como procedimento de “dedicação ao detalhe”, para Nietzsche, faz com que *se perca de vista o amplo contexto*⁴⁸⁰.

3) *Foco na exposição dos resultados do exame em pontos individuais*: tem na “exposição” desses “pontos examinados” seu “tratamento essencial” cujo anseio fundamental remete a um possível “arredondamento artístico”. Aqui a preocupação com o “leitor” parece ser o ponto decisivo da influência de Ritschl para Nietzsche⁴⁸¹.

4) Como uma filologia “não puramente formal” o procedimento de Ritschl consiste numa abordagem que dá abertura para uma “forma de crítica de adivinhação-subjetiva” a partir do trabalho com “fatos”⁴⁸² que, em certa medida, “concede primazia ao caráter atuante do filólogo, estimulando que ele usufrua de suas intuições” e que parece ter sido aquilo que faz Nietzsche “conferir suporte filosófico para o subjetivismo presente” nesse “método crítico”⁴⁸³.

5) *por duas razões* “a pedra de toque” da filologia “é a crítica textual”: a) “textos são os mais importantes monumentos da tradição”, b) “natureza pedagógica” (*crítica textual é uma importante faculdade do método filológico que pode ser estudado em exemplos manejáveis como a conjectura crítica e imaginação*)⁴⁸⁴. Em complemento a abertura que o item 4) fornece, “a conjectura crítica” pode ter surgido para Nietzsche como uma

479 “(1) Philologie baut bei Ritsehl auf einem unumstößlichen Ethos auf, das „unerbittliche Strenge gegen jede Halbheit im Denken“ (Bickel, 1946:22) fordert.” BENNE, 2005, p. 60.

480 “Diese Selbstverpflichtung macht die Größe, aber auch die Beschränkung der Ritschl-Schule aus. Während und nach dem Studium kritisiert Nietzsche die Hingabe an das Detail, welches die weiteren Zusammenhänge aus dem Auge verliert.” BENNE, 2005, p. 61.

481 “Mehr als andere Gelehrte dachte Ritsehl an den Leser und forderte dies auch von seinen Schülern (Schmid, 1984:passim).” BENNE, 2005, p. 61.

482 “Diese auswählende und divinatorisch-subjektive Form der Kritik soll jedoch kein zufälliges Ratespiel abgeben, sondern durch Tatsachen abgesichert sein, die ohne Beteiligung der Persönlichkeit des Philologen ermittelt werden.” BENNE, 2005, p. 61.

483 NASSER, 2015, p. 97.

484 BENNE, 2005, p. 61.

possibilidade de *praxis* de um *poie*⁴⁸⁵ na medida em que, com a ferramenta da “emendatio” se obtém “pulsantes melhoramentos” ou ainda as mais “especulativas equivalentes” dessa *práxis* que são as “conjeturas”⁴⁸⁶.

6) *Relação entre crítica e hermenêutica: não se separam na prática mas devem teoreticamente ser mantidas a parte.*

7) *a atividade característica do filologista é a LEITURA, isto é, explorar o corpo-texto como organismo com atenção a materialidade do suporte dos escritos: por isso a importância no método de Ritschl do estudo do “ritmo e do metro”*⁴⁸⁷. Existe contudo, dois diferentes métodos de leitura: a) *eficiente, penetrante crítica leitura estática (LENTA)* e b) *a superficial que aponta ao rico conhecimento e segurança da linguagem*. Conforme Benne destaca em nota, tal distinção desaparece na tradição da filologia alemã permanecendo ainda no “norte da europa”, por exemplo, na Dinamarca⁴⁸⁸.

8) A ênfase na erudição somado a uma certa “abstinência filosófica” coloca o método no âmbito do “cânon” de uma “fundação empírica”. Ao “conscientemente” Ritschl transferir o “cosmopolitismo de Goethe para a ciência” se tem um ganho de “experimento contínuo” em relação aos métodos mais dogmáticos da época⁴⁸⁹.

Consequentemente, “é o treinamento filológico que possibilita fértil fundamento para a adoção de Nietzsche do pensamento científico” e suas primeiras “anotações de filologia”, como salienta Benne, tais elementos apontam precisamente para o fato de que “seu interesse metodológico nas ciências empíricas está enraizado na escola de Bonn da filologia clássica”⁴⁹⁰.

Assim, para além da descrição desses aspectos estruturantes da formação filológica de Nietzsche, eu gostaria ainda de *exemplificar* o tema do “ritmo” como um elemento importante

485 “Die Konjekturealkritik galt ja immer bis zu einem gewissen Grad als Neu- und Nachdichtung (vgl. Jensen, 1963:89).” BENNE, 2005, p. 62.

486 “Emendationen sind schlagende Verbesserungen, Konjekturen ihre spekulativere Entsprechung (plausible Vermutungen, die, modern gesprochen, falsifiziert und nicht verifiziert werden müssen).” BENNE, 2005, p. 97.

487 “Lesen ist das Erkunden des Textsoma als tatsächlichem Körper bzw. Organismus. So waren etwa metrische und rhythmische Studien für Ritschl von hoher Bedeutung. Lesen ist die verinnerlichte Ausübung von Kritik und Hermeneutik nach einem Grad der Verflechtung, der sie unauflöslich macht, also einer Exegese, die sich auf Schritt und Tritt selbst beobachtet und kritisiert.” BENNE, 2005, p. 63.

488 “Diese nützliche Unterscheidung ist aus den neuphilologischen Studienordnungen in Deutschland leider verschwunden. In Nordeuropa, etwa in Dänemark, spielt sie jedoch nach wie vor eine wichtige, sogar prüfungsrelevante Rolle.” BENNE, 2005, nota 106, p. 63.

489 “Der Rangstreit unter den Künsten sei ebenso verwerflich wie der zwischen den Nationen: Ritschl überträgt bewusst Goethes Kosmopolitismus auf die Wissenschaft (ebd.).” BENNE, 2005, p. 65.

490 BENNE, 2005, pp. 65-6.

que é tematizado, de modo especial, em trabalhos dessa época da filologia e que surge posteriormente, a meu ver, como nuclear numa das características dos escritos de Nietzsche, isto é, não como *teorização específica do tema*, mas como uma *práxis*, que opera sob uma “orientação para a linguagem falada” orientada pela “metáfora-do-ouvido” e que culmina, dentre outras coisas, numa “musicalização ou ritmização” de seus escritos, conforme veremos⁴⁹¹ e cuja sutileza da “prosa rítmica” aparece como característica importante dessa pluralidade que caracteriza diferentes vozes e posições chamando atenção para a disposição corpórea que vem a tona em suas expressões⁴⁹².

Nesse sentido, o “conceito e o fenômeno do ritmo” foi uma constante presença nos escritos de Nietzsche ao longo de sua carreira⁴⁹³ e parece ter sido um dos *elementos centrais* de seu pensamento⁴⁹⁴. Seja pelo interesse datado de 1864 para a elaboração dos estudos dos fragmentos de Simônides e o problema da forma rítmica elaborado, posteriormente em 1868⁴⁹⁵, seja pelos dois cursos ministrados sobre “métrica e ritmo clássico” no “*Paedagogium*” e na Universidade da Basileia⁴⁹⁶, seja a partir dos quatro cadernos sobre o tema elaborados entre 1870-72⁴⁹⁷, seja pelas passagens nuançadas ao longo dos textos publicados⁴⁹⁸, seja pelos “planos” e menções em apontamentos póstumos do período

491 Cf. adiante seção “4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche”.

492 Cf. adiante seção “4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche”.

493 PORTER, 2000, p. 127 e GÜNTHER, 2008, p. 01.

494 “Le rythme occupe en effet une place centrale dans la pensée de Nietzsche parce qu’il constitue un domaine privilégié qui permet d’opérer la jonction entre la philologie, la philosophie et la musique.” CORBIER, 2009, p. 04.

495 “The second of his publications was an article on the Danae fragment by Simonides and the problem of its rhythmical form (1868). Although the study was conceived in 1866, his interest in the problem dates back to 1864 while he was at Bonn.” PORTER, 2000, p. 128; Ainda aqui: “Von 1864 bis 1868 untersucht Nietzsche die Rhythmik des Danae-Fragments von Simonides;” GÜNTHER, 2008, p. 01. “*Beiträge zur Kritik der Griechischen Lyriker I: Der Danae Klage*” (KWG, 2.I: 59-74); Veja-se a carta 525 de Nietzsche para Georg Curtius de Novembro/Dezembro de 1866 <[eKGWB/BVN-1866.525](#)>, carta 573 para Paul Deussen de 2 de junho de 1868 <[eKGWB/BVN-1868.574](#)> e carta 574 para Ervin Rohde de 6 de junho de 1868 <[eKGWB/BVN-1868.574](#)>.

496 “he offered two courses on classical metrics and rhythm, first in the summer semester of 1869 (A *Paedagogium*, taught at the gymnasial level but not at the university, which explains its absence from Stroux’s catalogue...) and then again at the university in the winter semester of 1870/71.” PORTER, 2000, nota 7, p. 333.

497 “Griechische Rhythmik”, “Aufzeichnungen zur Rhythmik und Metrik”, “Zur Theorie der quantitativen Rhythmik” e “Rhythmische Untersuchungen” CORBIER, 2009, p. 03; PORTER, 2000, p. 130 e nota 7, p. 333; (Cf. KGW II 3, S. 99 – 338).

498 Por exemplo, passagens como a “batida ondulante do ritmo” e sua “força figuradora” nas primeiras seções d’*O Nascimento da Tragédia* (NT §2, NIETZSCHE, 2007, p. 31.) ou ainda nas posteriores descrições das “espécies de atividades da humanidade (homem é uma criatura que molda forma e ritmo)” e a isolada descrição da dinâmica da “vontade de poder”, suas “pulsões”, seu “interior metabolismo”, suas “formas de intermitência” e sua “variedade de tempos e ritmos” (1885-87) e, por fim, em 1888 pela caracterização de Nietzsche dos estados apolíneo e dionísio “em termos de ‘uma diferença em tempo’, ou seja, uma alteração na percepção comum de ‘tempo e espaço’” PORTER, 2000, p. 127.

intermediário e tardio, seja pelas cartas trocadas com o músico e amigo Carl Fuchs ao longo de toda sua carreira⁴⁹⁹, em todos esses momentos da reflexão teórica de Nietzsche sobre o tema é possível reconhecer e assentir com Porter, que tanto o interesse do filósofo alemão “se desenvolve lentamente”, quanto esse interesse sobre o ritmo e o metro *nunca cessam*, tendo de forma especial, uma concentração revigorada sobre “os primeiros estudos do ritmo e do metro”⁵⁰⁰. A partir de um conjunto de quatro grupos de *cadernos de anotações* entre os anos de 1870-73⁵⁰¹, Nietzsche trabalha com “fontes múltiplas” e “contraditórias” suas reflexões sobre o ritmo⁵⁰². De modo especial, em 1870-71 o filósofo estuda a “*Elementa rhythmica*” de Aristóxenos de Tarento para elaborar sua crítica às teorias dos filólogos modernos⁵⁰³. Nesse sentido, o “ponto de partida” da reflexão de Nietzsche sobre o ritmo e que configura “sua inovação” é “seu insight acerca do ritmo quantitativo e completa incomensurabilidade desse com a moderna dinâmica do ritmo”⁵⁰⁴. Assim, o objetivo de Nietzsche era o de “determinar as mudanças da sensibilidade dos gregos e então, dos modernos, em relação às qualidades sonoras da linguagem, sua música e os movimentos da linguagem e do som através do tempo”⁵⁰⁵. Ao encontrar um “abismo que separa as duas realidades culturais” entre antigos e modernos, Nietzsche chega a acusar “o inteiro desenvolvimento da visão moderna, de Bentley a Westphal” como a “história de um erro”⁵⁰⁶. No entanto, o modo como o filósofo reflete sobre o ritmo no contexto de juventude, por exemplo, enseja uma interpretação sobre a qual não se tem “consenso”⁵⁰⁷. Acerca dessa controvérsia, eu aceito com Babich que a “o papel

499 Especialmente carta 1097 de Nietzsche a Carl Fuchs que recapitula toda a discussão de juventude no ano de 1888 <[#eKGWB/BVN-1888.1097](#)> e traduzida para o português por Fernando Barros no Vol. 3. – nº 2, da *Revista Trágica*: BARROS, 2010, pp. 132-141.

500 PORTER, 2000, nota 7, p. 333.

501 Conforme salienta Corbier tais anotações fazem parte de: “«Griechische Rhythmik»; «Aufzeichnungen zur Rhythmik und Metrik»; «Zur Theorie der quantitativen Rhythmik»; «Rhythmische Untersuchungen» (vgl. KG-W II 3, S. 99 – 338).” CORBIER, 2009, p. 03.

502 “les métriciens modernes, notamment Rudolph Westphal; les rythmiciens antiques, au premier rang desquels figure Aristoxène de Tarente; Schopenhauer; Wagner. Ce sont ces sources multiples et parfois contradictoires que Nietzsche tente d’organiser entre 1870 et 1873.” CORBIER, 2009, p. 04.

503 Especialmente em oposição a Bentley, Hermann e Rudolph Westphal: CORBIER, 2009, p. 06.

504 PORTER, 2000, p. 143.

505 “The aim, in a word, was to determine the changing sensibilities of the Greeks, and then of the moderns, with respect to the sound qualities of language, its “music”, and to the movements of language and sound through time.” PORTER, 2000, p. 134.

506 Carta de Nietzsche a Carl Fuchs de abril de 1886: “die ganze Entwicklung der Metrik von Bentley bis Westphal als Geschichte eines Grundirrhums.” <[#eKGWB/BVN-1886.688](#)>; Cf.: DUFOUR, 2001, p. 227; PORTER, 2000, p. 134.

507 Tal problemática, que não discutiremos devido a limitação de tempo, consiste na “aceitação” ou não de uma “continuidade” entre as reflexões de Nietzsche sobre o ritmo em três momentos precisos: a) *textos específicos da época de professor de filologia* (1864-68); b) *anotações de 1870-71 sobre o ritmo na antiguidade*, ligadas a teo-

estilístico da música” em NT, e mais precisamente, a meu ver, no que se refere as discussões sobre o “ritmo” em Nietzsche, deve-se mais “às descobertas de Nietzsche” acerca do metro grego e suas relações entre “música e palavra” do que algo da “sensibilidade musical” do filósofo ou mesmo sua afinidade com Richard Wagner⁵⁰⁸. Assim, a partir de uma “absoluta confiança” em sua “nova” descoberta⁵⁰⁹, “anunciada” como sempre, “de maneira excitante” em sua correspondência⁵¹⁰, Nietzsche revela “um ‘abismo’ que separa duas realidades culturais” no que concerne a percepção do fenômeno do ritmo: a “dinâmica” moderna da “sílabo-tônica”, o chamado “ictus” e o “sistema de duração temporal (*Takte*)” dos gregos. Precisamente esse “abismo” (que fundamenta por extensão toda incompreensão dos modernos acerca dos gregos) que, segundo Nietzsche, baliza sua crítica à modernidade e poderia ser resumida numa espécie de problema acerca do aspecto “monolítico” de uma “cultura textual”⁵¹¹. No centro da constatação desse “abismo” está o *insight* de Aristoxeno sobre a “identidade” do fenômeno do ritmo que Nietzsche radicaliza: a distinção fundamental entre o “ritmo” e “seus objetos” é o que faz a “identidade do ritmo parecer precária” na medida em que o “ritmo” não se confunde com “corpos feitos rítmicos” e, então, “aquilo que é percebido, de fato, são estruturas de *relações* – de tempo” não um “ritmo *per se*”. Com efeito, ao radicalizar a “teoria baseada na percepção” de Aristoxenos, Nietzsche “coloca sob dúvida” a “objetividade do ritmo” que está “em jogo”⁵¹². Como uma “simplificação” inevitável, a própria perspectiva de Nietzsche é uma “idealização” que, segundo Porter chama “atenção” por sua “plausibilidade inicial”. Na medida em que “o ritmo é uma idealização do tempo” e a “percepção do tempo é ela mesma uma idealização daquilo que é percebido”, então, “falar de

ria de Aristóteles e; c) *seu primeiro livro publicado, O Nascimento da Tragédia* de 1872. Aqui a mencionada “continuidade” é colocada em dúvida devido ao teor da mobilização da discussão nesse terceiro momento influenciado pela teoria musical de Richard Wagner. Sobre a ausência de um “*communis opinio*” veja-se: GÜNTHER, 2008, p. 03.

508 “The stylistic role of music in *The Birth of Tragedy* requires less a review of Nietzsche’s personal sensibility to music (though this matter) or an account of his friendship with Richard Wagner (although this is a crucial element) than it fundamentally presupposes the question of the relation Nietzsche had uncovered between «music and words» in his theory of meter and rhythm in ancient Greek.” BABICH, 2005, pp. 47-8.

509 “Nietzsche fait montre d’une absolue confiance dans ses découvertes philologiques” CORBIER, 2009, p. 02.

510 “Nietzsche excitedly announces his ‘discovery’...” PORTER, 2000, p. 133. Cf.: Carta a Rohde de 23 de novembro de 1870 <[#eKGWB/BVN-1870.110](#)>.

511 Conforme já mencionado, trata-se da falta de sensibilidade dos modernos para a cultura oral completamente estranha a uma herança da determinação “monoliticamente orientada do texto” BABICH, 2013, p. 171.

512 “Nietzsche is here taking to an extreme Aristoxenus’ perception-based theory.” e “At stake is nothing less than the objectivity of rhythm, which Nietzsche proceeds to put into doubt from both the modern and ancient perspectives.” Respectivamente: PORTER, 2000, p. 150 e 149.

‘tempo’ e ‘força’ é ilusoriamente redutivo”⁵¹³. É por meio do reconhecimento dessa “indeterminação” do fenômeno do ritmo que Nietzsche compreende a “dinâmica da acentuação” moderna como *sendo* “ela mesma duracional” na medida em que “aquilo que manifestamos através do ictus foi expresso por retardações e acelerações”⁵¹⁴. Consequentemente, ao privilegiar em sua análise o conceito de “alogia” Nietzsche leva as últimas consequências essa “indeterminação” do ritmo a partir de sua ligação ao “dátilo” e a “irracionalidade” que “é a característica central de todo ritmo grego”⁵¹⁵. Alogia, segundo Nietzsche, como “ritmo Dátilo”, reflete a “fundamental irracionalidade” do ritmo grego e uma “dissonância” em sua “não obediência a uma exata equivalência de medida” (*Taktgleichheit*). Em linhas gerais, a principal diferença é que comparado ao moderno “*Affekt-Rhythmik*”, o grego “*Zeit-Rhythmik*” era não apenas composto por “proporções regulares e aritméticas”, mas elaborado “sobre padrões irregulares e assimétricos”⁵¹⁶. De acordo com Nietzsche o erro da tradição filológica estaria em identificar a “sílabas tônica”, isto é, o “ictus” não como uma “medida de tempo”, “*mensura temporis*”, mas como uma “intensificação da voz”⁵¹⁷. O que me parece mais interessante é o fato de que, como salienta Porter, tanto as leituras de Nietzsche sobre o ritmo, as notas sobre o atomismo temporal de Demócrito⁵¹⁸, quanto as tardias reflexões nos apontamentos póstumos sobre o tema, revelam o complexo de interesses relacionado à hipótese de Karl Ernst von Baer que Nietzsche se utiliza, por exemplo, na leitura sobre Heráclito no texto sobre os filósofos pré-platônicos. Nesse sentido, a hipótese de von Baer tinha como interesse “localizar a base subjetiva da percepção na fisiologia pelo isolamento da *mínima* sensação temporal, [...] mas também a proporcional relação do índice de vibração/pulso para o índice de sensação consciente”⁵¹⁹. Em consequência disso, “ritmo” para Nietzsche “continua a ser usado mais no sentido estrito de música, dança e linguagem, ou

513 PORTER, 2000, p. 151.

514 “After all, dynamic accentuation is itself durational.” PORTER, 2000, p. 152; Cf.: Nota 87, p. 345.

515 PORTER, 2000, p. 153.

516 CORBIER, 2009, p. 01.

517 “Stressing a beat through the ictus is the fundamental error that, according to Nietzsche, blocks our way to a correct understanding of ancient meter and, as a consequence, of the culture of antiquity. Stress through the ictus – still audible in the typical “droning” of the school recital – overlays the affectless, geometric-temporal proportioning in which Nietzsche sees the essence of classical verse” MULLER-SIEVERS, 2015, p. 149.

518 De acordo com Porter “os estudos de Nietzsche nas teorias clássicas do ritmo dos gregos e romanos coincide com seu interesse em Demócrito” em que os “átomos” são sobretudo, “átomos de ritmo”: PORTER, 2000, pp. 131-3.

519 PORTER, 2000, nota 2, p. 332.

num estendido sentido filosófico” relacionado aos âmbitos mencionados⁵²⁰. Günther ainda amplia essa compreensão ao reconhecer que o “ritmo” em Nietzsche está situado numa posição limítrofe “entre os pólos da solidificação e dissolução arquitetônica, entre ‘columbarium’ do conceito e liquefação de toda margem de significação, entre as correntes e o desencadeamento”: aspecto tal que permitiria assumir o ritmo não apenas como fenômeno “poetológico”, mas como “fenômeno antropológico” em Nietzsche⁵²¹. Por fim, do uso que Nietzsche faz dos *insights* de Aristóteles, alinhando-os, sobretudo, à hipótese de von Baer, chegando a “descoberta” do “ritmo quantitativo” nos gregos que ele problematiza a partir da noção de “alogia” e pelo “ritmo dátilo”, em toda essa complexa reflexão o conceito de “ritmo” é tanto compreendido de maneira “distinta de seus objetos”, isto é, das formas rítmicas, quanto identificado num “efeito limite” sobre o tempo, bem como, é ainda caracterizado enquanto “estrategicamente indeterminado por todas as suas especificidades” em sua distinção com o “metro”, ou seja, “diferente do metro, o ritmo não tem estrutura definida” sua unidade é vazia e, como salienta Nietzsche, “sem fim”⁵²². Portanto, em conexão com a complexa discussão de Nietzsche sobre o “ritmo” e, se assentirmos com Fietz, que “o tempo é também um momento de estabilização de significado na linguagem”⁵²³ então, é exatamente esse tipo de autocompreensão da linguagem que colocaria a disposição de Nietzsche todo tipo de *instrumentalização* das mais variadas formas do tempo nos escritos⁵²⁴ numa performance de “antidogmatismo” *textual* de seu pensamento⁵²⁵ que remonta efetivamente a um efeito *logológico* de uma “retórica do tempo”⁵²⁶ num contexto em que o “princípio da fala rítmica” foi “beletristicamente utilizado” e “expressivamente refinado” com

520 PORTER, 2000, p. 129.

521 “Der Rhythmus bewegt sich wie die Sprache in Nietzsches Bild vom Begriffsdom zwischen den Polen der architektonischen Erstarrung und der Auflösung, zwischen „Columbarium“ der Begriffe und Verflüssigung aller Bedeutungsgrenzen, zwischen Ketten und Entfesselung. Aus diesem Grund bezeichnet er bei Nietzsche grundsätzlich kein ausschließlich poetologisches, sondern ein anthropologisches Phänomen.” GÜNTHER, 2008, p. 183.

522 PORTER, 2000, nota 97, p. 347.

523 “Nietzsches Interpretation der Sprache [...] macht deutlich, daß die Zeit auch in der Sprache ein bedeutungsstabilisierendes Moment ist, daß die starren Zuordnungen von Signifikant und Signifikat jederzeit gefährdet sind, da die Signifikanten mit der Zeit in Bewegung geraten und die Signifikate (insofern beide eben nicht rein voneinander zu trennen sind) mitreißen.” FIETZ, Apud: PICHLER, 2014, p. 58.

524 “Nietzsche demonstrates in his writings is the immense variety of forms that time can assume even from within the single vantage point of a given cultural perspective” PORTER, 2000, p. 166.

525 Se se reconhece todo o complexo de elementos para entender, como quer Pichler, “o significado da textualidade da filosofia de Nietzsche”: “(...) Diese unterscheidet sich von der Tradition, wie der gerade behandelte Abschnitt zeigt, eben nicht nur durch ihren Anti-Dogmatismus (vgl. W I 6, S. 3), sondern auch durch eine diesen Anti-Dogmatismus literarisch umsetzende Schreib- und Publikationspraxis.” PICHLER, 2014, pp. 72.

526 CASSIN, 2005, pp. 200-201.

elementos como “ponto e vírgula, dois pontos, travessão, ponto de exclamação e interrogação”⁵²⁷ em uma complexa performance de “musicalização ou ritmização” dos escritos⁵²⁸. Ainda aqui, de acordo com a *Pesquisa-Nietzsche* muito daquilo que é compreendido como sendo parte da noção de “ritmo” em Nietzsche é, de alguma maneira, modulado, conduzido e produzido pela materialidade dos elementos de pontuação somado à justa ordenação das palavras e sentenças precisas em sua combinação fônica na organização sintática⁵²⁹ em uma língua que, mesmo não possuindo uma *ordem livre das palavras*, como no grego, sua “riqueza morfológica dos casos” ainda “pode permitir que elementos dependentes evitem a sujeição a ordenação fixa, seja entre si ou ao constituinte do qual eles dependem”⁵³⁰.

Conforme tentarei explicitar adiante, a construção dos elementos *literarizantes* em *Ecce homo*, em especial o que denomino como “hipotiposes” junto à performance de uma *monumentalidade*, a meu ver, remete à radicalização da prática filológica de Nietzsche de “descoberta/invenção”⁵³¹ da “*Persönlichkeit*” tal como aprende de seu mestre Ritschl e encontra na “fusão de Lange e Valentin Rose” a ferramenta de uma experimentação colocada em prática no “estudo sobre Demócrito”, “Homero e a filologia clássica”, e no escrito não publicado *A filosofia na época trágica dos gregos* em que a noção de “anedota” é fundamental nessa confabulação⁵³² e já aparece como um produto da “*praxis* filológica” com os *estudos de*

527 “Das sprechrhythmische Prinzip wurde im 19. Jh. belletristisch weitergenutzt und expressiv verfeinert bei Semikolon, Doppelpunkt, Gedankenstrich, Ausrufungs- und Fragezeichen (Stenzel 1970; Simmler 1994a).” POLENZ, 1999, p. 363.

528 Que ainda passa por uma instrumentalização da unidade silábica cuja compreensão parece ser a que: “o estudo da sílaba a partir do modelo auto-segmental, embora nem sempre nos permita precisar quando uma vogal longa ou breve irá ocorrer numa sílaba tônica (salvo em final de palavra e seguida de coda com duas consoantes), mostra, mais uma vez que a duração é relevante no sistema vocálico alemão, uma vez que muda toda a estrutura interna da sílaba. Uma vogal longa ocupa duas posições esqueléticas, como se virtualmente pudessem ocorrer aí duas vogais, assemelhando-se à estrutura de um ditongo decrescente, enquanto que a breve ocupa apenas uma posição.” HAUPT, 2007, p. 165.

529 Veja-se seção adiante “4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche”.

530 “Thus we must dissociate the two characteristics of fixed word order and the “richness” of case morphology: the existence of a rich morphology does not necessarily imply a free order of the constituents. The only generalization that a language like German allows us to make is that a rich morphological repertoire, when it is used to mark functional distinctions, can enable dependent elements to avoid subjection to fixed placement, either among themselves or in relation to the constituent on which they depend.” CASSIN [et al.], 2014, p. 1259.

531 O conhecido jogo de palavras que Nietzsche performa entre os verbos “achar” (“*finden*”) e “inventar” (“*erfinden*”) e nos substantivos “invenção” (“*Erfinden*”) e “descoberta” (“*Finden*”) na prática textual de acentuar como, em certa medida, *se fabrica o fato na investigação*. Respectivamente: ABM, Dos preconceitos dos filósofos 11 e 12; NIETZSCHE, 2006, p. 17 e nota 32, p. 201; bem como p. 19 e nota 40, p. 203.

532 Discutirei essa questão na segunda parte desse trabalho: “5.2.1. Gesto doxográfico: doxografia sofisticada de si”.

*Diógenes Laércio*⁵³³. Ademais, no que se refere ao *problema da confiabilidade dos relatos históricos*, se, num momento inicial, Nietzsche teria se vinculado a uma “tradição da historiografia moderna”, que “adota como método a confrontação das diversas testemunhas históricas de forma a exibir as contradições da tradição” e tem como rubrica geral o “pirronismo histórico”, num momento posterior, o filósofo alemão parece rever suas posições junto a essa tradição cujo maior representante era Pierre Beyle⁵³⁴. Nesse mesmo sentido, segundo Lopes, Porter reconhece um deslocamento sutil em relação à adesão de Nietzsche para a “disposição cética” (*Skepsis*): de acordo com Porter, Nietzsche, inicialmente inspirado por Rose, conforme mencionado, partilha uma adesão ao “pirronismo histórico” para realizar sua investigação sobre os livros atribuídos ao filósofo pré-socrático Demócrito. No entanto, Porter salienta que, posteriormente, Nietzsche revê a posição anterior como “insustentável e improdutiva” na medida em que, agora, o filósofo alemão, adota uma perspectiva na qual os “juízos históricos são inseparáveis de juízos estéticos e valorativos”⁵³⁵ o que, ressaltaria de um modo preciso, a condição que coloca o intérprete inevitavelmente diante da compreensão segundo a qual “o veredito sobre o passado é sempre um veredito oracular”⁵³⁶ e seu “insistir no discurso da história e em como escrevê-la já é jogar propositalmente com a amplitude do sentido de *historia*, investigação e narrativa, escrever a história e contar histórias.” na mesma medida em que, “insistir na importância decisiva da escolha dos fatos [...] é pôr o dedo na homonímia constitutiva do *factum*: ele aconteceu e foi fabricado.”⁵³⁷. Assim, essa *operatividade* no âmbito dos estudos filológicos diante dessa compreensão é que confere, a meu ver, o *gesto propriamente sofista* de produção discursiva de captura da “*Persönlichkeit*” e do complexo jogo de máscaras performado em *Ecce homo*: enquanto ““Homero” é um mero produto desta ilusão”, isto é, uma ““unidade”” construída de uma ““tangível

533 Andrea Orsucci descreve que Johann Figl “tem enfatizado a importância dos estudos de Diógenes Laércio através do qual Nietzsche aprende, como suas tardias afirmações sobre hermenêutica demonstram, »a detectar [o] ocultado, não legível no texto enquanto tal«, bem como, a expressiva importância do “trabalho com Diógenes Laércio” em que “Nietzsche era »guiado em sua »praxis« filológica [...] por muitas decididas decisões preliminares teóricas«” ORSUCCI, “*Diogenes Laercius*” In: OTTMANN, 2011, p. 379.

534 LOPES, 2008, p. nota 140, p. 191. Nasser destaca ainda que “essas primeiras considerações coexistem com outras, notadamente mais originais e audazes, nas quais Nietzsche é condescendente com o positivismo que alimenta o método histórico-crítico.” NASSER, 2015, p. 91.

535 PORTER, J. Apud: LOPES, 2008, p. 194.

536 Trecho do último parágrafo da sexta seção da segunda extemporânea de Nietzsche *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* aqui citado e traduzido por Lopes: LOPES, 2006, p. 137.

537 CASSIN, 2005, p. 239 e CASSIN, 2014, p. 297.

personalidade””, “um juízo estético”⁵³⁸, é no jogo das vozes, que implica um jogo das máscaras, paródia e *hipotiposes* que *Ecce homo* aparece como construção de uma *monumentalidade* no âmbito de um distanciamento entre *eu-narrativo* e *eu-objeto da narração* cuja abertura interpretativa ali performada permite a possibilidade de conceber a obra como uma espécie de *doxografia sofisticada de si*.

São sutilezas no âmbito dessa *instrumentalização filológica*⁵³⁹ transposta *permanente e posteriormente*⁵⁴⁰ que me permitem aludir à ideia de uma *autosupressão* da filologia na medida em que seus elementos marcadamente constitutivos são levados até o limite como forma de uma *transformação criativa*. Nesse mesmo sentido, é curioso notar que dois dos elementos de um certo “‘cinismo’” de Valentin Rose “em relação ao público” revelados em “sua recusa a dar citações completas” e “‘até sua falta de pontuação’” aparecem, como destacado por Porter, como aspectos que são incorporados, em menor ou maior escala, como *obsessão na escrita de Nietzsche*⁵⁴¹ no interior do amplo quadro de suas *estratégias textuais* ligadas ao domínio das fontes que o trabalho filológico se lhe imputa⁵⁴². Ainda aqui, isso parece confirmado na medida em que reconhecemos como uma espécie de “grafia estética”, *que anseia irritar o familiar processo de recepção do leitor*⁵⁴³, é o que atua na *textualidade* dos escritos de Nietzsche cuja “performance dos signos” (como quer Fietz acerca de elementos como as “aspas” e “travessões”), a meu ver, reflete o que enfatizo como *produto* de uma “autosupressão” da filologia⁵⁴⁴.

Uma possível objeção à relevância desse pano de fundo da filologia no pensamento de Nietzsche seria, por exemplo, a de questionar o porquê Nietzsche não migrou

538 PORTER, 2000, p. 65.

539 A “habilidade” (que encerra especialmente uma “habilidade de compreensão comunicativa”) que é demonstrada, segundo Peter André Bloch, “não apenas em seu trato com os textos literários e filosóficos, mas também em seu comportamento linguístico e autografemático diante dos correspondentes [de carta]”: “Diese Fähigkeit verstehenden Kommunizierens zeigt sich nicht nur in seinem Umgang mit literarischen und philosophischen Texten, sondern auch in seinem sprachlichen und selbst graphologischen Verhalten gegenüber Briefpartnern.” BLOCH, 2016, p. 119.

540 DEL CARO, 2004; BENNE, 2003; PORTER, 2000.

541 Como destaca Porter em nota: “Misleading readers through spurious and missing quotation marks will become strategic element of Nietzsche’s later writerly arsenal; but the impetus is philological.” PORTER, 2000, nota 18, p. 299. Ambos os elementos (*jogo com as aspas* e *jogo com a pontuação*) ligados a uma *praxis de irritação grafemática* que discutiremos adiante.

542 “Nietzsche’s unsettling textual strategies include his use of attributed or unattributed quotations, open or hidden allusions, and literal or adapted utilizations of a wide range of sources.” BENNE, 2016, p. 277.

543 “(...) charakterisieren sich seine Schriften durch den gezielten Einsatz einer „ästhetischen Graphie“, welche, ebenso wie die regelmäßige Auseinandersetzung mit dem Lesen und der Schrift, eine Irritation gewohnter Rezeptionsprozesse anstrebe” PICHLER, 2014, p. 59.

544 Cf. seção adiante “4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche”.

profissionalmente da filologia para a filosofia. Nesse debate sobre a carreira do filósofo no contexto de 1870, Benne salienta em nota que “Nietzsche se sente cada vez mais como artista no máximo como um livre filósofo”⁵⁴⁵. Isso parece demonstrar, de modo mais sutil, a plausibilidade tanto de uma posição que vê que uma “crítica da linguagem (filosófica) cresce da prática da interpretação filológica”⁵⁴⁶, quanto de uma compreensão que vê a *filosofia como um desenvolvimento da filologia*⁵⁴⁷: uma concepção, a meu ver, que conduz tanto ao reconhecimento da já mencionada “incorporação da filologia dentro de seu posterior modo de pensar”⁵⁴⁸, quanto indica uma perspectiva muito próxima à de Cassin ao salientar a interdependência de ambas as disciplinas para *sua* investigação⁵⁴⁹. Além disso, se Nietzsche segue “inconscientemente” a posição de Schlegel, como afirma Benne, acerca do *questionamento* da “relação” entre “filosofia” e “filologia”, o que parece interessante aqui é não apenas o “interesse do conhecimento” de *cada área diversa, mas também* “os modos de conhecimento” que *uma lança sobre a outra*⁵⁵⁰ e isso é fundamental se quisermos de fato reconhecer o “gesto sofista” como uma problematização radical da *violência da filosofia*⁵⁵¹. Por fim, outro elemento importante e que acentua o posicionamento do presente trabalho é a constatação de que a formação profissional de Nietzsche junto a filologia beneficia a criação da multiplicidade de estratégias textuais que os *escritos* desse “filósofo poeta” encerram⁵⁵² daí, a necessidade posterior do presente trabalho de *caracterizar* a textualidade de *seus escritos*.

545 “Nietzsche begreift sich mehr und mehr als Künstler (bzw. Artist), höchstens als freien *philosophe*.” BENNE, 2005, nota 26, p. 25.

546 Posição de Benne reiterando Barbara von Reibnitz: “Sie deutet kurz an, dass Nietzsches (philosophische) Sprachkritik aus der methodischen Praxis philologischer Interpretation erwachsen sei” BENNE, 2005, p. 03.

547 Mencionando a compreensão de Federico Gerrata (1994) em seu ensaio: “Seine Philosophie sei vielmehr eine Entwicklung aus der Philologie heraus.” BENNE, 2005, p. 03.

548 Veja-se nota anterior 349.

549 Cassin delineando o “objeto” de sua investigação: “(...) Do título ao subtítulo, trata-se de filosofia e de filologia, de uma certa relação entre elas. (...) Não que se passe assim da filologia à filosofia como a uma esfera superior e que teria fornecido em segredo uma pré-compreensão para executar as obras baixas. (...) Há, antes, uma prática única que, seguindo simplesmente até o fim suas próprias leis, respeitando simplesmente a si mesma, não cessa de se erguer, do mesmo modo como sons articulados pelo jogo de suas articulações acabam em discurso.” CASSIN, 2015, pp. 27-28.

550 “Nietzsche fragte – in unbewusster Nachfolge von Friedrich Schlegels *Philosophie der Philologie* – wieder nach dem Verhältnis von Philosophie und Philologie und damit nicht allein nach ihren je unterschiedlichen Erkenntnisinteressen, sondern auch ihren je unterschiedlichen Erkenntnisweisen.” BENNE, 2011, p. 190.

551 Cf. especialmente nota anterior 256 e CASSIN, 2014a, p. 04.

552 Conforme interpretam Katharina Grätz e Sebastian Kaufmann na introdução ao livro que eles organizam intitulado, “Nietzsche como poeta”(Nietzsche als Dichtung): “Dabei dürfte er erheblich von seiner philologischen Ausbildung profitiert haben, vom intensiven Studium der antiken Literatur, aber auch allgemein von seiner großen Belesenheit auf den verschiedensten Gebieten.” GRÄTZ; KAUFMANN, 2017, p. 01.

4.2.2. Texto como *fixação*

“A reprodução do escrito à mão na sentença tipográfica não é [compreendido] como ilustração (“mimesis”), ainda que em um tão diferenciado layout de impressão, mas antes compreende-se como resultado de uma tradução (“interpretatio”) de um polimórfico no estereótipo do sistema de escrita”⁵⁵³.

Na medida em que, na seção anterior tentei demonstrar como o quadro de formação de Nietzsche junto à filologia clássica e *sua inquietude metódica* no âmago da chamada “época da especulação”⁵⁵⁴ permitem ao filósofo alemão uma *criativa instrumentalização*⁵⁵⁵ da filologia cuja denominação heurística chamei “autossupressão” da filologia⁵⁵⁶, ou seja, o modo pelo qual essa “autossupressão” da *praxis* filológica produz uma expansão e possibilidade criativa com o *texto*, na presente seção, ainda de modo “incompleto e alusivo”⁵⁵⁷ busco esboçar *uma genealogia das noções de texto* para então discutir, junto ao debate com Pichler e sua adesão à contemporânea teoria da edição alemã, de que maneira a noção de texto que *priorizo e modelo* a partir de pequenos ajustes é então compreendida em seu pormenor. Como se poderá notar, o tipo de debate que a presente seção gostaria de suscitar diz respeito exatamente ao *recente* efeito para a pesquisa sobre a noção de “texto” em Nietzsche que a publicação dos volumes IX da KGW produzem na especificidade das investigações das obras e escritos de Nietzsche⁵⁵⁸.

Assim, o termo *texto*, “embora seja um dos termos mais frequentemente utilizados na estética contemporânea” aparece como “um dos mais difíceis de definir”, especialmente, por ser utilizado em “um número radicalmente diferente e até conflitante de sentidos para diversos

553 Nota dos editores sobre as *transcrições diferenciadas* da KGW: “Die Wiedergabe von Handschrift im typographischen Satz ist auch bei einer auch noch so differenzierten Druckgestaltung nicht als Abbildung (‘mimesis’), sondern eher als Resultat einer Übersetzung (‘interpretatio’) von einem polymorphen in ein stereotypes Schreibsystem zu verstehen.” KGW XI/9, 2015, p. VII.

554 BENNE, 2005, p. 27.

555 Cf.: [#eKGWB/BVN-1868.604](#) “*strenge Methodik*” e “*Witz*”; bem como, PORTER, 2000, p. 121, e nota 98 e 105, pp. 330-331.

556 Cf. nota anterior 338.

557 CASSIN, 2014a, p. 04.

558 Que certamente é distinta na investigação de outros autores. Em certa medida o conceito de texto de Pichler contempla, conforme veremos, exatamente a ambição dos editores da KGW IX de *tornar* “visível” por meio de uma “transcrição diferenciada e multicolorida da edição de manuscrito” toda “a gênese do processo de produção, já que os distintos procedimentos de correção de Nietzsche foram realizados, [...], com diferentes instrumentos e meios de escrita” RAHDEN, “*Póstumos em transcrições diferenciadas*” In: NIEMEYER, 2014, p. 460.

conjuntos de propósitos”⁵⁵⁹. Ainda aqui, a própria interrogação acerca do *que é um texto* pode ser “colocada e respondida de diversas maneiras”⁵⁶⁰. O *critério* elencado para a determinação do conceito também oscila conforme o *acento* a que se queira dar à investigação: por exemplo, um “parâmetro gramatical (por exemplo, encadeamento pronominal)”, “temático (por exemplo, recorrência, isotopia)”, ou “comunicativo (por exemplo, função do texto, tipo de texto)”⁵⁶¹. Como nesses exemplos mencionados, por determinadas razões “existem até hoje (...) conceitos diferentes de texto” que se apoiam em “grupos de parâmetros” específicos para “justificar a criação de definições diferentes de texto bem como a determinação de tipos de texto” uma vez que, atualmente, tem-se a resolução segundo a qual “não há critério ‘objetivo’ irrefutável e obrigatório em relação ao que é um texto”⁵⁶². Em meio à plethora de definições e suas respectivas problematizações forma-se o problemático ponto de partida sob o qual o presente trabalho não poderia deixar de alarmar: estar em condições de apresentar toda envergadura da discussão sobre “o velho significado tradicional de texto”⁵⁶³ seria uma tarefa monumental que não caberia nas limitações da presente investigação. Assim, por vias distintas e de modo “incompleto e alusivo”⁵⁶⁴ eu gostaria de esboçar essa “longa e um tanto complicada” *história* do termo⁵⁶⁵ cuja única possibilidade de consenso parece ser, até agora, a de que *não se tem nenhum consenso sobre o conceito de texto*⁵⁶⁶.

559 “Despite being one of the more frequently used terms in contemporary aesthetics, cultural studies, literary theory, and critical theory, *text* is one of the more difficult to define. It is used in a number of radically different and even conflicting senses for varying sets of purposes.” DI LEO, 1998, p. 370.

560 Ao descrever a “conceitualidade” do termo Knobloch salienta 4 possibilidades: “Die Frage ›Was ist ein Text?‹ läßt sich auf ganz unterschiedliche Weise stellen und beantworten: Man kann von einem (als gekannt unterstellten) Lexem Text her a) nach dessen Denotaten (Extension) oder aber b) nach dessen semantischen Merkmalen (Intension) fragen. Man kann schließlich von einem (als problematisch unterstellten) Gegenstand Text c) nach dessen richtiger begrifflicher Charakterisierung oder d) nach dessen adäquaten Bezeichnungen fragen.” KNOBLOCH, 2010, p. 31.

561 “Parameter einer Definition können – mit je nach Forschungsinteresse unterschiedlicher Akzentuierung – grammat. (z. B. pronominale Verkettungen), themat. (z. B. Rekurrenz, Isotopie), kommunikative (z. B. Textfunktion, Textsorte) Kriterien darstellen.” GLÜCK; RÖDEL; 2016, p. 707.

562 “Jenseits davon gibt es keine verbindlichen, unumstößlichen, ‚objektiven‘ Kriterien darüber, was ein Text ist – und was keiner: Bei der Beurteilung von Texten oder Nicht- Texten müssen die jeweils angewendeten Kriterien offengelegt werden.” HORSTMANN, 2007, p. 594, bem como, “(...) nicht abschließend definiert werden können, weil ihre theoretische Produktivität vorwiegend heuristischer Natur ist und sich nur im Rahmen axiomatischer Ausformulierungen entfaltet.” KNOBLOCH, 2010, p. 23.

563 Conforme salienta Pichler “den ältesten überlieferten Bedeutungen des Wortes” PICHLER, 2012, p. 165 especialmente nota 1 em que menciona o “especialmente fechado e isolável texto como ἔργον”; “insbesondere abgeschlossenen und dadurch isolierbaren Text als ἔργον” p. 171.

564 CASSIN, 2014a, p. 04.

565 “The history of the concept of text is long and somewhat convoluted...” DI LEO, 1998, p. 370.

566 “Eine konsensuelle Beantwortung der ontologischen Frage, was denn ein Text sei, scheint nahezu unmöglich.” SELZ, 2007, p. 64; Cf.: DI LEO, 1998, p. 370; HORSTMANN, 2007, p. 594; KNOBLOCH, 2010, p. 23.

Nesse sentido, para além do significado comum que a *poça* do conceito habita⁵⁶⁷, o traço etimológico do termo e o desdobramento de seus usos na tradição podem permitir o ponto de partida específico desta exposição. É assim que o substantivo latino “textus”, que significa “tecido”⁵⁶⁸, é tido como pertencente à *família da palavra* “texere” (tecer) e surge, inicialmente, no “contexto da fala e da escrita”⁵⁶⁹ sendo utilizado pela primeira vez por Quintiliano em sua “*Institutio oratoria* (IX,4,13)”⁵⁷⁰. Nessa obra, o autor latino utiliza o termo como “metáfora que considera uma instância do uso da linguagem” enquanto “tecer [um] tecido ou textura” que, embora sendo exatamente a “metáfora empregada em muitas das codificações do significado de texto nos clássicos e contemporâneos”⁵⁷¹, seu “dicendi textum” enquanto um “tecido da linguagem” parece “não ressoar de forma alguma” o sentido atual encontrado de “textualidade como meio de fixação do sentido ou o material em que o sentido é arquivado” mas, esse *textum* “é pensado” como “a assinatura/estilo (“Duktus”) [em que o] direcionamento do pensamento linguístico mesmo” [acontece]⁵⁷². Ademais, ao ter seu uso ligado a “estilo” e a “forma”, o termo “Textus” em “Quintiliano e Cícero” é efetivamente distinto, por exemplo, do conceito “Text” posterior dos alemães⁵⁷³. Um dos exemplos possíveis em que o sentido do termo usado em Quintiliano pode ser ilustrado é o da “linguagem do romance” sob a qual “a ideia de textura tecida aparece” como que “representando a conexão das diferentes partes da obra literária” bem como possui um importante papel “na contemporânea noção de intertextualidade”⁵⁷⁴. Nesse sentido, como mencionado anteriormente, no âmbito da “ciência da literatura” no contexto da “escola

567 Refiro-me aos sentidos genéricos do termo que podem ser sintetizados por: “Instrumento de comunicação por meio da linguagem” NÜNNING, 2013, p. 739; “Uma sequência de conteúdo coerente de várias frases” GLÜCK; RÖDEL; 2016, p. 707; “Uma unidade relativamente completa e auto-contida de linguagem escrita ou falada, tal como uma conversa, um poema ou um relato” HARTMANN; JAMES, 2002, p. 144; etc.

568 “Tēxtūs” SARAIVA, 1910, p. 1196.

569 “Zur lateinischen Wortfamilie texere (weben) gehören die Substantive textus/textum/textura (Gewebe, Geflecht, Zusammenhang, Struktur; Machart, Stil [der Rede]), die schon früh auch für den Zusammenhang des Gesprochenen und Geschriebenen verwendet werden.” KNOBLOCH, 2010, p. 23.

570 DI LEO, 1998, p. 371.

571 Respectivamente: “*textus* is used by Quintilian as a metaphor that regards an instance of language use as a woven tissue or texture.” e, “This metaphor has been employed in many of the classical and contemporary codifications of the meaning of *text*.” DI LEO, 1998, p. 371.

572 “Im Quintilianischen »dicendi textum« (Gewebe der Sprache) schwingt keineswegs die heutige Vorstellung mit, nach der Textualität gewissermaßen das Fixierungsmittel von Sinn ist oder das Material, in dem Sinn aufbewahrt wird; vielmehr ist der Duktus der sprachlichen Gedankenführung selbst gemeint.” KNOBLOCH, 2010, p. 34.

573 “Textus bei Cicero und Quintilian entspricht aber nicht dem deutschen Text, sondern ist eher mit Stil, Duktus, Machart zu übersetzen.” KNOBLOCH, 2010, p. 23

574 DI LEO, 1998, p. 371.

alexandrina de filologia” dois séculos antes de Cristo, o conceito de texto estava inicialmente ligado à filologia e, “texto”, significava a “forma escrita da tradição”⁵⁷⁵ no sentido de “meio da escrita” como frequentemente é descrito⁵⁷⁶. Tendo como seu correlato o “comentário” na *veiculação da tradição* pelo “manuscrito” e o posterior texto “impresso”⁵⁷⁷, a noção de texto na Antiguidade estava ligada ao trabalho do “gramático (filólogo)” delineado por Dioniso de Trácia em sua “arte gramática”⁵⁷⁸, bem como, ligada ao “caráter autoritativo da prática de interpretação” do “círculo de problemas” que “dominam a hermenêutica teológica e jurídica”⁵⁷⁹. Assim, sob as rubricas dos termos “filologia” e “hermenêutica” encontra-se “uma complementar história do conceito de texto como nome para toda vigente estrutura de signos que necessita interpretação”⁵⁸⁰. Em suma, para além do “sentido metafórico” da “esfera têxtil” descrito, o termo “*textus*”, além de aparecer como correlato aos termos gregos “τέχνη” e “τεκτων”⁵⁸¹, é encontrado “primeiramente na tradição hermenêutica” configurado então “na inicial exegese cristã da Bíblia”⁵⁸² e é, exatamente nesse sentido, e “apenas no horizonte dessa

575 “In der Literaturwissenschaft hatte der Textbegriff zuvor eine philologische Bedeutung. Seit der alexandrinischen Philologenschule des zweiten vorchristlichen Jhs. bedeutete Text die Form schriftlicher Überlieferung.” KURZ, 2000, p. 210.

576 “Since these criteria are generally most prominent in the written MEDIUM, a **text** is very often defined primarily in terms of written or printed material” WALES, 2011, p. 420.

577 KURZ, 2000, p. 210.

578 Dos quais repousam 4 ou 6 itens da “análise textual”: 1) a “lectio” “a leitura em voz alta da prosódia e acento”; 2) “o esclarecimento do uso das figuras retóricas”; 3) “definições e esclarecimento da linguagem”; 4) “encontro das derivações de palavras”; 5) “exposição das teorias das formas”; e, 6) “crítica de arte”: “Bei Dionysios Thrax, einem im 2. vorchristlichen Jahrhundert lebenden Schüler Aristarchs und Verfasser des ältesten Handbuchs der Grammatik, sind es sechs: I. Lectio, »das gekonnte laute Vorlesen nach Prosodie und Akzent« (...); 2. »Erklärung der verwandten rhetorischen Figuren« (...); 3. »Sprach- und Sacherklärungen« (...); 4. »Auffinden der Wortableitungen« (...); 5. »Darlegungen zur Formenlehre« (...); und als höchste Kunst schließlich 6. das »Kunsturteil« (...).” KNOBLOCH, 2010, p. 34. Temos ainda, na tradução e comentário da “Arte gramática” para o português na dissertação de mestrado de Gissele Chapanski a seguinte tradução desses itens: “1. a primeira é a leitura treinada, que respeite a prosódia; 2. a segunda é a exegese dos tropos poéticos existentes; 3. a terceira é a pronta restituição do sentido das palavras estranhas e das estórias; 4. a quarta é a descoberta da etimologia; 5. a quinta, o cálculo da analogia; 6. a sexta é a crítica dos poemas, que é a mais bela das partes da arte.” CHAMPANSKI, 2003, p. 21.

579 “Die antike Auslegungspraxis verweist durch ihren autoritativen Charakter auf den Problemkreis, der namentlich die theologische und juristische Hermeneutik bis zum Beginn der Aufklärung beherrscht: die verbindliche normative Auslegung von Gesetzen und heiligen Texten.” KNOBLOCH, 2010, p. 34.

580 “Aus der Perspektive der übergeordneten Begriffe Hermeneutik und Philologie gibt es eine komplementäre Begriffsgeschichte von Text als Name für alle als auslegungsbedürftig geltenden Zeichengebilde.” KNOBLOCH, 2010, p. 32.

581 “In etymologischer Perspektive besteht zudem ein Zusammenhang von lateinisch *textus* mit griechisch τέχνη „Handwerk, Kunst“ und τεκτων „Zimmermann“ MORENZ; SCHORCH, 2007, p. XI.

582 “Im über die Textilsphäre hinausgehobenen metaphorischen Sinne wurde *textus* zunächst allerdings weder in der grammatischen noch in der rhetorischen Literatur verwendet, sondern findet sich erstmals in der hermeneutischen Tradition, und zwar in der frühchristlichen Biblexegese.” MORENZ; SCHORCH, 2007, p. X.

cultura da interpretação” que “o conceito de texto recebeu sua evidência”⁵⁸³. Precisamente essa “artificialidade” baseada na “potencial dupla-camada metafórica da técnica de ordenação da verbalização das ideias do domínio indo-germânico” foi tão forte que atuou como “índice de reflexão sobre a textualidade” na “cultura antiga do Oriente”⁵⁸⁴.

Enquanto, por uma lado, vemos no período do medievo a “denotação do texto” *variar* de “uma abstrata, entidade imaterial verbal que pode ser ilustrada em diferentes entidades concretas e materiais” para “uma específica inscrição verbal concreta existindo como um objeto material particular ou evento”⁵⁸⁵, por outro lado, até os modernos o “texto” é “um dado” do qual toda interpretação provinha dele mesmo”⁵⁸⁶. Nesse contexto, não se considerava “nem a subjetividade do intérprete nem as mudanças no horizonte temporal”⁵⁸⁷ e é então, nesse período medieval que prevalece, “codificada e sistematizada por Cassiano”, a “doutrina do quádruplo sentido da Escritura” sob a qual o texto bíblico era interpretado a partir de quatro níveis de significado⁵⁸⁸. Esse panorama se altera apenas com o efeito de “rejeição” da interpretação da tradição e uma espécie de *dessacralização do texto bíblico* que a “auto-interpretação da Escritura” promove na “reforma” de Lutero⁵⁸⁹. Assim, a partir de uma *polarização* que se desdobra nos modernos como um “problema do conhecimento”⁵⁹⁰, “desde

583 “Erst im Horizont dieser philologischen Auslegungskultur erhielt der Textbegriff seine Evidenz” KURZ, 2000, p. 211.

584 “Eben diese am Handwerklichen angelehnte und zumindest potentiell doppelschichtige Metaphorik der Ordnungstechnik von versprachlichten Gedanken des indogermanischen Bereichs wirkte auch in den Kulturen des antiken Vorderen Orients, insbesondere in der altägyptischen Kultur, und liefert damit erste Indizien für eigenkulturelle Reflexion über Textualität.” MORENZ; SCHORCH, 2007, p. XI.

585 “Since the Middle Ages, the denotation of *text* has ranged from (1) an abstract, immaterial, verbal entity that may be instantiated in different concrete, material entities to (2) a specific, concrete verbal inscription existing as a particular material object or event.” DI LEO, 1998, p. 371.

586 KNOBLOCH, 2010, p. 34.

587 “Weder die Subjektivität des Interpretierenden noch der Wechsel der zeitlichen Horizonte fanden Berücksichtigung.” KNOBLOCH, 2010, p. 34.

588 KNOBLOCH, 2010, p. 34.

589 “Erst von der Reformationstheologie wird diese Doktrin umgestoßen. Das sola scriptura (»Alleyn die schrift«), Luthers Lehre von der Selbstausslegung der Schrift (»scriptura [...] sui ipsius interpret«), reduziert den Glaubenswert der Schrift zunächst auf ihren Wortsinn und wendet diesen polemisch gegen die Lehrautorität der Kirche. Daraufhin wendet sich die Reformationstheologie dem Bibeltext selbst neu zu und verwirft die autoritative Tradition seiner Auslegung.” KNOBLOCH, 2010, p. 35.

590 Basicamente, o “problema” entre o aspecto “autoritativo do texto mesmo” e a “duvidoso-exame-necessitado da interpretação” que podem ser exemplificados na polarização moderna entre “‘objetivo’ conteúdo material” e “‘ingrediente ‘subjetivo’: “Außerdem wird in der Literatur die Ansicht vertreten, daß die reformatorische Disjunktion von autoritativem Text selbst auf der einen Seite und von zweifelhaft-prüfungsbedürftiger Auslegung auf der anderen den Katalysator für das neuzeitliche Erkenntnisproblem abgegeben habe. Am Beispiel autoritativer Texte sei zuerst das Problem aufgetreten, verbindlich zwischen ›objektivem‹ Sachgehalt und ›subjektiver‹ Zutat zu unterscheiden, und diese Polarisierung sei Muster des neuzeitlichen Erkenntnisproblems geworden: zu unterscheiden nämlich, was von den Sinneseindrücken Wirkung der wahrgenommenen Sache selbst und was ›subjektive‹ Zutat des Erkennenden und seiner Sinnesorganisation sei.” KNOBLOCH, 2010, p. 35.

os medievais o significado lexical (a designação de valor) da expressão do texto oscila entre o plano da obra mesmo e sua realização material na transcrição” revelando o fato de que quando se fala “no humanismo e na filologia moderna” em “transcrições tradicionais”, fala-se, basicamente, “de seus textos”⁵⁹¹.

Por sua vez, se num primeiro momento, o reconhecimento da “doutrina da compreensão do texto” do período do “esclarecimento” em seu foco específico na “compreensão dos objetos” conduz então, à assimilação de que a importância do texto se dá apenas “como veículo” nesse “caminho” aos *objetos*⁵⁹², por outro lado, esse “primário fatual interesse” pode ser “muito mais relativizado” como salienta Knobloch ao mencionar a *reflexão* de Espinosa segundo a qual “não se deve confundir »o verdadeiro sentido« (verum sensum) de uma passagem do texto com »a verdade de seu conteúdo« (rerum veritate)”⁵⁹³. Contudo, para além do detalhamento das posições encontradas aqui, é no interior de “um crescente interesse de um público formado em questões de língua e de linguagem” (“no último terço do século XVIII”) que, “o interesse dos objetos transforma-se completamente em interesse da linguagem”⁵⁹⁴.

É nesse quadro de simplificações que a “profissionalização da filologia” do século XIX acarreta o “acréscimo de um distanciamento dos textos (respectivamente do sentido do texto) da vida do destinatário” cuja consequência direta será a exigência do “especialista” que busca o “‘autêntico’ sentido do texto” num “laborioso” processo de “reconstrução histórica”⁵⁹⁵. Assim, no interior dessa “profissionalização” como uma “comum ciência do texto” *segue-se*, conseqüentemente, “a axiomatização da hermenêutica” que, “particularmente em Schleiermacher” se desdobra efetivamente como *empreitada* de *codificação* e *mecanização* da “interpretação clássica do texto”⁵⁹⁶. Contudo, conforme destaca Knobloch, o

591 KNOBLOCH, 2010, p. 35.

592 “Die Textverstehenslehren der Aufklärung sind zunächst überwiegend am Verständnis der Sache interessiert und betrachten den Text nur als Vehikel auf dem Weg zu dieser.” KNOBLOCH, 2010, p. 35.

593 “Schon von Spinoza wird die Sprachlichkeit der Texte reflektiert: »den wahren Sinn« (verum sensum) einer Textstelle dürfe man nicht mit der »Wahrheit ihres Inhalts« (rerum veritate) verwechseln;” KNOBLOCH, 2010, p. 36.

594 “Im letzten Drittel des 18. Jh., mit dem gewaltig zunehmenden Interesse des gebildeten Publikums an Fragen der Sprache und der Sprachlichkeit, schlägt das Sachinteresse vollends in Sprachinteresse um.” KNOBLOCH, 2010, p. 36.

595 KNOBLOCH, 2010, p. 36.

596 “Die Axiomatisierung der Hermeneutik (namentlich bei Schleiermacher) zu einer allgemeinen Textwissenschaft begleitet die Professionalisierung der Philologien. (...) Um 1900 ist das Geschäft der Auslegung klassischer Texte kodifiziert und mechanisiert.” KNOBLOCH, 2010, p. 37.

termo “texto” aparece no contexto dos “cânones” e “compêndios” da filologia clássica como um “conceito fundamental implícito” aquém de “termos técnicos como conjectura, emendatio, recensio, etc”⁵⁹⁷. Nesse sentido, diferentemente do esforço hermenêutico do esclarecimento, “é”, todavia, “o espírito da época passada que deve ser despertado” e assim, “a obra entra em vigor como expressão da (típica, clássica) individualidade do autor no contexto da época”⁵⁹⁸. Tal modificação desdobra a concepção segundo a qual “o texto a ser interpretado torna-se um todo empático cujo sentido de cada detalhe situa-se em sua relação à ideia fundamental”⁵⁹⁹. Todavia, se em Schleiermacher o texto parece ser lido de maneira “bipolar e dialética”⁶⁰⁰ e posteriormente, “torna-se, na segunda metade do século XIX, visivelmente psicologizado” então, é com Dilthey que se torna “possível compreender autenticamente a imaginação e a vivência do autor” cujo “modelo e guia científico da filologia e ciência da linguagem” seria, a “psicologia”⁶⁰¹. Ademais, a sutil consequência dessa posição reside na compreensão sob a qual “cada texto” *seria compreendido* como “um documento espiritualmente estranho”⁶⁰², de modo muito próximo ao sentido que encontramos em um *escrito* de Nietzsche⁶⁰³, e cuja “hipoteca” é *associada* à hermenêutica *até hoje*, na medida em que “ela” se baseia em “técnicas e habilidades empáticas que não são objetiváveis”⁶⁰⁴.

597 “Im 19. Jh. ist und bleibt der Status von Text der eines impliziten Grundbegriffes. Charakteristischerweise findet man in den Handbüchern und Nachschlagewerken der Epoche keinen Eintrag ›Text‹, wohl aber Komposita mit ›Text‹ als Bestimmungswort und als Grundwort, während der ganze Kanon der philologischen Termini technici wie Konjektur, emendatio, recensio, Kritik, Überlieferung, Auslegung auf ›Text‹ als einen impliziten Zentralbegriff verweist.” KNOBLOCH, 2010, p. 37.

598 “Nunmehr (bei Ast, Wolf, Schleiermacher) ist es der ›Geist‹ der vergangenen Epoche, der erweckt werden soll, und das Werk gilt als Ausdruck der (typischen, klassischen) Individualität des Autors im Rahmen der Epoche.” KNOBLOCH, 2010, p. 37.

599 Especialmente em Friedrich Ast: “Der auszulegende Text wird (vor allem bei Ast) ein emphatisches Ganzes, bei dem der Sinn jeder Einzelheit in ihrer Beziehung auf die Grundidee liegt.” KNOBLOCH, 2010, p. 37.

600 Isto é que oscila “entre a reconstrução geral do status da linguagem bem como das tradições do discurso – interpretação gramática – e da classificação da escrita na biografia do autor – interpretação psicológica”: “Während Schleiermachers Hermeneutik aber noch bipolar und dialektisch angelegt ist (zwischen der umfassenden Rekonstruktion des Sprachzustands sowie der Traditionen des Sprechens – grammatische Interpretation – und der Einordnung der Schrift in die Biographie des Autors – psychologische Interpretation), wird Text in der zweiten Jahrhunderthälfte zusehends psychologisiert.” KNOBLOCH, 2010, p. 36.

601 “Es gilt nun, das Vorstellen und Erleben des Autors möglichst authentisch nachzuvollziehen (Dilthey). Die Psychologie wird zur Leit- und Vorbildwissenschaft der Philologien und der Sprachwissenschaft.” KNOBLOCH, 2010, p. 36.

602 “Jeder Text ist ein Dokument des Fremdseelischen und will als solches verstanden werden.” KNOBLOCH, 2010, p. 37.

603 “No meu caso, toda leitura faz parte de minhas distrações: portanto, do que me desprende de mim mesmo, do que me faz passear por ciências e almas alheias -” NIETZSCHE, 2005a, p. 40: “In meinem Fall gehört alles Lesen zu meinen Erholungen: folglich zu dem, was mich von mir losmacht, was mich in fremden Wissenschaften und Seelen spazieren gehn lässt,” <#eKGWB/EH-Klug-3>.

604 “Hier ist eine Hypothek aufgenommen worden, an der die Hermeneutik bis heute trägt: Sie hat sich auf ›einfühlende‹ Techniken und Fähigkeiten gestützt, die nicht objektivierbar sind.” KNOBLOCH, 2010, p. 37.

Contemporaneamente, a complexidade das definições não apenas se estende como catalogar o número dessas tentativas ainda parece um trabalho infundável. Nessa indeterminação atual do conceito ligada à “natureza heurística” da “produtividade teórica” da “linguística” e da “teoria literária” é a “expressão cotidiana de texto” que serve como “ponto de conexão” e de “partida” para reflexão⁶⁰⁵. Isto acontece devido ao fato dessa *expressão cotidiana* “designar livre de avaliação uma materialmente completa e escrita obra linguística” cuja importância reside na ênfase de sua caracterização como “um conceito limite para a reproduzibilidade do sentido”⁶⁰⁶. Ademais, na esfera dos “estudos culturais e literários” o termo é designado como “uma sólida instância relativamente semântica” e a “axiomática compreensão atual” parece *esgotar* “o conceito de texto” na *representação* de “sistema de referências” tais como “referências de produtores, referência de destinatários, referências de coisa e tempo, referências de linguagem, sentido, ação, auto-referência e referências intertextuais”⁶⁰⁷ cuja “seleção dessas referências” poderia ser deflagrado como o próprio “desenvolvimento histórico do conceito”⁶⁰⁸. Esse panorama coloca-nos, segundo Knobloch, sob a “ambivalência” do conceito atual que, em termos precisos, consiste em dizer que “por um lado, texto” é descrito “como nome para [uma] unidade de discurso realizado (respectivamente, fixado)” e, “por outro lado, designa também o substrato material de um ato de fala, que pode ser reatualizado ›arbitrariamente‹ como texto”⁶⁰⁹. A representação dessas duas formas de compreender a noção de texto da contemporaneidade pode se ilustrada da seguinte forma: no primeiro caso, “para aqueles que vão da ordenada conexão de muitas sentenças ao conceito de texto, [os] textos são estruturas da linguagem mais que sentenças longas que podem ser escritas linguisticamente”; no segundo caso, “quem compreende o texto

605 KNOBLOCH, 2010, p. 32.

606 “Er bezeichnet wertungsfrei ein materiell abgeschlossenes und schriftlich niedergelegtes Sprachwerk, jedoch nicht im Sinne der bloßen physischen Realität, der bestimmten Anordnung von Zeichenkörpern, sondern als Grenzbegriff für die Reproduzierbarkeit von Sinn.” KNOBLOCH, 2010, p. 32.

607 “Hier ist das System der Bezüge darzustellen, das den Textbegriff nach heutigem Verständnis axiomatisch erschöpft: Produzentenbezug, Rezipientenbezug, Sach- und Zeitbezug, Sprach-, Sinn-, Handlungs-, Selbstbezug, intertextuelle Bezüge.” KNOBLOCH, 2010, p. 32.

608 “Die historische Entfaltung des Begriffs kann jeweils als Selektion aus diesen Bezügen beschrieben werden” KNOBLOCH, 2010, p. 32.

609 “Einerseits gilt Text als Name für Einheiten der realisierten (bzw. fixierten) Rede, andererseits bezeichnet man auch das materielle Substrat einer Sprechhandlung, das ›beliebig‹ reaktualisiert werden kann, als Text.” KNOBLOCH, 2010, p. 32.

como nome para [um] sentido linguisticamente realizado, as técnicas da linguagem sistemática da ›Textualização‹ do sentido formam apenas uma parte da análise textual”⁶¹⁰.

Nesse sentido, a partir desse esboço programático do histórico das tentativas de definições do conceito de texto e da necessidade específica deste trabalho de delinear uma provisória definição pela qual seja possível interpretar os *escritos* de Nietzsche, é importante direcionar nossa atenção à recente análise de Axel Pichler em sua tese sobre *O Crepúsculo dos Ídolos*⁶¹¹ que, junto ao grupo “Textologie”⁶¹² e no cerne do debate da *Pesquisa internacional Nietzsche*, orienta sua abordagem no interior da pesquisa alemã dos “teóricos da edição como Hans Zeller, Sigfried Scheibe, Gunter Martens” e “Roland Reuß”⁶¹³. Por meio de um esforço teórico inicial para apresentar sua hipótese de “filosofia como texto”⁶¹⁴, Pichler dedica dois capítulos ao exame,⁶¹⁵ primeiramente dos “fundamentos terminológicos” no que se refere às noções de “texto”, “obra”, “literaricidade” e “forma de exposição estética”⁶¹⁶ para, na sequência, explicitar o que o autor caracteriza como “método de reflexão I” e que consiste no que ele designa como “poeseologia dos escritos filosóficos”⁶¹⁷.

No que diz respeito ao primeiro item dessa discussão teórica, e que interessa aqui fundamentalmente, uma das primeiras observações do autor no debate do panorama contemporâneo do conceito de texto é, sobretudo, a constatação de uma “exclusão e seu

610 “Wer vom geordneten Zusammenhang mehrerer Sätze zum Textbegriff kommt, für den sind Texte Sprachgebilde von mehr als Satzlänge, die linguistisch beschrieben werden können. Wer Text als Namen für sprachlich realisierten Sinn versteht, für den bilden die sprachsystemischen Techniken der ›Vertextung‹ von Sinn nur einen Ausschnitt der Textanalyse.” KNOBLOCH, 2010, p. 32.

611 PICHLER, Axel. *Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*. Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, Band 67. De Gruyter, Berlin, Boston, 2014.

612 »Textologie der Literatur und Wissenschaften« Disponível em: <<http://textologie.eu/>> Acesso em agosto 2018.

613 “Insbesondere in Deutschland haben Editionstheoretiker wie Hans Zeller [47], Siegfried Scheibe [48], Gunter Martens oder eben der bereits zitierte Reuß in den letzten Jahrzehnten ausgehend von der die Philologie seit Anbeginn beschäftigenden Frage nach der Bedeutung des Editors bei der Textkonstitution neue Textbegriffe entwickelt, die die Kriterien dieser Studie – d.s. die Beachtung der Textkonstitution sowie das Zusammenspiel von Materialität und ästhetischer Darstellungsform bei der Sinnkonstitution der Lektüre eines Textformulars –, wenn nicht ganz erfüllen, so doch zumindest beachten.” PICHLER, 2014, p. 20.

614 Esse sintagma está presente no título da tese do autor: “*Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung*”.

615 Discussão que se estende aos primeiros itens subsequentes de sua tese (“2.1.” a “2.1.2.3.” por exemplo) os quais não discutiremos aqui em seus pormenores.

616 Não encontrei nenhum correspondente dicionarizado em português para o termo “Literarizität” do alemão. Por isso verto-o aqui para “literaricidade” no âmbito de explicar o significado do termo adiante: “1.1. Terminologische Grundlagen: Text, Werk, Literarizität und ästhetische Darstellungsform” PICHLER, 2014, pp. 13-38.

617 O que foi mencionado acima sobre o termo “Literarizität” se aplica a “Poeseologie” sob o qual discutirei adiante: “Methodenreflexion I: Poeseologie des philosophischen Schreibens” PICHLER, 2014, pp. 39-54. Cf. adiante seção “4.3. DISCURSIVIDADE, POESEOLOGIA E DOXOGRAFIA”.

paralelo silêncio filosófico sobre o ‘texto’” que teria como “responsável” na filosofia contemporânea a chamada “filosofia da linguagem”⁶¹⁸. Conforme destaca Pichler, tal “exclusão” é encontrada de maneira *explicita* no contexto da “virada linguística” do século XX na figura de teóricos como Frege e Rorty⁶¹⁹ que, por sua vez, reflete a insuficiência das determinações tradicionais de texto pelos quais acontece uma exclusão da *materialidade do texto e seu suporte*⁶²⁰. Nesse caso específico da “virada linguística” em seu “silêncio” acerca do texto, Pichler atribui essa *impossibilidade* de “‘pensar’ o texto” como um resultado da ênfase dada à “sentença” (*Satz*) pelas abordagens contemporâneas⁶²¹. Após destacar a *necessidade de discussão dos pressupostos do conceito de texto*⁶²² e salientar como “muitas das determinações tradicionais do texto revelam-se inadequadas”⁶²³, Pichler caracteriza a mesma *exclusão da materialidade do suporte do texto* ocorrendo em diversas análises de teóricos importantes como Stephan Kammer e Roger Lüdeke⁶²⁴. A partir de uma descrição do conceito inicial de texto de Manfred Frank que o direciona à noção de “obra”⁶²⁵, Pichler aponta como a abordagem de Kammer e Lüdeke, junto a aproximações e semelhanças ao estruturalismo e neo-estruturalismo, ambienta-se na esteira daquela *exclusão* que se quer

618 “Zu diesem Ausschluss und dem mit ihm einhergehenden philosophischen Schweigen über den ‚Text‘(...)” PICHLER, 2014, p. 15.

619 “philosophischen Schweigen vom ‚Text‘” PICHLER, 2014, p. 16.

620 Conforme aparece descrito reiteradas vezes no texto de Pichler.

621 “Genau der sich solcherart ergebende Fokus der Sprachphilosophie auf den einzelnen – meist gar nur gespro-chenen – Satz ist einer der Gründe, warum die Sprachphilosophie des 20. Jahrhunderts den Text nicht ‚denken‘ konnte.” PICHLER, 2014, p. 15.

622 PICHLER, 2014, p. 16.

623 “In Anbetracht der diese Studien leitenden Kriterien (...) erweisen sich viele der traditionellen Textbegriffe als unzulänglich.” PICHLER, 2014, p. 18.

624 “Aufsätzen zur Texttheorie von Stephan Kammer und Roger Lüdeke von der Antike über die Hermeneutik bis in die Textlinguistik und den Strukturalismus (...) neben der per se schon problematischen Exklusion der Materialität des Textträgers.” PICHLER, 2014, p. 18.

625 Verto aqui, respectivamente, o trecho em que Pichler descreve a definição de “texto” e “obra” de Frank: “Baseando-se em sua definição inicial de ‘texto’ Frank chega a uma primeira distinção própria do ato de fala, respectivamente, do discurso. Em contraste a isso, o “texto” é assinalado por sua situação de abstração e em virtude de sua escriticidade através de sua parcial independência da intenção do autor.”: “Ausgehend von seiner Eingangsdefinition des ‚Textes‘ gelangt Frank zu einer ersten Unterscheidung desselben vom Sprechakt bzw. der Rede. Im Gegensatz zu diesen sei der ‚Text‘ durch seine Situationsabstraktheit und aufgrund seiner Schriftlichkeit durch seine partielle Unabhängigkeit von der Autorintention gekennzeichnet.”; e, a “obra” é definida por 3 características: 1) “a estrutura que resulta a partir do ato sensível de um indivíduo”, 2) “a sujeição a tal tipo como um convencionalizado padrão ou gênero” e, 3) “mais ou menos pronunciados traços de uma composição individual (estilo)”: “Nach diesem kennzeichne sich ein ‚Werk‘ als „Tat-sache“ durch drei Merkmale: der aus der sinnstiftenden Tat eines Individuums hervorgegangenen Strukturiertheit, der solcherart erfolgenden Unterwerfung unter ein konventionalisiertes ‚Muster‘ (‚Gattung‘ bzw. ‚Genre‘) sowie den „mehr oder weniger ausgeprägten Spuren einer individuellen Komposition “ (Stil).” PICHLER, 2014, pp. 18-19.

evitar⁶²⁶. Mesmo a compreensão *semiótica-cultural* da obra de Julia Kristeva cujo “texto individual” é concebido “como rede de diferentes códigos sociais e culturais”⁶²⁷ é, apesar do reconhecimento de sua eficácia no âmbito da abertura de possibilidades interpretativas⁶²⁸, apontada como compreensão a ser *adaptada* aos propósitos específicos a que Pichler almeja⁶²⁹. Nisso reside o escopo do autor de especial veiculação àquela mencionada escola de teóricos alemães no desenvolvimento de “uma nova paradigmática teoria da edição” que tem como esforço editorial fundamental o trabalho a partir da compreensão de *texto* “em seu concreto status de objeto material-medial” e ainda “como extensão genuína da estrutura do signo linguístico e seu aspecto de geração de significado”⁶³⁰. Nesse sentido, embora Pichler reconheça que a chamada “crítica genética” *francesa* “apresente numerosos paralelos com o projeto teórico dos alemães”⁶³¹ dessa “nova filologia de língua alemã”⁶³², a principal diferença entre elas, segundo o autor, consiste no fato de que, grosso modo, “na *critica genética* o editor/intérprete se esforçará sempre ainda na exposição da intenção do autor que pretensamente se realiza no processo de escrita em questão”⁶³³. Nessa confrontação com a *critica genética* e a ênfase dada ao “editor/intérprete”, Pichler explicita um dos pontos de intersecção que separam autores como Roland Reuß e Gunter Martens, nesse quesito, na elaboração de seus respectivos conceitos de “texto” e “obra”: tal ênfase do “editor/intérprete”

626 Aqui encontra-se um ponto interessante do debate (que será discutido adiante) sobre o qual, em nota, se reconhece as dificuldades da determinação das *condições de identidade de um texto* uma vez que “as fronteiras do literário não apenas são questionáveis mas anuladas” como salienta Pichler ao indicar debate via “Kammer/Lüdeke” e “Jannidis/Lauer/Winko”: “die Grenzen des Literarischen nicht nur fragwürdig, sondern aufgehoben werden” PICHLER, 2014, nota 43, p. 19.

627 “„Einzeltexes als Geflecht von unterschiedlichen sozialen und kulturellen Kodes“” LINDEMANN, Apud: PICHLER, 2014, p. 19.

628 Por exemplo, como citado por Lindemann o fato de tal conceito de texto *conduzir parcialmente* a uma “incomensurável variedade de possibilidades de interpretação”: “durch einen Textbegriff, „in dem die Komplexität der sich in einem Text überschneidenden, teilweise widerstreitenden Kodes und Intertexte zu einer unüberschaubaren, teilweise inkommensurablen Vielfalt an Deutungsmöglichkeiten führt“” LINDEMANN, Apud: PICHLER, 2014, p. 20.

629 “Es ist daher ohne größeren Adaptionaufwand für die hier angestrebte Textanalyse nicht geeignet.” PICHLER, 2014, p. 20.

630 “Ziel der editorischen Bemühungen war dabei nicht mehr das Werk als ἔργον respektive höchste Sinneinheit von gedruckten sprachlichen Äußerungen, sondern der Text „in seinem konkreten, materiell medialen Objektstatus [...], der als Erweiterung der genuin sprachlichen Zeichenstruktur und ihrer bedeutungsgenerativen Aspekte“ verstanden wird.” PICHLER, 2014, p. 21.

631 “Vor allem die französische *critique génétique* weist zahlreiche Parallelen zu den deutschsprachigen Theorieentwürfen auf.” PICHLER, 2014, p. 21.

632 “der deutschsprachigen Neuphilologie” PICHLER, 2014, p. 21.

633 “Ein zentraler Unterschied zu den deutschsprachigen Ansätzen besteht hingegen darin, dass ein der *critique génétique* folgender Herausgeber/Interpret immer auch um die Freilegung der Autorintention, die sich in besagten Schreibprozessen vermeintlich realisiert, bemühen wird.” PICHLER, 2014, p. 21.

própria da *crítica genética* é identificada como uma espécie de “adivinhação” („Divination“) que, não apenas é encontrada “em vão” também nas obras de Reuß, mas, como sugere Martens, pode até ser *atribuída* a partir de uma específica “função limitada”⁶³⁴. Não apenas em relação a esse “mínimo reconhecimento do significado do autor” que a ênfase da “adivinhação” atribuiria, mas, em outros pontos reside especificamente a distinção entre Reuß e Martens no que se refere ao enfrentamento de Pichler ao conceito de texto⁶³⁵. Assim, conforme destaca, o “ponto de partida” de Martens consiste exatamente em *distinguir* “entre dois conceitos de texto dominantes e de maneira controversa discutidos naquele tempo”⁶³⁶: enquanto em uma das pontas temos a “compreensão tradicional do texto” que, como concepção dominante atribuída à abordagem *hermenêutica*, concebe o *texto* “como coerente, estrutura linguística completa”⁶³⁷ sob a qual as diversas “versões” *não pertencem ao texto editado*⁶³⁸, no outro extremo temos a compreensão segundo a qual “o texto é compreendido como complexo de todas as versões e variações pertencentes a uma obra”⁶³⁹ aspecto que, sob *um primeiro olhar*, conduz a assimilar que “o processo de leitura não é exterior ao texto” como reitera Martens⁶⁴⁰. No cerne dessas duas posições dominantes é que encontramos, conforme destaca Pichler, as dissonâncias entre as concepções de Martens e Reuß cuja efetividade das perspectivas se estabelece proporcionalmente ao estatuto dado às *versões prévias* àquilo que se denominará por fim “texto”. Tal *tratamento das versões* para o estabelecimento do conceito de texto pode ser ilustrado na síntese do desdobramento realizado por Pichler desse embate em que os pontos de dissonância entre os autores são mais

634 *Se inserida no debate da definição de “texto” de Scheibe cuja citação reitera que “o autor caracteriza precisamente a historicidade de uma obra” que serve de ponto de relação para toda “edição científica”*: PICHLER, 2014, p. 22.

635 Uma vez que Pichler afirma que seu trabalho será baseado no “conceito de texto e obra” de Martens que é confrontado em sua radicalidade na exposição posterior: “Gunter Martens, dessen Text- und Werkbegriff am ehesten die für diese Studie gültigen Kriterien erfüllt, und dessen Textbegriff nun mit dem durchweg als radikal zu bezeichnenden von Roland Reuß verglichen werden soll, (...)” PICHLER, 2014, p. 22.

636 “Ausgangspunkt von Martens (...) ist eine Unterscheidung zwischen zwei zu diesem Zeitpunkt dominierenden und kontrovers diskutierten Textbegriffen.” PICHLER, 2014, p. 22

637 “Dabei handelt es sich auf der einen Seite um das eher traditionelle Verständnis von Text „als einheitliches, in sich abgeschlossenes Sprachgebilde.“ PICHLER, 2014, p. 22.

638 “Nach dieser Auffassung, deren Nähe zum Textverständnis der Hermeneutik unübersehbar ist, gehören ‚Varianten‘, d.h. „Abweichungen in und zwischen autorisierten Zeugen bzw. zwischen diesen Zeugen und dem Edierten [sic] Text“, nicht zum Text.” PICHLER, 2014, p. 22

639 “Dem steht ein Textbegriff gegenüber, nach welchem „Text als Komplex aller zu einem Werk gehörenden Fassungen und Abweichungen verstanden“ wird.” PICHLER, 2014, p. 22

640 “Laut Martens, der prima facie der zweiten Auffassung zu folgen scheint, geht diese davon aus, „daß der Prozeß des Lesens nicht – wie in Begriff (1) – dem Text äußerlich“ sei.” PICHLER, 2014, p. 22.

relevantes. Por exemplo, Reuß, ao incluir *seu conceito de “esboço”*⁶⁴¹ em oposição à segunda mencionada concepção de texto como “inclusão das versões na dinâmica do texto”⁶⁴² e ancorar tal “contraintuitiva compreensão” sob o “critério de textualidade” enquanto “linearidade estrita dos signos e letras”⁶⁴³, retira, posteriormente, o texto inteiramente de toda materialidade fatural (do qual todo texto faria referência a uma apresentação oral)⁶⁴⁴. Desse modo, segundo Pichler, Reuß produz um *despreendimento entre texto e materialidade* que permite tanto explicitar o *transporte* de uma “específica materialidade” a diferentes suportes, quanto enfatizar ainda seu conceito de “esboço”⁶⁴⁵. Ademais, exatamente esse *despreendimento* aparece como um ponto importante que separa Reuß de Martens⁶⁴⁶. Para além do detalhamento das diversas concepções, é interessante notar que os pontos de semelhanças não permite eliminar o abismo entre ambos os autores mas apenas exhibe ainda mais as divergências no tratamento das *versões* e dos *esboços* para o conceito de texto. Conforme destaca Pichler, uma vez que Martens se liga à semiótica do século XX para definir o texto “como um signo literário”⁶⁴⁷ sob o qual “texto é um signo complexo, uma estrutura de relação dinâmica do suporte do signo, [...] sempre em movimento, nunca fixado do ponto de vista do estabelecimento do significado do destinatário”⁶⁴⁸, isso permite ao autor ancorar a função do “editor/leitor” ao conceito mesmo de texto⁶⁴⁹. Ao direcionar sua exposição das diferentes concepções à discussão sobre o papel da “gênese do texto” e salientar o êxito dessa

641 Posição que considera que “um esboço não é de modo algum já um texto”: „Ein Entwurf ist keineswegs selbst schon ein Text.“ PICHLER, 2014, p. 22.

642 “...Inklusion der ‚Varianten‘ in das dynamische Textganze...” PICHLER, 2014, p. 22.

643 “Dieses kontraintuitive Verständnis beruht auf der Auffassung von Reuß, dass ein zentrales Kriterium von Textualität in der „strikten Linearität der Zeichen- und Buchstabenfolgen“ besteht.” PICHLER, 2014, p. 22.

644 “Letztendlich löst Reuß den Text gänzlich von jeglicher faktischen Materialität ab, wenn er feststellt: „Jeder Text enthält (aktualisiert oder nicht) einen Rückbezug auf den mündlichen Vortrag.” PICHLER, 2014, pp. 22-23.

645 PICHLER, 2014, p. 23.

646 “Diese Loslösung des Textes von seiner Materialität, die es zugleich erlaubt, die materielle Eigenart eines Entwurfes noch stärker zu betonen, führt zum eigentlich zentralen Unterschied zwischen Martens und Reuß Textbegriff.” PICHLER, 2014, p. 23.

647 “...bindet Martens den seinigen an die angelsächsische Semiotik des 20. Jahrhunderts, um so den Text „als ein literarisches Zeichen“ [64] zu definieren.” PICHLER, 2014, p. 23.

648 “Sie erlaubt es Martens, insbesondere die von ihm am Anfang seines Aufsatzes entwickelte Dichotomie zweier Textbegriffe aufzuheben, indem er deren beiden Pole dialektisch zusammenführt: „Text ist als ein komplexes Zeichen, als [...] dynamischer Strukturzusammenhang von Zeichenträger, Interpretant und Zeichenobjekt (Peirce), immer in Bewegung, ist aus der Sicht des bedeutungssetzenden Rezipienten niemals fixierbar” PICHLER, 2014, p. 23.

649 “Durch diese Bestimmung gelingt es Martens, die zentrale Rolle des Herausgebers/Lesers im Textbegriff selbst zu verankern.” PICHLER, 2014, p. 23.

abordagem na *Pesquisa-Nietzsche*⁶⁵⁰, Pichler destaca ainda um outro ponto de distanciamento entre Reuß e Martens: enquanto vemos a compreensão de *gênese do texto* de Martens relacionada à determinação do “textólogo”⁶⁵¹, Reuß critica duramente essa posição argumentando, como cita Pichler, que “não é preciso o conhecimento da etapa preliminar [do texto] para analisá-lo estética ou cientificamente”⁶⁵². De acordo com Pichler, esse argumento de Reuß só funciona se tem como condição básica a existência de três premissas⁶⁵³ e é exatamente ao demonstrar sua *inviabilidade* que Pichler endossa as conclusões de Martens sob as quais “as versões precedentes [de um texto] proporcionam explícita valência semântica” e que “o suposto texto final é uma necessidade e um ato contingente”⁶⁵⁴, ou seja, esse “ato” como sendo “o ideal ponto de partida para o trabalho analítico do texto”⁶⁵⁵. Na medida em que nesse “ato contingente” que é o “suposto texto final” parece “primariamente indiferente” determinar a autoria da elaboração das versões (se o autor ou os editores são os autores como nos exemplos que Pichler salienta), o “contraste com as versões anteriores pode” produzir uma “nova dinamização” dessa “silenciosa posição do processo da escrita” ali

650 “In der Nietzscheforschung haben sich derartige textgenetische Analysen als sehr fruchtbar erwiesen, insbesondere bei Textstellen, die ohne Kenntnis der Textgenese leicht in einen philosophischen Kontext überführt werden, dem sie nicht entstammen.” PICHLER, 2014, p. 24.

651 PICHLER, 2014, p. 24. Muito semelhante ao reconhecimento do trabalho feito pelo editor “atrás da cena” como salienta Clara Ficher ao descrever a ênfase *comum* do reconhecimento da “intenção do autor”: “What comes out on the other side of the editing process is a work attributed to the author in most minds, and is *not* popularly referred to as a work of the editors. FICHER, 2014, p. 77.

652 “Es sollte aber klar sein, daß die Darstellung der ‚Textgenese‘ für die Interpretation objektiv mehrdeutiger Passagen publizierter (oder in Reinschrift vorliegender) Texte prinzipiell keine Hilfestellung gibt. [...] Zur ästhetischen Wertschätzung oder wissenschaftlichen Explikation einer Passage benötigt niemand die Kenntnis ihrer Vorstufe...” PICHLER, 2014, p. 24.

653 Que poderiam ser resumidas da seguinte forma: Premissa 1 – forma uma unidade semântica (...) todo fechado; Premissa 2 – esse todo fechado é apreensível sem interferências semânticas; Premissa 3 – é um texto poético quando contém elementos polissêmicos: “(1) Ein Text, d.h. also jenes sprachliche Etwas, das unabhängig von seiner Materialität eine semantische Einheit bildet, ist ein an seinen Wortlaut, nicht jedoch dessen materielle Darstellung gebundenes, potentiell problemlos Vorlesbares und somit strukturell in sich geschlossenes Ganzes. (2) Dieses in sich geschlossene Ganze ist als solches erfassbar, ohne durch irgendwelche semantischen Interferenzen gestört zu werden. (3) Ein Text ist poetisch genau dann, wenn er polyseme Elemente enthält.” PICHLER, 2014, p. 24.

654 “Dass letztendlich auch die vermeintlich ‚finalen‘ Fassungen ein zwar notwendiger, jedoch ebenso kontingenter Akt sind, hat Martens im Gegensatz zu Reuß stets betont.” PICHLER, 2014, p. 25.

655 Esse parece ser o ponto fundamental sob o qual o conceito de texto é determinado pragmaticamente por Pichler: *tendo como ponto de partida a versão impressa, o trabalho de análise e contraste das diferentes versões que compõem a obra permite apresentar o processo mesmo de auto-reflexão (nas versões e esboços por meio de processos de revisões etc) e tomadas de decisão na gênese do texto que fornecem uma “valência semântica” importante para a interpretação filosófica do pensamento de Nietzsche* (Veja-se o artigo de Pichler do ano seguinte a sua tese: PICHLER, 2015): “Deswegen bietet sich besagter Akt auch als idealer Ausgangspunkt für die textanalytische Arbeit an.” PICHLER, 2014, p. 25.

envolvido⁶⁵⁶. É exatamente este ponto que vincula especificamente, a meu ver, a posição de Pichler a de Martens ao interpretar a obra o *Crepúsculo dos Ídolos* por meio dessa confrontação das versões⁶⁵⁷ e conforme a análise do item posterior sobre o “significado da textualidade da filosofia de Nietzsche” demonstrará a partir da confrontação das versões ligadas ao aforismo publicado 289 de *Além do bem e do mal*⁶⁵⁸. Ainda aqui, a mencionada “indiferença” na determinação da autoria da elaboração das versões⁶⁵⁹ é o aspecto que permite pensar, como quer Pichler, a possibilidade de compreender sob a nomenclatura de “texto” um “resultado da leitura” em que é possível “a re-atuação do procedimento poeseológico-filosófico do material textual a ser analisado”⁶⁶⁰. Desse modo, o desdobramento da exposição de Pichler recorre assim a definição de “obra” de Martens cuja característica fundamental aparece como algo da ordem daquilo “que estabelece limites e [é] auto-limitado” sendo, em última instância, “um ponto final e resultado de uma atividade criativa”⁶⁶¹, ou seja, “uma obra é uma versão do texto que o autor mesmo publica ou tem planejado para publicação”⁶⁶². Tal

656 “Dabei ist es primär gleichgültig, ob dieser wie im Falle der *Götzen-Dämmerung* vom Autor selbst oder wie im Falle der *Philosophischen Untersuchungen* oder der *Ästhetischen Theorie* von den Herausgebern vollzogen wurde, da eine derartig temporäre Stillstellung des Schreibprozesses durch die Kontrastierung mit seinen früheren Fassungen eine erneute Dynamisierung erfahren kann.” PICHLER, 2014, p. 25.

657 Por consequência, oblitera o posicionamento de Reuß sobre o conceito de texto e sua respectiva exigência de “um ato autorial do autor” (Veja-se o exemplo do esboço-Lenzer-Heide discutido por Pichler em nota): PICHLER, 2014, nota 75, p. 26.

658 “2.1.1. Voraussetzungen I: Zur Bedeutung der Textualität von Nietzsches Philosophie”: Seguindo a crítica de Wolfram Groddeck da edição crítica das obras de Nietzsche (KSA) na distinção entre “esboço” (‘Vorstufe’) e “fragmento” (‘Fragment’), (discutindo por exemplo, via Davide Giuriato e Sandro Zanetti, como o *critério de “autenticidade” mudou dramaticamente na prática de edição alemã nos últimos séculos*), Pichler demonstra como concentrar-se numa “anotação” (‘Aufzeichnung’) ou nota (‘Notat’) *concede processualmente para a expressão [uma] próxima compreensão do texto*: PICHLER, 2014, p. 63.

659 Na mesma medida em que, por exemplo, Ficher destaca, citando Barthes, que a ênfase em uma suposta “intensão do autor” que legitima a completude da obra surge como uma inferência em relação a privilegiar outros elementos (como admiração ao “gênio”) que não puramente a “performance” de um texto: “First and foremost, if and where the author’s intention is being heavily considered or taken for granted in order to *resolve* an unfinished work, Roland Barthes’ statement about the attachment of “the greatest importance to the ‘person’ of the author” becomes appropriate. It is not just the performance, but also the *genius* that is being admired.” FICHER, 2014, pp. 77-78.

660 “Ob besagter Produktionsprozess letztendlich auf die Schaffung eines poetischen Textes im Sinne von Reuß, also die Stiftung von Polysemie, oder doch auf einen eindeutigen Sinn abzielt, kann gerade bei dem später untersuchten philosophischen ‚Werk‘ nicht schlichtweg vorausgesetzt werden – wie dies Reuß apodiktisch bei seinen Hölderlinbeispielen tut –, sondern stellt bestenfalls selbst ein Resultat der Lektüre dar, d.h. also des Nachvollzuges des poetologisch-philosophischen Procederes des zu analysierenden Textmaterials.” PICHLER, 2014, p. 25-6.

661 Que implica ainda uma ampla discussão sobre a “constituição do contexto da obra” que como “um ato do editor” é concebida como “o resultado de sua crítica e relação organizacional com um texto”: PICHLER, 2014, nota 78, p. 26-7.

662 “„Ein Werk ist eine Textfassung, die der Autor selbst veröffentlicht hat oder die er für eine Veröffentlichung vorgesehen hat.“” MARTENS, Apud: PICHLER, 2014, p. 27.

aspecto implica o reconhecimento de Pichler do contraste específico existente entre “obra” e “texto” de acordo com Martens: enquanto “a obra é (...) limite” que “coloca-nos em sua constituição limitada como intérpretes e nos limites dos editores”, a “constituição-do-texto [seu “Text-Sein”] (...) é fluida em seus contornos, na medida em que nós não arrastamos [os] limites enquanto interpretamos e editamos”⁶⁶³. Nesse sentido, como assinala Pichler, o “acento” no “carácter artístico” que “o iridescente conceito de texto” de Martens demarca⁶⁶⁴ possui “alguns paralelos com a concepção estética de Theodor W. Adorno” cuja específica análise e adesão do intérprete “pode contribuir” para seus propósitos de uma “clarificação do significado da textualidade nos escritos filosóficos” bem como “revelar também importantes deficiências do conceito de texto de Martens”⁶⁶⁵. Sem aqui desdobrar as nuances da abordagem de Adorno, o que Pichler salienta, e que é importante destacar, é um dos pontos de distinção entre ambos os autores que permite caracterizar tais posicionamentos. Grosso modo, se de um lado “para Adorno o exclusivo status da obra de arte” se *revelaria* “fortemente na destruição de um claro sentido”, por outro lado, “Martens acentua a necessidade e significado do editor/destinatário para a criação de um tal evidente sentido sempre contingente” e, embora isso configure um ponto de distanciamento entre os autores, a posição de ambos, Martens e Adorno, se assemelha, em linhas gerais, na medida em que esbarra num certo “paradoxo” cuja dificuldade fundamental consiste em estabelecer *uma análise* que *pudesse* “levar em consideração também a materialidade que o texto [possui] em sua constituição dinâmica dos signos” no amago da distinção entre “texto” e “suporte do texto”. Dito de outro modo, a resposta a questão que encerra tal *paradoxo*, de acordo com Pichler, só poderia ser oferecida a partir de uma “compreensão do texto” que consiga distinguir precisamente entre “texto como um complexo de signos” e “o suporte material dos signos”⁶⁶⁶. Tal compreensão aparece,

663 “Aus diesem Werkverständnis ergibt sich folgendes Verhältnis zwischen Werk und Text: „Das Werk ist, so könnte man pointiert formulieren, Grenze, setzt in seinem Begrenzt-Sein uns als Interpreten und Editoren Grenzen. Das Text-Sein ist demgegenüber nicht in dieser Weise determiniert, ist in seinen Konturen fließend, soweit nicht wir selbst Grenzen ziehen, indem wir es deuten und herausgeben. (...)“ PICHLER, 2014, nota 79, p. 27.

664 “Sendo capaz de estar entre Dynamis e Stasis”: “Wichtig ist außerdem, dass Martens Text- und Werkbegriffe, denen diese Studie primär folgen wird, auch die ästhetische Dimension von Texten berücksichtigt. Wie Martens in seinem Aufsatz von 1991 vermerkt, vermag sein zwischen Dynamis und Stasis changierender Textbegriff, „der das Zusammenwirken von Festgefüghtheit und entgrenzender Bewegung, von syntagmatischer Geschlossenheit und paradigmatischer Polyvalenz faßt, [...] dem Kunstcharakter eines Textes gerecht zu werden.“ PICHLER, 2014, p. 27.

665 “(...) zur Erhellung der Bedeutung der Textualität in philosophischen Schriften beitragen zu können und offenbaren außerdem einen wesentlichen Mangel des Textbegriffes von Martens, (...)” PICHLER, 2014, p. 28.

666 “Die Art und Weise, in der diese Frage formuliert wurde, verweist bereits auf deren Beantwortung: Zur Auflösung besagter „Paradoxie“ bedarf es eines Textverständnisses, das aus rein heuristischen Gründen zwischen

segundo Pichler, na definição de Christian Stetter cujo “modelo de texto” pode ser “integrado” à definição de Martens e auxiliar na crítica àquele mencionado “silêncio” sobre a *reduzida ênfase à dimensão material do texto*⁶⁶⁷. Assim, por meio da constatação e “tentativa de revisão” do “mito” segundo o qual “a escrita alfabética representa o significante e a forma e figura escrita por outro lado [representam] o significado”, no interesse de um não *impedimento* de “uma detalhada compreensão” das diferenças entre a “ação linguística e escrita”⁶⁶⁸, Stetter *chega* à outra diferenciação entre “texto” e “textura”. Essa distinção pode ser sumarizada nas palavras de Stetter pela afirmação de que um “texto é o que é escrito e compreendido, a textura o que é escrito e é lido”⁶⁶⁹. Embora Pichler saliente em nota que a descrição de Stetter teria sido “melhor” se ele tivesse dito “apenas” que “texto é o que é compreendido”⁶⁷⁰, a “introdução dessa terminologia” sob a base da mencionada diferenciação permite distinguir entre “o plano textual do sentido primário sintagmático a determinar [...] e esse meio (Medium) estrutural”⁶⁷¹. Dito de outro modo, nessa distinção puramente “heurística” entre “texto” e “textura”, de acordo com Pichler, “a textura” por sua característica *contrastante* que hospeda, *no recente debate da “teoria dos meios”* alemã, “uma sinergia semântica fundamental entre o meio (Medium) e sua mensagem transportada” *pode ser compreendida* como “uma condição de possibilidade do texto” devido ao fato de ser um “central componente dessa medialidade”⁶⁷². Na medida em que essa definição de “textura” de Stetter fornece o vislumbre desse *imediato plano material* em que o “sentido” é *primeiramente* “constituído”, por exemplo, no “ato da leitura”⁶⁷³, é, todavia, nesse ponto, de

Text als komplexem Zeichen und den materiellen Zeichenträgern unterscheidet.” PICHLER, 2014, p. 29.

667 PICHLER, 2014, p. 29.

668 “Dieser Mythos habe bis dato ein eingehenderes Verständnis „für grundlegende Differenzen von sprachlichem und schriftlichem Handeln“ verhindert.” PICHLER, 2014, p. 29.

669 “„Schreiben hat stets die Form der Konstruktion eines Textes, und diese besteht in der Verknüpfung von Elementen – Wörtern, Sätzen, sonstigen Zeichen – zu einer Textur. Text ist dasjenige, was geschrieben und verstanden wird, die Textur das, was geschrieben ist und gelesen wird.“ PICHLER, 2014, pp. 29-30.

670 Pois, segundo Pichler, Stetter compreenderia a noção de texto de modo semelhante a Reuß cuja “respectiva materialidade [do texto] [seria] independente do nível do sentido da estrutura da linguagem”: “(...) dass er Text ähnlich wie Reuß versteht, also als die von ihrer jeweiligen Materialität unabhängige Sinnenebene eines Sprachgebildes.” PICHLER, 2014, p. 30.

671 “Durch die Einführung dieser Begrifflichkeit wird es möglich, eindeutig zwischen der textuellen Ebene des primär syntagmatisch zu ermittelnden Sinns (...) und des diesen tragenden Mediums zu unterscheiden.” PICHLER, 2014, p. 30.

672 “(...) kommt es zu fundamentalen semantischen Synergien zwischen dem Medium und der von ihm transportierten Botschaft, wobei – im Falle des Buches – die Textur als ein zentraler Bestandteil dieser Medialität regelrecht als Bedingung der Möglichkeit des Textes verstanden werden kann.” PICHLER, 2014, pp. 30-31.

673 “Sie [Textur] spielt bei der eigentlichen Sinnkonstitution, die selbst immer erst im Akt des Lesens erfolgt, eine ebenso wichtige Rolle wie die in ihr vorliegenden, nach einem konventionellen Schema deutbaren

acordo com Pichler, que a “anterior definição de texto de Martens” é *ampliada* por essa “definição de textura” de Stetter pela qual “o texto” é então definido como “um signo complexo, uma estrutura de relação dinâmica do suporte do signo, (...) cujo carácter dinâmico pode ser interrompido apenas temporariamente através da intervenção autoritária (interpretativa) do autor, editor ou destinatário”⁶⁷⁴. Ainda no âmbito de pensar *a textura* nessa determinação do conceito de texto, Pichler destaca também aspectos de uma “medialidade” que estariam fora da “materialidade da textura” (*mas operam diretamente na textura*) que, no caso específico dos “livros”, dizem respeito à “natureza do papel” que “armazena” essa *materialidade* e “todas as propriedades materiais” do âmbito da “tipografia” do qual conduzem toda a discussão para a esfera dessa “medialidade” específica enquanto debate sobre “teoria dos meios”⁶⁷⁵. Assim, essa perspectiva mencionada de Uwe Wirth da “teoria dos meios” que concebe uma “interação recíproca entre meio e mediação” parece ser o principal elemento que Pichler busca *examinar* em termos de pensar “esse efeito na argumentação filosófica”⁶⁷⁶ e, então, reconhecer “o significado da dimensão semântica de um texto” sob a base precisa desse “complexo signo dinâmico”⁶⁷⁷. Desse modo, após discutir os elementos dessa “medialidade” para ressaltar a ênfase de sua investigação ao reconhecimento da “materialidade do meio [que] a transporta”, Pichler retoma a distinção *heurística* de “texto e textura” de Stetter para demarcar os usos feitos em sua investigação da noção de textura como especificamente “nível do texto” que está relacionado ao “meio” (Medium) e será explicitado pelo autor adiante no esclarecimento das noções de “literaricidade” e “formas de exposição”⁶⁷⁸. Nesse ponto de sua argumentação, ao se prontificar a explicitar a noção de

Schriftzeichen.” PICHLER, 2014, p. 31.

674 “Text ist ein komplexes Zeichen, ein dynamischer Strukturzusammenhang von Zeichenträger(n), Interpretant (Textur) und Zeichenobjekt (Sinn), dessen dynamischer Charakter nur temporär durch den autoritär (-interpretativ)en Eingriff des Verfassers, Editors oder Rezipienten zum Stillstand gebracht werden kann.” PICHLER, 2014, p. 31

675 Do qual Pichler instrumentaliza a abordagem de Uwe Wirth cuja tese descreve que os “meios simultaneamente no ato de transmissão co-determinam e moldam aquilo que eles transmitem”: “Dabei referiert er auch die häufig vorgebrachte These, „dass Medien im Akt der Übertragung dasjenige, was sie übertragen, zugleich mitbedingen und prägen“.” PICHLER, 2014, p. 31.

676 PICHLER, 2014, p. 32.

677 “Folgt man Wirth in seinen Ausführungen und führt diese mit dem bisher entwickelten Textbegriff zusammen, bedeutet dies, dass die semantische Dimension eines Textes, verstanden als komplexes dynamisches Zeichen, folgendermaßen konstituiert wird: einerseits durch die den jeweiligen Text konstituierenden Medien, also dem Buch bzw. die die Varianten (,Vorstufen‘) zu diesem beinhaltenden Autographen, sowie durch die für diese Medien charakteristischen Konstitutions-, Bearbeitungs- und Distributionsbedingungen, welche sich direkt auf ihre Textur auswirken, andererseits durch das Sinnpotential der auf diesem Medium transportierten konventionellen Schriftzeichen.” PICHLER, 2014, p. 32.

678 PICHLER, 2014, p. 33.

“literaricidade” Pichler destaca os motivos de não discutir ali, a suposta distinção entre os “gêneros filosofia” e “literatura”, seja pelo fato de já tê-la discutido dois anos antes em um artigo específico⁶⁷⁹, seja por considerar a manutenção de tal distinção como infrutífera nesse trecho uma vez que *ela* “é essencialisticamente inexistente”⁶⁸⁰. Ao mencionar em nota o quadro dessa controvérsia que parece ter sido “catalisada” pelo debate entre “Jürgen Habermas com o neoestruturalismo francês e a crítica da literatura desconstrutivista norte americana”⁶⁸¹, Pichler aponta como a “sinopse” feita por Christoph Demmerling permite reconhecer o *insucesso* de “defensores e opositores” da “distinção dos gêneros de filosofia e literatura” em “encontrar um critério universal” ou mesmo “equivalência” entre as posições opostas o que, por sua vez, resulta – nessa *limitação dos critérios* –, na opção de instrumentalização de “um critério pragmático de compreensão da literatura” como faz Pichler⁶⁸². Desse modo, no âmbito de *desacoplar* um outro histórico de *banimento* e *confisco*⁶⁸³, Pichler salienta seu propósito de trabalhar indiretamente a noção de “literaricidade” sob a tarefa de “designar”, na contramão da tradição filosófica, “os meios de exposição como elementos estético-literários”⁶⁸⁴ em especial atenção ao *exame* “das figuras retóricas e dos tropos” junto a específica *determinação* de sua “função” num *uso individualizado* de “função” e “texto”⁶⁸⁵. Essa mobilização na argumentação de Pichler junto a elementos da ordem da “teoria da literatura” reflete o esforço, já constituído anteriormente, de assumir para “todo texto”, especialmente o “filosófico”, que não se enquadram no “gênero ‘literatura’” mas, atuam *literariamente*, esses “elementos estético-literários”⁶⁸⁶ sob a direção

679 No artigo aqui também utilizado intitulado “*Para-Literarizität. Versuch eines alternativen heuristischen Blicks auf die Gattungsgrenze von Philosophie und Literatur*”: PICHLER, 2012a, pp. 163-172.

680 “essentialistische – Unterscheidung zwischen den Schreibgattungen ‚Philosophie‘ und ‚Literatur‘ nicht gibt.” PICHLER, 2014, pp. 33-34.

681 PICHLER, 2014, nota 101, p. 34.

682 Respectivamente: “(...) zeigt er, dass es weder den Befürwortern noch den Gegnern einer Einebnung des Gattungsunterschiedes von Philosophie und Literatur gelungen ist, dafür allgemeingültige Kriterien zu finden oder gar die Gleichwertigkeit der beiden Schreibweisen zu beweisen.” e “Letztendlich folgt auch die vorliegende Studie in ihrer Bestimmung literarisch-ästhetischer Darstellungsformen einem pragmatischen Literaturverständnis.” PICHLER, 2014, nota 101, p. 34.

683 Refiro-me a “outro histórico de banimento” que não seja o “confisco” da sofística discutido anteriormente.

684 “Anstatt sich an die mühselige Arbeit der Rekonstruktion der gegenwärtig gültigen pragmatischen Kriterien der ‚Literarizität‘ zu machen, werden im Rahmen dieser Untersuchung diejenigen Darstellungsmittel als literarisch-ästhetische Elemente bezeichnet, die seit jeher von dominierenden Denkrichtungen der abendländischen Philosophie aus dieser zu verbannen versucht worden sind.” PICHLER, 2014, pp. 34-35.

685 “Die Funktionsbestimmung derselben wird jedes Mal anhand ihrer individuellen Verwendung in einem ebenso individuellen Text unter Einbeziehung von dessen materieller Grundlage und medialer Struktur sowie der von ihm selbst nahegelegten relevanten Kontexte erfolgen. (...)” PICHLER, 2014, nota 103, p. 35.

de um “critério pragmático” por exemplo, o de “faktum plural” de Genette⁶⁸⁷. Nesse ponto é interessante notar como o debate de Pichler dialoga diretamente com as recentes pesquisas sobre Nietzsche⁶⁸⁸. Assim, ao mesmo tempo que reconhece a *querela milenar* que a dimensão da “retórica” e dos “tropos” traz à tona⁶⁸⁹, sem *interferir* nela, Pichler ressalta sua recorrência ao “aparato conceitual” de Werner Wolf no uso da “Metaisierung” na tentativa de “evitar uma confusão terminológica” cujo redemoinho incide sob termos como “Auto- ou Selbstreferenzen” *sumarizados pela noção romântica de “Potenzierung”*⁶⁹⁰: “Metaisierung como fenômeno transgenérico e transmedial” que como “uma forma e conceito meta-referencial de tentativa de sistematização na literatura e outros meios”⁶⁹¹ seria caracterizada como “a inserção de um meta-nível na obra, um gênero ou um meio que refere-se a elementos meta-referenciais ou aspectos precisamente dessa obra, a esse gênero ou esse meio como tal”⁶⁹². Conforme salienta Pichler, embora Wolf distinga a “Metaisierung” a partir de três

686 “Para-literarisch sind dann die literarisch-ästhetischen Elemente in allen Texten, die nach den gegenwärtig gültigen, pragmatischen Kriterien auf den ersten Blick nicht unter die Gattung „Literatur“ fallen.” PICHLER, 2012a, p. 167.

687 Conforme salienta Pichler utilizando-se da *teoria da literatura* de Gérard Genette: “„Die Literarität ist ein plurales Faktum, und darum verlangt sie eine pluralistische Theorie, die die verschiedenen Arten der Sprache berücksichtigt, der praktischen Funktion zu entkommen, sie zu überleben und Texte hervorzubringen, die als ästhetische Objekte rezipiert und bewertet werden können.“ (Genette 1992, 31). Diese pluralen Formen – zusammengefasst in den sehr weiten Kategorien der Diktion und Fiktion – kann man potenziell auch in philosophischen Texten finden.” PICHLER, 2012a, p. 167

688 Por exemplo nas afirmações de Katharina Grätz e Sebastian Kaufmann na introdução ao livro organizado por eles intitulado “Nietzsche como Poeta” de 2017 sob o qual “todo texto de Nietzsche possui características em grande densidade estilístico-linguística que se aplicam geralmente como identidade de literariedade” o que implica o reconhecimento de que “eles estão repletos de tropos e figuras retóricas, empregam metáforas de modo extensivo, exclamações e questões retóricas, anáforas, paralelismos e antíteses e seguem até princípios musicais no tempo das frases”: Respectivamente, “Alle Texte Nietzsches weisen in großer Dichte sprachlich-stilistische Merkmale auf, die gemeinhin als Ausweis von Literarizität gel-ten.” e “Sie strotzen vor rhetorischen Tropen und Figuren, setzen in extensiver Weise Metaphern, Ausrufe und rhetorische Fragen, Anaphern, Parallelismen und Antithesen ein und folgen, bis in das Satztempo hinein, musikalischen Prinzipien.” GRÄTZ;KAUFMANN, 2017, p. 02.

689 PICHLER, 2014, p. 35.

690 “Für ein literarisches Schreiben nicht minder bedeutsam als der Einsatz von Kunstgriffen der Rhetorik sind die sogenannten Auto- oder Selbstreferenzen, die seit der Romantik unter dem Begriff der Potenzierung zusammengefasst werden und spätestens seit Russells Typentheorie zum großen Ärgernis logisch-empirischer Ansätze in der Philosophie geworden sind. Die formale Vielfalt derartiger Potenzierungen spiegelt sich nicht zuletzt in der bis heute noch sehr indifferenten Bezeichnung besagter Selbstbezüglichkeiten wieder. So trifft man in der Forschung neben den bereits erwähnten Termini ‚Auto-‘ und ‚Selbstreferenz‘ auch noch auf die Ausdrücke ‚Rekursivität‘, ‚Iteration‘, ‚Mise en abyme‘ und ‚Metareferenz‘.” PICHLER, 2014, pp. 35-36.

691 “„Metaisierung als transgenerisches und transmediales Phänomen: Ein Systematisierungsversuch metareferentieller Formen und Begriffe in Literatur und anderen Medien“” PICHLER, 2014, p. 36.

692 “Metaisierung selbst bedeutet laut Wolf „im Kontext der Literatur und anderer Medien das Einziehen einer Metaebene in ein Werk, eine Gattung oder ein Medium, von der aus metareferentiell auf Elemente oder Aspekte eben dieses Werkes, dieser Gattung oder dieses Mediums als solches rekurriert wird“ (Wolf 2007, S. 31).” PICHLER, 2014, nota 109, p. 36.

definições, “sua forma mais comum é a ‘auto-referência’” cuja “referência a um elemento semiótico (ou sistema) [ocorre] sobre si mesmo ou a um outro (semelhante ou idêntico) dentro do próprio sistema”⁶⁹³. Assim, essa forma “mais comum” da “Metaisierung” como “auto-referência” é, para Wolf, diferenciada no interior de outras formas de “auto-referencialidade” tais como a “referência auto-referencial” e o “significado auto-referencial” (esse último sinônimo de “auto-reflexividade”): enquanto para a “referência auto-referencial” pode-se “incluir” tanto o “comum fenômeno da auto-referencialidade do pronome reflexivo”, quanto “o procedimento” da “repetição das rimas ou o chamado ‘foregrounding’”⁶⁹⁴, por outro lado, para o “significado auto-referencial”, isto é, “a auto-reflexividade”, deve *conter* “nos elementos de um sistema uma afirmação sobre um aspecto ou todo [esse] outro sistema” e então “providenciar a reflexão ao destinatário”⁶⁹⁵. Por fim, sem adentrar as nuances do quadro de oposições da “meta-ficção”⁶⁹⁶ que Wolf utiliza como designação da “auto-referência” no contexto da “narrativa do texto” e que por sua constituição própria estaria ligada à efetividade da *mostração e preparação* “para a reflexão sobre a textualidade e ‘ficcionalidade’”⁶⁹⁷, o que é interessante destacar nesse ponto é o fato de que Pichler se propõe a testar a funcionalidade

693 “Deren gängigste Form ist die ‚Selbstreferenz‘, d.i. der „Bezug eines semiotischen Elements (oder Systems) auf sich selbst oder zu einem anderen (ähnlichen oder identischen) innerhalb desselben Systems.“ PICHLER, 2014, p. 36.

694 Esse último “subsumido por Roman Jakobson sob o conceito de ‘função poética’” como destaca Pichler: “Zum selbstreferentiellen Verweisen zählen so gängige Phänomene wie die Selbstbezüglichkeit von Reflexivpronomen aber auch Verfahren, die Roman Jakobson unter den Begriff der ‚poetischen Funktion‘ subsumiert hat wie die Repetition von Reimen oder das sogenannte ‚foregrounding‘.” PICHLER, 2014, p. 37.

695 “Im Gegensatz dazu spricht man von selbstreferentiellem Bedeuten bzw. Selbstreflexivität im Falle einer „Selbstreferenz, bei der Elemente eines Systems über andere desselben Systems oder das System insgesamt oder Aspekte desselben eine Aussage enthalten und die Rezipienten zu entsprechender Reflexion veranlassen“” PICHLER, 2014, p. 37.

696 PICHLER, 2014, p. 37.

697 Muito curioso notar que o que Wolf denomina aqui “metaficção” no âmbito da “teoria da narrativa” pode ser compreendido (e, como pretendo, *acrescentado*) de modo semelhante ao que Cassin chama de “operador sofisticado” cuja atuação, por meio de uma série de elementos e procedimentos textuais remonta *a atividade de performar* “uma maior atenção ao próprio discurso” (CASSIN, 2005, p. 34); O aspecto do qual tenho ressalvas a essa interpretação de Pichler ao instrumentalizar Wolf reside no modo como o autor toma a característica da “metareferência” na exigência de uma constituição “filosófica” do qual, com Cassin, me esquivo: tanto a “literaricidade”, as “formas de exposição estética” e a “autoreferência” em suas diversas nuances parecem ser antes o núcleo constitutivo da “logologia” e da “discursividade sofisticada”: “Wolf determina a Metaficção como a “(parte) de uma narrativa que é caracterizada pela metaficcionalidade, uma forma especial de metatextualidade e por isso de literaria autoreferencialidade. Metaficcionais são afirmações autoreflexivas e elementos de uma narrativa que não objetivam mostrar efetividade sobre o conteúdo, mas preparar para a reflexão sobre a textualidade e ‘ficcionalidade’”: “Wolf die Metafiktion bestimmt als den „(Teil) einer Erzählung, die von Metafiktionalität, einer Sonderform von Metatextualität und damit von literar. Selbstreferentialität [...] geprägt ist. Metafikcional sind selbstreflexive Aussagen und Elemente einer Erzählung, die nicht auf Inhaltliches als scheinbare Wirklichkeit zielen, sondern zur Reflexion veranlassen über Textualität und ‚Fiktionalität“.” PICHLER, 2014, nota 114, p. 37.

dessas formas descritas por Wolf da “auto-referência” na obra *O Crepúsculo dos Ídolos*. Desse modo, é nesse panorama de ampla descrição terminológica que encontramos as noções esquadrinhadas por Pichler exercendo uma específica *interdependência* entre si na compreensão geral da noção de texto: o “texto”, como conceito mais amplo, inevitavelmente irreduzível a uma forma específica e pensado em seu contraste com a *limitariedade* imposta pela obra na dinâmica das *versões* e dos *esboços*, é descrito a partir de um “critério pragmático” como “um dinâmico signo complexo” no qual “o plano textual do sentido primário sintagmático a determinar” aparece⁶⁹⁸. É a partir daí que, conforme vimos, a noção de “textura” por seu carácter *contrastante* *pode ser compreendida* como “uma condição de possibilidade do texto” por conduzir exatamente “uma sinergia semântica fundamental entre o meio (Medium) e sua mensagem transportada” que confere a ela a posição de um “central componente dessa medialidade”⁶⁹⁹. Isso significa em termos simples que o texto é concebido como esse *objeto aberto*, esse *locus*, esse *complexo de interações* sob o qual uma “valência semântica” (“de construção ou destruição do sentido”) é primeiramente eclodida como *dinamização complexa dos signos* no vórtice do “ato da leitura”, da *materialidade dos escritos* e seu *meio estrutural* costurado pela *textura*⁷⁰⁰. Dessa forma o texto é, para Pichler, compreendido como “um dinâmico signo complexo” cuja “dinamicidade” reside precisamente na *complexa interação* das partes que formam a gênese (como esboços e versões) de sua forma *arbitrariamente* acabada como “documento textual concluído e publicado”, isto é, como “obra”⁷⁰¹: o “texto” nada mais é do que esse *processo dinâmico* cuja “dinamização semântica” é obtida, na ordem de um “manuseamento da textualidade dos escritos de

698 “Durch die Einführung dieser Begrifflichkeit wird es möglich, eindeutig zwischen der textuellen Ebene des primär syntagmatisch zu ermittelnden Sinns (...) und des diesen tragenden Mediums zu unterscheiden.” PICHLER, 2014, p. 30.

699 PICHLER, 2014, pp. 30-31.

700 “(...) Text als einem komplexen dynamischen Zeichen, dessen Dynamizität sich nicht bloß auf die Textgenese beschränkt, sondern sich auch in abgeschlossenen und veröffentlichten Textdokumenten, sprich Werken, in der komplexen Interaktion zwischen den einzelnen Teilmomenten desselben realisiert und auf diesem Wege ausgehend von den Primärbedeutungen der verwendeten (Sprach-)Zeichen zur Sinnkonstitution oder -destruktion beiträgt.” PICHLER, 2014, p. 40.

701 PICHLER, 2014, p. 40. Nisso consiste todo o esforço de Pichler de adesão à mencionada “teoria da edição alemã” pela qual se *força* “uma mudança de paradigma” que deixa de considerar “um texto” como “objeto linguístico fixado cujas versões não pertencem a ele” para considerar “um dinâmico conceito de texto, que compreende ao [termo] “texto” um “complexo de todas as versões e variações de texto”: “Bei diesen Entwicklungen handelt es sich insbesondere um den im deutschsprachigen Raum von Editionstheoretikern wie Siegfried Scheibe, Hans Zeller und Gunter Martens forcierten Paradigmenwechsel vom Verständnis eines ‚Textes‘ als fixiertes linguistisches Objekt, dessen Varianten nicht zu ihm gehören, zu einem dynamischeren Textbegriff, der unter ‚Text‘ einen „Komplex aller Textvariationen und Varianten“ (Bremer/Wirth 2010, S. 243) versteht.” BORN; PICHLER, 2013, nota 10, p. 18.

Nietzsche”, como “o resultado da leitura”⁷⁰² sob o qual se parte da “a versão publicada” como “ponto de partida”⁷⁰³ e seu subsequente *contraste* com “as versões anteriores”⁷⁰⁴. Portanto, no reforço de reconhecer algo da ordem dessa potência criadora da *dinamização dos signos* em sua possível “analogia ao texto literário” e “expressão poeseológica”⁷⁰⁵, capturar ainda mais plenamente o potencial da “Metaisierung” como “auto-referência” em seus múltiplos sentidos nesse “manejo” da *textualidade dos escritos*⁷⁰⁶ e enfatizar uma vez mais “que fato é uma fabricação”, eu gostaria de nomear esse “dinâmico signo complexo” que é o *texto* como “fixação”⁷⁰⁷: uma vez que, como quer Fietz, “a faticidade do texto” seria “sua textualidade”⁷⁰⁸ e, esta por sua vez, seria estruturada pela *materialidade concreta dos escritos*⁷⁰⁹ (a serem

702 Uma vez que, o já mencionado “ato de leitura” *não é exterior ao texto* (PICHLER, 2014, p. 22), mas, é antes, um pressuposto da inclusão feita por Nietzsche na exigência fundamental de um “leitor ideal” sob a qual, através de uma leitura lenta, se deveria “preencher as lacunas, seguir a sucessão dos pensamentos e pensar ativamente...”: “What occurs is that the reader must work like never before to fill in the gaps, following trains of thought and actively thinking along with their writer and his/her (often various) attempts to devise a passage or to carry a thought out on a particular topic.” FICHER, 2014, p. 81. Veja-se ainda a hipótese de Gebhard J. Sanz que, ao investigar *textos da mesopotâmia*, concebe que “o texto não é um produto estático imutável” mas, o que ele denomina de “texto aberto” que “surge do relacionamento recíproco entre produtor e destinatário”: “Im hier vorgestellten Sinne ist „Text“ kein statisches unveränderliches Produkt. Text – insbesondere „offener Text“ – entsteht in einer wechselseitigen Beziehung zwischen Produzent und Rezipient.” SELZ, 2007, p. 86.

703 Se reconhecemos com Martens “que a o processo de leitura não é – como no conceito – exterior ao texto”: “Laut Martens, der prima facie der zweiten Auffassung zu folgen scheint, geht diese davon aus, „daß der Prozeß des Lesens nicht – wie in Begriff (1) – dem Text äußerlich“ sei.” PICHLER, 2014, p. 22.

704 “In Hinblick auf den Umgang mit der Textualität von Nietzsches Schriften liegt es in Anbetracht dieser Phänomene nahe, die publizierte Fassung zum Ausgangspunkt der eigenen Lektüre zu machen und diese dann in einem zweiten Schritt durch die Kontrastierung mit den früheren Versionen zu dynamisieren.” PICHLER, 2014, pp. 77.

705 Em “analogia ao texto literário” e “sua expressão poeseológica”, a *negociação* entre “metareflexividade” do “texto filosófico” e a *fixação* das “condições gerais semânticas e estéticas para auto expressão” são o que, de acordo com Pichler, pode ser entendido por “poeseologia dos escritos filosóficos” PICHLER, 2014, p. 06. Cf. adiante seção “4.3. DISCURSIVIDADE, POSEOLOGIA E DOXOGRAFIA”.

706 “processo transgenérico e transmedial da autoreferência ou reflexividade com a qual um sistema semiótico (uma obra, um gênero ou um meio) reflete sobre a própria ficcionalidade e/ou medialidade no sentido de ›Invenção‹ ou ›artificialidade, feitura‹”; “transgenerisches und transmediales Verfahren der Selbstreferenz bzw. Rückbezüglichkeit, mit dem ein semiotisches System (ein Werk, eine Gattung oder ein Medium) über die eigene Fiktionalität und/oder Medialität im Sinne von ›Erfundenheit‹ oder ›Künstlichkeit, Gemachtheit‹ reflektiert.” NÜNNING, 2013, p. 514; e PICHLER, 2014, p. 36.

707 A homofonia (*fixação-ficção*) é produzida aqui intencionalmente em emblemática alusão ao significante e a leitura de Cassin de “o aturdido” de Lacan: “Recorrer ao *nãotodo*, ao *ahomenosum* [*hommoinsun*], isto é, aos impasses da lógica, é, ao mostrar a saída das ficções da Mundanidade, produzir uma outra *fixação* [*fixion*] do real, ou seja, do impossível que o fixa pela estrutura da linguagem. É também traçar o caminho pelo qual se encontra, em cada discurso, o real com que ele se enrosca, e despachar os mitos de que ele ordinariamente se supre.” LACAN, 2003, p. 480. Cf.: BADIOU; CASSIN, 2010, p. 30.

708 Segundo Pichler esse “foco de Fietz sobre o “significado da faticidade do texto” seria baseado no conceito de interpretação e filologia de Nietzsche e antevem os problemas gerados no último século sobre Nietzsche e a filologia”: “,...Die Faktizität des Textes ist seine Textualität.” FIETZ, Apud: PICHLER, 2014, p. 60.

709 Pichler salienta que “com o conceito de ‘escritos’ deve ser indicado, uma vez mais, o foco do presente estudo sobre a textualidade do texto filosófico”: “(...) soll mit dem Begriff des ‚Schreibens‘ noch einmal der Fokus der vorliegenden Studie auf die Textualität philosophischer Texte markiert werden.” PICHLER, 2014, p. 45. Em-

confrontados naquela dinamização denominada “texto”), sua “superfície de leitura”⁷¹⁰ e “espaço mutidimensional”⁷¹¹, o “texto” de Nietzsche então, a meu ver, pode ser concebido como esse *complexo signo literário* e “o produto de uma série de operações interpretativas cuja realização final ou coroação é, senão, [in]tradução”⁷¹² e a *instauração* d’o tecido das referências literárias”⁷¹³, como se o *complexo conjunto* que compõe a “textualidade dos escritos de Nietzsche” na forma da “textura” (ela mesma no centro de uma relação entre “materialidade” e “meio” desta: ou seja, *medialidade*) das diversas “versões” e o “ato da leitura” *contrastante* formassem uma *dinâmica unidade fixional* semelhante ao *texto* de uma “entrada” do “dicionário dos intraduzíveis”⁷¹⁴, isto é, “cada entrada então começaria um nex

bora seja difícil se esquivar da constatação de Fietz (e da *Pesquisa Nietzsche Internacional*), ressaltada por Pichler, de que as “estratégias textuais de Nietzsche percebidas como tal devem ser consideradas [...] como constitutivas para comunicar o ‘conteúdo’” e, ainda, a ênfase de Pichler em caracterizar o “texto filosófico – como complexo texto literário” como possuindo a característica constitutiva de “sempre refletir sua própria natureza e suas condições”, meu argumento (embora fortemente coincidindo com o de Pichler) junto a instrumentalização da tese de Cassin busca orientar-se noutra direção: tanto a “auto-reflexividade” é apenas um dos elementos em que *no discurso se concede uma maior atenção ao próprio discurso*, quanto esse aspecto “*para-literariizante*” da linguagem é constitutivo da “discursividade sofisticada” e da “logologia”. É dessa forma que vejo as exigências de Pichler de “função e significado filosófico” ainda no interior de uma regulação “platônico-aristotélica” uma vez que a supremacia do estatuto filosófico de demarcação e apropriação é que está em jogo em minha problematização. Respectivamente: “Fietz’ methodologisch hochreflektierte Studie ausgeht von der auch von Behler, Magnus und Zittel vertretenen Auffassung, dass „Nietzsches textuelle Strategien als solche wahrgenommen, [...] als konstitutiv für die mitzuteilenden ‚Inhalte‘ angesehen“ werden müssen,(...)” e “Diesem Vorgehen liegt die These zugrunde, dass philosophische Texte – genauso wie komplexe literarische Texte – ihre eigene Beschaffenheit sowie die Bedingungen derselben stets selbst reflektieren.” PICHLER, 2014, p 57 e p. 44.

710 BEST; MARCUS, 2009, p. 09.

711 “To quote Seán Burke: “We now know that a text is not a line of words releasing a single ‘theological’ meaning (the ‘message’ of the Author-God) but a multidimensional space in which a variety of writings [...] blend and clash.”” FICHER, 2014, p. 81.

712 Acresço aqui o “[in]” que consiste no gesto de salientar a *inesgotabilidade do processo* como destaca Fernando Santoro sobre o novo verbete “intradução” para a versão do dicionário brasileiro (do “Dicionário dos intraduzíveis”) com o qual Cassin define: “O intraduzível não é o que não é ou não pode ser traduzido, mas antes o que se não cessa de (não) traduzir.”: CASSIN, Apud: SANTORO, 2014, p. 191 e CASSIN [et al.], 2014, p. xvii. A citação no texto enfatiza como Cassin interpreta “a sentença grega pela qual alguém como Platão chama ‘Pai Parmênides’” (“father Parmenides,”) na tradição: “I would like to show that this sentence is the product of a series of interpretive operations whose ultimate achievement or crowning is, and is nothing but, translation. The most appropriate name for this series of operations is *fixion*, spelled with the Lacanian x in order to emphasize, through Bentham and Nietzsche, that the fact is a fabrication, the *factum* is a *fictum* one decides to fix.” CASSIN, 2014, p. 297.

713 Palavras de Cassin ao comentar os “eikones de Filóstrato” e a *epideixis*: “toda *epideixis* consiste em suscitar as “narrativas apropriadas”, em instaurar, por vezes com uma só palavra, o tecido das referências literárias.” CASSIN, 2005, p. 253.

714 Utilizo aqui como “modelo” para lançar luz sobre o “texto” de Nietzsche o projeto “multilingual” do “Dicionário dos intraduzíveis. Um léxico filosófico” organizado por Barbara Cassin em colaboração com diversos/as pesquisadores/as de todo o mundo. Situado a partir da “paradoxal premissa” sob a qual “o intraduzível” seria “o interminavelmente (não) traduzido”, nele, como modelo emblemático de pluralidade e reflexão, eu suponho encontrar os requisitos para discutir as esferas da filologia, filosofia e literatura sob a qual parece implicar o *complexo signico* que é o texto de Nietzsche: APTER, In: CASSIN [et al.], 2014, p. xiv.

de intradutibilidade e passa para uma comparação da rede terminológica cuja distorção cria a história e a geografia...”⁷¹⁵, nesse caso, da própria “auto-reflexão filosófica”⁷¹⁶ na medida em que deflagra àquela “dinamização”⁷¹⁷. Assim, se isso se aplica ao caso, poderíamos, a fim de ilustrar o deslocamento semântico que proponho ao conceito, recolocar a afirmação de Stetter, também endossada por Pichler sob a qual “texto é aquilo que é compreendido”, com a seguinte alteração: texto é aquilo que é *fixionado*⁷¹⁸ pois “o pensamento não tem alça sobre [o] real, mas apenas sobre” o “— — —”⁷¹⁹, isto é, o “*schreibt*” do esfregar da escrita⁷²⁰.

4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche⁷²¹

715 Ao explicar o funcionamento do “dicionário” a partir do funcionamento das entradas e verbetes: “Each entry thus starts from a nexus of untranslatability and proceeds to a comparison of terminological networks, whose distortion creates the history and geography of languages and cultures.” APTER, In: CASSIN [et al.], 2014, p. xiv.

716 “The untranslatable as a construct makes a place for the private anguish that we as translators experience when confronted with material that we don’t want to translate or see translated. A certain density or richness or color or tone in the source language seems so completely to defy rendering into another language that we would just as soon not try: the poverty of the result is too distressing, makes us miss the first language as we miss a friend or a child.” APTER, In: CASSIN [et al.], 2014, p. xiv.

717 Esse aspecto da “fixação” no âmbito da “in-tradução” e sua *arborescência interpretativo-palimpsêstica* (CASSIN, 2014, p. 298), se apoia no fato de que inclusive os editores da edição crítica da KGW IX reconhecem o estatuto interpretativo da “reprodução dos manuscritos na sentença tipográfica” como “um resultado de uma tradução (“interpretatio”)”: KGW XI/9, 2015, p. VII.

718 Mais do que trazer a tona o extenso debate sobre os termos “tradução” e “in-tradução”, meu propósito aqui é, a partir da determinação heurística de “texto como fixação”, acentuar que, aquilo que Pichler atribui a uma propriedade eminentemente filosófica (daí seu título “Filosofia como texto”), essa “dinamização do signo complexo” produzida pela prática “auto-reflexiva” no interior das versões (esboços e anotações) que promove a possibilidade de constituição da abertura ou destruição de um significado originário no contraste dessa prática textual com a versão impressa final que por fim, denomina “texto” pode, a meu ver, ser interpretado exatamente como um “operador sofístico” (“o próprio fato do *logos*, sua realidade concreta” CASSIN, 2005, p. 34.) na medida em que “ele”, como constitutivo de um “complexo signo literário” por meio uma série de elementos da materialidade dos escritos, “presta os ouvidos e faz ouvir o que na língua constitui sua densidade semântica e sintática (...)” CASSIN, 2015, p. 93. Sendo assim, deixo a parte da “caracterização dos escritos” para a seção posterior.

719 “Parmênides diz ‘não se pensa aquilo que não é’ — nós estamos na outra ponta e dizemos ‘aquilo que pode ser pensado deve ser certamente uma ficção’. Pensamento não tem alça sobre [o] real, mas apenas sobre — — —”: “Parmenides hat gesagt „man denkt das nicht, was nicht ist“ — wir sind am anderen Ende und sagen „was gedacht werden kann, muß sicherlich eine Fiktion sein“. Denken hat keinen Griff auf Reales, sondern nur auf — — —”: [#eKGWB/NF-1888.14\[148\]](#).

720 Uso aqui um dos termos riscados por Nietzsche (“*schreibt*”) no processo de revisão das anotações (Aufzeichnungen) que compõe uma das versões com os quais Pichler demonstra a auto-reflexão de Nietzsche sobre os meios de comunicabilidade nessas versões avaliando a topologia de seus significados em contraste com o texto final impresso que compõe ABM 289: PICHLER, 2014, pp. 55-76.

721 No título dessa seção performo uma mudança que direciona respectivamente minha abordagem: não consigo assumir a complexidade desses modos de escrita como sendo uma característica puramente “filosófica” como me parece ser a intenção de Pichler e da *Pesquisa-Nietzsche*: “Charakteristika von Nietzsches philosophischen Schreibweisen” PICHLER, 2014, p. 108.

Uma vez que nos itens anteriores tentei estabelecer, por um lado, a procedência e formação da *praxis* filológica de Nietzsche que amplia as possibilidades de instrumentalizar o texto (seção “4.2.1. O papel da filologia na formação do texto como *fixão*”), bem como, por outro lado, a amplitude do que está em jogo acerca da noção aqui esboçada de “texto” como “fixão” (seção “4.2.2. Texto como *fixão*”), a presente seção tem como objetivo, em seu título relativamente autoexplicativo, *caracterizar os modos de escrita de Nietzsche* que, como pretendi demonstrar anteriormente, aparecem fecundados a partir da ambientação junto à *praxis* filológica e sua transformação crítico-criativa – que denominei como uma “autosupressão” da filologia –, não como crítica teórica, mas sobretudo, por meio de uma *praxis* textual em Nietzsche cuja *performatividade* permite localizar tal *experimento* como *gesto sofista*. Nesse sentido, *obliterando* no presente título do item o termo “filosófico” da sentença que forma o título da descrição de Pichler⁷²³, eu tento seguir relativamente a caracterização feita pelo autor dos aspectos dos escritos de Nietzsche a partir dos resultados de sua investigação e a atual *Pesquisa-Nietzsche*⁷²⁴. Assim, o que se segue é um esboço programático da descrição de Pichler cuja possível *aplicação* e *comparatividade* referente aos elementos, à guisa de um *gesto sofista* em *Ecce homo*, será realizada.

Precipuamente, Pichler distribui sua descrição em tópicos específicos que se ramificam conforme sua resultante co-dependência temática. Com efeito, o primeiro tópico aparece como a caracterização de um aspecto que tem sido central na *Pesquisa-Nietzsche* desde aproximadamente os anos 70 do século XX: a concepção da “a.) *forma como conteúdo sedimentado*” o que, em outras palavras, significa dizer que “a *praxis* de exposição de Nietzsche permanece em conexão direta com suas questões filosóficas centrais ou numa relação separável apenas heurísticamente”⁷²⁵, isto é, a nuclear assimilação de que “conteúdo e forma do pensamento” em Nietzsche “são reciprocamente penetrantes e elementos

722 “(— der Glaube an's Ideal —)” KSA 6, 6-7, p. 259; <[#eKGWB/EH-Vorwort-3](#)>

723 O título do item descrito por Pichler é “Charakteristika von Nietzsches philosophischen Schreibweisen” que verto aqui, *obliterando* o adjetivo “filosófico” para o presente título na tentativa de desvincular a atribuição a um gesto exclusivamente “filosófico”.

724 “In Anknüpfung an den gegenwärtigen Stand der internationalen Nietzscheforschung sowie zurückgreifend auf die bisherigen Resultate dieser Studie können folgende Charakteristika von Nietzsches philosophischen Schreibweisen festgehalten werden” PICHLER, 2014, p. 108.

725 “a.) *Form als sedimentierter Inhalt*: Nietzsches Darstellungspraxis steht in einem direkten und nur heuristisch trennbaren Zusammenhang mit seinen zentralen philosophischen Fragestellungen.” PICHLER, 2014, p. 108.

complementares” ao passo que “gênero e estilo de seus pensamentos, seus escritos não são externos”⁷²⁶. Conforme aparece na discussão do pensamento tardio de Nietzsche sobre a linguagem, seus escritos *atuam* “não apenas” como *indicador linguístico* de um recorrente “insight da filosofia da linguagem” no interior da “condicionalidade de todo pensamento e sua consequente limitação do filosofar” diante das “convenções”, *mas* precisamente, através de uma *superação* dessas limitações “por meio da musicalização ou ritmização dos próprios escritos”⁷²⁷ como tem mostrado as pesquisas de “Rudolf Fietz”, “Luca Renzi”, “Christian Benne” e “Daniela Langer”⁷²⁸. Nisso se desdobra uma primeira e fundamental consequência dessa relação *conteúdo-forma* em Nietzsche que é “b.) *orientação para a linguagem falada* que é concentrada na metáfora-do-ouvido”⁷²⁹. De acordo com Pichler, *não apenas limitada* “à transposição comunicativa de práticas conversacionais nos escritos” essa “orientação” parece “ser acompanhada de uma reflexão filosófica dos meios das diferenças entre linguagem escrita e falada”⁷³⁰. Ainda enquanto consequente resultante disso, surge o terceiro tópico indicado como uma “c.) *praxis de irritação grafemática*” segundo a qual “as obras publicadas de Nietzsche” *subverteriam* “o comportamento comum de leitura de seus contemporâneos” na medida em que seus “escritos” *performam* essa “*praxis de irritação grafemática* única na filosofia alemã cujo objetivo consiste em um aumento da atenção do leitor”⁷³¹. É nesse sentido que, para Pichler, tal *prática* acontece nos escritos de Nietzsche: seja “com a ajuda de uma grafia estética, performatização dos signos” como em “Fietz”, seja ainda “como outras “*práticas de encenação gráfica-impressas*”” como quer Windgäter, em relação à *utilização* de

726 PICHLER, 2014, p. 108. Veja ainda “(...) o pensar, por um lado, e o falar e escrever, por outro, estão indissociavelmente ligados: o conteúdo de significação de um enunciado é inseparável da forma de sua expressão” SIMONIS, “*Estilo*” In: NIEMEYER, 2014, p. 189.

727 PICHLER, 2014, p. 108.

728 Com razão Pichler menciona em nota que “Langer desenvolve sua concepção do conceito de estilo de Nietzsche em função do projeto filosófico do jovem Nietzsche de crítica da linguagem, mas ignora o fato que estilo de Nietzsche a despeito de seu latente fonocentrismo é uma questão de comunicação escrita”: “Langer entwickelt dort ihre Auffassung von Nietzsches Stilbegriff sowie von dessen Funktion innerhalb von Nietzsches philosophischem Gesamtprojekt aus Nietzsches früher Sprachkritik, missachtet dabei jedoch die Tatsache, dass Stil bei Nietzsche trotz des latenten Phonozentrismus eine Frage der schriftlichen Kommunikation ist.” PICHLER, 2014, nota 272, p. 108.

729 “b.) die sich in der Ohr-Metapher bündelnde *Orientierung an der gesprochenen Sprache*.” PICHLER, 2014, p. 109.

730 PICHLER, 2014, p. 109.

731 Vale ressaltar que André Munis Garcia chega a mencionar esse aspecto em sua tese em vista de outros interesses e à luz da interpretação de Werner Stegmaier: “Não só no que diz respeito aos recursos estilísticos e vernaculares, mas para se fazer sentir o tempo e o ritmo das frases e dos pensamentos que são apresentados pelos livros de aforismos, Nietzsche recorreu a aspectos ainda menos perceptivos, tais como o uso de sinais gráficos” GARCIA, 2011, p. 47.

Nietzsche de uma *fonte* “não familiar” a seus contemporâneos⁷³². Este último aspecto, que se refere ao elemento da tipografia propriamente dita, é ainda salientado em sua minúcia por Thomas Rahn em seu ensaio “*Das novas taboas. Sobre arte tipográfica como meio interpretativo em Nietzsche*”⁷³³. Em resumo, nele, “a forma tipográfica” é compreendida como “um meio interpretativo de um texto filosófico”⁷³⁴ que, sobretudo em Nietzsche, pode ser interpretada “como assinatura da obra”⁷³⁵. Nesse sentido, ao mesmo tempo que, segundo Pichler é *consenso* na *Pesquisa-Nietzsche* a “ativação” e “orientação” do “leitor” *produzidos* pela “grafia estética” de Nietzsche, tem-se na “concreta interpretação do uso tipográfico (não-alfabéticos) dos signos em Nietzsche”, geralmente, a *oscilação* das interpretações no âmbito de duas abordagens segundo as quais ou se trata de uma “interpretação quase a-semântica que acentua o já mencionado momento da irritação” ou se trata de “leituras tradicionais semântico-funcionais que atribuem ao dito uso dos signos um ou vários significados concretos”⁷³⁶. Ainda aqui, o intérprete responsável pela combinação dos dois tipos de abordagens seria Wojciech Simson que, segundo Pichler, descreve o valor desses “signos não-alfabéticos” no interior de sua *constitutividade textual* que os impede de referir-se a algo fora do texto o que então demarcaria sua *intervenção* no texto mesmo “modulando” e *estruturando-o*⁷³⁷. Assim sendo, essas “formas de combinações dos signos em Nietzsche”

732 “(c.) Als Konsequenz derselben realisieren Nietzsches Schriften eine in der deutschen Philosophie einzigartige *graphematische Irritationspraxis*, deren Ziel in einer Aufmerksamkeitssteigerung des Lesers besteht: Mit Hilfe einer ästhetischen Graphie, Fietz’ Performationszeichen, sowie weiteren „*druckgraphischen Inszenierungspraktiken*“ wie der Verwendung der im 19. Jahrhundert im Buchdruck noch höchst ungewohnten Antiqua subvertierten Nietzsches veröffentlichte Werke das gängige Leseverhalten seiner Zeitgenossen.” PICHLER, 2014, p. 109.

733 “*Delle nuove tavole. Sull'arte tipografica come mezzo interpretativo in Nietzsche*” RAHN, In: LOSSI; ZITTEL, 2014, pp. 89-113.

734 Além de ser basicamente o mesmo título do ensaio de Rahn do livro “*Nietzsche scrittore. Saggi di stetica, narratologia, etica*” de 2014, essa formulação “tipografia como interpretament [isto é, como “meio interpretativo” empregado “em um sentido amplo como *qualquer coisa que pode dar interpretação ou determinada direção a atividade hermenêutica (qualcosa che riesce a dare all'interpretazione o all'attività ermeneutica una determinata direzione)*: RAHN, In: LOSSI; ZITTEL, 2014, nota 8, p. 91.” corresponde ao título do projeto atual de Rahn junto ao grupo “Textologie”: Cf.: RAHN, “*Gestörte Texte. Typographie als Interpretament (1870 bis 1930)*” <<https://goo.gl/8mJ6Fu>> In: ZITTEL, 2017.

735 Discutirei o tema adiante acerca de *Ecce homo*: “*La forma tipografica come segnatura dell'opera*” RAHN, 2014, p. 91.

736 “Während in Betreff der Leseraktivierung und -lenkung von Nietzsches ästhetischer Graphie in der Forschung Einigkeit herrscht, lässt sich prinzipiell festhalten, dass diese in der konkreten Interpretation der von Nietzsche verwendeten typographischen (nichtalphabetischen) Zeichen zwischen beinahe a-semantischen Auslegungen, welche das bereits angesprochene Irritationsmoment betonen, und traditionell funktional-semantischen Deutungen, welche besagtem Zeichengebrauch eine oder mehrere konkrete Bedeutungen zuordnen, changieren.” PICHLER, 2014, p. 109.

737 “Dieser stellt bereits am Anfang eines „Beobachtungen zur Typographie in Nietzsches Vorreden von 86/87“ betitelten Aufsatzes fest: „Sie [= die nichtalphabetischen Zeichen; A.P.] sind – vergleichbar den Konjunktionen –

podem ser descritas como sendo quatro: “1) Travessões”, “2) Aspas”, “3) Sublinhados ou bloqueios” e “4) Reticências”⁷³⁸. Com efeito, em relação aos “travessões” como “*Gedankenstrich*”, de acordo com Pichler, “enquanto [...] Windgätter nega qualquer função denotativa” ao *travessão* assinalando que, em suas formas de “resistência” ele apenas “exibe como o manuscrito mecanicamente escrito funciona afinal”⁷³⁹, por outro lado, Stegmaier destaca em sua “leitura” uma *tripla* função do *travessão* que “anuncia „a) imprevista, surpreendente, repentina incidência,„ bem como “é „b) colocado após um ponto [...] do hífen [de divisão], que estrutura logicamente o aforismo“,” e, por fim, “atua „c) sem um ponto precedente como conclusão das sentenças [...] a conclusão simultaneamente aberta”⁷⁴⁰. Para além da descrição de Pichler, Tongeren ao comentar em seu livro sobre *Além do bem e do mal* o aforismo 43 salienta que, “(...) como frequentemente nos textos de Nietzsche, [o travessão] traz uma cesura no texto” e assim “preenche um importante e igualmente ambígua função”⁷⁴¹. Ainda aqui, descreve Tongeren, algumas das “diferentes funções possíveis” que o travessão pode ser encontrado no texto de Nietzsche: seja “usados para designar um parêntese”, seja *possuindo* “a função rítmica de “uma pausa brusca” pelos quais “eles novamente exprimem a intenção de sustentar algo por mais tempo” de modo semelhante a “como se fosse uma nota em uma composição musical” seja finalmente ao “ocasionalmente estabelece uma ruptura no texto”⁷⁴². Por fim, para Pichler, a decidibilidade entre essas abordagens se faz, segundo o autor, na *verificação do texto concreto*. É curioso notar que, para além da descrição de Pichler, é possível vislumbrar, tal como farei adiante na *verificação junto ao texto concreto*, toda essa

gewiß keine sinntragenden Elemente, das heißt, sie vermögen auf nichts außerhalb des Textes zu verweisen, greifen aber in ihn modulierend und strukturierend ein, wirken daher sinnbildend.” PICHLER, 2014, p. 109.

738 Respectivamente: “1.) *Gedankenstriche*”, “2.) *Gänsefüßchen*”, “3.) *Unterstreichungen* bzw. *Sperrungen*” e “4.) *Auslassungspunkte*” PICHLER, 2014, p. 110 e 111.

739 “[B]ei Nietzsche einfach, manchmal auch doppelt hintereinander gesetzt; nicht selten von ungewöhnlicher Länge. So reißen sie Lücken in Texte, unterbrechen den Lesefluss (verlangsamen ihn zumindest), bilden Widersprüche oder lassen Sätze ins Leere laufen – sie sind Zeichen nicht der, sondern als Differenz: drücken nichts aus, zeigen jedoch an, wie Typoskripte überhaupt funktionieren.” PICHLER, 2014, nota 277, p. 110.

740 “Nach dessen Lesart kündigen Gedankenstriche „(a) Unerwartetes, Überraschendes, plötzlich Einfallendes an“ (Stegmaier 2012, S. 175), werden „(b) nach einem Punkt gesetzt [...] zum Trennungsstrich, der den Aphorismus logisch gliedert“ (Stegmaier 2012, 176), und halten „(c) ohne vorausgehenden Punkt als Abschluss von Sätzen [...] den Schluss zugleich offen“ (Stegmaier 2012, S. 176).” PICHLER, 2014, nota 277, p. 110.

741 TONGEREN, 2012, p. 150.

742 Indicando em cada função seu respectivo exemplo no aforismo em questão: “ABM 34 fornece exemplos para diferentes funções possíveis: muitas vezes, eles são usados para designar um parêntese (p. ex., KSA 5, p. 52, linhas 23ss). Por vezes, eles possuem a função rítmica de “uma pausa brusca” (p. ex., KSA 5, p. 53, linha 6), então, eles novamente exprimem a intenção de sustentar algo por mais tempo (p. ex., KSA 5, p. 54, linha 2) - como se fosse uma nota em uma composição musical – e, por fim, tal como é o caro em pauta (KSA 5, p. 53, linha 17), eles ocasionalmente estabelecem uma ruptura no texto.” TONGEREN, 2012, nota 43, p. 150.

“praxis de irritação grafemática” via *elementos de pontuação* e tipografia (*signos não-alfabéticos*), no âmbito de uma sofisticização do discurso filosófico em *fricção* com a *ficção* que pode ter como parâmetro de *mimesis catastrófica* um certo tipo de “pior modelo” como é o caso de “Laurence Sterne” em seu “A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy”, o também chamado “mestre da ambiguidade”⁷⁴³ cuja “metafísica da digressão” somada a performance de “artifícios tipográficos”⁷⁴⁴ no reino de uma *erudição filosófico-literária fantástica*, reiteram a inegável longínqua paixão de Nietzsche pelo autor. Vale destacar que, enquanto elemento gráfico, o “traço” em “sua ambivalência”, cuja “neblina onomasiológica” indis põe uma possibilidade de *distinção* mais assertiva entre os diversos termos em alemão (“*Gedankenstrich*”, “*Bindestrich*” e “*Trennenstrich*”), inclusive uma *distinção “tipográfica”*⁷⁴⁵, coloca, a meu ver, o “travessão” no uso feito por Nietzsche em *Ecce homo* em direta conexão a esse *gesto Sterneano* que pode ser lido, precisamente, como “figura ambígua” do pensamento⁷⁴⁶. Retomando a descrição de Pichler, conseqüentemente, as “aspas”, sob o termo “*Gänsefüßchen*”, obtendo um “grande consenso” na *Pesquisa-Nietzsche* abriga diversas “funções linguístico-semânticas” conforme o específico intérprete, sendo cinco para Stegmaier e duas conforme Windgätter⁷⁴⁷. Por outro lado, são, segundo destaca Pichler, “fortemente controversas as interpretações” acerca do item “3) *Sublinhados* ou *bloqueios*” cujas interpretações reiteram o acento sobre “essa função grafemática

743 HDH II, *Opiniões e sentenças diversas*, 113, Respectivamente: “entre todos os grandes escritores, constitui o pior modelo e o autor menos exemplar” e “Sterne é o grande mestre da ambigüidade [sic]” NIETZSCHE, (edição digital), p. 41 <#eKGWB/VM-113>.

744 PAES, “*Sterne ou o horror à linha reta*” In: STERNE, 1984, respectivamente, p. 31 e 39.

745 Descrição de Joachim Grzega que Tim Kammasch salienta em nota: “Grzega nennt verschiedene Namen des Gedanken- und des Bindestrichs und konstatiert auf der Grundlage einer empirischen Befragung von 76 deutschsprachigen »Informanten aus Deutschland« eine »... gewisse Unsicherheit ([...] »onomasiologische Unschärfe«) bei der Trennung von Gedankenstrich, Bindestrich, Trennstrich und deren Benennungen«. In studentischen Seminararbeiten stellt er fest, dass »kein typographischer Unterschied zwischen Gedankenstrich (länger mit Spatia) und Bindestrich (kurz ohne Spatia) gemacht« werde.” KAMMASCH, 2009, nota 5, p. 120.

746 “Gegen den Strich gelesen liest sich der Strich in seiner Ambivalenz als Kippfigur, als Trope, in der sich die Sprache in ihrem Vollzug anzeigt, indem sie sich in ihm einer eindeutigen Bestimmung entzieht und eben dadurch – wie es der Strich in konkreter Gestalt vollzieht – differentielle, bedeutungsstiftende Bezüge etabliert.” KAMMASCH, 2009, p. 120.

747 Que podem ser resumidas nos seguintes termos, para Stegmaier: a) *expressões enquanto tal – a que pertencem título, nomes, designações mas também a forma das palavras*; b) *expressões que são assumidas em outro contexto – no conceito mas também literalmente referido ao discurso “direto”*; c) *expressões habituais são empregadas como inabituais, por exemplo variadamente, metaforicamente, ironicamente, eufemisticamente ou paradoxalmente – para alargamento ou deslocamento de sentido*; e d) *expressões são inventadas como tal incomum, idiomática ou nova – assim como quando se diz na linguagem impressa em aspas duplas “Gänsefüßchen”*; já em Windgätter aparecem apenas as descrições correspondentes a “a)” e “d)” de Stegmaier e com a “contrariedade que também a “Gänsefüßchen” não expressa, mas sim apresenta “escrito como tal”: PICHLER, 2014, p. 110 e, respectivamente, nota 278.

autoreferencial como marca de intonação” em que, por exemplo, Wojciech Simson “lê” tais elementos “consequentemente sobre o fundo da compreensão do ritmo” que parece estar relacionada às abordagens de Paul van Tongeren e Christian Benne⁷⁴⁸. Por fim, na mesma medida em que van Tongeren *acentua* de modo semelhante a Simson a “função-ironização dos sublinhados ou bloqueios”, para Simson, de acordo com Pichler, essa “orientação de Nietzsche para a linguagem falada” é, nesse caso, *tornada evidente*⁷⁴⁹. Em modo semelhante de disputa teórica, acerca do item “4) *Reticências*”, conforme indica Pichler, “pelo menos no assunto de uma de suas funções” há, todavia, o *predomínio de um consenso*: isto é, todos parecem concordar no ponto em que as “reticências” em Nietzsche “funcionam como uma pausa de intonação em questões retóricas”⁷⁵⁰ ainda que, por exemplo, Stegmaier liste “três aplicáveis funções” em seu enfoque do “potencial semântico das reticências”⁷⁵¹. Conforme já destacado acima, o que parece interessante aqui para além da ênfase em uma decidibilidade teórica específica, é o fato de Pichler salientar que a adequada adesão teórica é verificada na especificidade mesma do texto e que, no entanto, tende a assentir com leituras como as de Windgätter “que especifica concretamente o momento de irritação em conjunto com o aumento da atenção do leitor” bem como “fornece textualmente interpretações da grafia estética de Nietzsche em primeiro plano”⁷⁵². Desse modo, na medida em que o leitor pode levar tal ênfase em consideração será possível reconhecer então nos “escritos” de Nietzsche a

748 *Interpretação que teria textualmente mais força do que a de Stegmaier*: “Hier stehen sich abermals Lesarten, die deren autoreferentielle graphematische Funktion als Intonationsmarkierungen (Simson) betonen – sie also auf der Folie von Nietzsches Rhythmusverständnis (van Tongeren, Benne) lesen –, stärker inhaltlich angelegten Interpretationen gegenüber (Stegmaier).” PICHLER, 2014, p. 110.

749 Vale lembrar que Pichler destaca a *contrariedade* de Stegmaier aqui que “não admite a autodeixis gráfica bem como a função de marcação de intonação em sua interpretação dos sublinhados...” propondo então uma lista de funções “que acontece uma forte negligência aos evidentes momentos de irritação em Nietzsche” PICHLER, 2014, nota 279, p. 111.

750 “Ähnlich verhält es sich bei den 4.) *Auslassungspunkten*, bei denen allerdings zumindest in Betreff einer ihrer Funktionen – nämlich derjenigen, als Intonations-pause bei rhetorischen Fragen zu fungieren – Einigkeit herrscht.” PICHLER, 2014, p. 111.

751 A saber: 1.) *as características da superficialidade de uma outra realização das já expostas*, 2.) *a marcação de uma pausa de pensamento* e, 3.) *as preparações para surpresas filosóficas*: “Auch in diesem Falle fokussiert Stegmaier das semantische Potential der Auslassungspunkte und listet dementsprechend drei Funktionen derselben, nämlich erstens die Kennzeichnung der Überflüssigkeit einer weiteren Ausführung des bereits Gesagten, zweitens die Markierung einer Denkpause und drittens die Vorbereitung auf philosophische Überraschungen (vgl. Stegmaier 2012, S. 177).” PICHLER, 2014, nota 180, p. 111.

752 “Ohne sich uneingeschränkt an eine der soeben vorgestellten Deutungen der Performationszeichen anzuschließen, ist an dieser Stelle darauf hinzuweisen, dass diese Studie deren Bedeutung stets von Neuem am jeweils konkreten Text überprüfen wird, jedoch primär in Richtung der Lesart von Interpreten wie Windgätter tendiert, welche das Irritationsmoment und die mit dieser einhergehende Aufmerksamkeitssteigerung des Lesers gegenüber konkret festgeschriebenen, inhaltlichen Auslegungen der ästhetischen Graphie Nietzsches in den Vordergrund stellen.” PICHLER, 2014, p. 111.

subsequente “estratégia” descrita por Pichler na forma do item “d) *Quebras performativas*”⁷⁵³ que, como salienta a partir da análise do *prólogo* de *Humano Demasiado Humano I*, tal procedimento deixa-se mostrar como um “complexo jogo sutil” levado adiante em direção a um “acentuado paradoxo das autoreferências a uma tal força de irritação do leitor” cuja “crença” naquilo que foi *expresso* “se perde” na *condução secreta* desse “eu-falante” dos “supostos autocomentários de Nietzsche”⁷⁵⁴. É nesse sentido que, segundo Pichler, aparece o item subsequente segundo o qual precisamente “ainda na zona de influência da problemática da linguagem” concentra-se esse tipo de “execução performativa” já vislumbrada como “diversa questão do momento do modo de escrita de Nietzsche” em *negociação teórica* “desde os primeiros escritos”: a saber, “e.) *Musicalização ou ritmização de seus escritos*”⁷⁵⁵. Assim, de acordo com o autor, ao pensar o tema sob a ótica das interpretações de Rudolf Fietz “ou” Christian Benne, opera-se, evidentemente, *ou* no interior de “uma tentativa de aproximação de linguagem escrita à música”, “ou” no âmbito de um “esforço de recuperação de uma economia do tempo ainda comum na Antiguidade”⁷⁵⁶ cujo principal *esforço* concentra-se em “estabelecer uma forma de comunicação através da individualização rítmico-musical que quebra os limites do discurso convencional através da inclusão da vida e cria assim também margens linguísticas para uma transvaloração dos valores”⁷⁵⁷. Ademais, tal “tendencia de individualização” abriga, segundo Pichler, o item subsequente na forma de “f.) *Personalização* das opiniões ali expressas”⁷⁵⁸. Interessante nesse ponto é o fato de que, como salienta o autor, embora seja identificada uma problemática no interior desse tema relacionada ao “perspectivismo”, parece ser possível reconhecer tal procedimento como uma “realização performativa de uma supostamente central (hipo)-“tese” nos textos tardios de Nietzsche”⁷⁵⁹

753 “d.) die ebenso häufig strategisch gesetzten *performativen Brüche* in denselben wahrzunehmen.” PICHLER, 2014, p. 111.

754 PICHLER, 2014, p. 111 e ainda, especialmente, nota 181.

755 “e.) die *Musikalisierung* bzw. *Rhythmisierung seiner Schriften*” PICHLER, 2014, p. 112.

756 PICHLER, 2014, p. 112.

757 “In beiden Lesarten – mehr jedoch in der rhythmischen – geht dieses Unternehmen mit dem Bestreben einher, durch die musikalisch-rhythmisch Individualisierung eine Kommunikationsform zu etablieren, die durch den Einbezug des Leibes die Grenzen des konventionellen Sprechens durchbricht und so auch sprachlich den Rahmen für eine Umwertung der Werte schafft.” PICHLER, 2014, p. 112.

758 “In direktem Zusammenhang mit dieser Individualisierungstendenz steht ein anderes häufig anzutreffendes Gestaltungsmittel von Nietzsches Schriften: f.) die *Personalisierung* der darin ausgedrückten Ansichten.” PICHLER, 2014, p. 112.

759 Precisamente um dos pontos que retomo adiante no âmbito da discussão com a noção de “hipotipose” sofisticada: “Auch diese kann als performative Umsetzung einer vermeintlich zentralen (Hypo-)These‘ in Nietzsches späten Texten erachtet werden und wurde dies auch.” PICHLER, 2014, p. 112.

não simplesmente como “consequência ou demonstração de seu perspectivismo” por meio de um “regular exagero da posição do falante da voz intratextual sempre dominante no segmento de texto” mas, tal como pretendo mostrar junto a noção de *hipotipose sofisticada*, no jogo complexo que Nietzsche *performa* com os “tipos”, “figuras” e *vozes* da narrativa que desregulam posições *sofisticizando* então o discurso. Aqui, a descrição de van Tongeren das “cinco formas” da “personalização” entendidas como “metáforas” que refina a partir da mudança do termo para “personificação”⁷⁶⁰, permite explorar tal aspecto na medida em que estão inclusas tanto uma “personificação do pensamento”, uma “tipificação”, uma “limitada personificação para a ênfase de uma característica do objeto estudado” (como no exemplo do prólogo de ABM no *supor* “que a verdade seja uma mulher”⁷⁶¹) e ainda um “recurso a figuras mitológicas como Dioniso e Ariadne”⁷⁶². Nesse sentido, em específica estreiteza de proximidade está o item subsequente descrito por Pichler que, junto com a anterior “personalização”, faz parte de duas das características dos escritos de Nietzsche que obtiveram imediata *atenção* dos pesquisadores nos começos da investigação sobre Nietzsche: a característica da “f.) *Tipificação*”⁷⁶³. Conforme indica Pichler, ligado à descrição do processo junto ao âmbito da obra *Genealogia da Moral* o “tipo” é caracterizado por Martin Saar como “um conjunto de comportamentos” cuja configuração *pictórica genealógica* é fixada numa *representação figurativa* em que a *unidade* em questão, inevitavelmente, condensa “traços característicos”⁷⁶⁴. Para além de tal determinação de Saar que, segundo Pichler, gira em torno especificamente da “formação das figuras” na *Genealogia*, “há uma outra” possibilidade de “leitura da tipificação” que estaria ligada à “problemática da teoria do conhecimento” conforme demonstram as abordagens de Bertino e Stegmaier ao acentuarem a *criação* de “tipos” já nos primeiros escritos como em *A filosofia na época trágica dos*

760 A distinção que Pichler salienta entre “Personifizierungen” ou “personifications” no original em detrimento de “Personalisierungen” PICHLER, 2014, p. 113.

761 ABM *Prólogo*; NIETZSCHE, 2006, p. 07; “Vorausgesetzt, dass die Wahrheit ein Weib ist —,” <[#eKGWB/JGB-Vorrede](#)>.

762 “Dazu zählt die Personifizierung von Gedanken, die Typisierung, die eingeschränkte Personifizierung zur Hervorhebung einer Eigenschaft eines untersuchten Gegenstandes (z.B. die Wahrheit als Frau in der Vorrede von JGB) sowie der Rückgriff auf Gestalten der Mythologie wie Dionysos und Ariadne.” PICHLER, 2014, pp. 113-114.

763 “g.) Die Typisierung” PICHLER, 2014, p. 115.

764 “Laut Martin Saar gerinnt zum ‚Typus‘ „ein Set von Verhaltensweisen, wenn ihm in der genealogischen Ausmalung hinreichend viele charakteristische Züge zugesprochen werden können und diese Einheit als Figur darstellbar wird.“ PICHLER, 2014, p. 115.

gregos⁷⁶⁵. Ainda aqui, o que me parece interessante é o fato de que, o objetivo dessa *praxis* não se resume exclusivamente, a meu ver, a uma “sensorial ilustração das ideias abstratas” nem tampouco ao exclusivo objetivo de “crítica” de Nietzsche às “tendências de generalização da filosofia”⁷⁶⁶, mas sim à possibilidade de compreender essa dimensão do “tipo” em *Ecce homo* no âmbito de uma “hipotipose sofisticada” cuja complexa performance dos “tipos”, “figuras” e “máscaras” atuem, por exemplo, em ambas as frentes: como *exagerada mostraçõ sensorial*⁷⁶⁷, ou seja, uma “*epideixis*”, em que o flerte com as *generalizações*, inclusive, faça parte do próprio jogo *doxosofístico* do texto, isto é, “tipo” sendo concebido precisamente no sentido de “um fenômeno, que, igualmente como na arte, está localizado *entre* o plano do individual e o geral e pode mudar também em contraste com o conceito imutável”⁷⁶⁸. Em continuidade e complementariedade, Pichler salienta então o “h.) *Tropos e figuras retóricas*” que, desde a “virada retórica” ambienta uma *situação relativa do leitor* acerca da base sob a qual ampara *sua* interpretação desses “meios linguísticos dos modos de expressão e formação”, toma-se, conforme destaca o autor, como precaução *evitar* “limitar a margem de manobra da interpretação já antes da primeira leitura”. Desse modo, Pichler lista cinco desses *meios de expressão* recorrentes nos escritos de Nietzsche: “1.) *Metáfora*”, “2.) a *antítese*”, “3.) *Hipérbole*”, “4.) *Ironia*”, e finalmente, “5.) *Jogo de palavras*”. Assim, em contrariedade ao “status teórico” que a “*Metáfora*” recebe nos escritos tardios de Nietzsche, Pichler destaca como a *Pesquisa-Nietzsche* “tem demonstrado a utilização de numerosos outros tropos e figuras retóricas em seus escritos” que, no caso específico da “*Metáfora*” seu *apagamento* textual em termos “teóricos” não deve significar uma “renúncia” da *figura* nos “escritos pós-Zaratustra”⁷⁶⁹. Como parte desses “outros tropos”

765 “Wie Andreas Bertino und Werner Stegmaier herausgearbeitet haben, schafft Nietzsche seit seinen frühesten Schriften derartige Typen und benennt sie auch so (vgl. insbesondere PHG, KSA 1, S. 799–872).” PICHLER, 2014, p. 115

766 Embora esse seja um de seus efeitos: “Dabei bestehe das Ziel dieser Gestaltungspraxis nicht nur in der ebenfalls von Saar betonten sinnlichen Veranschaulichung abstrakter Ideen, welche ja auch schon im Drama des 18. Jahrhunderts zum intensiven Einsatz von Typen führte, sondern stelle zugleich eine direkte Reaktion auf Nietzsches Kritik an den Verallgemeinerungstendenzen der Philosophie dar” PICHLER, 2014, p. 115

767 “Nietzsche estabelece para si a possibilidade de tornar transparente a individualidade de sua própria interpretação em sua caracterização das pessoas.” HAVEMANN, “*Tipo*” In: NIEMEYER, 2014, p. 540.

768 “Die Bedeutung von »Typus« als eine im Anschaulichen repräsentierte und davon nicht ablösbare Grundgestalt kommt seiner Kritik an der Verwendung von abstrakten Begriffen (→ Begriff, → Denken, → Erkenntnis) entgegen, weist er doch mit »Typus« auf ein Phänomen hin, das, ähnlich wie in der Kunst, *zwischen* den Ebenen des Individuellen und des Allgemeinen angesiedelt ist und sich im Gegensatz zum unveränderlichen Begriff auch wandeln kann.” CHRISTIANS, “*Typus*” In: OTTMANN, 2011, p. 341.

769 “Neben der (1.) *Metapher*, die in Nietzsches späten Schriften zwar nicht mehr jenen theoretischen Status innehat, der ihr noch in seinem Frühwerk zukommt, und dementsprechend in den Post-Zarathustra-Schriften nur

indicados pela *Pesquisa-Nietzsche*, Pichler caracteriza o subsequente item, na forma da “*Antítese*”, a partir da descrição de Stefan Sonderegger como “a preferida e altamente estratégica figura retórica usada” por Nietzsche que, “não apenas traz a marcação de uma contradição, mas sim ainda um “complemento, um “bem-como-também” para a expressão”⁷⁷⁰, a meu ver, no mais alto grau *sofístico* que poderíamos encontrar. Na esteira dessa acentuação do “uso e função da antítese em Nietzsche” encontra-se, como salienta Pichler, *compreensões* como a de van Tongeren e de Wolfram Groddeck que, neste último caso, ainda indica que Nietzsche parece recepcionar a “antítese” a partir da leitura de “Jean Paul” na ambiência de reflexão sobre a *expressividade artística*⁷⁷¹. Lidos em oposição, os itens subsequentes “*Hipérbole*” e “*Ironia*” são caracterizados por Pichler de modo mais sintético: por um lado, reconhecida como uma espécie de “tabu em filosofia”, a “3.) *Hipérbole*” é descrita na *localização* feita por Alexandre Nehamas, dessa “forma de um tropo sinedótico”, precisamente, “no centro de sua investigação do estilo de Nietzsche” que o faz, por fim, *constatar* que os “escritos de Nietzsche são irredutivelmente hiperbólicos”⁷⁷²; por outro lado, a “4.) *Ironia*” após ser salientada como *recepcionada pela Pesquisa* “por longo tempo no contexto da recepção de Nietzsche do primeiro romantismo”, destaca Pichler a interpretação de van Tongeren segundo a qual, *conecta* a “ironia” àquilo que em “toda a obra tardia de Nietzsche” recebe “uma função condutora da máscara e da temática da máscara” no sentido preciso ligado à Antiguidade de “*dissimulatio*”⁷⁷³. Por fim, no que se refere aos *tropos e figuras retóricas* e o último exemplo descrito como “5.) *Jogo de palavras*”, Pichler salienta “como Martin Stingelin”, apenas para exemplificar um dos intérpretes, “tem mostrado por meio da análise retórica de um capítulo de *Assim Falou Zaratustra*” o fato de que “muitos dos

mehr einmal namentlich erwähnt wird (vgl. JGB 22, KSA 5, S. 37), was jedoch nicht bedeutet, dass besagte Texte auf den eigentlichen Einsatz derselben verzichten, hat die Nietzscheforschung die Verwendung zahlreicher weiterer rhetorischer Figuren und Tropen in seinen Schriften nachgewiesen.” PICHLER, 2014, p. 116.

770 “2.) die *Antithese*: Bereits 1973 hat Stefan Sonderegger gezeigt, dass die Antithese eine von Nietzsche bevorzugt und höchst strategisch verwendete rhetorische Figur ist und bei ihm häufig nicht nur zur Markierung eines Gegensatzes, sondern auch eine „Ergänzung, ein Sowohl-als-Auch“ zum Ausdruck bringt.” PICHLER, 2014, p. 116.

771 PICHLER, 2014, nota, 297, p. 116.

772 “Alexander Nehamas hat diese Form einer synekdocheischen Trope ins Zentrum seiner Untersuchung von Nietzsches Stil gerückt und konstatiert: „Nietzsches Schreiben ist irreduzibel hyperbolisch.“ PICHLER, 2014, p. 117.

773 “Während in der Forschung die Ironie für lange Zeit im Kontext von Nietzsches Frühromantik-Rezeption untersucht worden ist, hat sie Paul van Tongeren in unmittelbarer Verbindung mit der bei Nietzsche vor allem im Spätwerk eine leitmotivische Funktion innehabende Masken- und Maskierungsthematik gedeutet” PICHLER, 2014, p. 117.

textos de Nietzsche fazem uso de auto-implicação de jogos de palavras de uma maneira altamente produtiva”⁷⁷⁴ cujos exemplos, para além da caracterização de Pichler, demonstram uma “consciência” da “economia dos signos”⁷⁷⁵ segundo a qual “as palavras envolvidas (ao menos e normalmente duas) são usadas ou consecutivamente ou simultaneamente: em uma sequência de palavras do texto ou unidas a apenas uma”⁷⁷⁶. Nesse sentido, “a palavra conduz a uma densificação tão enfática quanto poética da expressão” na forma de “repetição sintagmática, horizontal de uma palavra com variações maiores ou menores”, “substituição paradigmática, vertical de uma palavra por uma idêntica, mas de duplo sentido (ambiguidade) ou semelhante (paronomásia)”⁷⁷⁷ como na “Antiga retórica”⁷⁷⁸. Finalmente e, “intencionalmente” deixada por último, concentra-se a caracterização de Pichler de um aspecto central dos escritos de Nietzsche que diz respeito “j.) a complexa *questão sobre o respectivos gêneros literário-filosófico dos escritos publicados de Nietzsche*”⁷⁷⁹. A partir de uma discussão que se estende por quase cinco páginas e meia, Pichler busca problematizar aquilo que “se tornou um topos estabelecido pela Pesquisa-Nietzsche” a saber, “que Nietzsche escreve aforismos”⁷⁸⁰. Nesse sentido, *confrontando* as definições da noção de “aforismo” da recente *crítica literária* e caracterizando e suas “reminiscências” em auto-descrições de Nietzsche sobre o tema, Pichler primeiramente problematiza o estatuto da suposta *cronologia* dos aforismos nas obras na medida em que salienta que “as obras de Nietzsche são segmentadas e um segmento individual então [está] aberto, na leitura, não a uma ordem

774 “Wie Martin Stingelin unter anderem anhand einer rhetorischen Analyse eines Kapitels aus *Also sprach Zarathustra* gezeigt hat, machen sich manche von Nietzsches Texten die Selbstimplikation von Wortspielen auf höchst produktive Art und Weise zu Nutze: „Nietzsches Wortspiel ist die poetische Formulierung poetologischer Information. Darin reflektiert es mit den Bedingungen seiner Möglichkeit auf die Bedingungen der Möglichkeit von Sprache.“ PICHLER, 2014, p. 117.

775 Em que, conforme salienta Stingelin, “Um papel catalisador pode ter sido desempenhado aqui pelo instrumento de escrita da máquina de escrever temporariamente utilizado por Nietzsche como um dos primeiros no início [sic] de 1883, graças ao qual ele se vê encorajado a uma maior economia no envolvimento com o esforço da escrita” STINGELIN, “*jogo de palavras*” In: NIEMEYER, 2014, p. 314.

776 “Die beteiligten Wörter (mindestens und meistens zwei) sind entweder nacheinander oder aber gleichzeitig gebraucht: in einer Folge von Textwörtern oder vereint in nur einem.” WAGENKNECHT, “*Wortspiel*” In: MÜLLER, 2007, p. 865.

777 STINGELIN, “*jogo de palavras*” In: NIEMEYER, 2014, p. 314.

778 “Im Anschluß an die antike Rhetorik können die beiden Typen des ‚horizontalen‘ Wortspiels bezeichnet werden als *Traductio* (bei Homonymie: *gallus* ‚Hahn‘/*gallus* ‚Gallier‘) und als *Annominatio* oder *Paronomasie* (bei Paronymie: *nobilis/mobilis*); der geläufigste Typus des ‚vertikalen‘ Wortspiels als → *Ambiguität* oder auch *Ampibolie* (bei Homonymie: *l’autel/l’hôtel*).” WAGENKNECHT, “*Wortspiel*” In: MÜLLER, 2007, p. 865.

779 “j.) um die komplexe *Frage nach der bzw. den literarisch-philosophischen Gattung(en) von Nietzsches veröffentlichten Schriften*.” PICHLER, 2014, p. 117.

780 “Es ist zu einem stehenden Topos der Forschung geworden, dass Nietzsche Aphorismen geschrieben hat.” PICHLER, 2014, p. 118.

cronológica do texto, [mas] a uma relação associativa-espontânea” muito embora “sucessivos aforismos regularmente interagem mais intensivamente entre si semanticamente”. Por meio de um esforço em ressaltar uma possível *desarticulação do aforismo individual dentro de uma obra sem considerável perda semântica*, especialmente, devido ao processo de *autoreflexão na formação dos aforismos* de Nietzsche que remete a uma espécie de “estética do cálculo”⁷⁸¹, Pichler mostra como a “discutível praxis de atribuição do gênero” *aforismo* aos diversos escritos de Nietzsche é, sobretudo, “problemática” na medida em que “claramente partes do texto aforismático de Nietzsche não correspondem a todas as características”⁷⁸² *listadas* como sendo propriedades do “aforismo”⁷⁸³ mas, especificamente, também do gênero “ensaio”⁷⁸⁴. Assim, é precisamente na ressalva a essa *impossibilidade de demarcação conceitual* do “aforismo”, nos moldes de um diagnóstico contemporâneo de que “atualmente, só se pode ser incompleto e alusivo; no melhor dos casos, programático”⁷⁸⁵, é que Pichler chega a assimilação de que é possível “renunciar” a exigência de um “conceito genérico” para “a determinação do gênero” dos *modos de escrita* de Nietzsche via “rigorosa leitura filológico-filosófica”⁷⁸⁶ e que as “raras tentativas” apenas “determinam os escritos de Nietzsche em sua respectiva especificidade”⁷⁸⁷. Em conformidade com isso, finalmente, Pichler salienta que, no

781 “Estética do cálculo” (“„ästhetische Kalkül“”) em referência ao modo como Claus Zittel “designa o princípio de composição de *Assim Falou Zaratustra*” PICHLER, 2014, p. 119, e nota 304.

782 “Die solcherart schon höchst fragwürdige Gattungszuschreibungspraxis wird allerdings noch problematischer, da auch auf andere, eben nicht eindeutig aphoristische Textstücke Nietzsches jene Eigenschaften zutreffen, die Martin Stingelin in seinem Artikel zum Aphorismus im *Nietzsche-Handbuch* aufgelistet hat.” PICHLER, 2014, p. 120.

783 “Isso inclui (1) o caráter anti-sistemático do pensamento de Nietzsche e assim a concomitante necessidade de [estar] aberto, isto é, um formalmente flexível gênero, (2) a formal implementação do consistente auto-emprêgo-de-questões do pensamento de Nietzsche e (3) a consequente exigência de comentários sobre os escritos de Nietzsche”: “Zu diesen zählen (1) der antisystematische Charakter von Nietzsches Denken und die damit einhergehende Notwendigkeit einer offenen, d.h. formal beweglichen Gattung, (2) die formale Umsetzung der konsequenten Selbst-In-Frage-Stellung des nietzscheschen Denkens und (3) die daraus folgende Kommentierungsbedürftigkeit von Nietzsches Schriften.” PICHLER, 2014, pp. 120.

784 “Genau diese Charakteristika treffen auch auf ein andere in den letzten Jahren wieder vermehrt von der Literaturwissenschaft zu definieren versuchte Gattung zu, den Essay” PICHLER, 2014, pp. 120.

785 CASSIN, 2005, p. 211.

786 “Eine plausible Alternative zu der auch in derartigen Skalierungsversuchen unvermeidbaren Bezugnahme auf traditionelle Gattungsbestimmungen besteht darin, tatsächlich vollständig auf solche zu verzichten und stattdessen an Nietzsches Texte durch eine möglichst exakte philosophisch-philologische Lektüre so nahe heranzutreten, dass man tatsächlich auf einen Oberbegriff zur Gattungsbezeichnung des derartig nachvollzogenen Textgeschehens verzichten kann, was in den Lektüren dieser Studie auch versucht werden soll.” PICHLER, 2014, p. 121.

787 “Dass man Nietzsches schriftstellerische Formen letztendlich nicht auf eine Gattung oder Schreibweise festlegen kann, zeigen jene seltenen Versuche, Nietzsches Schriften in ihrer jeweiligen Eigenheit zu bestimmen.” PICHLER, 2014, p. 121.

decorso de sua investigação, tais complexos textuais antes concebidos como “aforismos” serão então *referenciados* como ““segmento de obra””⁷⁸⁸.

⁷⁸⁸ PICHLER, 2014, p. 122.

4.3. DISCURSIVIDADE, POESEOLOGIA E DOXOGRAFIA

Significa isto então, mas não apenas, que se lê os textos filosóficos, simplesmente, como literários? E em que consiste agora realmente essa diferença?⁷⁸⁹

Conforme a discussão anterior dos “objetos de estudo” do presente trabalho foi possível identificar, mesmo que *implicitamente*, os elementos que agora poderão ser explicitados de modo mais detido na forma de uma síntese argumentativa: a fronteira tênue entre literatura e filosofia parece então diluída⁷⁹⁰ e, com essa compreensão, temos a possibilidade de verificar *como* atuar interpretativamente diante desse cenário e complexidade dos textos⁷⁹¹, bem como, arriscar alguma *conjectura provisória*⁷⁹². Nisso juntam-se os três termos gerais do título da seção que, sobretudo, formam a cartografia da recomposição teórica da qual eu gostaria de dedicar ainda uma atenção especial: *discursividade, poeseologia e doxografia*.

Quando se trata de falar de sofística ou, conforme vimos, de *discursividade sofística*, é a algo do âmbito da “retórica” que se retoma: desde que o problema do *confisco* e *regulação* dos poderes do discurso estejam liberados, é exatamente desse ponto de contato na suposta “distinção (...) entre filosofia e os outros tipos de texto”⁷⁹³, seus “Outros”⁷⁹⁴, que “o regime sofístico do discurso” opera sua mais drástica *problematização* e *descompartimentação* em uma “fusão em literatura” tal como parece acontecer “com a segunda sofística”⁷⁹⁵. Numa espécie de *fusão* em que “a retórica” *se torna* “uma *tekhne* poética (de criação)”, e nisto,

789 “Bedeutet dies dann aber nicht nur, dass man philosophische Texte einfach wie literarische liest? Und worin besteht nun eigentlich deren Unterschied?” PICHLER, 2012, p. 165.

790 Especialmente, pela noção explorada de “discursividade” segundo a qual “a desmistificação da doação ontológica produz uma descompartimentação dos gêneros do *logos*.” CASSIN, 2005, p. 265. Posicionamento que é refletido em outros termos no debate de Pichler com os teóricos alemães: “die Grenzen des Literarischen nicht nur fragwürdig, sondern aufgehoben werden” PICHLER, 2014, nota 43, p. 19.

791 No desafio de estabelecer um procedimento no horizonte de uma leitura “ab-aristotélica” (CASSIN, 2015a, p. 18) trata-se, conforme veremos, de uma adequação própria ao procedimento de Pichler de “reconstrução poeseológica dos escritos tardios de Nietzsche”: “der poeseologischen Rekonstruktion von Nietzsches Spätwerk” PICHLER, 2014, p. 130. Cf.: “Methodenreflexion I: Poeseologie des philosophischen Schreibens” PICHLER, 2014, pp. 39-54.

792 A de que *Ecce homo* é uma *doxografia sofística de si*.

793 CASSIN, 2005, p. 265.

794 “It was Aristotle who truly classified them as “other,” who put them in the index as “other” (in the sense, too, of putting them on the Index) when he demonstrated that their discursive regime, their way of speaking, was not human. They fell outside the principle of noncontradiction, and that made them immediately *homoioi phutôi* —“like plants.”” CASSIN, 2014a, p. 06.

795 “Essa fusão em literatura, caracterizada por uma retórica “poética”, no sentido de “fautora, “produtora”, é certamente o que se opera com a segunda sofística” CASSIN, 2005, p. 212.

teríamos a “origem da própria ideia de literatura”⁷⁹⁶, encontramos na “*mimesis rhetorike*” uma das características da *segunda sofística*⁷⁹⁷ que, em sua atuação de “produzir o novo, ser inventiva, criativa” deve ser compreendida como “*mimesis* de *mimesis* impregnada de referência, sob o modo mais irônico do palimpsesto”, isto é, para além do registro da “filosofia platônico-aristotélica” que “ganhou”⁷⁹⁸. É justamente esse o ponto em que a sofística como “alavanca”, mais especificamente aspectos de um funcionamento da *segunda sofística*, permite-nos com Cassin, “rever as condições da produção histórica do “face-a-face entre a literatura e a filosofia””⁷⁹⁹ cuja decidibilidade interpretativa permite, a meu ver, reconhecer a *descompartimentação dos gêneros* que a tradição, em nosso caso, tenta compartimentar à obra *Ecce homo*: especialmente *biografia filosófica* e *autobiografia*.

O foco direcionado aqui sobre os elementos da “segunda sofística” como *alavanca* para discutir a noção de *discursividade sofística*, a meu ver, permite pensar um amplo panorama de problematização contemporânea dos limites entre *filosofia* e *literatura* que, como salienta Pichler, “teve seu ponto alto e foi catalisado no debate de Jürgen Habermas com o pós-estruturalismo francês”⁸⁰⁰ e cujo fracasso das tendências em um “nivelamento das distinções dos gêneros” tanto manteve assim a suposta “distinção”, quanto produziu apenas “elaboradas distinções” que “fornecem exclusivo critério à disposição que permite distinguir certos casos de textos literários de certos casos de textos filosóficos”⁸⁰¹. Assim, instrumentalizando o prefixo “para-” que o autor retoma da “leitura” que J. Hillis Millers faz do sentido antigo do termo como “prefixo antitético que simultaneamente designa proximidade e distância, similaridade e distinção, algo que fica ao mesmo tempo em ambos os lados da fronteira, em um limiar ou borda”⁸⁰², Pichler em seu *ensaio* utiliza a noção de “para-

796 Como quer Barthes ao interpretar, segundo Cassin, *tal fusão na origem da ideia de “literatura”* BARTHES, Apud: CASSIN, 2005, p. 212.

797 Para além das “reabilitações da *mimesis*” que, por exemplo Bompaire procederá, e que segundo Cassin se assemelham as “reabilitações” da sofística que dela fazem um complemento da filosofia” CASSIN, 2005, p. 213.

798 CASSIN, 2005, p. 214.

799 CASSIN, 2005, p. 214.

800 “(...) einen Blick auf die jüngere Diskussion über das Verhältnis von Philosophie und Literatur, deren letzter Höhepunkt durch die Auseinandersetzung von Jürgen Habermas mit dem französischen Neostukturalismus katalysiert wurde, (...)” PICHLER, 2012a, p. 166.

801 “Die im Rahmen dieser Debatte erarbeiteten Unterscheidungen stellen ausschließlich Kriterien zu Verfügung, welche es erlauben, bestimmte Fälle von literarischen Texten von bestimmten Fällen philosophischer Texte zu unterscheiden, es existiert jedoch kein allgemeingültiges Kriterium.” PICHLER, 2012a, p. 166.

802 “Die Bedeutung des Terminus der Para-Literarizität folgt dabei J. Hillis Millers Deutung des altgriechischen Präfixes „para“ als „eine antithetische Vorsilbe, die gleichzeitig Nähe und Entfernung, Ähnlichkeit und Unterschied [...] bezeichnet [...], etwas, das zugleich diesseits und jenseits einer Grenze, einer Schwelle oder eines Ran-

literaricidade” com o auxílio do critério pragmático de Genette de “factum plural” na tentativa de compreender o significado das formas literárias e seus efeitos cognitivos na reflexão filosófica de modo a apagar, de certa forma, a distinção rígida entre essas esferas nesse contexto contemporâneo de *indiscernibilidade* da fronteira dessas áreas, na medida em que assume que, “essas formas plurais”, caracterizadas por Genette, “podem ser encontradas potencialmente nos textos filosóficos”⁸⁰³ e, inclusive, para além da análise de Pichler, conforme discuti anteriormente, as “encenações do traço” como marcador de pontuação podem delinear contemporaneamente, tanto a “medida do potencial performativo” desse elemento gráfico⁸⁰⁴, quanto a *convidativa relação de vizinhança fronteira entre os usos literário e filosófico da linguagem*⁸⁰⁵. Nesse sentido, como uma antecipação experimental daquilo que instrumentaliza posteriormente em sua tese, Pichler busca, por outras vias aqui, capturar o potencial *literarizante* do texto filosófico em vista da negligência de seu estatuto ante à tradição. De certa forma, esse posicionamento é bem análogo àquilo que Cassin tem reconhecido sobre a notação do sintagma *discursividade sofisticada*, no entanto, com o ganho adicional nesta última, de ser uma interpretação que tenciona uma esquivas da “tradição platônico-aristotélica” de *regulação do discurso* enfrentando precisamente esse *face-a-face* entre filosofia e literatura já na Antiguidade.

Desse modo, enquanto, por exemplo, nas teorias da narrativa contemporâneas se é aceito, sob “um veio nietzscheano”, que “o fato é um modo da ficção” e que tal *abordagem* “aplicada ao domínio da narrativa, (...) insiste sobre a “ficcionalização” natural da narrativa” ao passo que se compreende que “toda narrativa constrói um mundo”⁸⁰⁶, Cassin realiza, conforme mencionado, uma semelhante compreensão só que, especificamente, via *histórico dos confiscos*: que também poderia ser entendido como uma espécie de *genealogia sofisticada*

des liegt“.” PICHLER, 2012, p. 167.

803 “Diese pluralen Formen – zusammengefasst in den sehr weiten Kategorien der Diktion und Fiktion – kann man potenziell auch in philosophischen Texten finden.” PICHLER, 2012a, p. 167.

804 “Encenações do traço” que ele interpreta em “Kleist” e “Heidegger”: Die parallele Lektüre der beiden Inszenierungen des Strichs misst dabei nicht nur dessen performatives Potential aus.” KAMMASCH, 2009, p. 121.

805 “Nebenbei vermerkt sie zudem eine Grenze zwischen literarischem und philosophischem Sprachgebrauch, die ebenso wie der Strich als in beide Richtungen einladender Übergang erscheint und in ihrer ironischen Ambivalenz nicht aus der Sprache zu kriegen ist.” KAMMASCH, 2009, p. 121.

806 “Poststructuralist philosophers, anthropologists and literacy critics have questioned the validity of the fact/fiction distinction as such, sometimes contending, in a Nietzschean vein, that fact itself is a mode of fiction (a *fictio* in the sense of a “making up”). Applied to the domain of narrative, this approach insists on the “fictionalizing” nature of narrative because every narrative constructs a world.” SCHAEFFER, “Fictional vs. Factual Narration” In: HÜHN, 2008, p. 98.

dos termos “pseudo” e “plasma”. Para além de uma caracterização dos elementos que constituem a sofística enquanto *discursividade*, é, especificamente, a *mudança temática* da abordagem da *segunda sofística* que permite localizar a riqueza de *procedimentos* e *astúcias* operados nessa *discursividade*: precisamente num tipo específico de prática que implica uma “retórica historizante”⁸⁰⁷ – em complementariedade e distinção a uma “retórica filosofante” da “antiga sofística” como quer Filóstrato⁸⁰⁸ –, é o ponto de captura e encontro com a “problemática da interpretação” cuja *segunda sofística* performa, que, permite então, *assinalar*, com Cassin, que se *entra* “com a ficção, o estilo, a exegese e a crítica literária, na era da hermenêutica”⁸⁰⁹ e com isso, no imbróglio da problemática *se revê* àquelas “condições da produção histórica do “face-a-face entre a literatura e a filosofia””⁸¹⁰. Isto quer dizer que, especificamente nessa mudança de *mimesis* operada pela *segunda sofística* junto a “história” numa “relação com o *poiein*”, torna-se possível vislumbrar o processo de uma espécie de “fusão em literatura” que “é certamente o que se opera com a segunda sofística”⁸¹¹ na ordem daquilo que é “próprio dessa retórica mimética”, isto é, “produzir o novo, ser inventiva, criativa” e, então, *desorientar* a “acusação de *pseudos*” numa “reivindicação de *plasma*”⁸¹². Dito de outro modo, a partir do destaque à “acusação formulada por Platão” que “pode ser inscrita no termo *pseudos*” passando pelo espelhamento do duplo efeito negativo de “*Pseudos* objetivo: o “falso”” e, “*Pseudos* subjetivo: a “mentira”, Cassin descreve como “o primeiro ponto de fricção ou de junção entre *pseudos* e *plasma*” é a “poesia”⁸¹³. Assim, da censura de Aristóteles a Górgias por “ser por demais poeta para ser bom orador”, *Hesíodo*, *Homero*, *Díon* e *Antifonte*, é, salienta Cassin, decisivamente da “demiurgia que se aplica ao termo *plasma*” que se trata, a tal ponto de considerar que “*plasma* é o nome logológico do *pseudos*”⁸¹⁴. Ao liberar a negatividade do “*pseudos*” imputado pela tradição filosófica, seja operalizando os usos de “*plasso*” na Antiguidade, seja mensurando a posição da “relação

807 “se a antiga sofística é uma *rhetorike philosophousa*, a segunda é uma *historousa rhetorike*, uma “retórica historizante”” CASSIN, 2005, p. 198.

808 “Deve-se considerar a antiga sofística como uma retórica filosofante.” FILÓSTRATO, *Vida dos sofistas* 480, In: CASSIN, 2005, p. 404.

809 CASSIN, 2005, p. 194.

810 CASSIN, 2005, p. 215.

811 CASSIN, 2005, p. 212.

812 CASSIN, 2005, p. 215.

813 Na mesma medida em que “ela [a poesia] é constituída por uma tensão entre filosofia e sofística” CASSIN, 2005, p. 216.

814 CASSIN, 2005, p. 218.

entre fenomenologia e ficção”, Cassin aponta em sua argumentação como o “plasma”⁸¹⁵ em sua atuação na *segunda sofística* recebe precisamente esse contorno *demiúrgico literarizante* que impede supor a mencionada distinção entre as esferas da filosofia e literatura ou mesmo a história e produz uma inevitável “descompartimentação dos gêneros do *logos*”⁸¹⁶.

Como resultado, diante dessa inevitabilidade de um “tudo mais é literatura” em que o reconhecimento da *demiurgia* do “plasma” que desbloqueia o confisco do “*pseudos*” faz com que, de fato, se *entre* em “literatura”⁸¹⁷, apresenta-se aqui o desafio específico de estabelecer um procedimento no horizonte de uma leitura “ab-aristotélica”⁸¹⁸ cuja adequação própria e remanejamento do propósito de Pichler de uma “reconstrução poeseológica dos escritos tardios de Nietzsche” possa ser vislumbrada. Assim, no intuito de descrever esse procedimento de “reconstrução” dos “escritos”, Pichler toma como “ponto de partida” o conceito de “texto” de Günter Martens cuja abertura e *dinamicidade* permitem pensar a *interação dos signos* em sua complexidade e atuação⁸¹⁹. No âmbito de reconhecer especialmente as “formas de exposição estética” dos textos junto a essa adesão ao conceito de texto de Martens, Pichler encontra na “função poética” de Jakobson, compreendida em seu papel constitutivo⁸²⁰, o critério que contempla precisamente a complexidade das *dinamizações* do texto junto ao reconhecimento de suas *formas de exposição estética* e forneça assim, a possibilidade de “compreensão do texto com foco sobre o significado da textualidade e a aceitação da prioridade do potencial semântico em um texto completo frente a todos contextos intertextuais”⁸²¹. Em virtude disso, conforme salienta Pichler, obtêm-se, então, como uma primeira consequência a “renúncia do histórico-empírico-Autor, além da [renúncia desta] função de fundador de um contexto da obra”⁸²². Isso ainda implica que não se deve recorrer a outros aspectos ligados ao “contexto externo como o exemplo da biografia ou história da vida

815 De acordo com Cassin, o “plasma” com sua significação de “modelar”, “revestir” que as nuances do verbo “*plasso*” oferecem, indica, no fundo, o aspecto positivo do “*pseudos*” confiscado pela filosofia (“*plasma* é o nome logológico do *pseudos*”) em sua “capacidade plástica” como “ficção”. CASSIN, *O efeito sofisticado*, p. 218 e 215.

816 CASSIN, 2005, p. 265.

817 CASSIN, 2005, p. 211.

818 CASSIN, 2015a, p. 18.

819 PICHLER, 2014, p. 40.

820 PICHLER, 2014, nota 118, p. 41.

821 “Ausgehend von diesem Textverständnis mit seinem Fokus auf die Bedeutung der Textualität und der Annahme des Vorranges des semantischen Potentials in einem abgeschlossenen Text vor sämtlichen intertextuellen Kontexten kann nun die eigentliche Entwicklung einer diesen Grundannahmen entsprechenden Lektüremethode einsetzen.” PICHLER, 2014, p. 43.

822 PICHLER, 2014, p. 43.

do autor”. Na medida em que Pichler reconhece que “todo texto filosófico – como complexos textos literários – sempre reflete sua própria natureza e suas condições”⁸²³, o elemento da “meta-reflexão” aparece como “o ponto de entrada da exegese”⁸²⁴, ao passo que, “seu alcance e sua implicação filosófica” são considerados em “específica atenção”. Assim, o nome do procedimento em questão, ou seja, “poeseologia”, é modelado a partir de um reconhecimento do crescimento no século XX de uma “implícita poética” cuja emergência dessa atividade reconstrutiva na Alemanha é denominada pelo conceito de “poetologia”: a partir da aceitação da adequada mudança morfológica proposta por Wilfried Barner⁸²⁵ então “poeseologia” configuraria, etimologicamente, a riqueza da raiz grega de “*poie*”⁸²⁶. É desse modo que, por “poeseologia dos escritos filosóficos” Pichler entende um “método de leitura de reconstrução das obras tardias de Nietzsche”⁸²⁷ cujo termo “escritos” na posição gramatical de “atributivo-genitivo” da afirmação de Pichler, deve-se entender, tal como ele mesmo destaca, “o foco sobre a textualidade dos textos filosóficos”⁸²⁸, o “resultado de um processo de produção altamente complexo”⁸²⁹. Tal *foco* implica tanto um reconhecimento da *dinamização semântica do texto na confrontação das versões* quanto uma “leitura individual dos segmentos de obra” precisamente em conformidade com a descrição do “conceito de texto”⁸³⁰. Nesse sentido,

823 “Diesem Vorgehen liegt die These zugrunde, dass philosophische Texte – genauso wie komplexe literarische Texte – ihre eigene Beschaffenheit sowie die Bedingungen derselben stets selbst reflektieren.” PICHLER, 2014, p. 44.

824 “Derartige Metareflexionen bilden den idealen Einstiegspunkt für das hier verhandelte exegetische Unterfangen.” PICHLER, 2014, p. 44.

825 “Auf die Problematik dieses Terminus hat 2005 Wilfried Barner hingewiesen und im Zuge der Kritik an demselben einen morphologisch adäquateren Alternativbegriff vorgeschlagen” PICHLER, 2014, p. 45.

826 “Die Theorie von der Dichtung oder die ‚Literaturtheorie‘ wird nach dem Muster ‚phrâisis‘, gen. ‚phrâiseôs‘ folglich (‚posesis‘, gen. ‚poieseos‘, lat. ‚poesis‘) ‚poeseologisch‘ genannt werden sollen.” BARNER, *Apud*: PICHLER, 2014, p. 45.

827 PICHLER, 2014, p. 45.

828 “Durch das Genitivattribut, das dem eigentlich die Methode bezeichnenden Terminus zugeordnet ist, soll mit dem Begriff des ‚Schreibens‘ noch einmal der Fokus der vorliegenden Studie auf die Textualität philosophischer Texte markiert werden.” PICHLER, 2014, p. 45.

829 Conforme destaca Pichler em nota mencionando Stingelin: “Assim, o atributivo genitivo “os escritos filosóficos” não se referem primeiramente “a técnica psico-motora de amarração dos caracteres letra por letra nas frases, mas sim, que também os textos ‘filosóficos’ são o resultado de um altamente complexo processo de produção doado por um autor ou outra unidade de texto que “em uma grande correlação [é incorporado] que se estende da concepção a publicação”: “Das Genitivattribut [sic] ‚des philosophischen Schreibens‘ verweist dementsprechend primär nicht auf die „psycho-motorische Technik des Aneinanderreihens von Buchstaben zu Wörtern und von Wörtern zu Sätzen“, sondern darauf, dass auch ‚philosophische‘ Texte das von einem Autor oder einem anderen Textkonstituenten gestiftete Resultat eines hochkomplexen Produktionsprozesses sind, der „in einen größeren Handlungszusammenhang [eingebettet ist], der von der Konzeption bis zur Publikation reicht“ (Stingelin 2007, S. 387).” PICHLER, 2014, p. 46.

830 “Zugleich deutet das Genitivattribut auch darauf hin, dass sich besagte Methode nicht nur auf die Lektüre einzelner Werksegmente beschränken wird, sondern diese auch – im Sinne des bereits entwickelten Textbegriffes – mit ihrer Genese konfrontieren wird.” PICHLER, 2014, pp. 45-46.

numa adesão à abordagem da *Pesquisa-Nietzsche* denominada “genealogia dos escritos” que opera de modo distinto à *crítica genética* por sua a) *diferença das* “causas da orientação ao processo de formação de um texto”, bem como, devido a b) *seu tratamento dispensável da ideia de “autor”*⁸³¹, que ampara assim, a importância de uma “cena da escrita” na análise do processo⁸³², Pichler se utiliza da abordagem de Martin Stingelin da “corporeidade e materialidade do ato da escrita como fonte de resistências”⁸³³ cuja *operatividade* demarca tanto a “materialidade”, quanto a “figuratividade” dessas *fontes de resistências* configuradas na forma de “quatro categorias de mudanças”: “adição, subtração, substituições e mudanças”⁸³⁴. De acordo com Pichler, tais “processos de alteração enfatizados por Stingelin formam um componente central da base medial-material desse acontecer dos sentidos”. Por isso que, além de considerá-las importante como “superação das resistências da prática escrita”, Pichler destaca que “se deve explorar essas resistências em seu efeito sobre a constituição do conteúdo semântico de um texto filosófico”. Precisamente por esse enfoque sua abordagem se distinguiria da mencionada “Genealogia dos escritos” encabeçada pela elaboração de Stingelin em que o tratamento dessas “quatro categorias”, no exame de “Metareferências” e “Metareflexões”, seria caracterizado não como sendo uma mera “reconstrução poetológica”⁸³⁵ como propõe Stingelin, mas uma “reatuação do altamente complexo acontecer dos sentidos, potencialmente auto riscado e documentado na textura de um texto filosófico”⁸³⁶ cujo pano de fundo que o orienta é antes, algo como uma

831 Pontos que podem ser resumidos da seguinte maneira: a) as diferenças desse método em relação a “crítica genética”, segundo Pichler, *permitiriam tanto ter em vista o significado da textualidade por meio de sua distinta materialidade do suporte do texto como manuscrito, Typoskript e livro impresso, bem como, atuaria-se nos documentos tradicionais ao qual se registra o processo de formação de uma obra e que, junto com ele, constitui finalmente uma relação/contexto da obra no sentido de Günter Martens para o contexto de uma obra que tem imediata relação com esta*; b) *Não se pode ter como objetivo as intenções do histórico-empírico-autor uma vez que a reconstrução só é possível de modo altamente especulativo.* PICHLER, 2014, p. 48-9.

832 “Die „Genealogie des Schreibens“ unterscheidet sich von ihrem französischen Vorgänger dadurch, dass sie nicht einen Schreibprozess als Ganzen anhand der Genese eines Textes nachvollzieht und ihn dabei für sich in den Blick nimmt, sondern stets bei sogenannten ‚Schreibszenen‘ einsetzt und diese nicht nur in ihrer Materialität, sondern auch ausgehend von der in ihnen häufig anzutreffenden Selbstthematizationen des Schreibens in Hinblick auf ihre poeseologische Relevanz und Reichweite untersucht.” PICHLER, 2014, p. 48.

833 “„die Körperlichkeit und die Instrumentalität des Schreibaktes als Quelle von Widerständen“” SINGELIN, *Apud*: PICHLER, 2014, p. 49.

834 “Der sich an diesen Widerständen abarbeitende Schreibprozess manifestiert sich materialiter unter anderem in „vier rhetorischen Änderungskategorien“, welche von Stingelin allerdings nicht nur in ihrer Materialität, sondern auch in ihrer Figürlichkeit in den Blick genommen werden: Hinzufügungen, Streichungen, Ersetzungen und Umstellungen.” PICHLER, 2014, pp. 49-50.

835 PICHLER, 2014, p. 50.

836 “Ziel dieses Ansatzes ist des Weiteren nicht bloß die Re-Konstruktion der von Stingelin in den Vordergrund gerückten Verhältnisse, sondern der Nachvollzug des hochkomplexen, sich potentiell selbst austreichenden und

“hermenêutica do texto”⁸³⁷. Destarte, o que parece estar em jogo no processo de “reconstrução poeseológica dos escritos de Nietzsche” que Pichler propõe é uma “reatuação” no interior das *quatro categorias de alteração* da escrita cuja dinamização trazida a tona forneceria, na *textura* do próprio texto, as “metareflexões” que servem como ponto de entrada hermenêutica no texto: no altamente complexo jogo das *alterações, adições, subtrações e mudanças*, que as versões recebem até sua forma impressa seria possível compreender *topologias*, desobstruir *metareflexões* e expandir a interpretação sobre os textos e a própria constituição da produção de sentido ali envolvido. Embora sem o rigor e a desenvoltura do aparato desenvolvido por Pichler, algo do que chamo, com ele, de *poeseologia* aqui deve ser entendido como um esforço inicial nessa direção cuja ligação com a reflexão *logológica* de Cassin permite pensar, por fim, o “estatuto sofisticado da linguagem”: *re-atualizar* essa *poeseologia dos escritos de Nietzsche* é, em certa medida, *desobstruir* o “*plasma*” na imbricabilidade com a ficção e o literário cujo “tráfico da letra” permite adentrar o *reino* do “fantástico”⁸³⁸ que a filosofia, excepcionalmente, *expropriou*.

Isso conduz a reflexão diretamente ao núcleo dos significados dos termos do sucessivo tema do título da presente seção, “doxografia”: de um lado “doxa” e as bifurcações de seu estatuto na ligação e *confisco* entre as esferas do conhecimento e sua transmissão; de outro, “grafia”⁸³⁹ e seu “*schreibt*” do esfregar da escrita⁸⁴⁰. Na composição, sem grandes desafios, tem-se o significado objetivo de “escrita de opiniões”⁸⁴¹ cujo termo parece ter sido cunhado por Hermann Diels no *berço* da “grande tradição da filologia alemã”⁸⁴² – e, conforme veremos com Cassin, talvez com a mesma água *platonícoide* que *batizou* os sofistas. Sob este ponto de vista e a partir da descrição de Cassin, é possível reconhecer a *doxografia* então, como essa

auf der Textur dokumentierten Sinngeschehens eines philosophischen Textes.” PICHLER, 2014, p. 50.

837 “Dieser basiert nicht nur auf editions- und texttheoretischen Grundsatzentscheidungen, sondern wird wesentlich von den texthermeneutischen Implikationen der leitenden Fragestellungen einer sich der Textlektüre widmenden Studie mit-bestimmt.” PICHLER, 2014, p. 51.

838 ““Erudition is the modern form of the fantastic,” says Borges.” BORGES, *Apud*: CASSIN, 2014a, p. 247 e p. 298.

839 “Le verbe γράφω est attesté depuis Homère. Sens: érafler (cf. *Il.* 17,599), tracer, dessiner, écrire, d’où rédiger un décret, etc.,” CHANTRAINE, 1968, p. 235. Cf.: HOMERO, *Ilíada* 17, 599 <<https://goo.gl/Zh3NzC>>.

840 Cf. nota anterior 720.

841 “how “doxography,” literally “the writing of opinions,” should become a genre of its own beginning with Theophrastus’s *Phusikôn doxai* (the *Placita* in Latin). BALADIER, CASSIN, “*Doxa*” In: CASSIN et al., 2014, p. 230, bem como, CASSIN, 2015a, p. 114.

842 “great German philology of the nineteenth century” CASSIN, 2014a, p. 298 e CASSIN; WOLFE, 2000, p. 104.

espécie de “primeiros lábios”⁸⁴³ que Diels menciona, enquanto “uma repetição puramente escolar”, “essencialmente repetitiva”⁸⁴⁴. A partir dessa caracterização da “doxografia” no âmbito da *repetição puramente escolar* que, todavia, ainda não seria o de uma dimensão “sofística”, Cassin explora a noção de doxografia em sua tese no intuito de esboçar uma espécie de *cercos* cujo campo interpretativo teria sido *nadificado* pela *roupagem da ciência* que a filologia então *empresta*⁸⁴⁵: a *invenção* da doxografia na forma de sua designação e estabelecimento por Diels hospeda também a sua derradeira *derrocada*. Nesse sentido, conforme salienta Cassin, a partir destes *começos* cujos “dizeres dos primeiros filósofos” foram *transformados* “desde” Platão e Aristóteles “em *doxai* ou resumos de doutrina”, “três horizontes maiores condicionam” esse “material que nos chegou”: 1) uma “orientação sistemática”, 2) “um plano mais literário” e, 3) “uma relativização do tipo cético”. A primeira, segundo Cassin, “hierarquiza as doutrinas segundo uma grade de questões e uma escala de valores platônico-aristotélica” que tem na figura de Teofrasto seu fundamental iniciador dos quais, posteriormente, se *proliferam* os “manuais”⁸⁴⁶. O segundo, “solidifica e precipita a teoria em uma unidade pragmática da “vida””, precisamente, pela “tendência biográfica” do qual o nome de Diógenes Laércio parece ser o ponto alto de uma *evolução* que “conjugas as duas tendências” em sua obra “*Vida, doutrinas e sentenças dos filósofos ilustres*” aos quais se diz “tudo sobre todos, dos Sete Sábios a Epicuro”⁸⁴⁷. Por fim, no terceiro horizonte, de acordo com Cassin, “no seio da Academia” essa “relativização do tipo cético” se *manifesta* até que alguém como um Sexto Empírico “se sirva” de sua “linhagem pirroniana” para, então, “justapor a diversidade das opiniões e tirar dela argumento contra a existência de um critério verdadeiro”⁸⁴⁸.

Assim, após apresentar tais horizontes iniciais e salientar como “as coisas ficam nisso durante séculos”, Cassin destaca a posição de Leibniz a esse respeito, com sua *abertura*, “com o princípio do melhor”, da “dimensão do progresso histórico” segundo a qual os

843 “to identify what Hermann Diels called in the *Doxographi graeci* the “first lips.” CASSIN, 2014a, p. 298.

844 CASSIN, 2015a, p. 113.

845 “Ela [a filologia] toma de empréstimo as vestimentas da ciência: da paleografia para justificar suas correções a partir de diferenças diacrônicas no traçado das letras ou na pronúncia e pela probabilidade dos tipos de falhas; da gramática para decidir sobre as possibilidades do estilo; da história para decidir quanto a interpretações aceitáveis. Mas, ao fazê-lo, ela, na verdade, trapaceia, na medida em que, em vez de explorar as singularidades de um texto e de uma transmissão, ela encoraja, assim, apenas essa distância do objeto que autoriza todas as manipulações.” CASSIN, 2015a, pp. 33-34.

846 CASSIN, 2015a, p. 114.

847 CASSIN, 2015a, p. 114.

848 CASSIN, 2015a, p. 115.

desdobramentos posteriores fornecem a *matéria* sob a qual “grandes historiadores da filosofia do fim do século XVIII” permitem a *nutrição teórica* de um Hegel. Enquanto ainda situa a transformação no século XIX por meio do destaque de uma *autonomização* do “devir histórico” em que, segundo a autora, “o sistema cessa de fornecer o horizonte de inteligibilidade”, Cassin aponta, simultaneamente, como “a sucessão regrada pelo conceito” agora “dá lugar à causalidade das influências reais” que consiste precisamente na aplicação *teórico-metódica* realizada por Diels: “este aplica esse tipo de causalidade (...) ao instrumento mesmo que fornece as informações, à doxografia propriamente dita”⁸⁴⁹. Aqui o diagnóstico realizado por Cassin é interessante na medida em que retrata a “verdadeira mutação que se cumpre” no feito de Diels com a publicação de suas “duas sumas sem as quais nenhum filólogo e talvez nenhum filósofo poderia passar”: “os *Doxographi Graeci* em 1873 e *Die Fragmente der Vorsokratiker* em 1903”⁸⁵⁰. A acusação de Cassin é aqui tão severa quanto límpida: “Diels (...) põe definitivamente fim ao jogo doxográfico, à proliferação das interpretações e das reinterpretações dos resumos antigos”. Nesse caso, o processo efetuado por Diels, de acordo com Cassin, cristaliza a *margem de manobra* que antes existia na definição da “*doxa*” na “oscilação entre interpretação e repetição” na medida em que “a repetição determina todo o seu valor e ganha lugar de norma”⁸⁵¹. Por fim, o esboço de Cassin ali conjugado pela sugestão do título da seção como “o fim da doxografia” é interessante, pois, diagnostica de modo breve e incisivo o construto teórico de Diels que, como “única construção possível”, no interesse de uma *positividade incontestável* da cristalização positiva da “identidade” nas “doutrinas originais” faz da doxografia “uma repetição de informações cujo valor, exatamente como a de um manuscrito, é função tanto da proximidade com a origem quanto da neutralidade ou apagamento dos intermediários, copistas-doxógrafos”⁸⁵². O que é aqui, precisamente interessante e que resulta na subsequente argumentação de Cassin, é o fato de que para “escapar” a tal ultimato de Diels em sua “força incontestável” regida pela positividade da doxografia, segundo Cassin em seu interesse de interpretar o texto “Anônimo” *De M.X.G.*, seria “preciso reativar o jogo doxográfico, liberando a singularidade dos horizontes, e reanimar as interpretações antigas”; e isto, faz Cassin começando pela própria

849 CASSIN, 2015a, p. 115.

850 CASSIN, 2015a, pp. 114-115.

851 CASSIN, 2015a, p. 116.

852 CASSIN, 2015a, pp. 116-117.

mudança no olhar para “considerar a obra de Diels mais de perto”⁸⁵³. Com efeito, o que Cassin realiza aqui é uma dissecação da estrutura das obras de Diels apontando as fragilidades do edifício em sua “perda em cascata”. Bem ironicamente, aparecem coisas “fantásticas” do tipo: “se o texto perdido dos pré-socráticos deveria poder se apoiar, fragmento após fragmento, no texto perdido de Teofrasto, o texto de Teofrasto deve, por sua vez, ser extraído fragmento após fragmento de outros textos perdidos” o que Cassin parece concluir então, imediatamente, é que nesse torvelinho de suposta positividade há apenas “perda em cascata” em uma erudição “fantástica”⁸⁵⁴. Da epígrafe ligada a seu “pai de doutorado” *Usener* que é, segundo Cassin, também “propriamente fonte”, o que a autora destaca é a estrutura “fantasmática” que o “erro metódico” de Diels *produz* e sua “reconstrução (...) ensina que a repetição, cujo objetivo é a fidelidade, nadifica o texto”⁸⁵⁵.

Visto que, de acordo com Cassin, a própria “doxografia” é que “induz a um erro como o de Diels” o que transparece nesse sentido, é que seus componentes parecem ser aquilo que, naquele *desbloqueio* proposto, devem ser observados à luz de uma espécie de “reificação do sentido”, isto é, “também o fato, data de nascimento, não é um fato, mas o resto de uma operação complexa: a reificação de um sentido”⁸⁵⁶. Isso implica que a ambição de *tratar* “cronologicamente, historicamente, positivamente” um *fato* é deixada de lado junto ao erro de Diels para que se possa “entendê-lo [o fato] como uma ficção, uma interpretação, e até mesmo uma interpretação de interpretação, e interpretá-lo”. Como destaca ainda Cassin, na medida em que “uma tecedura, caricatural graças a Diógenes” *complica* por completo “a diferença entre as repetições” por meio desse traço anedótico *laertino* em que “não há um só fio de anedota – entendam-no como as narrativas de um sonho – que não seja ficção significativa”⁸⁵⁷. Ainda na importância da ressalva de que “o que se encontra escrito no texto doxográfico são sempre apenas “dizeres”” enquanto *discurso sofisticado autônomo*⁸⁵⁸, toda a abordagem de Cassin, nesse caso específico de sua tese sobre *De M.X.G.*, consiste numa ênfase concedida a essa abertura de possibilidades interpretativas do *jogo doxográfico* que na precisa operação complexa de “reificação do sentido” é produzida na *repetição doxográfica* sofisticada operada

853 CASSIN, 2015a, p. 118.

854 A sentença seguinte do texto é: “A forma moderna do fantástico, diz Borges, é a erudição.” CASSIN, 2015a, p. 119.

855 CASSIN, 2015a, p. 124-125.

856 CASSIN, 2015a, p. 126.

857 CASSIN, 2015a, p. 126.

858 CASSIN, 2015a, p. 130.

pelo “Anônimo”. No mesmo sentido em que ao “nos fazer ler a doxografia positiva exatamente como Górgias nos faz ler Parmênides”, isto é, “praticando-a”, o “Anônimo” permite, de acordo com Cassin, *nos fazer ler a doxografia* como “puro e simples discurso” ao passo em que tal *prática* se caracterizaria como um *quarto horizonte*, como horizonte da “doxografia (...) propriamente sofística” e como “a mais adequada à natureza fictícia do fato doxográfico”⁸⁵⁹, por exemplo, enquanto “resultado de um texto literário em virtude do uso paródico da ficção”⁸⁶⁰. Logo, e aqui, entramos propriamente no que menciono anteriormente como proposta de arriscar uma *conjectura provisória*: e se pudéssemos ler *Ecce homo* à luz dessa *reativação do jogo doxográfico*, enquanto *uma doxografia propriamente sofística*?

859 CASSIN, 2015a, p. 130.

860 “L’autobiografia intellettuale di Nietzsche risulta un testo letterario in forza dell’uso parodistico della finzione” LOSSI, 2012, p. 193.

II – FUNCIONAMENTO DO TEXTO E DOXOGRAFIA

O objetivo dessa segunda parte da tese é apresentar uma análise descritiva do funcionamento do texto como obra *Ecce homo* que permite corroborar a hipótese apresentada de que há uma gesto sofista na linguagem de Nietzsche. Nesse sentido, como uma parte de aplicação prática discuto primeiramente o estatuto do texto e a recepção da obra no intuito de, na sequência, partir para uma tentativa de *demonstração* da hipótese.

5. ECCE HOMO: OU COMO PERFORMAR UMA DOXOGRAFIA SOFÍSTICA DE SI

5.1. O ESTABELECIMENTO DO TEXTO E O STATUS DA OBRA

5.1.1. Constituição do texto *Ecce homo*

“O original comporta vários erros. Que não me censurem: assim como vejo,
escrevo”⁸⁶¹.

O trabalho de estabelecimento do texto que compõe a obra *Ecce homo* passa, evidentemente, pelo já bem documentado histórico de *manipulação e falsificação*⁸⁶² que implicaram “falsificações da obra” e o simultâneo procedimento de “falsificações das cartas” de Nietzsche cuja responsabilidade fundamental é endereçada, e não apenas, à irmã do filósofo, Elisabeth Förster-Nietzsche⁸⁶³. Nesse quadro geral, no que se refere a “falsificações da obra” inclui-se tanto “a supressão ou a reprodução incorreta daquilo que havia sido escrito por Nietzsche” quanto “a subtração intencional de passagens que Nietzsche havia previsto para impressão” bem como “a reprodução de textos que Nietzsche não quis imprimir”⁸⁶⁴. Assim, “uma culpa de proporção similares atinge editores tardios” como Baeumler e Schlechta⁸⁶⁵, bem como amigos próximos de Nietzsche que tiveram sua devida importância na antecipação da “estratégia utilizada por Elisabeth em 1908 ao lidar com EH [*Ecce homo*]”⁸⁶⁶. No conflito de interesses que surge a respeito do espólio dos escritos após a incapacidade de

861 Anotação de “um dos escribas” do texto “*De Melisso, Xenófanos e Górgias*” em que se sente “suficientemente desesperado a ponto de anotar na margem do texto” o trecho aqui citado: CASSIN, 2005, p. 277.

862 “Die Geschichte der N.-Editionen ist über weite Strecken bestimmt durch Manipulationen und Textfälschungen, wie sie nur wenigen philosophischen Autoren widerfahren sind.” MEYER, “*Geschichte der Nietzsche-Editionen*” In: OTTMANN, 2011, p. 437.

863 Respectivamente, NIEMEYER, “*Falsificações da obra*” e “*Falsificações das cartas*” In: NIEMEYER, 2014, pp. 201-205 e pp. 205-209.

864 NIEMEYER, “*Falsificações da obra*” In: NIEMEYER, 2014, p. 201.

865 NIEMEYER, “*Falsificações da obra*” In: NIEMEYER, 2014, pp. 201-202; Cf.: HOFFMANN, “*Baeumler, Alfred Albin*” In: NIEMEYER, 2014, pp. 70-72; e, CAMPIONI, “*Schlechta, Karl*” In: NIEMEYER, 2014, pp. 509-510.

866 NIEMEYER, “*Falsificações da obra*” In: NIEMEYER, 2014, p. 202; Cf.: SOMMER, “*Overbeck, Franz*” In: NIEMEYER, 2014, pp. 422-424; HOFFMANN, “*Köselitz, Heinrich*” In: NIEMEYER, 2014, p. 328; EMMELIUS, “*Rohde, Erwin*” In: NIEMEYER, 2014, p. 502.

Nietzsche por conta do *colapso*⁸⁶⁷ e no transcurso histórico das “Edições Nietzsche”⁸⁶⁸, *Ecce homo* aparece no cerne desse problema devido a seu status de manuscrito apenas enviado para publicação. Após o colapso do filósofo no início de 1889 e as manobras de sua irmã na organização e fundação dos “Arquivos-Nietzsche”, somente depois da segunda grande guerra surge a *edição crítica das obras completas* de Nietzsche (KGW, KSA e KSB⁸⁶⁹) que compõem as edições filologicamente confiáveis das *obras, cartas e apontamentos póstumos*, utilizadas pelos pesquisadores por todo o globo, especialmente por ser responsável pela desqualificação da edição organizada e manipulada pela irmã de Nietzsche com propósitos anti-semitas⁸⁷⁰. Os detalhes desse transcurso relativamente trágico do corpus de escritos de Nietzsche são bem conhecidos pela *pesquisa* em geral, assim como, muito bem documentados: motivo pelo qual funcionam como um pré-requisito básico para a investigação sobre o filósofo⁸⁷¹. Ainda aqui, no que se refere as “falsificações das cartas”, o mesmo pode ser dito tanto para as *falsificações*⁸⁷² quanto para suas correções “desde o aparecimento da edição completa e crítica

867 “N.s Erkrankung und seine Entmündigung 1889 führten zu rechtlichen und sachlichen Interessenkonflikten um seine Werke und insbesondere um seinen Nachlaß, zu dem nicht nur die bis in die Jugendzeit reichenden nachgelassenen Aufzeichnungen N.s gehörten, sondern auch die Ende 1888 noch nicht publizierten, aber in Form von Druckmanuskripten vorliegenden Schriften Nietzsche contra Wagner, Der Antichrist, Ecce homo und Dionysos-Dithyramben (KSA 14).” MEYER, “*Geschichte der Nietzsche-Editionen*”, In: OTTMANN, 2011, p. 437.

868 Que passa necessariamente por 3 etapas: 1) as edições feitas até o colapso de Nietzsche (que em 20 anos oscilou entre 4 editores/editoras: “Fritzsche”; “Schmeitzner”; “Fritzsche” e “Naumann”); 2) o trabalho editorial feito pela irmã de Nietzsche e a fundação do “Arquivo-Nietzsche”; 3) o avanço da edição crítica após a segunda grande guerra (1ª edição da KGW publicada em 1967): MEYER, “*Geschichte der Nietzsche-Editionen*”, In: OTTMANN, 2011, p. 437. Cf.: HOFFMANN, “*Arquivo-Nietzsche*”, NIEMEYER, 2014, pp. 59-61; HOFFMANN, “*Edição Colli/Montinari*” In: NIEMEYER, 2014, p. 162; HOFFMANN, “*Editor*” In: NIEMEYER, 2014, p. 162;

869 Organizadas pelos editores italianos Giorgio Colli e Mazzino Montinari com a primeira edição da KGW publicada em 1967. Respectivamente: KGW: NIETZSCHE. *Kritische Gesamtausgabe Werke*, hg. von G. Colli und M. Montinari, ca. 33 Bände in 8 Abteilungen. W. de Gruyter, Berlin 1967ff; KSA: NIETZSCHE. *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe*, hg. von G. Colli und M. Montinari, 15 Bänden. Berlin/New York: DTV & Walter de Gruyter, 1980.; e, KSB: NIETZSCHE. *Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe*, hg. von G. Colli und M. Montinari, 22 Bände in 4 Abteilungen. W. de Gruyter, Berlin 1975ff.

870 “Assim foi que G. Colli e M. Montinari, que tencionavam traduzir Nietzsche para o italiano, viram-se motivados a produzir, pela primeira vez, uma edição alemã confiável. Esta surge, então, em 1967, dividida em obras (KGW, KSA) e cartas (KGB, KSB), devendo imprimir, sobretudo, os póstumos em sua completude e em ordem estritamente cronológica, desmascarando com isso o caráter inautêntico do texto VP [Vontade de Poder]” HOFFMANN “*Edição Colli/Montinari*” In: NIEMEYER, 2014, p. 162.

871 Como reiteram Christian Benne e Carlota Santini: “Die moderne Nietzscheforschung ist undenkbar ohne die philologischen Grundsteinlegung der KGW. Edition, Quellenforschung, genaue Lektüre, Kontextualisierungen (der vorliegende Band ist dafür ein gutes Beispiel) sind, anders als bei vielen anderen Philosophen, zur selbstverständlichen Voraussetzung für die Beschäftigung mit Nietzsche geworden, so wie er es selbst immer wieder eingefordert hat.” BENNE; SANTINI, 2013, p. 175.

872 Para mencionar um único exemplo do procedimento de falsificação: “O princípio dessa falsificação era de modo comparativo, simples: de início [sic], Elisabeth procurava por passagens de textos de outras cartas verdadeiras de Nietzsche junto com a tentativa de imitar da melhor maneira possível o modo de escrever do irmão.” NIEMEYER, “*Falsificações das cartas*” In: NIEMEYER, 2014, p. 207.

da correspondência (KGB)”⁸⁷³ uma vez que se torna crucial reconhecermos “o fato de que ela [Elisabeth Nietzsche], por meio de uma carta bastante utilizada, retardou a publicação do → EH [*Ecce homo*] por quase vinte anos” publicando-o apenas “em 1908, na forma de uma variante mutilada”⁸⁷⁴. É nesse sentido que, conforme já mencionado, por meio da recepção do recente efeito que a publicação dos volumes IX da KGW produziu sobre a *Pesquisa Nietzsche* que podemos refletir precisamente sobre a abertura de possibilidades em relação aos modos de abordar a complexidade em que o texto, no interior do complexo do “Nachlaß”, pode ser compreendido⁸⁷⁵.

Desse modo, especialmente pela organização do material textual⁸⁷⁶, pelo comentário dos editores italianos Colli/Montinari em sua *edição crítica*⁸⁷⁷, bem como, pela simplificação e mediação técnica feitas pelos intérpretes⁸⁷⁸ é possível reconhecer as etapas de constituição do texto *Ecce homo* até sua suposta versão final estabelecida pelos editores e então, discutir, na medida do possível, dentro desse complexo textual, as diferentes versões, esboços de títulos e elementos textuais de *Ecce homo* em suas nuances *autoreflexivas* pela possível

873 “Embora as deficiências assinaladas acima tenham sido superadas, de maneira fundamental, apenas pela → EDIÇÃO COLLI/MONTINARI, ainda são problemáticas até hoje todas as cartas que promovam uma discussão rigorosa do tema “Nietzsche e o nazismo” e que deveria disputar com aqueles que não conhecem (ou não querem) conhecer essas cartas mencionadas a pouco no seu conjunto.” NIEMEYER, “Falsificações das cartas” In: NIEMEYER, 2014, p. 209.

874 NIEMEYER, “Falsificações das cartas” In: NIEMEYER, 2014, p. 207.

875 Em especial com a auxílio da contribuição de Pichler que lança luz sobre a questão de modo específico.

876 Embora a quantidade de nomenclaturas criadas na organização do material textual da edição crítica exija uma atenção específica, em suma, sua distribuição pode ser esquadrihada da seguinte maneira: 1) “primeiras versões impressas das obras de Nietzsche” (que, no caso de *Ecce homo*, é referenciada sob as “duas folhas de correção para impressão” enviadas ao editor Naumann mas que “não apareceram” provavelmente perdidas ou queimadas: “*Ecce homo*. Wie man wird, was man ist. Leipzig: C.G. Naumann 1889 (2 Korrekturbogen für druckfertig erklärt, dann nicht erschienen).” KSA 14, 1988, p. 24) que se dividem em “a) as obras editadas pelo próprio Nietzsche” e “b) escritos deixados por Nietzsche para impressão” (referenciado como “*Ecce homo*. Wie man wird, was man ist. 1888/9. Erstdruck hg. von Raoul Richter. Leipzig: Insel 1908.” KSA 14, 1988, p. 24) ambas reconhecidas pela nomenclatura do sintagma em latim abreviado “EH”; por outro lado, temos 2) “os manuscritos de Nietzsche” que, em sua quantidade e complexidade, se referenciam em diferentes nomenclaturas para o respectivo contexto e identidade do material textual e, especificamente, aparecem como “a) manuscritos impressos” que levam a sigla “D” mais seu número correspondente “25” (respectivamente, “D (abreviação de “Druckmanuskripte”)” mais sua respectiva numeração que, no caso de *Ecce homo* é “D 25”: KSA 14, 1988, p. 24), “b) os manuscritos dos escritos póstumos da Basileia” que recebem uma específica abreviação (Que não entram em questão no presente trabalho. Cf.: KSA 14, 1988, p. 26), “c) os manuscritos das versões preliminares e cópias limpas das obras bem como os fragmentos póstumos” (“c) Die Manuskripte der Vorstufen und Reinschriften zum Werk sowie auch der nachgelassenen Fragmente” KSA 14, 1988, p. 26) dos quais estão subdivididos por “séries” (Reihe) cujo interesse aqui situa-se as séries “W II 6, 8, 9 e 10” e “N VII 4” que fazem parte, respectivamente, dos “cadernos da época da umwertung” e dos cadernos de anotações (“Reihe W (Hefte aus der sogenannten Umwertungs-Zeit, 1884-1889)” e “Reihe N (Nietzsches Notizbücher, 1879-1888)” KSA 14, 1988, pp. 29-31 e 34).

877 Especialmente o volume 14: NIETZSCHE. *Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe*, hg. von G. Colli und M. Montinari, 15 Bänden. Berlin/New York: DTV & Walter de Gruyter, 1980, pp. 454-512.

878 Especialmente: HÖDL, 2006; e SOMMER, 2013.

contrastação que as versões do volume IX/9 da KGW podem fornecer⁸⁷⁹. Nesse sentido, como a decidibilidade acerca de qual versão do texto deve ser utilizada/priorizada na análise parece estar condicionada ao “carácter altamente individual dos textos de Nietzsche” então, o *manejo da gênese*⁸⁸⁰ que aqui será trabalhado, conforme acima mencionado, consiste na análise da suposta versão final impressa e seu simultâneo *contraste*, com as *versões e esboços anteriores* na medida do possível. Assim, em meio à complexidade do percurso pormenorizado das alterações das versões, títulos e esboços, algo como a gênese desse texto pode ser descrita da seguinte forma: 1) “A primeira transcrição relacionada a *Ecce homo*” é referida na organização dos escritos de Nietzsche pela série “W II 9”⁸⁸¹ e, como “núcleo da tardia obra EH”, pode ser identificada ao contexto de “correção de *O crepúsculo dos Ídolos* em Turin”⁸⁸². Essa versão, também chamada de “Ur-Ecce-homo”, ou seja, algo como uma “*Ecce-homo-Original*” está “publicada” no “Nachlass do ano de 1888” na edição 13 da KSA e referida por “24[1]”⁸⁸³, bem como, nas “transcrições diferenciadas” no volume 9 da KGW IX⁸⁸⁴, sendo composta por *elementos* de “O que devo aos antigos” d’*O Crepúsculo dos Ídolos*, bem como “Por que sou tão sábio” de *Ecce homo*⁸⁸⁵. Embora nessa versão já apareça o esboço do “título”, mas, de um modo mais “modesto”⁸⁸⁶, no mesmo contexto, conforme veremos, surge uma série de outros *esboços de títulos* que tornam “clara a orientação temática de pontos resultantes dos textos em diferentes direções”⁸⁸⁷ que vão da *aparente ênfase* de uma “autobiografia convencional” na “ambição muito séria de estilo *romano*” às “anotações de um múltiplo”⁸⁸⁸ que, segundo Sommer, “apenas condicionalmente obedece uma intenção de efeito

879 Especialmente: KGW IX/9, 2012.

880 Seguindo, relativamente, o que Pichler se propõe a fazer em sua análise de *CI*: PICHLER, 2014, p. 51.

881 “Die erste Niederschrift im Zusammenhang mit EH entstand bei der Korrektur von GD in Turin; sie steht in dem als W II 9 archivierten Heft, S.130-106.” HÖDL, 2009, p. 503. Cf. KSA 14, 454-470.

882 “Eine Keimzelle des späteren Werkes EH steht im Heft W II 9, 130-106 (von hinten nach vorne beschrieben) und stammt aus der Zeit der Korrektur an der Götzen-Dämmerung in Turin” SOMMER, 2013, p. 328.

883 “Dieser „Ur-Ecce-Homo“ ist in der KSA im Nachlass des Jahres 1888 als 24 [1] (in Band 13, 615-632), abgedruckt.” HÖDL, 2009, p. 503.

884 Cf.: KGW IX/9, 2012, p. 106-130.

885 “In der KSA findet sich dieser Text, aus dem N. später Elemente sowohl in GD Was ich den Alten verdanke 2-5 als auch in EH Warum ich so weise bin übernahm, unter NL 1888, KSA 13, 24[1], 615-632.” SOMMER, 2013, p. 328.

886 “Dieser Text trägt bereits den Obertitel „**Ecce homo**“, der Untertitellautete jedoch noch bescheidener: „Oder: / warum ich Einiges mehr weiss“ (615, 1-3).” SOMMER, 2013, p. 328.

887 “Im selben Nachlass-Kontext finden sich einige Titellentwürfe, die deutlich machen, dass die thematische Ausrichtung des entstehenden Textes in verschiedene Richtung zeigt” SOMMER, 2013, p. 328.

888 Discutirei esses esboços adiante. Cf.: HÖDL, 2009, p. 508-524.

linear”⁸⁸⁹. Conforme salienta Hödl, “a pequena auto-exposição” dessa *transcrição* “consiste em 11 capítulos e corresponde com algumas variantes e textos posteriores descartados das subsequentes seções de CI e EH”⁸⁹⁰. Especificamente nessas 11 seções, três delas fazem parte das seções que foram transferidas posteriormente para CI em “O que devo aos antigos”⁸⁹¹. Não é o caso aqui de realizar uma descrição pormenorizada de toda a complexidade filológica que envolveu a reconstrução da edição final pelos editores italianos, apenas alguns aspectos importantes devem ser destacados para situar as dificuldades. Nesse sentido, é importante notar que “Nietzsche remove, a seção que se torna “O que devo aos antigos”, do preliminar trabalho sobre EH em 15 de outubro e envia” ao editor “Naumann”. Segundo Hödl, conforme seria o “hábito” de Nietzsche “ele corta as respectivas páginas da cópia limpa” dos cadernos “W II 9” e “cola junto e reenvia para a gráfica”; sendo que “em 24 de outubro o editor manda as correções dos capítulos [de CI] para Nietzsche”⁸⁹². Destaco esse aspecto da datação, porque toda a reconstrução do texto final é realizada por meio das informações que as correspondências oferecem, especialmente as com o editor. 2) após elaborar o núcleo de *Ecce Homo* na “Ur-Ecce-Homo” com as seções de “O que devo aos antigos”, retirar essas seções e enviando ao editor para anexá-las como capítulo de CI, “entre 15 de outubro” até “começo de novembro surge uma outra versão” que é denominada de “versão-outubro”⁸⁹³, cuja carta de Nietzsche a Naumann confirma⁸⁹⁴ e, no entanto, *esta versão* “não é transmitida como manuscrito independente”⁸⁹⁵. Mas isso não impede o trabalho de reconstrução posterior dos editores em reconfigurar o arranjo e as numerações das versões. 3) No transcurso de elaboração que sucede, após a versão “*Ecce-homo-Original*” iniciada em Turin nas “correções de CI”⁸⁹⁶, as elaborações nas *transcrições diferenciadas* da “versão-outubro”, Nietzsche

889 “Jedoch gibt der EH-Text letzter Hand durchaus noch das Bild eines Vielfachen und gehorcht einer linearen Wirkungsabsicht damit nur bedingt.” SOMMER, 2013, p. 328.

890 “Die kleine Selbstdarstellung umfasst 11 Kapitel, und entspricht mit einigen Varianten und später fallen gelassenen Texten folgenden Abschnitten aus GD und EH” HÖDL, 2009, pp. 503-504.

891 (“§7 = EH, Klug 7 und (hauptsächlich) GD, „Was ich den Alten verdanke“ 1”); (“§8 = GD „Was ich den Alten verdanke“ 2”) e (“§9 = GD „Was ich den Alten verdanke“, 3-5”) HÖDL, 2009, pp. 503-504

892 “Die Abschnitte, die zu „Was ich den Alten verdanke“ wurden, hat Nietzsche am 15. Oktober aus den Vorarbeiten zu EH entfernt und an Naumann geschickt (er hat die entsprechenden Seiten aus der Reinschrift von W II 9 herausgeschnitten, und seiner Gewohnheit gemäß, aneinandergeklebt and die Druckerei gesandt). Am 24. Oktober hat die Druckerei die Korrekturen des Kapitels an Nietzsche gesandt” HÖDL, 2009, p. 504

893 SOMMER, 2013, p. 329.

894 “zwischen dem 15. Okt. und 4. November gelöst” 1139 – 06/11/1888 a Naumann <[#eKGWB/BVN-1888.1139](#)>.

895 “Diese sogenannte Oktober-Fassung von EH ist nicht als eigenständiges Manuskript überliefert.” SOMMER, 2013, p. 330.

896 Cf. KSA 14, p. 454-470; HÖDL, 2009, p. 503-508; SOMMER, 2013, p. 328.

elabora “um prefácio a partir de seções anteriores da “versão-outubro””⁸⁹⁷ e, essa etapa, é considerada “intermediária” (“Zwischenstufe”) na medida em que é um *amalgama* com a “versão-outubro” e, pelos quais, se obtém o texto “base do manuscrito impresso”⁸⁹⁸. Após diversas transformações – cujos detalhes técnicos se encontram no comentário dos editores da edição crítica⁸⁹⁹ –, como indica Hödl, “o amplo trabalho de Nietzsche com *Ecce homo* deixa a forma do manuscrito”⁹⁰⁰. Ainda na forma de “manuscrito impresso”, Nietzsche parece tê-lo revisado em três etapas: a) “Meio/fim de novembro de 88 como ele faz alterações no impresso”, b) “de 1 a 6 de dezembro de 88 assim que Nietzsche revisa o próprio manuscrito impresso reenviado pela gráfica” e, finalmente, c) “6 de dezembro de 88 até 2 de janeiro de 89 assim que Nietzsche realiza alterações adicionais”⁹⁰¹. Finalmente, pode-se observar o endereçamento do “manuscrito impresso” a sua impressão final ou pelo menos a intenção de sua efetivação ao observarmos na carta de 02 de janeiro de 1889 ao editor Naumann em que Nietzsche comenta: “adiante com *Ecce*”, ou seja, *adiante com a impressão da obra*⁹⁰². Isso é interessante pelo fato de que “o manuscrito impresso não corresponde” àquele que a carta acima indica e, portanto, *geram* “questões sobre a forma do texto”⁹⁰³. 4) É nesse sentido que é possível afirmar que *não possuímos “o” texto de *Ecce homo**⁹⁰⁴: a primeira constatação que temos no interior desse problema é a de que a versão *editada pelo próprio Nietzsche*⁹⁰⁵ de *Ecce homo* na condição de “duas folhas de correção” a serem enviadas “para a impressão” perderam-se⁹⁰⁶. Em certa medida parece até de um mesmo *cínico* “darwinismo textual”⁹⁰⁷ o fato de que um filólogo como Nietzsche tenha sofrido, no que se refere a uma de suas obras,

897 “In einem nächsten Arbeitsschritt fertigte N.[ietzsche] aus den letzten drei Abschnitten der Oktober-Fassung ein Vorwort von sieben Abschnitten sowie vier Kapitel über *Jenseits von Gut und Böse*, *Genealogie der Moral*, *Fall Wagner* und *Götzen-Dämmerung* an.” SOMMER, 2013, p. 330.

898 SOMMER, 2013, p. 330.

899 KSA 14, p. 454-470.

900 HÖDL, 2009, p. 504.

901 Como indica Sommer, essa visão geral pode ser visualizadas nas tabelas elaboradas pelos editores em “Hahn / Montinari 1985, 54-57” e KSA 14, p. 465-467: “*erstens* Mitte / Ende November 1888, als er aus Turin der Druckerei Änderungen zukommen ließ; *zweitens* vom 1. bis 6. Dezember 1888, als N. das von ihm aus der Druckerei zurückverlangte Druckmanuskript eigenhändig revidierte, sowie *drittens* 6. Dezember 1888 bis 2. Januar 1889, als N. weitere Änderungen vornahm.” SOMMER, 2013, p. 331.

902 “Vorwärts mit E c c e !”: <[#eKGWB/BVN-1889,1237](#)>.

903 “Das erhaltene Druckmanuskript entspricht allerdings nicht demjenigen vom 02.01.1889. Daraus ergeben sich einige Fragen, die Gestalt des Textes betreffend.” HÖDL, 2009, p. 504.

904 “„Den“ Text von *Ecce Homo* besitzen wir somit nicht” HÖDL, 2009, p. 508.

905 “(“a) Von Nietzsche selbst herausgegebene Werke”)” KSA 14, 1988, p. 22.

906 “*Ecce homo*. Wie man wird, was man ist. Leipzig: C.G. Naumann 1889 (2 Korrekturbogen für druckfertig erklärt, dann nicht erschienen).” KSA 14, 1988, p. 22.

907 Cf. discussão anterior sobre a sofística: CASSIN, 2014a, p. 27 e CASSIN; WOLFE, 2000, p. 104.

de um problema semelhante ao que os diversos autores de seus estudos filológicos sofreram: o da dificuldade de estabelecimento do texto que a perda ou ausência ou manipulação textual promove como no exemplo que tentamos discutir sobre os textos da *sofística*⁹⁰⁸. Nesse sentido, em termos de pensar o esquema do modelo tipográfico de *Ecce homo*⁹⁰⁹, sigo a *grafia tipográfica* da edição da KSA que é baseada na determinação tipográfica do livro publicado *Crepúsculo dos Ídolos* e que traz uma diferença fundamental na “*praxis de irritação grafemática*” que Nietzsche executa: mesmo tendo como referência a edição da KSA, em partes que, nessa edição seguindo o modelo de *CI*⁹¹⁰, a tipografia em destaque aparece na *f o r m a d e u m e s p a ç a m e n t o m a i o r e n t r e a s l e t r a s e p a l a v r a s*, se convencionou nas recepções usar o *itálico*⁹¹¹. Assim, por uma questão teórica do valor filosófico sensorial do “espaço” e do “vazio”⁹¹², opto, nas menções, em apresentar a grafia do original uma vez que o estranhamento sensorial era algo tematizado e intensificado na “*praxis de irritação grafemática*” de Nietzsche.

5.1.2. Status da obra e recepção

Em termos de pensar o status inicial de *Ecce homo* pode ser interessante aqui, *ouvirmos* o que o próprio Nietzsche tem a dizer acerca de sua obra no momento de seu desenvolvimento, embora sua apreciação seja pontual e no contexto de sua correspondência. Da primeira carta de 30 de outubro de 1888, quando o título aparece quase em versão definitiva de “**Ecce homo**. Oder *W i e m a n w i r d , w a s m a n i s t*”⁹¹³, até o colapso encontramos 37 cartas nas quais Nietzsche se corresponde sobre algum ponto relacionado ao

908 Cf. Seção anterior “4.1. O OBJETO “SOFÍSTICA”: QUEM TEM MEDO DA SOFÍSTICA?”.

909 Para o aprofundamento da questão seria interessante o acesso a monografia de Friederike Zelke que não foi possível até o presente momento: “Friederike Zelke. *Text und Herausgeberschaft. Am Beispiel von Friedrich Nietzsches »Ecce Homo«*, Masterarbeit, Editionswissenschaft, FU Berlin 2011.” RAHN, In: LOSSI; ZITTEL, 2014, nota 11, p. 94.

910 Cf. a Figura 2 da página 93 do ensaio de Rahn em que é apresentada a imagem de uma cópia impressa histórica de *CI* do qual se observa a “página dupla 42/43” e sua tipografia: RAHN, In: LOSSI; ZITTEL, 2014, p. 93.

911 Até o seguinte momento não tenho conhecimento de edição das obras de Nietzsche que não sigam o padrão de usar o *itálico* para destaque.

912 “O espaço (também Spatium, espaço, inglês *space* ou *black*, francês *blanc*) é, em primeiro lugar, um nada, algo vazio entre letras, palavras, linhas, parágrafos, capítulos, títulos; ele pertence assim ao *escrito* como um signo *discreto* porque ele é então percebido pelo leitor apenas quando ele perturba (sendo grande ou pequeno) ou [está] ausente”: “Der Zwischenraum (auch Spatium, Leerzeichen, engl. *space* oder *blank*, frz. *blanc*) ist zunächst einmal ein Nichts, etwas Leeres zwischen Buchstaben, Wörtern, Zeilen, Absätzen, Kapiteln, Titeln; er gehört also der *Schrift* an, als ein *diskretes* Zeichen, weil er vom Leser nur dann wahrgenommen wird, wenn er stört (zu gross, zu klein ist) oder fehlt.” FRIES, 2009, p. 165.

conteúdo da obra, suas intenções, especificações tipográficas e o andamento de sua possível impressão, bem como, comunica-se com escritores para possíveis traduções em outras línguas⁹¹⁴. Assim, em 6 de novembro de 1888 Nietzsche apresenta o título do “novo escrito” ao editor Naumann já na versão definitiva da edição final⁹¹⁵ e salienta ainda em 13 de novembro ao amigo Overbeck que a obra já *estaria na impressão*⁹¹⁶. Deixemos então de lado as questões específicas que auxiliaram os editores a reconstruir a edição final do texto, para ouvir o que ele diz sobre seu escrito: Nietzsche salienta que *Ecce homo* “atua com grande audácia em relação a ele e seus escritos” além de descrever isso como uma espécie de *teste à censura da imprensa alemã da época*, uma vez que a obra seria uma *apresentação* anterior à “transvaloração”⁹¹⁷; Nesse sentido, essa *audácia*, que conduziria o status da obra a uma espécie de *projeto piloto*, proporciona, conforme ele salienta, “falar de si com toda “perspicácia” psicológica e toda serenidade possíveis”⁹¹⁸; Sem me estender nos detalhes, é lícito destacar que embora as descrições de Nietzsche auxiliem na efetividade da compreensão de *Ecce homo* como uma “autobiografia” genericamente falando, na medida em que ele retoma a descrição de que a obra fornecerá “alguma pista psicológica e biográfica sobre ele e

913 Aqui existem duas possibilidades: a) ou se trata de uma descrição do título em uma ênfase de *espejamento*: “chama-se x ou y” ou b) trata-se da versão do título esboçada com a disjunção “oder” que também aparece em outros esboços de título de *EH* bem como nas versões de *CI* mas depois Nietzsche a retira: “Es heißt **Ecce homo**. Oder Wie man wird, was man ist.” <#eKGWB/BVN-1888,1137>.

914 Indico apenas as numerações para confirmação em KGB ou eKGWB, embora, especifique aquelas que menciono adiante: (1137 – 30/10/1888 a Köselitz), (1139 – 06/11/1888 a Naumann), (1142. 13 de nov. a Köselitz), (1143 – 13/11/1888 a Overbeck), (1144 – 14/11/1888 a Meta von Salis), (1148 – 18/11/1888 a Köselitz), (1149 – 19/11/1888 a Naumann), (1151 – 20/11/1888 a Brandes), (1156 – 24/11/1888 a Naumann), (1157 – 25/11/1888 a Köselitz), (1158 – 26/11/1888 a Naumann), (1159 – 26/11/1888 a Deussen), (1170 – começos dez. Brandes), (1173 – começos dez. a Bismark), (1176 – 08/12/1888 a Strindberg), (1180 – 08/12/1888 a Zimmer), (1181 – 09/12/1888 a Köselitz), (1186 – 11/12/1888 a Deussen), (1191 – 15/12/1888 a Naumann), (1192 – 16/12/1888 a Köselitz), (1193 – 17/12/1888 a Naumann), (1196 – 17/12/1888 A Bourdeau), (1201 – 20/12/1888 a Naumann), (1202 – 20/12/1888 a Naumann), (1203 – 20/12/1888 a Naumann), (1206 – 22/12/1888 a Avenarius), (1207 – 22/12/1888 a Köselitz), (1209 – 22/12/1888 a Overbeck), (1210 – natal de 1888 a Overbeck), (1211 – aprox. 25/12/1888 a Cosima), (1213 – 27/12/1888 a Naumann), (1214 – 27/12/1888 a Fuchs), (1220 – 29/12/1888 a Naumann), (1227 – 30/12/1888 a Köselitz), (1228 – 31/12/1888 a Köselitz), (1233 – 01/01/1889 a Naumann), (1237 – 02/01/1889 a Naumann) <#eKGWB/BVN-1888>.

915 1139 – 06/11/1888 a Naumann: “Die neue Schrift heißt: / *Ecce homo* / Wie man wird, was man ist.” <#eKGWB/BVN-1888,1139> (Aqui o signo “/” indica parágrafo como em citações de poesia).

916 “das Manuscript des „*Ecce homo*. Wie man wird, was man ist“ ist bereits in der Druckerei.” 1143 – 13/11/1888 a Overbeck: <#eKGWB/BVN-1888,1143>.

917 “Es handelt, mit einer großen Verwegenheit, von mir und meinen Schriften” 1137 – 30/10/1888 a Köselitz: <#eKGWB/BVN-1888,1137>.

918 “Übrigens rede ich von mir selber mit aller möglichen psychologischen „Schläue“ und Heiterkeit,” 1137 – 30/10/1888 a Köselitz: <#eKGWB/BVN-1888,1137>.

sua literatura”⁹¹⁹ e de que ela, por exemplo, “abrirá os olhos”⁹²⁰, por outro lado, confere uma peculiar sugestão a George Brandes de que a obra trata-se de *uma narrativa de si característica de um cinismo de repercussão histórico-universal*⁹²¹.

Desse modo, o histórico de recepção de *Ecce homo*, devido à já mencionada problemática textual ligada às manipulações e falsificações produzidas pela irmã de Nietzsche⁹²², é marcado por uma espécie de limitação interpretativa que acompanha o próprio avanço da pesquisa em direção à elaboração de uma desconfiança de método que as edições críticas de Colli e Montinari efetivam: durante as primeiras recepções de *Ecce homo* paira sobre a obra ou uma primeira atitude de *exclusão*, ou o recorrente juízo que concebe o aspecto de sua “linguagem desinibida” como “prelúdio da loucura a caminho”⁹²³. Por conta do contexto de manipulação das obras pela irmã na compilação de uma “suposta “obra principal”” chamada “Vontade de poder”, como destaca Stegmaier, “O Anticristo e *Ecce homo* foram tidos como meros testemunhos pessoais de um ódio desmesurado contra o cristianismo, bem como uma delirante valorização exagerada de si mesmo”⁹²⁴. COLLI, um dos editores italianos da KSA, vê a obra como ““declínio”” e isso reflete fortemente no conjunto da recepção que liga a obra ao colapso⁹²⁵. Conforme destaca Stegmaier, Freud contrapõe essa visão a partir do argumento da “maestria da forma” no escrito. O mesmo ocorre com Jaspers mas, agora, “com um juízo simultaneamente filosófico e técnico-psiquiátrico”⁹²⁶. Ao mesmo tempo que Walter Kaufman, de acordo com Stegmaier, não viu no “autoretrato de Nietzsche nenhuma prova de insanidade, mas um triunfo do estilo – de uma composição com as melhores pinturas daquele tempo” e indica que Mazzino Montinari parece concordar com isso⁹²⁷. Com efeito, diante desse debate sobre essas recepções iniciais no

919 1143 – 13/11/1888 a Overbeck <[#eKGWB/BVN-1888.1143](#)>.

920 “Schon „Ecce homo“ wird die Augen aufmachen.” 1148 – 18/11/1888 a Köselitz: <[#eKGWB/BVN-1888.1148](#)>.

921 O uso do verbo “erzählen” aqui é bem sugestivo conforme veremos: “Ich habe jetzt mit einem Cynismus, der welthistorisch werden wird, mich selbst erzählt” 1151 – 20/11/1888 a Brandes: <[#eKGWB/BVN-1888.1151](#)>.

922 Seção anterior “5.1.1. A constituição do texto *Ecce homo*”.

923 HÖDL, 2009, p. 465.

924 STEGMAIER, 2013, p. 44.

925 “Colli ainda avaliou os últimos momentos do pensamento de Nietzsche como um tempo de mera reivindicação, por trás da qual se ocultaria um ódio vazio, uma busca desesperada por novas intuições, uma repetição estéril de pensamentos da juventude, bem como o esgotamento da força sistemática, ou seja, um tempo de “declínio” no qual Nietzsche teria se refugiado por fim em uma narrativa autobiográfica.” STEGMAIER, 2013, p. 45.

926 “Karl Jaspers se expressou de maneira semelhante, com um juízo simultaneamente filosófico e técnico-psiquiátrico” STEGMAIER, 2010, nota 8, p. 245. Cf. HÖDL, 2009, p. 466.

927 STEGMAIER, 2010, nota 8, p. 245.

âmbito de atribuição de “loucura” ao escrito parece ser significativo, afinal, assentir com Anthony Jensen de que *Ecce homo* “não é obra de um insano”⁹²⁸.

Em virtude disso, seja concebido com Heidegger como “um destino”, seja com Rodolphe Gasché em concordância àquele mas interpretando *EH* “como uma “forma” no sentido da forma de um ente (...) mas que agora é assumida pela vida de Nietzsche”, seja ainda com Eric Blondel ao assumir que *EH* é “um amontoado de mentiras, falsificações e encobrimento, em uma palavra: egoísmo” – por meio do qual Nietzsche expressamente reconhece a si próprio”, seja também com Peter Sloterdijk que “atesta o “egoísmo” ou “megalomania” de Nietzsche” concebendo-o “como um “designer de moda”, da “moda individualista”, como “marca de um estilo de vida (Life-Style)”: “apenas palhaço, apenas poeta, apenas marqueteiro”⁹²⁹, esses juízos sobre *Ecce homo* e Nietzsche não auxiliam muito no estabelecimento de um status da obra cuja circulação do fluxo de compreensão não se fixe no registro do *confisco* seja ele qual for.

Sendo assim, no comum tratamento da obra é o tema da “autobiografia”, para a classificação do possível gênero literário de *Ecce homo*, que aparece como central na recepção. Sem dúvida, trata-se de uma controvérsia ampla que o presente trabalho não tem a intenção de solucionar. Tampouco este trabalho estaria em condições de mapear todas as recepções dos intérpretes acerca do tema. No entanto, o esboço de algumas das posições pode tornar a questão aqui nuançada. Nesse sentido, um primeiro aspecto importante da recepção do tema da *autobiografia* pela *Pesquisa-Nietzsche* é a recorrente ligação do tema em *Ecce homo* com os esboços de *autobiografia* do jovem Nietzsche⁹³⁰. Ademais, como salienta Sommer ao mencionar Lejeune, seria possível conceber “intenção e conteúdo de *Ecce homo*” como uma “autobiografia tradicional” no sentido de “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real cria sobre sua própria existência, se ela põe ênfase sobre sua vida individual, especialmente sobre a história de sua personalidade”⁹³¹. Essa caracterização parece

928 “EH is simply not the work of the insane.” JENSEN, 2011, p. 204.

929 Comentário de Stegmaier sobre os autores em nota: STEGMAIER, 2010, nota 8, p. 243.

930 “Zwischen 1858 und 1868 verfasste er zehn autobiographische Skizzen, denen eine „Verschränkung von Leben und Schreiben“, ein „Changieren zwischen einer Aufzeichnung ‚für sich‘ und einer Aufzeichnung ‚für andere‘“ sowie eine „Tendenz zur Allgemeingültigkeit“ eigentümlich war (Langer 2005, 92 f.)” SOMMER, 2013, p. 325; Cf. LOSSI, 2012; HÖDL, 2009; LANGER, 2005.

931 “Jedoch würde man Intention und Gehalt von EH vereinseitigen, wollte man darin eine konventionelle Autobiographie sehen, zumal dann, wenn man nach klassischer Definition die Autobiographie versteht als „rückblickenden Bericht in Prosa, den eine wirkliche Person über ihr eigenes Dasein erstellt, wenn sie das Hauptgewicht auf ihr individuelles Leben, besonders auf die Geschichte ihrer Persönlichkeit legt“ (Lejeune 1998, 220).” SOMMER, 2013, p. 325.

relativamente sem problemas se aceitamos, com “Kittler e Kofmann” que para anunciar “a morte do autor” Nietzsche coloca à disposição os conceitos *autos* (Selbst), *bios* (Leben) e *graphein* (Schreiben) incluídos na palavra autobiografia⁹³². Contudo, enquanto Stegmaier interpreta *Ecce homo* como *narrativa* das “condições de vida do seu pensamento”⁹³³, Müller e Sommer concebem o *pano de fundo* dessa chamada “autobiografia” como “autogenealogia”⁹³⁴. Por fim, mesmo a noção de “autogenealogia” recebe, recentemente, o contorno de uma “autoencenação literária”⁹³⁵. Vale ressaltar que na ocasião de um encontro de trabalho internacional dedicado à análise de *Ecce homo* em Schulpforta no ano de 2004 encontramos uma atenção específica na tentativa de enfrentar “de modo rigoroso” os aspectos de “mistério” desse escrito⁹³⁶. Conforme salientam Enrico Müller e Andreas Urs Sommer os resultados do *encontro de trabalho* permitiram a estes, a guisa de introdução do evento, apresentar “sete teses e questões para discussão” cujo objetivo era “partilhar um primeiro olhar sobre o horizonte de significado de *Ecce homo*” sobre o qual o encontro versaria⁹³⁷.

No panorama da pesquisa internacional sobre Nietzsche, Hödl, por sua vez, “assinala que *Ecce homo* não é simplesmente uma autobiografia mas uma auto-narração que tem uma função sistemática nas obras de Nietzsche em termos de “transvaloração”⁹³⁸. Na medida em que, “vida e obra” são “explicadas pelo contexto tipológico” da filosofia de Nietzsche e *não* à luz de “sua biografia”⁹³⁹. É dessa forma que Hödl checa a conclusão de que “o “Selbst”” na obra “representado por Nietzsche é o resultado de uma transfiguração dionisiaca dos dados biográficos” pelos quais “o “sujeito” dessa narrativa não é o “sr. Nietzsche”, mas um tipo

932 “Mit Recht haben Kittler 1980 und Kofman 1992 darauf verwiesen, dass in diesem scheinbar autoblographischen Text das Genre Auto-biographie untergraben werde - allein schon dadurch, dass N.[ietzsche] die im Wort „Autoblographie“ enthaltenen Begriffe *autos* (Selbst), *bios* (Leben) und *graphein* (Schreiben) zur Disposition stelle, ja „la mort de l'autos“ verkünde (Kofman 1992, 29).” SOMMER, 2013, p. 325.

933 STEGMAIER, 2013, p. 47.

934 “Müller/Sommer 2005, 130 sprechen vor diesem Hintergrund statt von Autoblographie von „Autogenealogie“ SOMMER, 2013, p. 325

935 “Ecce homo ist also, (...), als Zeugnis einer literarischen Selbstinszenierung – die sich im Text vollzieht – ernst zu nehmen.” LANGER, 2005, p. 99.

936 “Friedrich Nietzsches *Ecce homo* bleibt in vieler Hinsicht ein Rätsel. Das Rätsel dieser Spätschrift etwas genauer zu fassen, war das Ziel der 12. Nietzsche-Werkstatt 2004 in Schulpforta.” MÜLLER, SOMMER, 2005, p. 127.

937 MÜLLER, SOMMER, 2005, p. 127.

938 “Damit wird gezeigt, dass *Ecce Homo* nicht einfach eine Autobiographie darstellt, sondern eine Selbsterzählung, die eine systematische Funktion im Werk Nietzsches in Hinblick auf die „Umwertung“ hat.” HÖDL, 2009, p. 465.

939 “Nietzsches Leben und Werk werden darin von den typologischen Zusammenhängen seiner Philosophie her erläutert und nicht seine Philosophie von seiner Biographie her dargestellt.” HÖDL, 2009, p. 465.

Zarathustra/Dioniso na medida em que foi representado pelo “sr. Nietzsche”⁹⁴⁰, ou seja, aqui “atua-se uma dramatização” cujo jogo das máscaras é efetuado numa dissolução de um “eu verdadeiro”⁹⁴¹. Por outro lado, mais recentemente, Sommer afirma que Nietzsche “torna a si mesmo objeto de uma genealogia, que deveria esclarecer como ele – o transvalor de todos os valores – poderia tornar-se aquilo que ele era”⁹⁴². Sendo assim, de acordo com Sommer, *Ecce homo é também concebido como autogenealogia de Nietzsche e autotransvaloração na imagem chave da histórica salvação do mundo*⁹⁴³. Isso que Sommer salienta como “interesse autogenealógico” e que remonta às reflexões de Nietzsche ainda jovem, segundo o autor, “culmina em *Ecce homo*”⁹⁴⁴ não como uma “biografia convencional” mas como “uma tentativa de mostrar sob quais fundamentos de vida seu pensamento se desenvolve”⁹⁴⁵.

À luz desse panorama internacional, a recepção brasileira tem como importantes intérpretes a esse respeito Oswaldo Giacoia que, por exemplo, concebe *Ecce homo* como *autobiografia filosófica* na medida em que se trata “da própria identidade pessoal na e pela obra, entendida como ação e discurso”⁹⁴⁶. Para além da noção de “autobiografia” e sua discussão na obra *Ecce homo*, é lícito destacar que André Garcia realiza em sua tese uma discussão *metodológica* interessante segundo a qual destaca um “novo e promissor uso filosófico dos póstumos” de Nietzsche que⁹⁴⁷, à luz das abordagens de Stegmaier, a meu ver, aponta para um inicial esforço em relação a complexificação da *contrastação das versões* da

940 “Das „Selbst“, das Nietzsche darstellt, ist Ergebnis einer dionysischen Transfiguration der biographischen Daten, das „Subjekt“ dieser Erzählung ist nicht „Herr Nietzsche“, sondern der Typus Zarathustra/Dionysos, insofern er von „Herrn Nietzsche“ dargestellt worden ist.” HÖDL, 2009, p. 465.

941 “Insofern handelt es sich um ein Rollenspiel, allerdings in einem anderen Sinn als es in der rede vom Anlegen einer Maske durch ein „eigentliches“ biographisch entschlüsselbares Subjekt, dessen „wahres Ich“ in seiner hinter den im Werk angelegten Masken sich verbergenden Innerlichkeit liegen würde und vom Interpretieren, der wie der Jäger im Verfolgen der Spur das gejagte Wild in den texten aufzuspüren hätte, hinter den Masken hervor-gezerrt werden sollte.” HÖDL, 2009, p. 465.

942 “Und er machte sich selbst zum Gegenstand einer Genealogie, die erklären sollte, wie er – der Umwerter aller Werte – zu dem hatte werden können, was er war.” SOMMER, 2017, p. 86.

943 “*Ecce homo* heißt auch Nietzsches Autogenealogie und Selbstumwertung zur weltheilsgeschichtlichen Schlüsselgestalt.” SOMMER, 2017, p. 86.

944 “Dieses autogenealogische Interesse gipfelt in *Ecce homo*, (...)” SOMMER, 2017, p. 86.

945 “Es handelt sich jedoch keineswegs um eine konventionelle Autobiographie, sondern um den Versuch, zu zeigen, auf welchen Lebensgrundlagen sein Denken sich entfaltete” SOMMER, 2017, p. 86.

946 “A vivência que está na base da *tarefa* autobiográfica filosófica intitulada *Ecce homo* partilha em muito desse entendimento. [entendimento possível da citada descrição anterior de Pierre VERNANT sobre a relação do eu nos gregos] Trata-se da construção discursiva da própria identidade pessoal na e pela obra, entendida como ação e discurso.” GIACOIA, 2013, p. 269.

947 GARCIA, 2011, p. 50.

proposta de Pichler⁹⁴⁸. Tendo isso em mente, não observo a questão do mesmo ponto de vista que o autor quando ele salienta que “*esse (público ou privado) contínuo pensar sobre o curso dos seus pensamentos, no caso de Nietzsche, não é meramente autorreflexivo, mas, preponderantemente, autogenealógico*”⁹⁴⁹ ou, pelo menos, eu não reconheça apenas sua terminologia, pois, a meu ver, esse “*pensar sobre o curso dos pensamentos*” é propriamente parte do “regime sofisticado do discurso” mesmo⁹⁵⁰. Por outro lado, num posicionamento semelhante ao de Giacóia, temos também a interpretação de Jorge Luiz Viesenteiner cuja tese gira em torno de “compreender a fórmula” do subtítulo de *Ecce homo* “sob a perspectiva da vida como *pathos*”: “Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é”⁹⁵¹. Ali, através de uma desvinculação “da interpretação autobiográfica”⁹⁵², precisamente alicerçada no “conceito de vivência”⁹⁵³, Viesenteiner concebe *Ecce homo* como “uma autogenealogia”⁹⁵⁴, isto é, como “a última tentativa de Nietzsche de conhecer melhor a si mesmo” na medida em que, tanto “o livro representa as condições de um ‘agradecido’”, quanto “indica uma genealogia de seu pensamento”⁹⁵⁵. Ampliando sua abordagem e não se restringindo apenas a análise do procedimento da “autogenealogia” em *Ecce homo*, Viesenteiner em seu artigo “Autogenealogia e reivindicação de objetividade moral em Nietzsche” compreende o conceito de “autogenealógico”, ou como ele descreve como “argumento autogenealógico”, sob o que denomina “duas direções capitais”: a) configura-se como “um prolongamento e radicalização do projeto genealógico de 1887, por meio de uma estratégia argumentativa estruturada como autoencenação filosófica” e b) “consiste também em enfatizar o estatuto autorreferencial do argumento autogenealógico”⁹⁵⁶. Desse modo, em “a)” teríamos o desdobramento de uma

948 Temporalmente difícil de ter sido pensada como realizável uma vez que a edição da KGW XI-9 com os cadernos contendo a versão da “Ur-*Ecce homo*” só foi publicado recentemente em 2012, isto é, um ano após a defesa da tese de Garcia.

949 GARCIA, 2011, p. 53.

950 Por exemplo na artimanha de Górgias em seu *Tratado*: “a sofística é uma outra espécie de poesia, poesia de gramáticos talvez, que se esforça em desvelar os mecanismos da graça eficaz da linguagem.” CASSIN, 2005, p. 18 e citado no corpo do texto p. 264.

951 Tese defendida em 2009 sob o título de “Experimento e vivência: a dimensão da vida como *pathos*” e publicada posteriormente como livro em: VIESENTEINER, Jorge Luiz. *A vivência de tornar-se o que se é*. Editora Phi, Campinas, SP, 2013. VIESENTEINER, 2013, p. 304.

952 “(...) optei por inter-pretar [sic] a expressão ‘tornar-se o que se é’ em tal dimensão prática, desvinculando-a da interpretação autobiográfica.” VIESENTEINER, 2013, pp. 11-12.

953 “*Erlebnis* é a condição para “tornar-se...”” VIESENTEINER, 2013, p. 13.

954 No debate com a *Pesquisa-Nietzsche*, e de modo especial com a abordagem de Werner Stegmaier sobre “a crítica de Nietzsche da razão da sua vida”: VIESENTEINER, 2013, p. 117.

955 VIESENTEINER, 2013, p. 294.

956 VIESENTEINER, 2016, p. 128-129.

transposição ou *radicalização* da “práxis genealógica” conduzida “especialmente na terceira dissertação” da *Genealogia da Moral*, cujo direcionamento seria as “principais estruturas da cultura: arte, filosofia, ciência, religião e moral”. Aqui, Viesenteiner *aposta* que cada “estrutura da cultura” ali anteriormente indicada sob crítica em *GM* é transposta em procedimento “autogenealógico” em um (ou mais) respectivo escrito posterior: “O caso Wagner (CW)” corresponderia à estrutura “(arte)”, o “Crepúsculo dos ídolos (CI)” às estruturas “(filosofia e ciência)” e “O anticristo (AC)” à estrutura (religião)” restando por fim, apenas “*Ecce homo*” como supostamente correspondendo a “si mesmo” convertido na “figura do pensamento “Nietzsche”” ao “mostrar a si mesmo como filósofo Nietzsche”⁹⁵⁷. Por outro lado e de modo complementar, “b” como “estatuto autoreferencial da autogenealogia” resultaria num espécie de registo metodológico com a qual é permitido a Nietzsche estabelecer alguma “crítica” nesse processo que também o implica (*auto-genealogia*): a auto-diferenciação como crítica, isto é, a autoreferencialidade do processo que faz com que “enxergamos o ‘ponto cego’ da própria perspectiva”⁹⁵⁸, algo de “uma práxis interrogativa fomentadora de um distanciamento metódico” que o autor caracteriza dois anos antes em outro artigo⁹⁵⁹. Entretanto, mais recentemente em um artigo intitulado “Autogenealogia: acerca do “tornar-se o que se é””, Antonio Edmilson Paschoal elabora sua compreensão de “autogenealogia” de *Ecce homo* em direta conexão com a obra *Genealogia da Moral*. Ademais, nesse texto Paschoal permite-se compreender a obra *Ecce homo* como uma “autogenealogia” a partir de dois requisitos: a) se ali ocorre “uma demarcação da emergência de traços decisivos de uma subjetividade capaz de superar a modernidade entendida como *décadence*” e, b) se ali, “a narrativa de si para si,” pode ser vista “como parte integrante do exercício de tornar-se que se é”⁹⁶⁰. No âmbito de pensar a complexidade do tema da *subjetividade* em Nietzsche, Paschoal apresenta a hipótese segundo a qual “a apresentação das condições de emergência de um determinado tipo de homem”, ou seja, o *indicado* ““senhor Nietzsche”” em “*Ecce homo*” corresponderia “à demarcação genealógica de traços decisivos para uma superação da *décadence*” que abriga a “modernidade” em sua *caracterização* de

957 VIESENTEINER, 2016, p. 129.

958 VIESENTEINER, 2016, p. 145.

959 Artigo intitulado “Estrutura formal e semântica do argumento autogenealógico em Nietzsche” de 2014. VIESENTEINER, 2014, p. 106.

960 PASCHOAL, 2015, p. 28.

acordo com “o filósofo”⁹⁶¹. A partir desse ponto de vista, um esboço da conclusão de Paschoal seria o de que “a exposição do *senhor Nietzsche* não é apenas um relato de si, mas, de certo modo, a sua constituição, a qual, num ambiente hostil, corresponde a uma “transvaloração de valores”⁹⁶².

Por fim, vale ressaltar que há ainda um projeto de livro denominado “*Nietzsche’s “Ecce Homo”*” organizado por Duncan Large e Nicholas Martin para a série “*Nietzsche Today*” previsto para publicação no ano de 2027 que reúne uma coleção de ensaios apresentados por diferentes autores na ocasião de um encontro ocorrido em Londres em 2008⁹⁶³. Embora, como salienta Breuer, a pesquisa sobre o tema tenha avançado, existem muitas dificuldades que parecem insolúveis⁹⁶⁴. Isso coloca a obra em termos de abertura interpretativa em um excelente status.

961 PASCHOAL, 2015, p. 27.

962 PASCHOAL, 2015, p. 42.

963 DUNCAN, Large; MARTIN, Nicholas [ed.]. *Nietzsche’s “Ecce Homo”*. De Gruyter, Berlin, Boston. <<https://www.degruyter.com/view/product/119491>>.

964 “Obwohl die Forschung auf diesem Gebiet schon große Fortschritte gemacht hat, wird der Status des Werkes als Autobiographie von manchen aufgrund der vermutlich in nur wenige solcher Definitionen passenden Form und des Inhalts zum Teil noch immer angezweifelt.” BREUER, 2014, p. 02.

5.2. FUNCIONAMENTO DO GESTO SOFISTA NO TEXTO

5.2.1. Gesto doxográfico: *doxografia sofística de si*

O *Nietzsche* é um sofista. Isso não significa que o *Nietzsche* seja um sofista – que ele vá de cidade em cidade professar e fazer-se pagar por seu discurso –, mas que ele realiza a virtualidade sofística da doxografia.

Na epígrafe acima eu *performo* uma mesma “transformação simples” como a realizada anteriormente na seção “4.2. O OBJETO “TEXTO”: O TEXTO DE NIETZSCHE E SUAS POSSIBILIDADES” em que, aqui, apresento a epígrafe como um “hipertexto” do “hipotexto” de Cassin sobre “o Anônimo”: aquilo que na epígrafe é dito referir-se a “*Nietzsche*”, é todavia, o que a autora atribui à situação do Anônimo de *De M.X.G*⁹⁶⁵. O artigo definido é mantido de modo a produzir, em seu estranhamento, o efeito de *obscuridade da identidade* que, a meu ver, permeia a obra e consiste, propriamente, o jogo *doxográfico* performado em *Ecce homo*: o nome “*Nietzsche*” é um tipo de “ficção significante”. É nesse sentido que o funcionamento do gesto sofista como *doxografia sofística de si* pode ser compreendido. Para tanto, três subseqüentes subseções distribuem a tentativa de demonstração desse “gesto”: na primeira subseção “5.2.1.1. Do título à performance dos tipos como “hipotipose” e captura da “*Persönlichkeit*” tal *gesto* é indico na condução de *ir* da compreensão da complexidade da funções dos “tipos”, “figuras” e “máscaras” enquanto *hipotipose sofística* até elementos tipográficos que contribuem para pensar ainda a dimensão da “paródia” ali contida. Na segunda subseção “5.2.1.2. A construção da *monumentalidade* como performance sofística” trata-se de explicitar de que modo tal *monumentalidade* do *gesto* acontece de uma maneira propriamente *doxográfica*, ou seja, a partir da ideia de uma “doxografia sofística de si”. Por fim, no âmbito de ler o *preâmbulo* como uma espécie de *ekhprasis sofística* eu exercito, na última subseção “5.2.1.3. O *preâmbulo* como *ekhprasis* sofística”, uma interpretação pontual quase *epidítica* em sua manifestação da exposição.

965 Lê-se no original: “O Anônimo é um sofista. Isso não significa que o Anônimo seja um sofista – que ele vá de cidade em cidade professar e fazer-se pagar por seu discurso –, mas que ele realiza a virtualidade sofística da doxografia.” CASSIN, 2015a, p. 48.

5.2.1.1. Do título à performance dos *tipos* como “hipotipose” e captura da “*Persönlichkeit*”

“— Se eu sou um filósofo? — mas o que importa isso!..”⁹⁶⁶

Iniciando pelo título e, simultaneamente, estendendo a análise para o corpo dos *segmentos de obra* e os principais títulos das seções, a presente seção localiza a noção de “hipotipose” para a identificação em *Ecce homo* de elementos como a construção de “tipos”, “figuras”, “máscaras” e “paródia” na captura da “*Persönlichkeit*” como efetivamente performance de um *gesto sofista*. Além disso, elementos constitutivos da *materialidade do texto* são delineados tanto no âmbito de uma “arte da tipografia” enquanto ordenação tipográfica do texto impresso, quanto na exploração de aspectos textuais rítmicos como elementos de pontuação que orbitam o tema da “paródia” no interior de uma concepção já referida de “orientação para linguagem falada”, “musicalização ou ritmização” dos escritos de Nietzsche⁹⁶⁷. Nesse sentido, o *gesto sofista* é aqui ilustrado como o quadro temático, fecundado naquilo que denominei de “autossupressão” da filologia, que ampara uma confluência de questões especificamente do âmbito da sofística: mais precisamente, o enredo e as bifurcações temáticas da *segunda sofística*, sua “hipotipose”⁹⁶⁸ segundo a qual não apenas o exemplo de Filóstrato ilustra e que, no caso de Nietzsche articula-se na *necessidade de testar os limites da censura da imprensa alemã do século XIX*⁹⁶⁹ e a “intenção de efeito” de *apresentação* junto à “Transvaloração”⁹⁷⁰, bem como, especificamente, ligado ao anseio de *ubiquidade historiográfica* (a que chamo doxográfica)⁹⁷¹ de determinar narrativamente a autoridade de seus escritos e suas heterodoxias filosóficas a partir de um distanciamento sutil

966 Trecho do final da carta de 10 de abril de 1888 de Nietzsche a Georg Brandes em que o filósofo sumariza sua vida e obra em um “Vita”: “— Ob ich ein Philosoph bin? — Aber was liegt daran!..” <[#eKGWB/BVN-1888.1014](#)>.

967 Cf. seção “4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche”.

968 Como salienta Cassin: “a segunda sofística “faz a hipotipose” CASSIN, 2005, p. 197.

969 Seja tanto expresso de modo implícito e textualmente verificável no primeiro período do *prólogo 1* como um “...parece-me indispensável dizer *quem sou*.”, seja como um “efeito de intenção” do *autor* relatado em diversas cartas, por exemplo, 1137 – 30/10/1888 a Köselitz: <[#eKGWB/BVN-1888.1137](#)>; NIETZSCHE, 2005a, p. 27; <[#eKGWB/EH-Vorwort-1](#)>; KSA 6, 3-6, p. 257.

970 “(...) denn Nietzsche präsentiert ›sich‹ in einer bestimmten Wirkungsabsicht in Sicht auf die beabsichtigte ›Umwertung‹.” LANGER, 2005, p. 101.

971 Isto é, na “onipresença” de narrar as tantas *personalidades* que *se pode ser*: “**ubiquidade** ou **ubiquação**. s.f. Caráter ou estado de ubíquo; onipresença.” e “**ubíquo** adj, (lat. *ubique*, por toda a parte). Que está ao mesmo tempo em toda parte. Onipresente: *ente ubíquo*.” RODRIGUES; NUNO, 2004, p. 767.

tal como, a meu ver, um *doxógrafo tardio*⁹⁷² que, sob o julgo de uma “apoteose do eu”⁹⁷³ se *afigura sob o destino/sorte de apresentar-se sob máscaras*⁹⁷⁴. Se tomarmos a descrita *necessidade de testar os limites da censura alemã* como expressão de “influência política” e a “intenção de efeito” de *apresentação* junto à “Transvaloração” como parte de uma “arte oratória”⁹⁷⁵, então, de início já poderíamos considerar Nietzsche como um daqueles “filósofos” que, dentre outras qualidades⁹⁷⁶, podem ser “inscritos na lista dos sofistas” na medida em que “ao filosofarem”, e especialmente sob essas determinações mencionadas, “fazem coisas sofisticadas”⁹⁷⁷, exatamente nos moldes que se encontram os “índices extremos de sofisticação” que incluem, por exemplo, “arte do tempo, arte da contradição e arte do som”: aspectos, em certa medida, já caracterizados como constitutivos dos escritos de Nietzsche⁹⁷⁸. Desse modo, a partir da ideia de que Nietzsche, enquanto um “sofista”, “só se apoia em sua própria autoridade”⁹⁷⁹ e *performa* “palavras cheias de nobreza e de confiança” quase que de um modo “oracular”⁹⁸⁰ em *Ecce homo*, conforme veremos, é nesse sentido que esse *gesto de destaque à problemática da interpretação do discurso*⁹⁸¹ oscilando textualmente entre o *repetido anseio do divino e a paixão e humilhação humanas*⁹⁸², que a noção de “hipotipose”,

972 Aquilo que, a outros propósitos, Giacóia chama de “tentativa desesperada de ser o autor de sua *própria estória*.” assumindo “ao mesmo tempo, o sobre-humano papel de autor e personagem de si mesmo” GIACOIA, 2013, p. 276.

973 Discutirei isso adiante: “Apotheoses des Ichs” LANGER, 2005, p. 100.

974 Conforme destaca Daniela Langer aparece desde 1885 em cartas e se efetiva na textualidade das “figuras” de outros escritos do último período produtivo de Nietzsche: “(...) Mein werther Freund, Sie wissen nicht, wer ich bin, noch was ich will. (...) Es ist mein Loos, mich nur unter Masken zu zeigen, ich bin sehr ehrlich gegen Sie, Ihnen so viel von mir zu verrathen. — Dies unter uns” <[#eKGWB/BVN-1885.584](#)>; Cf.: LANGER, 2005, p. 100.

975 CASSIN, 2005, p. 192.

976 Na indicação de Cassin à descrição de Filóstrato em atribuição, por exemplo, a *Dion de Prusa* e *Favorino*: “eles estudaram filosofia, são “filósofos”, mas são “inscritos na lista dos sofistas”, são “julgados dignos” de figurar nela, são “recrutados”, “nomeados”, “proclamados” sofistas (*enegrrophe, proserrethe, enomisthe, egrapheto, prosrethenta, apenegken, ekerytten*, 484-489)” CASSIN, 2005, p. 192.

977 “(*sophistika sophistou*, 487; *sophistikotatai*, 488; *sophisten* [...] *sophistei*, 491)” CASSIN, 2005, p. 192.

978 Cf. a seção anterior “4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche”.

979 CASSIN, 2005, p. 194.

980 Ponto característico segundo Filóstrato da “antiga sofística”: “Os filósofos de Filóstrato fazem, de fato, como os egípcios, os caldeus e os indianos, eles “fazem hipóteses a partir das estrelas” (...). Os sofistas, ao contrário, lidam com o sagrada helênico, eles fazem “como a Pítia”: falam de início, dizem palavras cheias de nobreza e de confiança, e são nisso não humanos, mas demiurgos.” CASSIN, 2005, p. 193.

981 No caso do “privilegio do uso” que a característica “oracular” da ressalva de Filóstrato etimologicamente recobre e cuja prática logológica implica um cenário de *entrada* na “era da hermenêutica” CASSIN, 2005, p. 194.

982 Conforme o efetivo “paradoxo cristológico” de Detering que Sommer menciona ao descrever que “Nietzsche aspira repetidamente a divindade em *Ecce homo* mas, ao mesmo tempo, se apresenta em sua paixão humana, sua humilhação, que a fórmula-Pilatus expressa, como se Nietzsche desejasse despir-se de todos seus atributos divinos”: “In EH aspiriert N.[ietzsche] wiederholt auf Göttlichkeit, stellt sich aber zugleich in seiner menschlichen Passion, in seiner Erniedrigung dar, was die Pilatus-Formel zum Ausdruck bringt, als ob N.[ietzsche] – vgl.

especificamente, no âmbito da “segunda sofística” aparece aqui como elemento fundamental. Por meio das afirmações de Filóstrato, considerado o “*nomoteta*” da *segunda sofística*⁹⁸³, Cassin delineia exatamente o quadro sob o qual as “hipotiposes” são características desta última: a partir de uma mudança de direção da “*mimesis*” para uma “*mimesis* sofística”, ou seja, “de imitação da cultura, de imitação de segunda ordem, de tal modo que todo discurso seja um discurso de discurso”⁹⁸⁴, a “hipotipose” aparece como um dos elementos fundamentais do deslocamento temático que a sofística opera em direção a sua constituição como uma “retórica historizante”⁹⁸⁵. Isto significa que, nesse contexto, no contraste com a “tese” dos “filósofos” como “questão indefinida”, a descrição de Filóstrato da “hipótese” enquanto “questão definida”⁹⁸⁶ permite refinar a especificidade etimológica da “hipotipose” como prática sofística, isto é, a “hipotipose” como uma “ὑπετυπώσατο,” designa precisamente “a “impressão” deixada ao bater uma matriz, o “tipo” em todos os sentidos do termo”⁹⁸⁷ cujo “sentido retórico enfatizado por Quintiliano (*Institutio*, IX, 2, 40), é um esboço tão vivo “que acreditamos ver mais do que ouvir”.⁹⁸⁸ É assim que a *segunda sofística* por meio das *hipotiposes* “descreve em linhas gerais caracteres (...) e tira daquilo que a história “traz” (*agei*) e “narra” “os casos que cabem assim sob um nome”⁹⁸⁹ e, sobretudo, o não reconhecimento aqui desta amplitude das “hipotiposes” – e seu especial jogo com o “tipo” na imbricabilidade entre *história* e *ficção* – faz com que, a meu ver, muitos intérpretes de Nietzsche reconheçam termos como “biografia” e “genealogia” à luz dessa “questão universal” que é a “tese” para o “filósofo”⁹⁹⁰: “hipotipose” aqui deve ser compreendida na amplitude de uma “ficção significativa” como aquela descrição caricatural de Diógenes do

die Kenosis, die Selbstentäußerung Christi nach Philipper 2, 7 – sich all seiner göttlichen Attribute entledigen wollte.” SOMMER, 2013, p. 354.

983 “(...) a segunda sofística se “autonomeia” e é Filóstrato o *nomoteta*.” CASSIN, 2005, p. 198.

984 CASSIN, 2005, p. 187.

985 “(...) a segunda é uma *historousa rhetorike*, uma “retórica historizante”. CASSIN, 2005, p. 198.

986 “À diferença da “tese”, que é uma “questão indefinida” (uma “proposição”, diz Cícero, ou uma “questão universal civil”), a “hipótese” é uma “questão definida”, uma causa latina, que “implica fatos, pessoas, tempos etc”; em suma, uma causa com seu *kairos*: um “caso” em toda sua complexidade, especialmente jurídica, qualificado pela consideração dos “estados de causa”. CASSIN, 2005, pp. 196-197.

987 “ὑπετυπώσατο, a partir de τύπτω, “bater”, está ligado a τύπος, a “impressão” deixada ao bater uma matriz, o “tipo” em todos os sentidos do termo.” CASSIN, 2005, nota 66, p. 197.

988 CASSIN, 2005, nota 66, p. 197.

989 CASSIN, 2005, p. 197.

990 Não entro aqui na já mencionada oposição acerca do *estatuto da história em Nietzsche* (e da genealogia) entre Anthony Jensen e James Porter e Christian Benne. O que me interessa é tentar extrair novas perspectivas sobre os *efeitos literários* que Nietzsche produz sob o limite desses “gêneros”.

“nome próprio de “Tales” como “ruga doxográfica na superfície da água””⁹⁹¹. Portanto, é nesse *fazer funcionar* precisamente “a amplitude do termo *história*, história-investigação (nossa ciência histórica) e história-narrativa”⁹⁹² e sua *fricção* no vórtice do gênero da *ficção* que *Ecce homo* parece eclodir como um *gesto sofista*.

Consequentemente, é nesse sentido que a “hipotipose” é aqui orientada sob a característica da *tipificação* como descrito em “4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche” que gira em torno do conceito de “tipo”⁹⁹³ cuja recepção na *Pesquisa-Nietzsche* é bem conhecida⁹⁹⁴. Nesse sentido, a “hipotipose” enquanto uma espécie de “tipo”, fundamentalmente como “crítica ao uso de conceitos abstratos”⁹⁹⁵ e crítica da “subjetividade”⁹⁹⁶ em que “tipo, esquema, ou personalidade”⁹⁹⁷, no limiar “entre o plano individual e o geral”⁹⁹⁸ atuam precisamente junto “a liberdade de [Nietzsche] se concentrar no destacamento de poucas características e exagerar então de modo unilateral”⁹⁹⁹, isto é, trata-se de uma composição “a partir de traços deliberadamente exagerados”¹⁰⁰⁰, na medida em que se *estiliza* “tipos em sentido positivo como exemplo, ou em sentido negativo como contra-modelo”¹⁰⁰¹ cujo “objetivo” seja “a configuração de um tipo ou forma de vida que tenha um alcance exemplar”¹⁰⁰². Um *jogo* com o “tipo” que, somado ao âmbito da “personalização ou

991 Isso implica não temer a possibilidade de compreender que em *Ecce homo* as *narrativas* de Nietzsche possam ser também “narrativas de um sonho” como em Diógenes Laércio: CASSIN, 2015a, p. 126 e seção anterior “4.3. DISCURSIVIDADE, POESEOLOGIA E DOXOGRAFIA”.

992 “Trata-se aí de colocar em funcionamento – e isso remete também à variedade cada vez mais codificada dos exercícios e dos gêneros que provocarão o triunfo do ensino dos sofistas nas escolas do Império – a amplitude do termo *história*, história-investigação (nossa ciência histórica) e história-narrativa, que faz com que se misture aquilo que nós, os modernos, não cessamos de querer manter separado: as ciências humanas e a ficção.” CASSIN, 2005, p. 197

993 HAVEMANN, “*Tipo*” In: NIEMEYER, 2014, p. 540; CHRISTIANS, “*Typus*” In: OTTMANN, 2011, p. 341.

994 “Bei den Personalisierungen und Typisierungen handelt es sich um Charakteristika von Nietzsches Schreibweise, die in unmittelbarer Nähe zu jenen Stilmitteln zu verorten sind, die bereits sehr früh die Aufmerksamkeit der Nietzscheforschung auf sich gezogen haben.” PICHLER, 2014, p. 116; Cf.: HAVEMANN, “*Tipo*” In: NIEMEYER, 2014, p. 540 e CHRISTIANS, “*Typus*” In: OTTMANN, 2011, p. 341.

995 CHRISTIANS, “*Typus*” In: OTTMANN, 2011, p. 341.

996 HÖDL destaca o fato ao comentar um apontamento póstumo de Nietzsche sobre os “tipos” segundo o qual: “Trata-se não de tipos pensados “essencialisticamente”, mas sim complexas exitosas formas de organização e menos complexas” “es geht nicht um „essentiaitisch“ gedachte Typen, sondern um geglückte komplexere und weniger komplexe organisationsformen;” HÖDL, 2009, p. 562.

997 LOPES, 2006, p. 133.

998 CHRISTIANS, “*Typus*” In: OTTMANN, 2011, p. 341.

999 HAVEMANN, “*Tipo*” In: NIEMEYER, 2014, p. 540.

1000 LOPES, 2006, p. 133.

1001 “(…), zu Typen im positiven Sinne als Vorbild oder im negativen Sinne als Gegenbild stilisieren.” CHRISTIANS, “*Typus*” In: OTTMANN, 2011, p. 341.

1002 Na “Seção 2. O valor heurístico do paradigma indiciário e a construção dos tipos” do terceiro capítulo de seu livro “Elementos de retórica em Nietzsche”, Rogério Antonio Lopes mostra como “pelo menos segundo alguns aspectos, a filosofia de Nietzsche pode ser filiada” ao chamado “paradigma indiciário nas ciências

“personificação” apareça como uma “realização performativa de uma supostamente central (hipo)-“tese” nos textos tardios de Nietzsche”¹⁰⁰³ e, na esquiva da vinculação do *perspectivismo com questões epistêmicas*¹⁰⁰⁴, compreender esse processo de *manipulação doxográfica* de “tipos”, “pessoas” e “figuras” como “ficção significante” cuja “letra de uma citação”, por exemplo, ali vinculada “deve (...) ser lida não como um fato mas como um sentido”¹⁰⁰⁵.

Visto por esta ótica, um dos índices de identificação daquilo que aparece como “hipotipose” pode ser indicado pelo sintagma em latim que corresponde *a primeira parte do título* da obra e é uma das mais importantes *hipotiposes* desse escrito: “*Ecce homo*”. Por exemplo, até o ano de 1876, quando aparece um esboço em apontamento póstumo, o uso do termo latino “ecce” por parte de Nietzsche, ocorre apenas em cartas específicas a sua mãe Franziska Nietzsche e diz respeito à cerimônia celebrada aos falecidos de Pforta do qual se entoa o “*ecce quomodo moritur justus*”, isto é, o texto para coral composto por Jacob Handl que tem como fonte Isaías 57,1-2¹⁰⁰⁶. Com exceção de 1882 quando surge a forma completa “*Ecce homo*” como título de um poema d’*A Gaia Ciência*¹⁰⁰⁷, “ecce” ainda aparece em outras menções em póstumos, no entanto, como forma completa do sintagma em referência ao título da obra “*ecce homo*” surge apenas em 1888 e tem todas as suas outras ocorrências em cartas. Há ainda o registro de que o sintagma aparece escrito nas margens dos livros de Ralph Waldo Emerson da biblioteca de Nietzsche¹⁰⁰⁸ e orbita o significado da referência que Nietzsche interpreta, “a seu modo”, *performativamente*¹⁰⁰⁹, a fala de Goethe ao encontrar Napoleão:

humanas do final do século XIX e início do século XX” caracterizado pelo “historiador italiano Carlo Ginzburg”: LOPES, 2006, pp. 133-152.

1003 PICHLER, 2014, p. 112.

1004 Cf. as ressalvas de Pichler sobre a *problemática* da “personalização” vinculada à noção de “perspectivismo” que também é problemática e cuja alternativa consiste no refinamento elaborado por van Tongeren nas discussões sobre a “personificação” (PICHLER, 2014, p. 113) ou na vinculação das *figuras* por Deteering ao âmbito da “narratologia” PICHLER, 2014, nota 290, p. 114.

1005 E ainda “O estudo mais detalhado, (...) dos parentescos de estrutura não deve nos fazer esquecer que, de início [sic] e antes de tudo, a doxografia manipula sentidos e não fatos.” CASSIN, 2015a, p. 127.

1006 Uma busca pelo termo “ecce” pode ser feita no portal *Nietzschesource* para verificação <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>>. Cf. HANDL, 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/OirC7Y>> Acesso agosto de 2018.

1007 De acordo com Benne, o jogo narrativo desse poema está em íntima conexão com o jogo narrativo posterior do prefácio de 1887: BENNE, In: LOSSI; ZITTEL, 2014, p. 46.

1008 “Nietzsche wrote *ecce homo* several times in the margins of books by Ralph Waldo Emerson.” MORE, 2014, p. 40.

1009 Em nota o tradutor Paulo Cesar de Souza destaca o seguinte: “O encontro de Goethe e Napoleão deu-se em 2 de outubro de 1808; foi registrado por Goethe em seu diário (cf. Werke, vol. X, *Autobiographische Schriften* 2, Hamburgo, Christian Wegner, 1959, pp. 544-7). Segundo ele, as primeiras palavras de Napoleão foram: *Vous ét-*

“Voilà, un homme”¹⁰¹⁰. Aqui, o ponto fundamental é o fato do sintagma ocorrer, a meu ver, como uma espécie de “repetição” que torna manifesto o rastro semântico de um dos *textos fundadores*¹⁰¹¹ a que se quer “manipular os sentidos” em sua possível “reificação de um sentido”¹⁰¹², na mesma medida em que aparece como um *gesto de uma triunfante revidação*¹⁰¹³, *uma bofetada sofista*¹⁰¹⁴. Esse aspecto aponta para o fato de que, aos ser apresentado como uma “hipotipose” que se estende posteriormente à *indiferença* da *indeterminação* do pronome “man”¹⁰¹⁵, em complementariedade ao julgo do espelhamento da *conjunção* “ou” no subtítulo¹⁰¹⁶ então reduzido ao abismo de um “ponto”¹⁰¹⁷, a repetição do sintagma mostra como *Ecce homo*, enquanto *gesto sofista*, “não tem nada a dizer, ele diz”¹⁰¹⁸, ou seja, demarca sua própria constituição como *discurso segundo ou crítico*¹⁰¹⁹. Por outro lado, até mesmo Peter Sloterdijk, um dos críticos contemporâneos do filósofo alemão, chega a reconhecer o uso feito por Nietzsche dos textos sagrados como um *contra-modelo* cujo

es un hombre! [O senhor é um homem!] - como que surpreso de que ele realmente existisse, entendemos nós. Mas Nietzsche recorda e interpreta esse diálogo ao seu modo...” NIETZSCHE, 2005, nota 117, pp. 217-218.

1010 Martinez ainda destaca que uma “segunda possibilidade de tradução” do sintagma latino poderia ser algo como “»Da ist ja ein Mensch«” (<[#eKGWB/JGB-209](#)>) que conectaria exatamente a essa passagem relacionada a Goethe: “Ebenso kann man *Ecce homo* mit: »Da ist ja ein Mensch« übersetzen. Diese zweite Übersetzungsmöglichkeit ist insofern bedeutsam, da sie damit auch als Anspielung auf Napoleons berühmte Anrede Goethes bei der Erfurter Begegnung 1808 lesbar wird: ›Voilà, un homme!‹” MARTINEZ, 2013, p. 266; bem como “Napoleon uttered the French equivalent, it is said, after meeting Goethe, to convey his admiration: “Voilà un homme!” MORE, 2014, p. 40.

1011 “A doxografia, tal como ela se apresenta, e tal como a utilizamos habitualmente, é, com efeito, ela também, essencialmente repetitiva.” CASSIN, 2015a, p. 113.

1012 Sobre os elementos compreendidos como “fatos” na “doxografia” (que discutiremos adiante) Cassin ressalta: “Também o fato, data de nascimento, não é um fato, mas o resto de uma operação complexa: reificação de um sentido. Não se deve tratá-lo cronologicamente, historicamente, positivamente, mas entendê-lo como uma ficção, uma interpretação, e até mesmo uma interpretação de interpretação, e interpretá-lo.” CASSIN, 2015a, p. 126. “Texto fundador” CASSIN, 2005, p. 22.

1013 “Der Titel *Ecce homo* lässt sich – auch im Seitenblick auf die wahrscheinliche Napoleon-Goethe-Anspielung – durchaus als triumphatorische Überbietungsgeste lesen” SOMMER, 2013, p. 354.

1014 “(...) bofetada crítica de Górgias” CASSIN, 2005, p. 46.

1015 “Pois o “algo” que o discurso sofisticado diz é muito precisamente “não importa o quê”. O que ele diz é indiferentemente isso ou aquilo.” CASSIN, 2015a, p. 100; Ao ser atribuído como “pronome indefinido em muitas gramáticas” e apresentar especificidades em seu funcionamento (EINSENBERG, 2013, pp. 171-172), o pronome “man” pode ser, em linhas gerais, entendido como o que “serve para generalizar um sujeito pessoal” “dient der Verallgemeinerung eines persönlichen Subjekts” <<https://www.dwds.de/wb/man>>.

1016 Aquilo que Cassin chama de “princípio da indiferença” aqui é relacionado no âmbito do *excesso de identidade* da voz narrativa: “A partícula ‘man’ da fórmula nietzscheana indica a escrita em 3ª pessoa do singular e, nesse caso, uma escrita impessoal.” VIESENTEINER, 2013, p. 293-294.

1017 Refiro-me as transformações nos esboços dos títulos que, nessa forma já acabada de “*Ecce homo*” somado a “*Wie man wird, was man ist*” recebe primeiramente o “ponto” junto a complementariedade da *conjunção* “ou” (“*Ecce homo./ oder / wie man wird, was man ist*”) e tem seu acabamento na versão reconstruída impressa da KSA apenas o “ponto” (com a retirada da conjunção) que separa “*Ecce homo*” da *emendatio* de Píndaro “*Wie man wird, was man ist*” KSA 6, p. 255; <[#eKGWB/EH](#)>.

1018 CASSIN, 2015a, p. 100.

1019 “(...) o discurso do sofista não é jamais primeiro” CASSIN, 2015a, p. 101;

“sentido” dos textos é *parodicamente* “invertido”¹⁰²⁰. Especialmente no título, o sintagma parece confirmar inclusive a possibilidade de compreensão de uma “primeira leitura” que vê a obra “como um tipo de *“autohagiografia”*”, isto é, *uma autobiografia de santo* que “coloca o Anticristo na perspectiva” que “nega toda construção histórica da salvação do cristianismo” na mesma medida em que “faz uso da história da salvação na perspectiva do Anticristo mesmo”¹⁰²¹ cuja coerência complementar poderia ser ilustrada, *a meu ver*, pela presença da oposição final do *segmento de obra* nas figuras de “Dionísio contra o Crucificado...”¹⁰²². Vale ainda lembrar que o sintagma, na *topografia da autoreflexividade* que se observa nos esboços dos títulos até o *manuscrito impresso*¹⁰²³, é fixado no interior de um complexo de *autoreflexões* em que um “múltiplo”¹⁰²⁴ deve ser *crystalizado*¹⁰²⁵ na específica representação de “hipotipose” que encerra um dos precisos *contra-modelos*: *a figura histórica de Jesus performada pelas palavras de Pilatos*. Em conformidade com isso, temos ainda o fato de que, o sintagma usado por Nietzsche faz parte da “versão” da “Vulgata” em latim e, especificamente essa forma, diferente da versão por exemplo de Lutero no alemão¹⁰²⁶, “não é

1020 “Nietzsche’s most important effect likely emanates from his talent of imbuing sacred texts, in serious parodies, with unexpectedly contrary meanings.” SLOTERDIJK, 2013b, p. 81.

1021 “Bei einer ersten Lektüre erscheint *Ecce homo* als eine Art „*Autohagiographie*, [...] die den *Antichrist* in Au-ssicht stellt, das heißt, den Umsturz alles bislang Gültigen“, und damit verhindert, dass ein Paulus oder ein Pla-ton sich des Verkündigungsgeschäftes annimmt, wie sie sich Jesu oder Sokrates' angenommen haben. Die Auto-hagiographie *Ecce homo* „negiert alle heilsgeschichtlichen Konstruktionen des Christentums, bedient sich aber im Ausblick auf den *Antichrist* selber heilsgeschichtlicher Topik.” MÜLLER,SOMMER, 2005, p. 128.

1022 NIETZSCHE, *Por que sou um destino* 9, p. 117; KSA 6, p. 373; <[#eKGWB/EH-Schicksal-9](#)>.

1023 Cf. Especialmente, HÖDL, 2009, pp. 508-519.

1024 Trata-se da mencionada *direção de multiplicidade* que os esboços de título conduzem, por exemplo “Fredericus” (KSA 13, 24[4], p. 633 <[#eKGWB/NF-1888,24\[4\]](#)>); “Espelho-motiv” (KSA 13, 24[5] p. 633 <[#eKGWB/NF-1888,24\[5\]](#)>); “Vademecum...” (KSA 13, 24[8], p. 634 <[#eKGWB/NF-1888,24\[8\]](#)>) e; “Anotações de um múltiplo” (KSA 13, 24[3], p. 632 <[#eKGWB/NF-1888,24\[3\]](#)>). Cf.: SOMMER, 2013, p. 328 e HÖDL, 2009, pp. 508-519.

1025 Ao mencionar as “500.000 opiniões” que Nietzsche utiliza entre aspas num apontamento póstumo, (e que a princípio lembra os inúmeros esboços de título feitos pelo filósofo: KSA 11, 34[1] <[#eKGWB/NF-1885,34\[1\]](#)>. Viesenteiner utiliza a expressão no intuito de enfatizar a relação entre “vivência” e *narrativa* no âmbito de destacar como se trata de “construir as mais variadas perspectivas sobre si mesmo através de “500.000 opiniões”. No entanto, (uma vez que prioriza o enfoque da “vivência” como crítica da “razão da vida”) o intérprete não salienta dois aspectos que me parecem interessantes serem destacados que podem resultar da análise do restante do apontamento: 1) *a necessidade que aparece de cristalização de uma multiplicidade* e 2) *o fato que se trata efetivamente de “opiniões”*; verto aqui o trecho: “Basicamente, a palavra é para mim festiva: eu gostaria de chamar o livro, como melhor me agradasse, “500.000 de opiniões”, mas, deste modo, soaria farsesco aos meus leitores. Em consideração assim a meus leitores — — —”: “Im Grunde ist das Wort mir zu feierlich: wollte ich das Buch aber so nennen, wie es mir besser gefiele, „500 000 Meinungen“, so würde es meinen Lesern zu pos-senhaft klingen. In Rücksicht also auf meine Leser — — —”.

1026 Como indica Martinez, Lutero traduz por “um homem”: Das *Ecce homo* geht auf die Vulgata-Version des he-iligen Hieronymos und die heute geläufige Übersetzung der Formel mit »Seht: ein Mensch« auf Luther zuruck.” MARTINEZ, 2013, p. 266.

possível distinguir se o homem expresso é acompanhado do artigo determinado ou indeterminado”, ou seja, não se pode saber se trata de “*uma* ou *a* pessoa”¹⁰²⁷.

Assim, como já mencionado, no transcurso das elaborações de Nietzsche, por exemplo, no núcleo central que constitui originalmente a versão “*Ecce-homo-original*” surge uma série de outros *esboços de títulos* que tornam “clara a orientação temática de pontos resultantes dos textos em diferentes direções”¹⁰²⁸ e que, supostamente, vão da *aparente ênfase* de uma “autobiografia convencional” na “ambição muito séria de estilo *romano*” às “anotações de um múltiplo”¹⁰²⁹ que, segundo Sommer, “apenas condicionalmente obedece uma intenção de efeito linear”¹⁰³⁰. Conforme já indicado, para além do material textual dos esboços de Nietzsche, o título na formulação que se tornou definitiva aparece, primeiramente, em carta ao amigo Köselitz na *ambiguidade* referenciada do “ou”¹⁰³¹. Na sequência, em carta de 06 de novembro ao editor Naumann, Nietzsche apresenta o título da obra já na versão definitiva que conhecemos¹⁰³². Àquelas “diferentes direções” a que Sommer se refere sobre a “orientação temática” dos títulos aparecem na forma de três elaborações de título realizadas por Nietzsche que Hödl desenvolve em sua tese¹⁰³³: a) “O espelho” que corresponde ao esboço “O espelho / Tentativa / de uma autoapreciação” referenciado na KSA nos apontamentos de 1888 em “24[5]”¹⁰³⁴, b) “Vademecum” corresponde ao esboço “Vademecum. / Da razão da minha vida” e é referenciado na KSA nos apontamentos de 1888 em “24[8]”¹⁰³⁵ e, c) “Anotações de um múltiplo” corresponde ao esboço “Ecce homo / Anotações / de um Múltiplo” e é referenciado na KSA nos apontamentos de 1888 em “24[3]”¹⁰³⁶. Essas elaborações são sintetizadas por Sommer da seguinte maneira: Com “o Motiv-espelho já nas autobiografias de Nietzsche de 1858” o esboço “a)” teria como objetivo uma “crítica

1027 “Wichtig ist aber, daß es der lateinischen Formel nach nicht zu entscheiden ist, ob der Ausdruck Mensch mit bestimmten oder unbestimmten Artikel begleitet wird, also ob es sich um *den* oder um *einen* Menschen handelt.” MARTINEZ, 2013, p. 266.

1028 SOMMER, 2013, p. 328.

1029 Discutirei esses esboços adiante. Veja-se de modo especialmente HÖDL, 2009, p. 508-524.

1030 “Jedoch gibt der EH-Text letzter Hand durchaus noch das Bild eines Vielfachen und gehorcht einer linearen Wirkungsabsicht damit nur bedingt.” SOMMER, 2013, p. 328.

1031 Cf. nota anterior 911: “Es heißt **Ecce homo**. Oder **Wie man wird, was man ist**.” <[#eKGWB/BVN-1888,1137](#)>.

1032 “Die neue Schrift heißt: /E c c e h o m o /Wie man wird, was man ist.” 1137. 30 de out. a Köselitz <[#eKGWB/BVN-1888,1139](#)> (Aqui o signo “/” indica parágrafo como em citações de poesia).

1033 Cf. capítulos “5.2.1. „Der Spiegel“ und „Vademecum“” e “5.2.2. Aufzeichnungen eines Vielfachen” respectivamente, HÖDL, 2009, pp. 508-515 e pp. 516-518.

1034 “Der Spiegel / Versuch / einer Selbstabschätzung” KSA 24[5], p. 633 <[#eKGWB/NF-1888,24\[3\]](#)>.

1035 “V a d e m e c u m. / Von der Vernunft meines Lebens” KSA 13, 24[8], p. 634 <[#eKGWB/NF-1888,24\[8\]](#)>

1036 “Ecce homo / Aufzeichnungen / eines Vielfachen” KSA 13, 24[3], p. 632 <[#eKGWB/NF-1888,24\[3\]](#)>.

autoavaliação”. Em contraste, no esboço “b” “espera-se um manual de autoinspiração”¹⁰³⁷. Por fim, no esboço “c” semelhante a interpretação de Martinez cujo livro leva o título do esboço¹⁰³⁸, se “abre o horizonte para a variedade de possibilidades de auto-interpretação que pode corresponder à diversidade das obras e da personalidade de Nietzsche”¹⁰³⁹. Em termos de pensar alguma possível *alteração autoreflexiva* feita por Nietzsche contida nesses esboços que as *anotações diferenciadas* nos cadernos revelam e dos quais constitui um dos processos da *autoreflexão* de Nietzsche de que Pichler muito salienta, há, primeiramente, um aspecto importante em “a” que deve ser salientado. Na edição *diferenciada* da KGW IX “a)” encontra-se em *tinta preta* quase na parte centro-esquerda da página. A seu lado esquerdo estão riscado três retas (formando metade de um quadrado) que envolvem metade do esboço do título como se fosse para cobri-lo com o tradicional quadrado riscado que Nietzsche utiliza nos esboços de seus títulos. Ao lado direito do esboço encontra-se uma série de anotações sobre “décadence da cultura”, “tipos” etc. O problema que parece central nessa versão do esboço é o fato que há uma diferença de palavras entre a versão da KSA – comentadas e interpretadas por Sommer e Hödl –, e a versão da KGW IX-9: enquanto na versão da KSA temos o termo “Selbstabschätzung” que significa algo como “autoapreciação”, na versão *diferenciada* mais recente, encontramos o termo “~~Selbstschilderung~~” e “Selbstabschilderung” que significa, de modo diferentemente nuançado, algo como “autodescrição”¹⁰⁴⁰. Pode ser que precisamente na edição recente da *versão diferenciada* dos cadernos o termo tenha sido *corrigido*, pois, na página há a referência precisa à numeração como ela é encontrada na KSA enquanto “24[5]”. Além disso, especificamente esse termo sofre ainda uma *alteração* de Nietzsche: a forma

1037 “Auf kritische Selbstbewertung zielt „Der Spiegel / Versuch / einer Selbstabschätzung“ (NL 1888, KSA 13, 24[5], 633; das Spiegelmotiv wird schon in N.[ietzsche]s Autobiographie von 1858 benutzt, vgl. Hödl 2009, 166)” SOMMER, 2013, p. 328.

1038 Em termos de pensar a partir do esboço e as anotações de Nietzsche a abertura de possibilidades do sujeito. Assim, a complexa discussão de Martinez poderia ser sintetizada da seguinte forma: Há uma espécie de “poetologia de si” na obra de Nietzsche “que se relaciona no processo de auto modelagem” a partir de um duplo aspecto: primeiro por uma “concepção de sujeito plural e individualística” e, segundo, por meio de “sua identificada autoreferencialidade no plano da autoria e modo de escrita do filosófico-literário egocentrismo”: “In der vorliegenden Studie ist der Versuch unternommen worden, zwei Aspekte des Werkes von Friedrich Nietzsche in Beziehung zu einander zu setzen: seine plurale und individualistische Subjekt-Konzeption, in der das Subjekt als ›Vielfheit‹ und ›dividuum‹ gedacht wird, und seine auf der Ebene von Autorschaft und Schreibweise zu identifizierende selbstreferentielle, literarisch-philosophische Ich-Bezogenheit. (...) Beide Aspekte wurden auf Nietzsches Poetologie des Selbst, das heisst auf Prozesse der Selbstmodellierung bezogen.” MARTINEZ, 2013, p. 343.

1039 “„Ecce homo / Aufzeichnungen / eines Vielfachen“ (NL 1888, KSA 13, 24[3], 632) eröffnet schließlich den Horizont auf eine Vielfalt von Selbstdeutungsmöglichkeiten, die der Vielfalt des Werkes und der Persönlichkeit N.[ietzsche]s entsprechen dürfte.” SOMMER, 2013, p. 328.

1040 KGW IX, W II 9, p. 97.

composta de “~~Selbstschilderung~~” é riscada e em acréscimo, abaixo dela, Nietzsche acrescenta a mesma formação da palavra com a adição da partícula “ab” que, nesse caso, parece dar um sentido de um “até o fim” (“Selbstabschilderung”) na medida em que se trata, nesse *Espelho-Motiv*, de apresentar “O espelho./// Tentativa/ de uma autodescrição./ De// Friedrich Nietzsche”. Por outro lado, o esboço “b” apresenta apenas uma alteração de menor relevância: Distribuído no meio-inferior da página o esboço em *tinta preta* parece inserido no meio de um *segmento de texto* e, talvez por isso, os editores da KSA separaram texto e esboço de título em duas numerações de referências distintas, “24[7]” e “24[8]”. A alteração existente no esboço é referente à preposição inicial ao que se segue após o espaço de parágrafo do termo em latim “Vademecum.”: Nietzsche risca “Aus” e acrescenta logo acima “Von”, o que não muda substancialmente o sentido da frase em questão. Esse esboço é importante pois parece fornecer a Stegmaier o mote daquilo que chama de “crítica da razão da sua vida” em *Ecce homo* e *O Anticristo*¹⁰⁴¹. Além disso, no esboço “c” encontramos uma outra sutil alteração na versão da edição *diferenciada* que oferece precisamente a dimensão salientada por Sommer das “diferentes direções” que a determinação da fixação de um título se orientava: escrito a lápis na parte superior da folha após o sintagma em latim “Ecce homo.” sublinhado e com ponto, mais dois espaços de parágrafos, a palavra “~~Erste~~” aparece riscada na sentença completa de “~~Erste~~ Aufzeichnungen / eines Vielfachen.” do que seria o título¹⁰⁴². Segue-se, após quatro espaços de parágrafos, uma enumeração possivelmente dessa multiplicidade de vozes que devem, talvez, ser unificadas pela ideia de “um”. Aqui, é interessante o fato de “~~Erste~~” aparecer riscado pois indica uma mudança sutil em atualizar o aspecto de que talvez, de fato, não seja importante que se indique que essas “anotações de um Múltiplo” sejam “primeiras”, “iniciais” anotações. Conforme já mencionado, esse esboço é utilizado por Martinez, inclusive, como parte do título de seu livro em que busca explicitar de que maneira “através da egocentrada autoreferência que se realiza no ato das anotações surge em Nietzsche, no curso da suas obras, uma unidade estrutural e autoreferenciada, que não abole as multiplicidades mas sim, ao contrário, apenas [as torna] possível e preserva”¹⁰⁴³. Em

1041 Cf. Capítulo 2 “A crítica da razão da sua vida. Para uma interpretação de *O Anticristo* e *Ecce homo*” STEGMAIER, 2013, pp. 44-61.

1042 “Ecce homo./// ~~Erste~~-Aufzeichnungen / eines Vielfachen.” KGW IX, W II 9, p. 104; KSA 13, 24[3], p. 632 <#eKGWB/NF-1888,24[3]>.

1043 “Durch den egozentrierten Selbstbezug, der sich im Akt des Aufzeichnens vollzieht, entsteht bei Nietzsche im Laufe seines Werkes eine strukturelle Einheitlichkeit und Selbstbezogenheit, welche die Vielheit nicht aufhebt, im Gegenteil, sondern erst ermöglicht und bewahrt.” MARTINEZ, 2013, p. 343.

complementariedade a esse, há ainda um esboço semelhante mas com uma ligeira variação do sintagma em latim que é referido na KSA como “24[2]”¹⁰⁴⁴: escrito a lápis na parte inferior da página, do qual se observam vários *tópicos* e uma sentença acima do esboço que diz “os livros caracterizados”, o esboço do título é constituído por “In media vita./// Anotações de um / Concebível. / Von / F. N.”¹⁰⁴⁵. Para além da descrição destes esboços indicados pelos intérpretes, existem ainda alguns outros situados no mesmo contexto da “*Ecce-homo-Original*” que reiteram a ideia dessa “orientação temática” em “diferentes direções” que é posteriormente fixada no título do manuscrito final impresso. Surge, por exemplo, o esboço na forma do sintagma em latim (que parece não existir correspondente na KSA) no topo de uma página, *sublinhado* e em *tinta marrom*: “Ecce homo.”¹⁰⁴⁶. O título parece indicar ali, como num quadro de contínuas anotações sobre um tema num caderno, a referencia àquilo que as anotações ali contidas se destinam. Nessa mesma página, por exemplo, vemos o processo de reflexão de Nietzsche por meio de palavras riscadas e sublimadas ao serem substituídas: a linha que se seque após um espaço de parágrafo trata-se da passagem do *prólogo 2* em que Nietzsche risca o verbo “~~observar~~” e sobrepõe acima o verbo “aprender” *sublinhado* que permanece na versão final, isto é, inicialmente, teríamos “os velhos [ídolos] que observem o que significa ter pés de barro”¹⁰⁴⁷ que a *alteração textual* transforma em “os velhos [ídolos] que aprendam o que significa ter pés de barro”¹⁰⁴⁸. Como é possível notar, a simples mudança (auto)reflexiva do verbo radicaliza a extensão da crítica no sentido em que não basta os ídolos *observarem*, eles devem *aprender* essa difícil constatação do que é “ter pés de barro”. Ainda nesse contexto, há um esboço com o sintagma em latim “Ecce homo.” junto a um esboço de título que se torna título do capítulo de *CI* “*O que devo aos antigos*”: nesse esboço, escrito a lápis de cor marrom, que se encontra em meio a anotações da seção 1 de “*CI-Antigos*” e outras variações do título daquele capítulo¹⁰⁴⁹, o sintagma aparece sem muitos problemas ou alterações¹⁰⁵⁰ e, devido a essa disposição junto a *segmentos e texto* os

1044 KSA 13, 24[3], p. 632; <#eKGWB/NF-1888,24[2]>.

1045 “In media vita./// Aufzeichnungen eines / Dankbaren. / Von / F. N.” KGW IX, W II 9, p. 105.

1046 KGW IX, W II 9, p. 47.

1047 NIETZSCHE, 2005a, p. 18; “die alten mögen lernen, was es mit thönernen Beinen auf sich hat.” KSA 6, 9-10, p. 258 <#eKGWB/EH-Vorwort-2>.

1048 Sugestão de tradução para “die alten mögen zusehen, was es mit thönernen Beinen auf sich hat.” KGW IX, W II 9, p. 47.

1049 Na parte superior da página “Im Verkehr mit den Alten”. Após um parágrafo de segmento de texto quase no centro da página: “Was ich von den Alten verstand. /// Im Verkehr mit / den Alten.” KGW IX, W II 9, p. 85.

1050 KGW IX, W II 9, p. 85.

editores da KSA separam esboços de título de *segmentos de texto*¹⁰⁵¹. No mesmo sentido ainda encontramos dois outros esboços ainda com o sintagma em latim adicionado a alguma outra coisa. No primeiro esboço temos o exemplo mencionado acima de um quadrado riscado sobre as margens da folha que, inclusive Nietzsche utilizará como padrão tipográfico para as obras como já mencionei. Nesse esboço, cuja KSA referencia junto a um corpo de texto de *EH* como “24[1]”, a formatação da página como um todo é desenhado nos moldes de uma capa. Escrito em tinta preta e centralizado, o título possui uma diferenciação no *duplo sublinhado* do sintagma em latim “Ecce homo” e uma sentença inteira riscada “~~Ein Psychologen=Problem.~~” na continuidade de um título completo que seria: “Ecce homo./ Ou: /// ~~Um Psicólogo=Problema.~~ / porque sei algo a mais.///Von /// Friedrich Nietzsche.”¹⁰⁵². O que é interessante aqui e que remete ainda ao outro esboço com o sintagma em latim é o uso da disjunção “ou” aqui, precisamente, no sentido que aparece no esboço posterior como “Ecce homo./ Oder: / wie man wird, was man ist.”¹⁰⁵³ e, como mencionei anteriormente, surge em carta de Nietzsche a Köselitz apresentando o escrito¹⁰⁵⁴. Por fim, existe ainda outro esboço de título desse mesmo contexto que, no entanto, não utiliza o sintagma em latim “Ecce homo” mas apresenta aquilo que Sommer caracteriza como “soando de modo semelhante à autobiografia convencional no âmbito do “estilo romano”: sem correções o esboço de título é escrito em tinta marrom e possui o mesmo quadrado riscado de determinação das margens já mencionado e aparece sob a forma de “Multum in parvo. /// Minha filosofia / no excerto /// Von / Friederich Nietzsche”¹⁰⁵⁵.

Como é possível notar, as anotações apontam para o fato de que “Nietzsche buscou um alusivo e enigmatizado título” em seu escrito para “produzir uma certa tensão no público ou no leitor”¹⁰⁵⁶ e, de acordo com Martinez, a escolha final por “*Ecce homo. Wie man wird, was*

1051 “Im Verkehr mit den Alten./ Anhang / Ecce homo.” KSA 13, 24[3], p. 234; <#eKGWB/NF-1888,24[9]>.

1052 “Ecce homo./ Oder: /// ~~Ein Psychologen=Problem.~~ / warum ich Einiges mehr weiss.///Von /// Friedrich Nietzsche.” KGW IX, W II 9, p. 131.

1053 Escrito a lápis de cor marrom com duplo sublinhado no sintagma em latim e disposto no meio a *segmentos de texto* na arte superior da página: “Ecce homo./ Oder: / wie man wird, was man ist.” KGW IX, W II 9, p. 49. (não encontrei a referência correspondente na KSA).

1054 Cf. nota anterior 911: “Es heißt **Ecce homo.** Oder **Wie man wird, was man ist.**” <#eKGWB/BVN-1888,1137>.

1055 “Multum in parvo. /// Meine Philosophie / im Auszug /// Von / Friederich Nietzsche” KGW IX, W II 9, p. 07.

1056 “Aus den Aufzeichnungen aus dem Nachlaß wird deutlich, daß Nietzsche einen anspielungsreichen und ängstigmatisierenden Titel für seine autobiographische Schrift suchte, um so eine gewisse Spannung beim Publikum beziehungsweise bei der Leserschaft zu erzeugen.” MARTINEZ, 2013, p. 343.

man ist” ainda “parece indicar uma reflexividade” que seria *apropriada* a “sua poetologia do eu” bem como “em vista da Transvaloração”¹⁰⁵⁷. Consequentemente, “a escolha do título” na forma do sintagma ainda revela a evidente “conexão” que Nietzsche “estabelece com a condição cristã do homem” ligada efetivamente ao “contexto” da “questão do sofrimento”, *seus* “representantes e a salvação”¹⁰⁵⁸. Ademais, nesse tipo de “referência blasfema sério-comicamente às palavras de Pilatos” Nietzsche, já no título, parece *performar* ativamente a dimensão da “ironia” em sua complexa *reificação de sentido* para o *jogo* com as *identidades* e *vozes*¹⁰⁵⁹. No mesmo sentido, Benne salienta que “Pôncio Pilatos (...) serve a Nietzsche como contraparte cético-retórica”¹⁰⁶⁰ e, especificamente, a referência “*Ecce homo*” é, de acordo com Martinez, para “ser lido como uma cena de instrução no drama” que “indica que as mudanças na constelação comunicativa que atuarão na sequência [estão] extremamente condensadas nas plurais funções-do-narrador”¹⁰⁶¹. É nesse âmbito que tal “hipotipose” ocorre, a meu ver, em Nietzsche: na medida em que “o autor implícito se engaja pessoalmente ou identifica-se com caracteres históricos ou ficcionais da Antiguidade ao seu tempo”¹⁰⁶² e, é precisamente por isso que, a meu ver, o sintagma do título “*Ecce homo*” já, como uma inicial *hipotipose* nos moldes da *segunda sofística*, permite “colocar em funcionamento”¹⁰⁶³ um “efeito sofístico” de *descompartimentação dos gêneros literários* que, acima de tudo, “provoca arrepios” na

1057 “Schließlich entschied er sich für *Ecce homo*. *Wie man wird, was man ist*, da ihm dieser Titel eine gewisse Reflexivität anzudeuten schien, die sowohl seiner Poetologie des Selbst als auch seiner anvisierten *Umwertung aller Werte* angemessen schien.” MARTINEZ, 2013, p. 259.

1058 “Somit stellt Nietzsche mit seiner Titel wahl offensichtlich einen Bezug zur christlichen Bestimmung des Menschen her, im direkten Kontext mit der Frage des Leidens, des stellvertretenden Leidens und der Erlösung.” HÖDL, 2009, p. 525.

1059 “We see this [que “Irony depends on a surface meaning and (at least) a second, often opposed meaning”] in *Ecce Homo*’s nuanced title, by which Nietzsche configures himself with a serio-comically blasphemous reference to Pilate’s words that introduced Jesus prior to the Nazarene’s crucifixion, thus marking Nietzsche himself as sufferer *and* mocker, the presented and the presenter.” MORE, 2014, p. 49.

1060 Na mesma medida em que o prefácio de 1887 d’*A Gaia Ciência* “confirma (...) o filosofar como ficção e assumindo diversas perspectivas” como no “momento de irritação” em que um “nós” aparece conectado ao mesmo “eu” do poema “*Ecce homo*” em que a “fogo” tudo consome: “Ponzio Pilato invece serve a Nietzsche come controparte scettico-retorica.” BENNE, In: LOSSI; ZITTEL, 2014, p. 46.

1061 “Der Titel ist wie eine Szenenanweisung in einem Drama zu lesen und deutet äußerst verdichtet die wechselnden Kommunikationskontellationen und die pluralen Sprecher-Rollen an, die im Folgenden agieren werden.” MARTINEZ, 2013, p. 260.

1062 “Nietzsche personifies and converses with the Wanderer as well as the Skeptic, the Artist as well as the Scholar, with the Soldier, the Prophet, the Scientist, the Historian, and so on. Almost every aphorism puts one of these figures in the spotlight. Nietzsche, as the implicit author, personally engages or identifies with numerous historical or fictional characters from antiquity to his own day.” BENNE, 2016, p. 276.

1063 CASSIN, 2005, p. 197

filosofia e na *história*¹⁰⁶⁴ uma vez que seus pontos de estabilização enquanto *gêneros* “platônico-aristotélicos” são complexificados e insistentemente misturados em “ciências humanas e ficção”, algo que, como salienta Cassin, “nós, os modernos, não cessamos de querer manter separados”¹⁰⁶⁵. Para além da “hipotipose” que conjuga uma explícita “tipificação”, “personificação” no uso de “máscaras”, “figuras” e da “paródia”, o outro conjunto de sintagmas que forma a sentença daquilo que eu chamo de *segunda parte do título*¹⁰⁶⁶ “*Wie man wird, was man ist*”, também considerado como “subtítulo”¹⁰⁶⁷ e vindo a tona apenas “postumamente em 1908”¹⁰⁶⁸, embora seja considerado um “erro de tradução”¹⁰⁶⁹, pode ser interpretado como uma espécie de “*emendatio*” *doxográfica* na medida em que, como instrumentalização textual de *transformação* da sentença de Píndaro¹⁰⁷⁰, é instaurada: um de seus elementos importantes da frase original é retirado na possibilidade de subversão de sentido e modificação da afirmação em grego do qual, conforme salienta Viesenteiner, “Nietzsche marca um distanciamento em relação à tradição metafísica” na interpretação da *indeterminabilidade conceitual* acerca daquilo que se é¹⁰⁷¹. Isto é realizado nessa espécie de *emendatio doxográfica* que consiste na supressão do particípio passado grego “μαθών” que significa “aprender” e cuja omissão *emendada* por Nietzsche modifica por completo o sentido da sentença original justamente porque retira qualquer “intencionalidade” do processo de

1064 Extendendo aqui, o possível *escândalo* desse efeito: “Por “efeito sofisticado” pretendo designar o modo pelo qual uma história sofisticada da filosofia provoca arrepios na história da filosofia” CASSIN, 1999, p. 13.

1065 O trecho seguinte de Cassin parece-me bem elucidativo nesse ponto: “Trata-se aí de colocar em funcionamento – e isso remete também à variedade cada vez mais codificada dos exercícios e dos gêneros que provocam o triunfo do ensino dos sofistas nas escolas do Império – a amplitude do termo *história*, história-investigação (nossa ciência histórica) e história-narrativa, que faz com que se misture aquilo que nós, os modernos, não cessamos de querer manter separado: as ciências humanas e a ficção.” CASSIN, 2005, p. 197.

1066 Retomo esse argumento adiante.

1067 “O subtítulo de *Ecce homo* é emprestado por Nietzsche das Odes Píticas de Píndaro” VIESENTEINER, 2013, p. 288; “subtítulo” RIES, “*EH: Ecce homo*”, In: NIEMEYER, 2014, p. 169; “(...) der aus Pindar entlehnte Untertitel (...)” BRUSOTTI, “*Ecce homo. Wie man wird, was man ist (1888/89)*” In: OTTMANN, 2011, p. 135; Vale destacar, conforme salientei, as modificações nos esboços dos títulos e versões cujo elemento gráfico que separava o sintagma latino dos outros era o “dois pontos”.

1068 RIES, “*EH: Ecce homo*”, In: NIEMEYER, 2014, p. 169.

1069 “Es handelt sich eigentlich um eine Fehlübersetzung.” HÖDL, 2009, p. 525.

1070 “γένοι’ οἷος ἐσσι μαθών” PERSEUS, Pind. P. 2, 72 <<https://goo.gl/Zg1NBy>>.

1071 VIESENTEINER, “III. O “destino” de “tornar-se o que se é””, 2013, pp. 287-301.

tornar-se¹⁰⁷² e confere uma “livre-flutuação” ao “ser do Selbst” cujas “novas nuances”¹⁰⁷³ de interpretação essa *emendatio sofista* desbloqueia¹⁰⁷⁴. Uma evidência interessante nesse sentido é o fato de que exatamente esse sintagma grego “γένοι’ οἷος ἔσσι” que Nietzsche *emenda* do poema de Píndaro, suprimindo o verbo “μαθών” e, posteriormente, traduz para dar forma em alemão ao *speculum-titulus* de sua obra “*Wie man wird, was man ist*”¹⁰⁷⁵, consiste no exato sintagma usado na “inscrição” do escrito filológico sobre *Diógenes Laércio*¹⁰⁷⁶. Na mesma medida, a partícula “man” dessa segunda parte do título, ou *subtítulo*, pode ser também interpretada como um jogo *pessoalidade-impessoalidade* na voz narrativa cujo contraste preciso com uma “apoteose do eu”¹⁰⁷⁷ contida em toda a obra ressoa como um “sintoma de ficcionalidade”¹⁰⁷⁸ e que, conforme veremos, reflete uma complexa “autoreflexão” sobre o “Selbst” no texto “expresso” como um “múltiplo “e” unitário”¹⁰⁷⁹.

A primeira vista as *figuras* que aparecem em *Ecce homo* surgem numa amplitude *monumental* que o leitor não treinado, imediatamente, deixaria *uma palavra subir à face todos os instintos ruins*¹⁰⁸⁰ e, então, produziria um juízo *equivocado* (que soaria exatamente

1072 Existem 3 ocorrências do sintagma em grego “γένοι’ οἷος ἔσσι” em 3 cartas redigidas entre 1867 e 1868 nos quais a omissão ao verbo “μαθών” ocorre: Carta 552 a Erwin Rohde em 3 de novembro de 1867 <#eKGWB/BVN-1867,552>; Carta 554 a Carl von Gersdorff em 24 de novembro e 1 de dezembro de 1867 <#eKGWB/BVN-1867,554>; e carta 559 a Erwin Rohde em 3 de Fevereiro de 1868 <#eKGWB/BVN-1868,559>. Como mencionado por Viesenteiner sobre o termo nas obras de Nietzsche “Curiosamente, a palavra pertencente à expressão de Píndaro [“μαθών”] nunca é registrada por Nietzsche.” VIESENTEINER, 2014, p. 288.

1073 Salientando que “*Selbst* funciona na filosofia de Nietzsche como uma mais ampla expressão para a totalidade do homem como individuo físico”. Ademais, “Indem N[ietzsche]. die Orientierung bei Pindar auf das Einst-Gelernte kappt, spannt er Entwicklung und So-Sein des Selbst auf freischwebende Weise zusammen, wodurch er seinem Spruch stets neue Nuancen abgewinnen kann.” CHRISTIANS, “*Selbst*”, In: OTTMANN, 2011, p. 322.

1074 Se lembrarmos com Benne que, no âmbito textual (e não apenas): “pequenas mudanças produzem grandes e-feitos” é aí que a *sofística remuneração das falhas da língua* acontece: “(...) kleinste Veränderungen haben die größte Wirkung.” BENNE, 2005, p. 96. Vale ressaltar que a afirmação de Benne está localizada precisamente no momento de sua argumentação em que caracteriza a prática da *emendatio* e menciona sua prática nas *leituras* de Nietzsche.

1075 Por exemplo em alusão a uso da temática do “espelho” por Nietzsche inclusive nas transformações dos esboços dos títulos: “Spiegel” Cf. HÖDL, 2009, p. 509

1076 Cujas cartas 552, 554, 559 mencionadas acima fazem menção, por exemplo: “Philosophorum denique Ordi-ni unus traditus libellus est et ex classe quidem prima: ,De fontibus Laertii Diogenis hac inscriptione’ γένοι’ οἷος ἔσσι, Pind. Pyth. II, v. 73.” <#eKGWB/BVN-1868,559>.

1077 “Apotheoses des Ichs” LANGER, 2005, p. 100.

1078 SCHAEFFER, 2009, p. 107.

1079 “das Subjekt, das sich bei Nietzsche äussert ist viele und eins, plural *und* singular, wobei die Einheit und Singularität weder in logischer noch in ontologischer Hinsicht vorgängig sind.” MARTINEZ, 2013, p. 343.

1080 “uma palavra minha faz subir à face todos os instintos ruins.” NIETZSCHE, *Porque escrevo tão bons livros* 3, 2005, p. 56.

enquanto confirmação de um uso do “estilo como meio de seleção do leitor”¹⁰⁸¹): do *título* da obra ao *preâmbulo* – que conforme veremos, pode ser lido como uma espécie de “ekphrasis” – , por exemplo, temos nessa composição do *Prólogo* a construção da atmosfera de *um eu enigmático que diz* “quem é”, “um discípulo do filósofo Dionísio”, a figura de coragem “*Nitimus in vetitum*” e, finalmente, seu livro “Zaratustra”¹⁰⁸². Primeiramente, a construção da atmosfera de *um eu narrativo* que, como um “eu” é pensado enquanto uma espécie de “construto do pensamento” via “efeito gramatical”, “uma ficção regulativa”¹⁰⁸³, além de ser aludido *oracularmente* no fim do primeiro período do *prólogo* pela *emendatio* bíblica do *enigma* de “dizer quem é”¹⁰⁸⁴, é ainda produzida tanto em função do anseio de apresentar a “Transvaloração”¹⁰⁸⁵, quanto, consequentemente, em função de uma importante necessidade de direcionar a atenção do leitor para o próprio discurso: “O u ç a m-m e ! P o i s e u s o u t a l e t a l . S o b r e t u d o n ã o m e c o n f u n d a m ! ”¹⁰⁸⁶. Essa passagem do final do *prólogo 1* é, inclusive, um dos elementos que faz com que Langer conceba “*Ecce homo* como uma prescrição à Transvaloração” na medida em que a obra “permanece em um determinado efeito de intenção”¹⁰⁸⁷ do suposto “autor” *não ser confundido* cujo “Motiv” pode ser

1081 Conforme já mencionado acerca dos âmbitos dos *modos de escrita de Nietzsche*: Cf.: seção anterior “4.2.3. As características dos modos de escrita de Nietzsche”.

1082 Respectivamente: P 1; P 2; P 3 e; P 4.

1083 Vários apontamentos póstumos de Nietzsche apontam para essa “crítica do sujeito” que é bem documentada na *Pesquisa-Nietzsche* e parece efetiva-se, especialmente, em *Além do bem e do mal* nos aforismos 16 e 17. Ver KSA 11,35[35], p. 526 <[#eKGWB/NF-1885,35\[35\]](#)> e, de modo especial, capítulo “4. »das Subjekt als Vielheit«: Pluralität und Perspektivismus” LANGER, 2005, p. 80-89.

1084 Cujo pronome indefinido do original “das” é substituído pelo pronome pessoal “ich”: NIETZSCHE, 2005a, p. 17; “(...) zu sagen, wer ich bin.” KSA 6, 5-6, p. 257 <[#eKGWB/EH-Vorwort-1](#)>. Conforme indica Sommer tra-ta-se da conexão com AC 40 (do qual Nietzsche cita entre aspas “*quem foi esse? O que foi isso?*” NIETZSCHE, 2007, p. 46; “„wer war das? was war das?“” KSA 6, 10-11, p. 213 <[#eKGWB/AC-40](#)>) que se refere ao fato de que os discípulos do incompreendido Jesus confessam em sua morte o “verdadeiro enigma”: *quem foi esse?*; Por isso, Sommer caracteriza “o eu que abandona o mundo sob o nome do enigma Nietzsche move-se próximo ao tipo do redentor” SOMMER, 2013, p. 355.

1085 Que “Nietzsche”, de acordo com Sommer, “considera realizar ao fim de Novembro de 1888”: SOMMER, 2013, p. 355.

1086 Conforme já mencionado, aplico o procedimento tipográfico do *uso do espaço entre as letras* que Nietzsche utiliza na versão impressa de *CI* que serve de parâmetro ao editor Naumann para a impressão de *EH* e semelhante a *diagramação tipográfica* da KSA, em contraste com o uso em itálico feito pelo tradutor brasileiro dessas passagens da KSA: NIETZSCHE, 2005a, p. 17; “H ö r t m i c h ! d e n n i c h b i n d e r u n d d e r . V e r w e c h s e l t m i c h v o r A l l e m n i c h t ! ” KSA 6, 16-19, p. 257 <[#eKGWB/EH-Vorwort-1](#)>.

1087 “Als Vorschrift zur Umwerthung aller Werthe steht Ecce homo in einer bestimmten Wirkungsabsicht, die gleich im ersten Abschnitt des Vorworts, im überhaupt ersten Satz des gesamten Buches zum Ausdruck kommt: »In Voraussicht, [...] zu sagen, wer ich bin.« Der Paragraph endet mit den Worten: »Hört mich! denn ich bin der und der. Verwechselt mich vor Allem nicht!« (257). Dass Nietzsche nicht »erkannt«, sondern stattdessen »verwechselt werde, zieht sich schon Jahre vorher als Motiv durch seine Korrespondenz: So heißt es 1883 an Koselitz [402 – 14/04/1883]: »Ich will mit Niemandem mehr verwechselt werden«, und 1885 an Malwida von Meysenbug [587 – 26/03/1885]: »Es ist der Humor meiner Lage, daß ich verwechselt werde – mit dem

encontrado pelo rastreando *extratextual* da correspondência de Nietzsche¹⁰⁸⁸. Embora tal recurso interpretativo do exame da correspondência do autor se apresente de forma plausível, a meu ver, o apelo exclusivo a elementos extratextuais como esse demonstram uma perspectiva *genética* que reduz a complexidade textual desses aspectos do *prólogo* justamente no *locus* de uma *materialidade textual* em que a riqueza da performance da construção da complexa “*Persönlichkeit*”¹⁰⁸⁹, a meu ver, parece importante ser preservada na elaboração de uma *monumentalidade* literária. Por isso na complementariedade da trama textual, um dos recursos interessantes que recobre textualmente a composição dessa *atmosfera* são as aspas de uma paráfrase do segundo período do *prólogo* em que as palavras do Atos 14, 17 do Novo Testamento são referidas¹⁰⁹⁰, a meu ver, como alusão à *hipotipose* fundamental do título no sintagma “Ecce homo”, isto é, a urgência de apresentação na ordem de um “auto-testemunho”¹⁰⁹¹ nessa *atmosfera* do *prólogo* finalizada pela exigência de *audição* para não produzir *confusão*, ressoa exatamente a urgência de apresentação sob o qual as palavras de Pilatos reiteram na *hipotipose* do título: “eis o homem”. Simultaneamente, após a característica ressalva da “desproporção entre a grandeza” da “tarefa” desse suposto *eu-autor-narrador* e a “p e q u e n e z” de seus *leitores* contemporâneos – que More salienta sendo exatamente “a técnica satírica” da “redução”¹⁰⁹², o seguinte período desse mesmo *prólogo* ao iniciar com a suposição do eu-narrador *saber, ter consciência e ter observado há*

ehemaligen Basler Professor Herrn Dr. Friedrich Nietzsche. Zum Teufel auch! Was geht mich dieser Herr an! -«” LANGER, 2005, p. 101

1088 “In den Briefen der Jahre 1887 und 1888 gelangt dieses Motiv vollends in den Vordergrund, in Zusammenhang damit stehen zahlreiche Äußerungen, dass Nietzsche nicht verstanden werde” LANGER, 2005, p. 101.

1089 “Personalidade” que poderia ser resumida, nos seguintes termos de Lopes: “A personalidade de um autor (não a identidade pessoal, mas o tipo a que ele pode ser filiado) é o que há de mais significativo numa obra. Para que possamos ter acesso a ela, é inútil vasculhar indefinidamente o conjunto das teses e ensinamentos que a tradição atribui ao autor, pois em geral a sua personalidade não é algo que se encontre diretamente tematizada. Ela é antes exemplificada por meios indiretos e, em geral, involuntários. O estilo é um destes meios indiretos (talvez o principal) a partir do quais é possível discernir ou configurar a hierarquia de impulsos, o conjunto de apreciações que caracterizam a personalidade em questão.” LOPES, 2006, p. 150.

1090 P 1: “Na verdade já se deveria sabê-lo, pois não deixei de “dar testemunho” de mim.” NIETZSCHE, 2005a, p. 17; “Im Grunde dürfte man’s wissen: denn ich habe mich nicht „unbezeugt gelassen“.” KSA 6, p. 257 <#eKGWB/EH-Vorwort-1> SOMMER, 2013, p. 355.

1091 *Tal frase ocorre nas obras apenas aqui.* “Nietzsche requer a si mesmo o divino atributo do desinibido auto-testemunho”: “Die Wendung „unbezeugt gelassen“ kommt in N.s Werken nur hier vor.” SOMMER, 2013, p. 355.

1092 “Nietzsche employs another satiric technique, reduction, in the book’s first paragraph when he writes (...) Taking one’s adversaries down a notch – here, those who deny Nietzsche his rightful fame – nearly encapsulates the history of satire, and Nietzsche emphasizes the size of his contemporaries with italics.” MORE, 2014, p. 49.

*muito tempo*¹⁰⁹³ em sua *previsão* da necessidade de *dizer quem é*¹⁰⁹⁴, ele “fala” “sabendo” e “como se soubesse”¹⁰⁹⁵ e, assim, o texto já indica, inicialmente, sua distinção como modalidade sofística, especialmente, nesse caso, na *atmosfera* de uma *demiurgia* “oracular”¹⁰⁹⁶ que soa, em alguma medida, também como *absurdidade bufa*¹⁰⁹⁷. Além disso, nos dois períodos seguintes o *curso do discurso* é retardado em “reticências”¹⁰⁹⁸, primeiro, como “pausa de intonação” de uma “questão retórica”¹⁰⁹⁹ e, segundo, como interrupção final de uma anterior possível *assonância* sintagmática cujo acréscimo da palavra “não” em espaçamento tipográfico chama à atenção do olho¹¹⁰⁰ para a *duplicidade* que permeia essa *atmosfera de construção de um eu-narrativo* de quem *foi morto* e *que ainda vive*: temática ainda recorrente em outras passagens da obra¹¹⁰¹. Ademais, esse *jogo com a morte* que More caracteriza como um elemento da “sátira” que “marca *Ecce homo* como um livro limite no sentido de Bakhtin” é, conforme já mencionado, nada menos do que parte da amplitude *oracular da sofística* cuja posição literário-discursiva permite “levar adiante uma conversação com a morte”¹¹⁰² nessa construção de uma *atmosfera* de um “autor” *póstumo* no bom estilo

1093 “(480) (...), o sofista antigo fala como se soubesse. Em todo caso, ele introduz seus discursos por um “Eu sei”, “Eu tenho consciência”, “Eu tenho observado há muito tempo”, ou: “Nada de certo para o homem”. FI-LÓSTRATO In: CASSIN, 2005, p. 404.

1094 P 1: “Prevedo que dentro em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada, parece-me indispensável dizer *quem sou*.” NIETZSCHE, 2005a, p. 17; “In Voraussicht, dass ich über Kurzem mit der schwersten Forderung an die Menschheit herantreten muss, die je an sie gestellt wurde, scheint es mir unerlässlich, zu sagen, wer ich bin.” <#eKGWB/EH-Vorwort-1>; KSA 6, 3-6, p. 257.

1095 CASSIN, 2005, p. 193.

1096 CASSIN, 2005, p. 193 e, conforme indicado acima, a referência a fala de Deus a Moisés no Exodos 3, 14 em que diz “Eu sou, o que sou” “Gott sprach zu Mose: Ich werde sein, der ich sein werde.”:

<<https://goo.gl/Vb2iHG>>. Cf.: SOMMER, 2013, p. 356.

1097 “A more exaggerated role is impossible to assume; its *buffo* absurdity cues the reader to understand *Ecce Homo* at both a literal and comic level.” MORE, 2014, p. 50.

1098 “, daß ich lebe?...” e “dass ich n i c h t lebe...” Respectivamente, KSA 6, 11, p. 257; KSA 6, 13-14, p. 257.

1099 “Vivo de meu próprio crédito; seria um mero preconceito, que eu viva?...” NIETZSCHE, 2005a, p. 17; KSA 6, 10-11, p. 257; <#eKGWB/EH-Vorwort-1>; Trata-se da já mencionada “função” das reticências que é “consenso” entre os intérpretes: “als Intonations-pause bei rhetorischen Fragen zu fungieren” PICHLER, 2014, p. 111.

1100 “, daß ich lebe?...” e “dass ich n i c h t lebe...” Respectivamente, KSA 6, 11, p. 257; KSA 6, 13-14, p. 257. Efetivamente, se reconhecemos com Fries que no contexto do “espaço” tipográfico, “o vazio tem então um caráter estético; essa estética é de grande significado para a habitual percepção e o reconhecimento do texto” “Die Leere hat damit ästhetischen Charakter; dieses Ästhetische ist von grosser Bedeutung für die alltägliche Wahrnehmung und das Erkennen des Textes.” FRIES, 2009, pp. 165-6.

1101 Trata-se da alusão a “fatalidade” com que Nietzsche descreve, no primeiro período da seção 1 de *Porque sou tão sábio*, “em forma de enigma” que “como meu pai já morri, e como minha mãe ainda vivo e envelheço” de EH, *Sábio 1*, NIETZSCHE, 2005a, p. 23; KSA 6, p. 264; <#eKGWB/EH-Weise-1>.

1102 “This marks *Ecce Homo* as a threshold book in Bakhtin’s sense: satire that carries on a conversation with the dead, as it were, from a literally impossible place. MORE, 2014, p. 49.

*machadiano*¹¹⁰³. O segundo elemento, no *prólogo 2*, que pode ser visto à luz de uma *hipotipose* é a imagem, na forma de uma auto-descrição, de “um discípulo do filósofo Dionísio”¹¹⁰⁴ cuja *designação* além de reforçar o caráter *fársico-anedótico* em oposição às referências bíblicas de “santo”¹¹⁰⁵, “é” ainda, “instalada como a precondition de sua oposição à auto-estilização no sentido da interpretação cristã do mundo” num contexto de introdução¹¹⁰⁶. Ainda no *prólogo 2*, a inicial categórica afirmação demonstra, novamente, aquela prerrogativa sofisticada de um eu-narrador que “fala” “sabendo” e “como se soubesse” ao mesmo tempo em que um *travessão* “interrompe o fluxo da leitura”¹¹⁰⁷ do primeiro período para, em certa medida, acentuar o espelhamento do “eu sou”¹¹⁰⁸ que transcorre seu fluxo ainda até o terceiro período – cuja *auto-descrição* de *discípulo de Dionísio* acontece –, precisamente, após a inclusão do *leitor* numa reserva de um “cá entre nós”¹¹⁰⁹. O terceiro elemento, a figura de coragem “*Nitimur in vetitum*” aparece no último período do *segmento de texto* do *prólogo 3* e finaliza uma indicação a partir do isomorfismo do dois pontos que conclui a qualidade específica *dessa* filosofia do eu-narrador: a *coragem*¹¹¹⁰. Ademais, essa ambientação que Nietzsche realiza tematicamente de impelir a uma filosofia cuja coragem seja o ponto forte ao mesmo tempo em que “castiga a covardia dos outros” parece ser ainda uma “arma literária” e “satírica”¹¹¹¹. O subsequente elemento de performance daquela atmosfera é elaborado no *prólogo 4* que finaliza o conjunto da introdução. Aqui, o *eu-narrador* – como já antecipado no início do *prólogo anterior* sobre o “ar” de seus “escritos”¹¹¹² – deixa de lado suas auto-descrições, conforme salientei, ligadas diretamente a *hipotipose* fundamental “*Ecce homo*” do título, para especificar seus feitos na forma de “seus escritos” aqui, especificamente, a obra

1103 “this remark in the Foreword puts the entirety of his book in a posthumous condition while Nietzsche writes it in the present.” MORE, 2014, p. 50.

1104 NIETZSCHE, 2005a, p. 17; “Ich bin ein Jünger des Philosophen Dionysos” KSA 6, 1-2, p. 258 <[#eKGWB/EH-Vorwort-2](#)>.

1105 MORE, 2014, p. 52.

1106 “Die Erwähnung, er sei ein „Jünger des Philosophen Dionysos“, in der Vorrede zu EH steht dort in unmittelbarem Kontext seiner Ablehnung des Christentums, ist als die Voraussetzung seiner Gegenposition zur Selbststilisierung im Sinne der christlichen Weltinterpretation angebracht” HÖDL, 2009, p. 534.

1107 WINDGÄTTER, In: PICHLER, 2014, nota 277, p. 110.

1108 O que na tradução não se replica: “Ich bin (...), — Ich bin (...)” KSA 6, 20-21, p. 257 e 1, p. 258; <[#eKGWB/EH-Vorwort-2](#)>; “Não sou (...), — sou (...)” NIETZSCHE, 2005a, p. 17.

1109 NIETZSCHE, 2005a, p. 17; “Unter uns,” KSA 6, 22, p. 257; <[#eKGWB/EH-Vorwort-2](#)>.

1110 NIETZSCHE, 2005a, pp. 18-19; “Nitimur in v e t i t u m :” KSA 6, 11-13, p. 259; <[#eKGWB/EH-Vorwort-3](#)>.

1111 “and castigates the cowardice of others.” MORE, 2014, p. 55.

1112 “– Quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar das alturas, um ar *forte*.” NIETZSCHE, 2005a, p. 18; KSA 6, 22-23, p. 258; <[#eKGWB/EH-Vorwort-3](#)>.

Assim Falou Zarathustra. Além de “relacionado tematicamente com seções de *Porque sou um Destino*” e seção “24 da versão-de-outubro”¹¹¹³, é o primeiro momento da obra em que Nietzsche “injeta outro texto dentro de *Ecce homo*” cujo jogo *intrainterertextual*, acima de tudo, demarca o aspecto *paródico* de “discurso segundo”¹¹¹⁴ que More caracteriza como sendo uma “sarcástica alusão às palavras de Jesus ao seus discípulos”¹¹¹⁵. Na forma dos versos, como na edição de Zarathustra¹¹¹⁶, com a exceção do ““profeta”” entre aspas do quarto período do *prólogo* que se refere ao “tipo do redentor”, isto é, “Jesus Cristo”¹¹¹⁷, a imagem dos “figos” em versos indica uma *alusão* a *Marcos 11, 12-14*, bem como, na *prerrogativa de seguir só*, uma alusão a *João 13, 36 e 16, 32* “onde Jesus anuncia que será abandonado por seus discípulos”¹¹¹⁸ e, ainda, a sentença final sob a qual *Zarathustra* exorta que “todos” o *reneguem* para que ele possa retornar: o que não acontece com Jesus que é “explicitamente negado apenas por Pedro” em *Mateus 26, 34*¹¹¹⁹.

Não apenas nessas indicações que se seguem do título ao último prólogo, o *gesto sofista* pode ser identificado no uso dessas *hipotiposes* – aventadas não apenas por nomes próprios mas também por sentenças e sintagmas que trazem à tona *figuras*, “tipos” e “máscaras” –, em *Ecce homo* como uma performance textual *catastrófica* em que a identificação das figuras (“autor implícito” e “autor empírico”, por exemplo) é então radicalmente embaralhada¹¹²⁰, seja na “tendência” levada a diante de *máscaras* e “formas de disfarces”¹¹²¹, seja como *jogo estético das máscaras* cuja “introdução da pessoa dá vida a um exemplo proverbial”¹¹²², seja como no *adorno* a “máscaras contraditórias que escapam a seus

1113 Especificamente, EH-*Destino* 3, 6-8: “Thematisch verwandt sind die Abschnitte EH Warum ich ein Schicksal bin 3 u. 6 bis 8, KSA 6, 367 u. 370-374 sowie § 24 der Oktober-Fassung (KSA 14, 495); siehe überdies die Textvariante zu EH Za 1 in NK 335, 4-337, 15 sowie NK 370, 28-374, 29.” SOMMER, 2013, p. 359.

1114 “um discurso do sofista não é jamais primeiro” CASSIN, 2015a, p. 101, “um discurso segundo, crítico” e “um discurso segundo ou crítico” CASSIN, 2005, p. 17 e p. 263.

1115 “Nietzsche has concluded his Foreword by injecting another text into *Ecce Homo*, one that makes sarcastic allusion to words spoken by Jesus to his disciples (Mark 14.72).” MORE, 2014, p. 56.

1116 Conforme indica Sommer, com apenas algumas “variações de pontuação”: SOMMER, 2013, pp. 359-361.

1117 SOMMER, 2013, p. 360; NIETZSCHE, 2005a, p. 19; KSA 6, 24, p. 259; <[#KGWB/EH-Vorwort-4](#)>.

1118 “wo Jesus ankündigt, dass er von seinen Jüngern verlassen werden werde.” SOMMER, 2013, p. 361.

1119 “Jesus dagegen wird nicht von allen, sondern nur von einem Jünger - Petrus - explizit verleugnet, vgl. Matthaus 26, 34.” SOMMER, 2013, p. 361; NIETZSCHE, 2005a, p. 20; KSA 6, 7, p. 261; <[#KGWB/EH-Vorwort-4](#)>.

1120 “He adopts contradictory positions and voices that are polemically compared, leaving us puzzled as to what the conviction of the empirical Nietzsche or even only of the implicit “Nietzsche” might be.” BENNE, 2016, pp. 276-7.

1121 “Com EH essa tendência [de “necessidade de todas as “formas” (...) de disfarces”] é levada adiante: um *eu* é acrescentado poeticamente à obra de Nietzsche.” WELLNER, “*Máscara, ator*” In: NIEMEIER, 2014, p. 364.

leitores mais do que meramente desorienta-os”¹¹²³, seja como jogo estético com as máscaras do eu que tem início no *homem louco* de 125 d’A *Gaia Ciência* e que culmina em *Ecce homo*¹¹²⁴. Esse complexo tipo de *jogo* pode ainda ser encontrado em conexão direta com o contraste entre “apoteose do eu” e uso do pronome “*nós*” junto ao aparecimento das *hipotiposes* encontradas ao longo dos *segmentos de obra* sintetizados, por exemplo, na forma de “*décadent*” e “seu contrário” “o oposto de um *décadent*”; “*Antiasno par excellence*” e “mostro universal”; “primeiro psicólogo do eterno-feminino” e “*medicínico*”; “primeiro filósofo trágico”; “*Dinamite*” e “*Destino*”, apenas para mencionar alguns¹¹²⁵.

Nesse sentido, a construção desses elementos *literarizantes* em *Ecce homo*, a meu ver, remete à radicalização da prática filológica de Nietzsche de “descoberta/invenção”¹¹²⁶ da “*Persönlichkeit*” tal como aprende de seu mestre Ritschl e encontra na “*fusão de Lange e Valentin Rose*”¹¹²⁷ a ferramenta de uma experimentação colocada em prática, conforme já mencionado, no “estudo sobre Demócrito”, “Homero e a filologia clássica”¹¹²⁸, e no escrito não publicado “A filosofia na época trágica dos gregos” em que a noção de “anedota” é fundamental nessa confabulação e já aparece como um produto da “*praxis filológica*” com os *estudos de Diógenes Laércio*¹¹²⁹ na medida em que, precisamente, *o problema da*

1122 “Il gioco della polifonia è invece un gioco estremamente serio, che con l'introduzione della propria persona dà vita ad un esempio proverbiale.” BENNE, In: LOSSI; ZITTEL, 2014, p. 31.

1123 “Nietzsche goes further than Descartes, adorning contradictory masks that elude his readers rather than merely disorienting them.” WRIGHT, 2006, p. 08.

1124 “Al più tardi dalla parabola dell'uomo folle (FW 125) Nietzsche risolve la questione della conoscenza, anche a livello performativo: il superamento filosofico della morte di Dio deve essere compiuto attraverso la narrazione. Il progetto compositivo, che culmina in *Ecce Homo*, passando per lo Zarathustra che racconta se stesso e il “Nietzsche” che prende sempre maggiore distanza dal suo proprio autore, ha qui le sue origini.” BENNE, In: LOSSI; ZITTEL, 2014, p. 31.

1125 (NIETZSCHE, 2005a, p. 25; KSA 6, 15-16, p. 266; <[#eKGWB/EH-Weise-2](#)>), (NIETZSCHE, 2005a, p. 55; KSA 6, EH-Escrevo 2, 10-11, p. 302; <[#eKGWB/EH-Bücher-2](#)>), (NIETZSCHE, 2005a, p. 58; KSA 6, EH-Escrevo 5, 30-31, p. 305; <[#eKGWB/EH-Bücher-5](#)>), (NIETZSCHE, 2005a, p. 64; KSA 6, EH-NT 3, 25, p. 312; <[#eKGWB/EH-GT-3](#)>); NIETZSCHE, 2005a, p. 109; KSA 6, EH-Destino 1, 8, p. 365; <[#eKGWB/EH-Schicksal-1](#)>).

1126 O conhecido jogo de palavras que Nietzsche performa entre os verbos “achar” (“*finden*”) e “inventar” (“*erfinden*”) e nos substantivos “invenção” (“*Erfinden*”) e “descoberta” (“*Finden*”) na prática textual de acentuar como, em certa medida, *se fabrica o fato na investigação*. Respectivamente: ABM, Dos preconceitos dos filósofos 11 e 12; NIETZSCHE, 2006, p. 17 e nota 32, p. 201; bem como p. 19 e nota 40, p. 203.

1127 Como salienta Porter ser uma das consequências desta *fusão* a captura de “uma nova e compreensível imagem da excepcional personalidade de Demócrito”: ““won a new comprehensive image of the outstanding personality of Democritus.” This is the third and last consequence of Nietzsche's fusion of Lange and Rose.” PORTER, 2000, p. 59.

1128 Porter dedica um subtópico específico com sete páginas dentro de sua discussão sobre “a filologia cética” para analisar a “implícita extensão e problematização da visão de Lange da *Persönlichkeit* que dá ao ensaio [de Nietzsche] seu conteúdo “estético e filosófico”” PORTER, 2000, p. 62.

1129 ORSUCCI, “*Diogenes Laercius*” In: OTTMANN, 2011, p. 379.

confiabilidade dos relatos históricos coloca o intérprete inevitavelmente diante da compreensão segundo a qual “o veredito sobre o passado é sempre um veredito oracular”¹¹³⁰. No entanto, a *produção* dessa “*Persönlichkeit*”, bem como, sua *captura* não se dá como uma *unidade estática*, mas “é expresso” como um “múltiplo “e” unitário”¹¹³¹, seja na elaboração da performance do “sujeito escrevente-pensante”¹¹³² e o complexo *jogo das máscaras*, seja na *captura* interpretativa que o processo resulta: é aqui que surge a ideia de “doxografia sofisticada” como meio de dar conta interpretativamente dessa *multiplicidade dos fatos como ficção* produzidas no texto.

Em complementariedade a noção de *hipotipose*, é a noção de “paródia” que permite lançar luz ainda maior ao funcionamento dessa *discursividade* de *Ecce homo*. Enquanto “traços paródicos” que podem ser “nele próprio determinados”, Nietzsche como filólogo de formação reconhece o preciso significado etimológico da “paródia” na medida em que “é autocompreendida a partir do “canto de acompanhamento (*Nebengesang*)”, respectivamente da imitação feita de modo zombeteiro”¹¹³³. Em adesão a esse entendimento, Benne salienta o significado de “paródia” concebida no sentido antigo, enquanto “criada para descrever” tanto “a separação entre a palavra e a música” quanto “a possibilidade de combiná-los num novo e não esperado jeito” que, no contexto da retórica de Quintiliano recebe a designação, por exemplo, de “*prosopopoeia*” (“em Latim, *fictio personae*”) ¹¹³⁴. Esse tipo de recurso parece ser então utilizado por Nietzsche como “personificação” via modulação das diferentes “vozes” no texto¹¹³⁵. Nesse sentido, talvez como expressão dos “diferentes modos de fala” em que se pode encontrar “aqui e ali até pronunciados divertidos”¹¹³⁶ é que essa concepção da “paródia antiga” de Benne permite pensar, em complementariedade à *hipotipose* em todas as suas formas em *Ecce homo*, o âmbito da *ênfase à oralidade* no escrito de Nietzsche cujo componente central é o “ouvido” como “Motiv”. Por sua vez, é exatamente pela possibilidade

1130 Trecho do último parágrafo da sexta seção da segunda extemporânea de Nietzsche *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* aqui citado e traduzido por Lopes: LOPES, 2006, p. 137.

1131 “das Subjekt, das sich bei Nietzsche äussert ist viele und eins, plural und singular, wobei die Einheit und Singularität weder in logischer noch in ontologischer Hinsicht vorgängig sind.” MARTINEZ, 2013, p. 343.

1132 “Dieses schreibend denkende Subjekt ist nicht nur viele und nicht nur eins, es ist als ein vielfaches und einheitliches zu denken” MARTINEZ, 2013, p. 343.

1133 BENNE, “Paródia” In: NIEMEYER, 2014, p. 435.

1134 BENNE, 2016, p. 275-286.

1135 BENNE, 2016, p. 275-286.

1136 Sommer ao ressaltar a não exclusividade de um único tipo de discurso na obra, por exemplo, o “patético-religioso”: “Dieses Werk ist aber keineswegs einfach nur pathetisch-parareligiös gestimmt; vielmehr erprobt es unterschiedlichste Sprechweisen und ist stellenweise sogar ausgesprochen amüsant.” SOMMER, 2017, p. 86.

desse jogo instaurado nas vozes pela “paródia” que a noção salientada por Benne pode ser compreendida como um núcleo de uma performance que conjuga ao mesmo tempo, por um lado, *uma criativa apropriação dos significados de uma fonte*, bem como, por outro lado, *a modulação e subversão desses sentidos via performance textual de irritação grafemática* cujo processo de “musicalização ou ritmização” é performado em sua amplitude. Nisso, o exemplo de uma espécie de *incorporação sterniana* em *Ecce homo* poderia auxiliar a vislumbrar tal gesto paródico para além da imediata associação às fontes parodiadas do texto bíblico.

O primeiro ponto que gostaria de destacar acerca da *paródia* é a questão temática dos títulos das seções (cuja “performance dos signos” atua simultaneamente em seu desdobramento): isto é, jogando precisamente com a modulação das vozes, cujo sujeito das sentenças dos títulos é *performado* sob o jugo daquela “apoteose do eu” em contraste com a terceira pessoa do plural “nós” também encontrada ao longo da textualidade das seções e a indiferença da *indeterminação* do pronome “*man*” do título *espelho* da “hipotipose” inicial, a paródia é *performada* sob aquela mencionada dupla dimensão. Que os títulos das seções (com exceção da última seção EH-*Destino*) são inegavelmente sedutores para assumi-los, como faz Tobias Dahlkvist, na conjuntura da obra *Ecce homo*, como parte do *debate* sutil de Nietzsche com a “tradição da melancolia”, isso parece evidentemente plausível¹¹³⁷. Conforme destaca Dajlkvist, enquanto no “título *Porque sou tão sábio*, Nietzsche geralmente fala sobre quão doente ele tem sido”, no “título *Porque sou tão tão inteligente* ele escreve muito sobre seu estomago” e, no “título *Porque escrevo tão bons livros*, seu interesse central parece ser insultar os alemães”, os três temas (*estômago*, *estar doente* e *o que odeia nos alemães*) estariam conectados, precisamente, como tematização específica no interior da “tradição da melancolia”¹¹³⁸. Para além do argumento de Dahlkvist, a questão não é a de, especificamente aqui, justificar a validade das fontes dessa tradição que Nietzsche poderia estar mobilizando, como por exemplo, o texto “Anatomia da melancolia” de “Robert Burton” que Dahlkvist já destacara ser “difícil pontuar”¹¹³⁹. Mesmo ainda sabendo que tal “excêntrico livro” era

1137 “My aim with this paper is to examine what Nietzsche is doing by comparing his arguments to those of some representatives of a tradition in which this is a standard topos: the melancholy tradition.” DAHLKVIST, 2005, p. 209.

1138 “Under the title *Why I am so wise*, Nietzsche mainly talks about how ill he has been. Under the title *Why I am so clever* he writes a great deal about his sensitive stomach. And under the title *Why I write such good books*, his main concern seems to be to insult the German people.” DAHLKVIST, 2005, p. 209.

1139 “It is difficult to pinpoint his sources, though.” DAHLKVIST, 2005, p. 216.

constituído como “um dos livros de cabeceira de Sterne”¹¹⁴⁰. Se Nietzsche está ou não articulando tais fontes específicas não é o escopo deste trabalho averiguar: o que interessa aqui é verificar em que medida não apenas os temas mas os elementos textuais que orbitam os respectivos títulos das seções e os *segmentos de obra* atuam enquanto *paródia* naquela dupla acepção (por um lado, *uma criativa apropriação dos significados de uma fonte*, bem como, por outro lado, *a modulação e subversão desses sentidos via performance textual de irritação grafemática*) em que textualmente se realiza uma “performance dos signos”¹¹⁴¹ que, com o auxílio de elementos temáticos e *gráficos*, a “imitação [é] feita de modo zombeteiro”¹¹⁴². Assim, o uso dos “travessões” e das “reticências” nos *segmentos de obra* na textura de *Ecce homo* é extremamente intenso em diversas funções, localizações e quantidades. Examinar exaustivamente toda essa complexidade de usos é ainda um trabalho a ser realizado. Apenas para situar um deles, há por exemplo, como no *prólogo 3* já mencionado, um travessão que inicia o *segmento de texto*, bem como, um em seu final após o “ponto”. Nesse caso, numa *concatenação gráfica irritante* que, no interior do *segmento de texto* ainda aprisiona “a crença no ideal” entre *travessões* e *parenteses* no endereçamento do “erro” de uma filosofia que se *acovarda*, o uso do travessão aqui explora diversas possibilidades de sentido que podem ser interpretadas tanto com Windgätter num sentido mais *sofístico* de prática *epidítica* de *mostração* ao leitor da importância de voltar sua atenção ao próprio texto, bem como lido com van Tongeren no reconhecimento d“a função rítmica de “uma pausa brusca”” em que os travessões “novamente exprimem a intenção de sustentar algo por mais tempo” de modo semelhante a “como se fosse uma nota em uma composição musical” ou, ainda, como mero procedimento de *estabelecimento* de “uma ruptura no texto”¹¹⁴³. Para além do exemplo acima e tais sugestões interpretativas, a multiplicidade dos usos do “travessão” na obra confere, em certa medida, o esquema paródico que liga, a meu ver, a possibilidade de localizar tal *praxis* no horizonte de um *Motiv* sterniano que conjuga precisamente o interesse de auto-descrição da “vida e opiniões” de um modo *erudito-fantástico* tal que os elementos tipográficos além de

1140 “Mas no rol de obras fora do comum, o lugar de honra cabe à *Anatomia da melancolia*, de Robert Burton, miscelânea de informações curiosas, citações clássicas e fantasias eruditas sobre a “doença da melancolia, a doença de Hamlet, que era para aqueles tempos [o século XVII] o que é a psicanálise para o século XX”, no dizer de B. Ifor Evans. Esse excêntrico volume parece ter sido um dos livros de cabeceira de Sterne, que dele tirou boa parte da cômica erudição de que faz praça no *Tristram Shandy*, chegando a plágio abertamente (...)” PAES, “*Sterne ou o horror à linha reta*” In: STERNE, 1984, p. 33.

1141 Comentando a interpretação de Fietz conforme veremos: PICHLER, 2014, p. 59.

1142 BENNE, “*Paródia*” In: NIEMEYER, 2014, p. 435.

1143 TONGEREN, 2012, nota 43, p. 150.

produzirem um *efeito humorístico* e “desmistificar a ilusão ficcional pela ênfase na própria materialidade do livro” produz ainda um “processo de retardamento da satisfação por via de “frustrações temporárias”” que envolve um “jogo com o tempo”¹¹⁴⁴. Esse preciso efeito de “descontinuidade” que especificamente as intervenções gráficas instauram no *segmentos de texto* de *Ecce homo* permite eclodir não apenas esse “jogo com o tempo” no sentido de uma “retórica do tempo” e *prática sofisticada*, mas ainda um efeito fundamental de *ambiguidade do pensamento*: assim como Nietzsche mesmo descreve em *Humano demasiado humano II* 113, ser a característica de Sterne como “escritor”, isto é, ao ser aquele que *celebra* a ““melodia infinita”” cuja condição seja reconhecer nisso “um estilo de arte em que a forma determinada é continuamente quebrada, adiada, retraduzida de volta ao indeterminado, de modo a significar uma coisa e ao mesmo tempo outra. Sterne é o grande mestre da ambigüidade [sic] —”¹¹⁴⁵. Não à toa nesse trecho, como é possível notar, a sentença é finalizada com um travessão. Sendo assim, se aceitamos o argumento de Dahlkvist de que tematicamente o conteúdo discutido nas mencionadas seções é não apenas uma referência sutil a “tradição da melancolia” mas, ainda, sua completa *paródia* em termos de construção de uma *monumentalidade* de “*Persönlichkeit*” que, enquanto um “múltiplo “e” unitário”¹¹⁴⁶ é a oposição das *formas* e *tipos* decadentes da tradição como a figura do “tipo do redentor”, a referência a Sterne auxilia ainda a compreender o nível de radicalização desse complexo jogo *paródico* em termos da *performance da grafia dos signos*.

5.2.1.2. A construção da *monumentalidade* como performance sofisticada

“— Se eu sou um filósofo? — mas o que importa isso!..”¹¹⁴⁷

“Não é verdade, querido amigo, *tanto barulho por um omelete?*”¹¹⁴⁸

1144 PAES, “Sterne ou o horror à linha reta” In: STERNE, 1984, pp. 39-40; *Descontinuidade* temporal muito bem percebida por Nietzsche em HDH: “Assim ele produz, no leitor cer-to, uma sensação de incerteza quanto a se está andando, parado ou reclinado: uma sensação bastante afim àquela de flutuar.” NIETZSCHE, (edição digital), p. 41 <[#eKGWB/VM-113](#)>.

1145 Nesta seção 113 de *HDH II*, Nietzsche parece descrever a si mesmo e o efeito de seus escritos: NIETZSCHE, (edição digital), p. 41 <[#eKGWB/VM-113](#)>.

1146 MARTINEZ, 2013, p. 343.

1147 Trecho do final da carta de 10 de abril de 1888 de Nietzsche a Georg Brandes em que o filósofo sumariza sua vida e obra em um “Vita”: “— Ob ich ein Philosoph bin? — Aber was liegt daran!..” <[#eKGWB/BVN-1888.1014](#)>.

1148 “Nicht wahr, lieber Freund, *tant de bruit pour une omelette?*” Expressão que Nietzsche ironiza a ocasião da indicação de premiação a seu escrito filológico sobre as *fontes de Diogenes Laércio* e cuja paráfrase em francês

Na seção anterior “5.2.1.1. Do título à performance dos tipos como “hipotipose” e captura da “*Persönlichkeit*”” tentei demonstrar de que maneira aquilo que chamo de “hipotipose” sofisticada aparece em *Ecce homo* numa complexidade que envolve a criação e a performance de “tipos”, “figuras” e elementos de um procedimento paródico para a elaboração de uma certa *monumentalidade* como captura e “descoberta/invenção” da “*Persönlichkeit*”. Desse modo, na presente seção eu gostaria de tentar explicitar de que modo tal *monumentalidade* do *gesto* acontece de uma maneira propriamente *doxográfica*, ou seja, a partir da ideia de uma “doxografia sofisticada de si”. Isso ainda implica assumir a premissa de que “texto” é concebido por Nietzsche, não como “fato” mas como “artefato”¹¹⁴⁹, e assim, por exemplo, as descrições e auto-comentários que Nietzsche realiza em *Ecce homo* devem ser lidos à luz de uma “ficção significativa” no sentido mesmo “caricatural” de como as descrições dos filósofos aparecem em Diógenes Laércio como “narrativas de um sonho” no preciso sentido de uma *manipulação de sentidos* e não de “fatos”. Por outro lado, porque alguém como Nietzsche que “tem genuíno interesse em, e talento para, a historiografia”, assim como, trabalha as “fontes” com o auxílio de um *ceticismo historiográfico*, bem como, sugere a elaboração de anedotas para captar o pensamento de um filósofo, escreveria sobre si na ordem de uma autobiografia como gênero historiográfico?¹¹⁵⁰ Como eu tento demonstrar, o jogo conspícuo que Nietzsche produz acerca de *Ecce homo* é, um procedimento sofisticado no âmbito de uma problematização da própria possibilidade da *historiografia* enquanto tal. Se aceitarmos com Benne que pode haver uma “incorporação da filologia” no posterior modo de pensar de Nietzsche e que, sobretudo, o elemento da “comparação” como “procedimento preferido”¹¹⁵¹, somado a certa “ponderação estética”¹¹⁵², parece ser o que caracteriza o “estudo

referem-se as “palavras atribuídas ao poeta Vallé des Barreaux (1602-1673) que Voltaire cita em uma carta a Thieriot de 24 de dezembro de 1758: »Voilà, bien du bruit pour une omelette«” NIETZSCHE, 2005b, nota 1093, p. 618.

1149 “Der Text, dessen Eigenschaften und Bedeutungsumfang noch näher zu bestimmen ist, stellt keinen *Fakt*, sondern ein *Artefakt* dar, zu dessen Herstellung viel Geduld und Könnerschaft nötig sind.” BENNE, 2005, p. 105

1150 “And the Ermanarich project reveals two further points that are typically overlooked in the literature about Nietzsche’s development. First, it demonstrates that Nietzsche had a genuine interest in, and talent for, historiography even before his tutelage under Ritschl and Jahn at Bonn. (...) Second, Nietzsche’s earliest sustained historical project had nothing to do with classical antiquity.” JENSEN, 2013, p. 11-12.

1151 “Auf allen Ebenen der Kritik ist es immer wieder der Vergleich, dessen sich Nietzsche als bevorzugtem Verfahren der Philologie bedient” BENNE, 2005, p. 97.

1152 BENNE, 2005, pp. 98-9.

da stemmata” acentuado na rubrica de Lachmann¹¹⁵³ mas que, no entanto, marca a adesão ao método de Ritschl¹¹⁵⁴, então, em alguma medida, o exercício da “genealogia” como *praxis* de um tipo de “estudo da stemmata” pode ser concebida como imperceptivelmente atuante nessa performance de “reificação do sentidos” apresentados como supostamente “fatos” da vida dessa caricatura do filósofo Nietzsche, isto é, algo como “uma genealogia fantástica”¹¹⁵⁵.

Se, contudo, pudermos ter o “fôlego” de “imaginar uma época”, como sugere Sloterdijk, em que tenhamos uma distância histórica de Nietzsche tal como era a distancia histórica entre Nietzsche e Platão¹¹⁵⁶, então estaríamos aproximadamente no ano 4100 a 2200 anos depois da morte de Nietzsche em 1900. Ainda sob esse ponto de vista, supondo no mesmo *fôlego* também alguns entraves históricos semelhantes que pressuponham queima de acervos ou algo dessa envergadura, então podemos supor um futuro com a mesma força de uma determinação histórica de fontes cuja “paleontologia da perversão” recubra o inteiro espólio de Nietzsche: *temos apenas em mãos uma única cópia da versão final impressa de Ecce homo reconstruída pelos editores da italianos*. Afora a validade dessa alusão especulativa o que aqui é importante é o fato de que a imagem acima recorre a possibilidade de discutir inventivamente uma semelhança a meu ver interessante: o status dessa cópia poderia ter alguma semelhança ao status de *De M.X.G.* que Cassin examina? Aquilo que a autora descreve como sendo *a realização da “virtualidade sofisticada da doxografia”* atribuída ao “Anônimo” sofista poderia ser comparável a atuação feita por àquele que assina o “frontispício” como “Friedrich Nietzsche” daquela cópia encontrada por acaso num futuro catastrófico? A resposta a essa questão, guardada ao âmbito da *invenção*, não deve ser procurada aqui.

1153 “Karl Lachmann (1793—1851), who had tried to elevate the stemmatology of the manuscripts to the Status of an exact science” MANSFELD, 1986, p. 45.

1154 Conforme destaca Benne esse método “atribuído a Lachmann” deve-se inicialmente a Ritschl: “O método da árvore genealógica cuja origem também hoje está lidada a Karl Lachmann, deve-se em parte importante – Friedrich Ritschl”: “Die Stammbaum-Methode, deren Entstehung heute v.a. mit Karl Lachmann verbunden wird, verdankt sich in wesentlichen Teilen – Friedrich Ritschl.” BENNE; SANTINI, 2013, p. 193.

1155 Sendo a relação com a “tipologia” não a exclusão desse processo mas sua efetivação: “Dies ist aber nicht Thema dieser Untersuchung, vor allen nicht, nachdem gezeigt worden ist, dass man die „phantastische Genealogie“, die sich Nietzsche gibt, auch auf einer *typologischen* Ebene vestehen kann, die Nietzsche freilich nicht ohne Rückgriff auf Elemente seiner menschlich-all-zumenschlichen Biographie darstellt.” HÖDL, 2009, p. 562.

1156 “Quem teria fôlego suficiente para imaginar uma época do mundo em que Nietzsche será tão histórico como Platão o era para Nietzsche?” SLOTERDIJK, 2000, p. 46.

Em seu escrito não publicado *A filosofia na época trágica dos gregos* – que pode ser concebido à luz do critério da “doxografia” já mencionado como “escrita de opiniões”¹¹⁵⁷ – Nietzsche utiliza o verbo “erzählen” para descrever de que forma ele “contará a história” dos filósofos “pré-platônicos”. Esse é exatamente o verbo que o autor utiliza no “prêambulo” de *Ecce homo* que, a meu ver, é uma das partes chave para compreender o *gesto sofista* em que o *eu-narrativo* diz que *então contará a si sua vida*¹¹⁵⁸. Em todo o *Ecce homo* o verbo em suas possíveis variações é utilizado em 4 ocasiões sendo duas conjugado na forma de “eu conto/relato” na primeira pessoa do singular e duas no infinitivo como “contar”¹¹⁵⁹. Enquanto o uso do verbo é relativamente pouco expressivo nos escritos e obras publicadas, nas correspondências é utilizado massivamente: o que parece indicar um certo grau de *informalidade* em seu uso. Nesse sentido, basicamente, “erzählen” significa “reproduzir, oralmente ou escrito, um acontecimento ou algo fictício em detalhe de maneira divertida”¹¹⁶⁰, isto é, algo de uma *narrativa clara* que corresponde ao universo da oralidade¹¹⁶¹ cujo significado “obsoleto” no alto-alemão aparece várias vezes na Bíblia em passagens como “contar as obras de deus”¹¹⁶². Insisto nesse ponto: usado no *prêambulo* e ocorrendo ainda para expressar algo da boca de Zaratustra, esse “contar” restitui precisamente o sentido de *doxografia* como “primeiros lábios” e sua relação com os *dizeres*, com a oralidade¹¹⁶³.

Em complementariedade, no mesmo *escrito não publicado* de Nietzsche encontramos o elemento chave da “descoberta/invenção” pela “personalidade” dos filósofos a serem descritos a partir da busca da imagem do “grande homem”, como esboçado na primeira “introdução”¹¹⁶⁴, e ainda, por meio da *captura* e elaboração de “três anedotas” em que seja

1157 Cf.: seção anterior “4.3. DISCURSIVIDADE, POESEOLOGIA E DOXOGRAFIA”.

1158 “E então me conto minha vida” NIETZSCHE, 2005a, p. 21; “Und so erzähle ich mir mein Leben.” KSA 6, 11, p. 263; <[eKGWB/EH-Vorbemerkung](#)>.

1159 NIETZSCHE, 2005a, p. 21; “Und so erzähle ich mir mein Leben.” KSA 6, 11, p. 263; <[eKGWB/EH-Vorbemerkung](#)>; NIETZSCHE, 2005a, p. 82; “Ich erzähle (...)” KSA 6, 4, p. 335; <[#eKGWB/EH-ZA-1](#)>; NIETZSCHE, 2005a, p. 52; “(...) zu erzählen” KSA 6, 20, p. 298; <[#eKGWB/EH-Bücher-1](#)>; NIETZSCHE, 2005a, p. 56; “erzählen” KSA 6, 30, p. 303; <[#eKGWB/EH-Bücher-3](#)>.

1160 “ein Geschehnis oder etwas Erdachtes ausführlich, auf unterhaltsame Weise mündlich oder schriftlich wiedergeben” DWDS, 2017, <<https://goo.gl/xLTYb0>>.

1161 “narrare, enarrare, recitare: kurz, weitläufig erzählen; laut und heiter erzellen, *clare recitare*.” DWB, 2017, <<https://goo.gl/L8T7J9>>.

1162 “in welcher weitem, im Hochdeutschen veralteten Bedeutung dieses Wort noch mehrmals in der Deutschen Bibel vorkommt. Die Werke Gottes erzählen, Ps. 107, 22. Gottes Ehre erzählen, Ps. 19, 2. Da er erzählte den Eid und Bund den Vätern verheißen, Weish. 18, 22. 2)” ADELUNG, 2017, <<https://goo.gl/ofbmXU>>.

1163 “o que se encontra escrito no texto doxográfico são sempre apenas “dizeres”” CASSIN, 2015a, p. 130.

1164 “die Aufgabe ist das an’s Licht zu bringen, was wir immer lieben und verehren müssen und was uns durch keine spätere Erkenntniß geraubt werden kann: der große Mensch.” <[#eKGWB/PHG-Einleitung](#)>.

“possível dar a imagem de um homem”¹¹⁶⁵. Por meio da elaboração desse construto discursivo do “momento pessoal, bem como psicológico, da antiga filosofia grega”¹¹⁶⁶ que, naquele escrito incompleto que poderia ser assinalado como uma doxografia *subversiva*, Nietzsche performa a captura da *personalidade* dos gregos antigos da mesma maneira tal como em *Ecce homo* ele joga com as “hipotiposes” aderidas a um “Selbst” em complexa multiplicidade narrativo-literária. Especialmente o manejo do conhecimento dos “gregos”, do “cristianismo” e da história dos artistas em geral podem ter sido fundamentais na composição de *Ecce homo* nesse panorama de pensar os aspectos artísticos e “anedóticos” de uma “doxografia”¹¹⁶⁷ em que o complexo *ficcional* paródico permite pensar a obra a partir de uma *ineditividade narrativo-filosófica* que se aproxima do *pós-moderno*¹¹⁶⁸.

Não a toa, é curioso notar que, aquele que precisamente cunha o termo *doxographi* para a posteridade “refuta” a tese de Nietzsche sobre Diógenes Laércio¹¹⁶⁹. Tendo isso em vista, é lícito aceitar com Jensen o fato de que “há um tipo de falsidade” nas informações de *Ecce homo* acerca de sua correspondência com a “vida” do objeto ali narrado¹¹⁷⁰. Portanto, não deve se tratar de uma “autobiografia”¹¹⁷¹. Na medida em que “não se deve tratar uma obra como um documento”¹¹⁷² deve ser possível ler *Ecce homo* como um “discurso segundo” e,

1165 “Aus drei Anekdoten ist es möglich, das Bild eines Menschen zu geben;” <#eKGWB/PHG-Einleitung2>.

1166 MEYER, “PHG: A filosofia na época trágica dos gregos” In: NIEMEYER, 2014, p. 445.

1167 Destaque para o fato de que *desafia bastante a “crítica filológica” e a atenção para o indício da relação entre “doxografia” e “biografia”*: “Nicht nur die griechischen (Daidalos, Prometheus, Hephaistos, Pygmalion, Orpheus) und christologischen (ecce homo und Kreuzigungs-Ikonographie bis hin zur satanologischen Faustfigur) Vorbilder erhalten typologische Bedeutung für Künstlerbiographien und lassen Stereotypen von magischen Fähigkeiten aber auch von schicksalhaften Bestrafungen für künstlerische Hybris wiederkehren, sondern auch ihr Fortleben in Volksdichtungen und novellistischen Anekdotenschätzen. Die Wiederkehr von Motiven wie der arkadischen Jugend des Künstlers als talentierter Hirte oder seiner arkaischen Kraft als täuschender Nachahmer der Natur fordern eher »philologische Kritik« und die Aufmerksamkeit für den Zusammenhang von »doxographischen« und »biographischen« Anzeichen heraus, wobei die Autoren in dieser Übersteigerung zugleich die Wurzel für die ambivalente Einstellung dem Künstler gegenüber als böser Zauberer und gewaltiger Schöpfer, als Gott und Wahnsinniger »zwischen Parnass und Boheme, Heroisierung und Erniedrigung« sehen.” WETZEL, 2010, p. 498.

1168 “In un certo senso si tratta di scritti che portano la filosofia a forme inedite di narrazione, che è lecito pensarle, nell’epoca del post-modernismo, anch’esse come forme post-filosofiche” LOSSI, 2012, p. 194.

1169 “Die Thesen N.[ietzsche]s über die Quellen des Diogenes Laertius wurden in der Folgezeit von anderen Philologen widerlegt. Insbesondere die Studien von Hermann Diels zu den griechischen Doxographen haben zu einer Neubewertung der Abhängigkeit des Laertius von Diokles geführt, die offenbar viel geringer war, als N.[ietzsche] dies angenommen hatte.” UGOLINI, “De Laertii Diogenis fontibus (1868/69, KGW II/1, 75–167)” In: OTTMANN, 2011, p. 159.

1170 “There is a certain kind of truthfulness among the historical statements in Nietzsche’s *Ecce homo* despite their failure to correspond to the facts of Nietzsche’s life.” JENSEN, 2011, p. 203.

1171 “Whatever EH is itself, it is not an autobiographical chronicle intended to communicate historically factual information that corresponds to the reality of the author’s life.” JENSEN, 2011, pp. 203-204.

1172 CASSIN, 2005, p. 252.

simultaneamente reconhecer, por meio daquilo que poderíamos chamar de *construção da origem*, que essa obra é uma *doxografia sofisticada de si* devido ao fato de a “identidade” do “autor”, que um “Selbst” narrativo pressuporia, é na verdade “um efeito do dizer”. Assim como Cassin compreende o *Tratado* de Górgias revelando o modo como no poema de Parmênides *o ser é um efeito do dizer*¹¹⁷³, eu gostaria de reconhecer aqui que o que está em jogo em *Ecce homo*, lido como contra-texto de seus *textos fundadores*, é o desvelamento doxosofístico de que o “Selbst” *é um efeito do dizer*: como salienta Martinez, um *sujeito paradoxal que se expressa como múltiplo E unidade*¹¹⁷⁴, exatamente na configuração de uma *performatividade sofisticada*.

O que eu chamo de *doxografia sofisticada de si* é algo da ordem de um exercício performativo que concentra os esforços textuais em impedir e burlar a anulação histórico-filológica que o próprio Nietzsche observava ser recorrente na atitude de “críticos” que “passam imediatamente a borracha mesmo sobre o escrito mais negro possível” e, então, “borram o desenho mais gracioso com suas pinceladas grossas que devem ser vistas como correções” e cuja conclusão é a de que após tal *processo crítico* “não resta mais nada.”¹¹⁷⁵ Aquilo que Nietzsche performa como uma *produção da origem* em *Ecce homo* é algo que pode ser reconhecido na “produção” construída pela tradição de leitores de Homero enquanto um produto de um “juízo estético” (*Homero e a filologia clássica*) na medida em que, como “uma fatual impossibilidade feita real através de significado imaginário”¹¹⁷⁶, isto é, a radicalização de uma “unidade”, uma “personalidade individualizada”, a *monumentalidade* doxográfica de um *Selbst* cuja tarefa é o “destino”, é então, performada *sofisticadamente*¹¹⁷⁷. É como se Nietzsche, enquanto um “sofista”, *empurrasse* “antes, a origem com toda a velocidade, a velocidade do discurso e do átomo, em direção a seus excessos, suas realizações mais esgotadoras”¹¹⁷⁸.

1173 “It makes us hear the performative force which is operating within the poem but in an unsaid, hidden way, and shows how Being, for Parmenides, is already in fact an effect of saying.” CASSIN, “Foreword” In: GONÇALVES, 2015, p. x.

1174 “In diesem Zusammenhang ist die besondere Bedeutung von projizierenden und introjizierenden Mechanismen diesen Psycho-Semiotik herausgestellt worden. So paradox es klingen mag: das Subjekt, das sich bei Nietzsche äussert ist viele und eins, plural *und* singular, wobei die Einheit und Singularität weder in logischer noch in ontologischer Hinsicht vorgängig sind.” MARTINEZ, 2013, p. 343.

1175 Ext.II §5: NIETZSCHE, 2003, p. 47.

1176 PORTER, 2000, p. 64.

1177 O que segundo Porter é parte de uma implícita “extensão e problematização da visão de Lange da Persönlichkeit” PORTER, 2000, p. 62.

1178 CASSIN, 2015, p. 110.

Nesse sentido, um aspecto muito interessante da complexa relação (pretendida por Nietzsche) do texto com seu leitor nesse caso de *Ecce homo* (em alguns casos a ideia de um “autor ideal”) é o fato de que o entrelaçamento do uso da primeira pessoa do singular e a terceira pessoa no texto de Nietzsche é exatamente aquilo que aparece como espécie de “sintoma de ficcionalidade” pelo qual Käte Hamburger e Ann Banfield analisam as narrativas em termos de uma tentativa de definição “sintática” da *narrativa ficcional*: conforme destaca Schaeffer, “eles usam a perspectiva gramatical da terceira pessoa para apresentar a perspectiva mental da primeira pessoa”¹¹⁷⁹ o que, de outro modo, significa dizer que tal procedimento “convida a uma análise da narrativa ficcional em termos de simulação direta dos universos imaginários apresentados e (sobre o lado do leitor) em termos de imersão”. Isso é aqui interessante pois permite a identificação dessa modulação das vozes no texto de Nietzsche tanto como uma espécie de “conhecimento da pluralidade das personae presente na forma de seu argumento filosófico”¹¹⁸⁰ quanto permite reconhecer tal performance textual como um *gesto* propriamente sofista de *chamar* “atenção para a disposição corpórea que vem à tona em suas expressões”¹¹⁸¹. Ou seja, há uma espécie de “sofisticação da identidade”, no entanto, aquilo que é catalizado como tal não é propriamente o “equívoco do significante” no elemento textual da cópula “é” como no *texto anônimo*, mas sim tal realização se encontra no âmbito da *identidade do gênero textual* sob o qual o “excesso de identidade” é produzido no interior das vozes do texto que oscilam entre uma “apoteose do eu” e um “nós” cuja ambivalência promove a mais completa ininteligibilidade do gênero literário de *Ecce homo*.

5.2.1.3. O *preâmbulo* como *ekhprasis sofística*

““Ânimo! Que isso não seja motivo de mais te afligires.
Se em meu poder estivesse mantê-lo escondido da Morte
dolorosíssima, quando o Destino vier procurá-lo,
como é certeza poder aprestar-lhe tão bela armadura,
que para todos os homens que virem será grande espanto””¹¹⁸²

1179 SCHAEFFER, 2009, p. 107.

1180 “It is therefore no mannerism when he refers to himself in the plural. Nietzsche’s “we” is not a royal one, but the acknowledgment of the plurality of personae present in the form of his philosophical argument.” BENNE, 2016, p. 277.

1181 “An important feature of this plurality, hardly studied as yet, is Nietzsche’s use of prose rhythm to characterize different voices and positions by drawing attention to the corporeal disposition that comes to the surface in their rhythmic expressions.” BENNE, 2016, p. 277.

1182 HOMERO, 1996, p. 463-467.

Se Nietzsche pretendia que suas obras tivessem o efeito de algo tão *duradouro como o bronze* e *demonstrasse*, por fim, sua *força*¹¹⁸³, e nos foi permitido orientar-se para que “não se deve tratar uma obra como um documento”¹¹⁸⁴, o *preâmbulo*, embora reduzido em sua estrutura, poderia ser identificado a uma *ekphrasis* que, como uma *epideixis* plena¹¹⁸⁵, assemelhasse por exemplo a primeira *ekphrasis* do “escudo” de Aquiles forjado por Hefesto do canto XVIII da *Ilíada* que Homero *pinta*:

Neste¹¹⁸⁶ dia perfeito, em que tudo amadurece e não só a videira doura, caiu-me na vida um raio de sol¹¹⁸⁷: olhei para trás, olhei para a frente, jamais vi tantas e tão boas coisas de uma só vez. Não foi em vão que enterrei hoje o meu quadragésimo quarto ano, era-me *lícito* sepultá-lo —¹¹⁸⁸ o que nele era vida está salvo, é imortal¹¹⁸⁹. O primeiro livro da *Tresvaloração de todos os valores*, as *Canções de Zaratustra*, o *Crepúsculo dos ídolos*, meu ensaio de filosofar com o martelo —¹¹⁹⁰ tudo dádivas desse ano, aliás de seu último trimestre! *Como não deveria ser grato à minha vida inteira?* —¹¹⁹¹ E assim me conto minha vida¹¹⁹².

1183 Minha hipótese a esse respeito é a de pensar em que medida a “Beweis der Kraft” bíblica que Nietzsche utiliza da tradução de Lutero permite pensar o *efeito sofisticado* da *performance do melhor* em seu texto: “na história sofisticada da filosofia, ficaria explícito que o melhor, a performance, é a medida do verdadeiro.” CASSIN, 2005, p. 09. Embora Viesenteiner comente em nota os significados da expressão “prova de força” em Nietzsche, a meu ver, há um aspecto que é negligenciado pelos interpretes da segunda significação da expressão que diz respeito ao âmbito da *oralidade Antiga* sob o qual essa “prova de força” no contexto cristão é uma espécie de orientação das “Escrituras” que, obviamente, Nietzsche *contra-performa* a seu modo: Cf. VIESENTEINER, 2014, p. 197.

1184 CASSIN, 2005, p. 252.

1185 “*Epideixis* [em contraste com o apofantico/constativo “apodeixis”] is the art of showing “before” and of showing “as well,” according to the two main senses of the prefix. To show, publicly, “before,” in everyone’s eyes: an epideixis may thus be a demonstration of force (the deployment of an army, in Thucydides, for example, or the demonstration of a crowd), an exhibition. But also showing “more” on the occasion of this publicity: by putting an object on display, one makes use of it as an example or a paradigm, one “overdoes” it—“making of a fly an elephant,” Lucian says.” CASSIN, 2014a, p. 215.

1186 Um “segundo prefácio” com uma *outra* função: “it functions as a second foreword of a different tone from the first.” MORE, 2014, p. 57.

1187 Descrição de um “momento de pausa”: MORE, 2014, p. 57.

1188 Travessão de pausa de pensamento e complementariedade da informação.

1189 A ideia do “destino” que alcançara a posteridade: “A arma foi fabricada a pedido de Tétis, não para permitir que seu filho resistisse à morte, mas para que “todos ficassem maravilhados” (466s.) quando o destino o alcançasse.” CASSIN, 2005, p. 250.

1190 Travessão de pausa de pensamento e complementariedade da informação.

1191 Pergunta retórica no “Konjuntiv II” que modula o tempo da possibilidade futura, seguida de um travessão de cesura.

1192 NIETZSCHE, 2005a, p. 21; KSA 6, p. 262. Finalizo com as palavras de Cassin: “Imitar a imitação, produzir um conhecimento, não do objeto, mas da ficção do objeto, da objetivação: a *ekphrasis* logológica é literatura” CASSIN, 2005, p. 251.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa continua em aberto. As pequenas possibilidades conclusivas apenas oferecem uma abertura e direção do caminho a serem insistentemente trilhados após esse provisório trabalho inicial realizado. Tendo isso em vista, estas pequenas e provisórias conclusões poderiam ser sumarizadas da seguinte forma:

Primeiro: a tentativa na primeira parte da tese de clarificar teoricamente os “objetos” aqui investigados forneceram uma amplitude de conhecimento sobre a transmissão de documentos históricos textuais e as discussões teóricas envolvidas a esse respeito que envolve o reconhecimento de uma complexa e dinâmica compreensão inter-relacionada de filologia e filosofia. Tanto o “objeto sofisticada” quanto o “objeto texto”, junto a filosofia de Nietzsche, permitiram observar essa série de problemas teórico-práticos da transmissão que resultam em possibilidades de interpretação do material transmitido em questão. A tese “logológica” de Cassin é, basicamente, elaborada sob uma tomada de posicionamento crítico em relação a uma determinada tradição filológica que, segundo a autora, “tráfica” filologicamente o texto *nadificando-o* a serviço de uma determinação positiva de um critério metodológico. Na esteira desse posicionamento crítico, foi possível destacar de que maneira o “objeto texto” de Nietzsche pode ser abordado à luz desse tipo de crítica contemporânea segundo a qual Pichler, junto a uma tradição alemã de filólogos, elabora sua concepção de “texto” que contemplaria tanto o aspecto *literarilizante* dos escritos de Nietzsche, bem como, o trabalho *auto-reflexivo* do filósofo que as anotações póstumas nas edições *diferenciadas* podem fornecer ao intérprete atualmente. Nesse sentido, estamos apenas iniciando os trabalhos a esse respeito.

Segundo: na segunda parte, que pode ser considerada mais *demonstrativa*, foi possível notar que as dificuldades que a obra *Ecce homo* encerra em sua *constituição* e *status* apenas servem de elemento interessante para complexificar as interpretações aquém daqueles *confiscos* de determinações arbitrárias como aquelas primeiras leituras que viam a obra como produto de um “colapso a caminho”. Por outro lado, numa tentativa de debate junto aos intérpretes da pesquisa sobre Nietzsche foi possível desdobrar o argumento mais geral de que há na textualidade dos escritos de Nietzsche uma espécie de *gesto sofista*, bem como, embora realizado apenas parcialmente, num sentido mais específico, foi possível desdobrar o argumento de que devido a seus elementos textualmente constitutivos, a obra *Ecce homo* pode

ser compreendida como uma espécie de *doxografia sofisticada de si* na medida em que o complexo jogo textual com as “vozes”, “tipos” e “máscaras”, é assimilado como efetiva “hipotipose sofisticada” cujos sujeitos e nomes são mera “ficção significativa”. Por sua vez, isso se torna visível ao compreender que ao *monumentalizar* essa multiplicidade de um “Selbst” Nietzsche estaria jogando o mesmo jogo que um caricatural Diógenes Laércio induzindo a uma captura da suposta “*Persönlichkeit*” ali envolvida.

Terceiro: resta, por fim, apenas reconhecer o fato de que o presente trabalho realizou parcialmente a possibilidade das abordagens, bem como, fica evidente a esperança de que ao projetar as consequências dessa interpretação para um possível futuro projeto de tradução ou de construção teórica de elementos de tradução (como era o projeto inicial) poderia desdobrar ainda mais as elaborações aqui, apenas heurísticamente iniciadas.

Anexo I

a) No diálogo “O Sofista” encontramos um total de 46 ocorrências das diversas possibilidades dos termos gregos declinados “sofista” e “sofística”:

PLATÃO. *Sofista*. In: Plato. *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903. Disponível em: <<https://goo.gl/HScZLO>> Acesso em agosto de 2018.

_____. *Diálogos. Sofista – Político – Apócrifos ou duvidosos*. Vol. X.; Trad. Carlos Alberto Nunes. UFPR, 1980.

Obra	<i>O Sofista</i>		
Termos	Nº de ocorrências	Numeração	Pag. no português
σοφισταί	1	216d	p. 25
σοφιστὰς	1	231a	p. 44
σοφιστήν (τὸν)	20	217a, 221c, 221d, 223a, 225e, 231c, 232b, 236c, 239e, 241a, 241c, 253c, 258b, 260c, 261a, 261a, 264c, 267e, 268c, 268d	p. 20, p. 32, p. 32, p. 34, p. 38, p. 45, p. 47, p. 54, p. 57, p. 59, p. 59, p. 77, p. 86, p. 94, p. 89, p. 89, p. 95, p. 100, p. 101, p. 101
σοφιστής (ὁ)	9	218c, 222a, 226a, 231d, 233c, 235b, 239c, 240c, 264d	p. 27, p. 32, p. 38, p. 46, p. 49, p. 51, p. 56, p. 58, p. 97
σοφιστοῦ (τοῦ)	8	218b, 218d, 221d, 234e, 241b, 254a, 254b, 264e	p. 27, p. 27, p. 32, p. 50, p. 59, p. 78, p. 78, p. 95
σοφιστικὸν	3	224c, 224e, 268b	p. 36, p. 37, p. 101
σοφιστική	3	223b, 224d, 231b	p. 34, p. 36, p. 46
σοφιστικῆς (τῆς)	1	233a	p. 48

b) No diálogo *Protágoras* encontramos um total de 31 ocorrências das diversas possibilidades dos termos gregos declinados “sofista” e “sofística”. Sigo as menções do original que na edição em português pode aparecer diferente em adequação à tradução:

PLATÃO. *Sofista*. In: Plato. *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903. Disponível em: <<https://goo.gl/fRUUic>> Acesso em agosto de 2018.

_____. *Diálogos. Protágoras – Górgias – O Banquete – Fedão*. Vol. III-IV; Trad. Carlos Alberto Nunes. UFPR, 1980.

Obra	<i>Protágoras</i>		
Termos	Nº de ocorrências	Numeração	Pag. no português
σοφιστής (ὁ)	13	312a, 312c, 312d, 312d, 312e, 312e, 313c, 313c, 315a, 316d, 316e, 317b, 317c,	p. 46, p. 47, p. 47, p. 47, p. 47, p. 47, p. 48, p. 48, p. 50, p. 52, p. 52, p. 52, p. 52
σοφιστή	2	311e, 312c	p. 46, p. 47
σοφιστήν (τὸν)	6	311e, 312a, 312c, 313c, 313c, 349a,	p. 46, p. 46, p. 47, p. 48, p. 48, p. 91
σοφιστῶν (τῶν)	2	314d, 318d	p. 49, p. 54
σοφισταί	3	314d, 314d, 342b,	p. 49, p. 49, p. 83,
σοφιστάς (τούς)	2	342b, 357e	p. 83, p. 102
σοφισταῖς	2	342c, 342c	p. 83, p. 83
σοφιστικὴν (τὴν)	1	316d	p. 52

Devido a limitações do presente trabalho o completo conjunto de ocorrências pode ser encontrado por meio de uma pesquisa dos termos nas obras de Platão e Aristóteles no portal digital “Perseus”: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus:collection:Greco-Roman>>.

REFERÊNCIAS

ADELUNG, Johann Christoph. **Grammatisch-kritisches Wörterbuch der Hochdeutschen Mundart mit beständiger Vergleichung der übrigen Mundarten, besonders aber der oberdeutschen**. Zweite, vermehrte und verbesserte Ausgabe. Leipzig 1793-1801. Disponível em <<http://woerterbuchnetz.de/>> Acesso em agosto de 2018.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Edições Loyola, 2002.

_____. *Metafísica*. Tradução do Livro Gama. In: CASSIN, Barbara. **Efeito Sofístico**. São Paulo: Editora 34, pp. 377-400, 2005.

ASHER, R. E.[ed]. **The encyclopedia of language and linguistics**. Pergamos Press, New York, 1994.

BABICH, Babette. The science of word or philology: music in The Birth of Tragedy and the alchemy of love in The Gay Science. **Rivista di estetica**, n.s., 28, XLV, pp. 47-78 (1 / 2005).

_____. "The Genealogy of Morals and Right Reading: On the Nietzschean Aphorism and Art of the Polemic" in: ACAMPORA, Christa Davis [ed.]. **Nietzsche's On the Genealogy of Morals**. Lanham, MD: Rowman & Littlefeld, pp. 177-190, 2006.

_____. **The Hallelujah Effect. Philosophical Reflections on Music, Performance Practice and Technology**. Ashgate, England/USA, 2013.

BADIOU, Alain; CASSIN, Barbara. **Il n'y a pas de rapport sexuel. Deux leçons sur "L'Étourdit" de Lacan**. Fayard, 2010.

BARBOSA, Rodrigo F.; Nietzsche e a linguagem performativa: performativos explícitos e a fala do martelo. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche** – 1o semestre de 2013 – Vol. 6 – no 1, pp. 1-13, 2013.

_____. O símile da mulher e a figura de Circe como "mimesis retórica" em Nietzsche. In: **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência** – 2o quadrimestre de 2014 – Vol. 7 – no 2 – pp. 50-69, 2014.

_____. Ecce homo: um exercício de pseudoepigrafia sofista. **Sofia**. Vol.4, n.1 (Janeiro/Junho), Vitória (ES), pp. 127-144, 2015a.

_____. Se Nietzsche, então sofística? **Outramargem: revista de filosofia**. Belo Horizonte, n. 2, pp. 273-285, 2015b.

BARBOSA, Rodrigo F.; PREZOTTO, Mara Joseane. Nietzsche e o "relativismo linguístico" no século XIX. **Estudos Nietzsche**. Curitiba, v. 5, n. 2, p. 287-304, jul./dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/estudosnietzsche.05.002.AO02>.

BARNES, J.; Nietzsche and Diogenes Laertius. **Nietzsche-Studien**. Band 15, pp. 16-40, 1986.

BARTHES, Roland. **Inéditos**. Vol.1 – *Teoria*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Martins Fontes, São Paulo, 2004.

_____. **Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977**. 2ª ed. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2013.

BARROS, Fernando R. de Moraes. Desafios da linguagem musical: a correspondência entre Nietzsche e Carl Fuchs. **Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche**. Vol. 3. – nº 2, pp. 132-141, 2º semestre de 2010.

BEHLER, Ernst. I. Beiträge zu Ehren von Ernst Behler Nietzsches Studium der griechischen Rhetorik nach der KGW. **Nietzsche-Studien**. Band 27, Issue 1, Pages 1–12, 1998, DOI: <<http://10.1515/niet.1998.27.11>>.

BENNE, Christian. **Nietzsche und die historisch-kritische Philologie**. Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, Band 49. Walter de Gruyter (Berlin, New York) 2005.

_____. “Good cop, bad cop: Von der Wissenschaft des Rhythmus zum Rhythmus der Wissenschaft” In: HEIT, Helmut/ABEL, Günter/BRUSOTTI, Marco (Hrsg.). **Nietzsches Wissenschaftsphilosophie**. Berlin, Boston: De Gruyter, pp. 189–212, 2011.

_____. The Philosophy of Prosopopoeia. **The Journal of Nietzsche Studies**. Volume 47, Issue 2, Summer, pp. 275-286, 2016.

BENNE, Christian; SANTINI, Carlota. “Nietzsche und die Philologie” In: HEIT, Helmut; HELLER, Liza [Hrsg.]. **Handbuch Nietzsche und die Wissenschaften**. Berlin, Boston, De Gruyter, pp. 173-200, 2013.

BERTHOLD-BOND, Daniel. **The ethics of authorship: communication, seduction, and death in Hegel and Kierkegaard**. Fordham University Press, New York, 2011.

BEEK, W. **Linguistic Relativism Variants and Misconceptions**. p. 06. Disponível em: <<https://goo.gl/tiR3xJ>> Acesso em agosto de 2018.

BEIN, Thomas “Editionsphilologie” In: ACKERMANN, Christiane; EGERDING, Michael [Hrsg.]. **Literatur- und Kulturtheorien in der Germanistischen Mediävistik**. Walter de Gruyter, Berlin/Boston, pp. 35-66, 2015.

BEST, Stephen; MARCUS, Sharon. Surface Reading: An Introduction. **Representations**. Vol. 108, No. 1, pp. 1-21, (Fall 2009).

BLOCH, Peter André. Nietzsches musikalisches Schreiben. Zum V. Buch der Fröhlichen Wissenschaft. **Nietzsche-Studien**. Band 45, pp. 113-131, 2016.

BOESCH, Bruno (org). **História da literatura alemã**. Editora Herder, São Paulo, 1967.

BORN, Marcus Andreas; PICHLER, Axel; "Text, Autor, Perspektive. Zur philosophischen Bedeutung von Textualität und literarischen Inszenierungen in Jenseits von Gut und Böse" In: BORN, Marcus Andreas/PICHLER, Axel (Hrsg.). **Texturen des Denkens. Nietzsches Inszenierung der Philosophie in Jenseits von Gut und Böse**. (Nietzsche Heute 5). Berlin/Boston: De Gruyter 2013.

BREUER, Ulrich. **Zur Konstitution autobiografischer Identität im Kapitel „Warum ich so gute Bücher schreibe“ in Friedrich Nietzsches „Ecce homo. Wie man wird, was man ist.“**. Leitung im Seminar Nietzsches „Ecce homo“. [S.I.], 2014.

BROBJER, Thomas H.; Nietzsche's Reading and Private Library, 1885-1889. **Journal of the History of Ideas**. Vol. 58, N° 4, pp. 663-693, (Oct., 1997).

_____. Nietzsche relation to the greek sophists. **Nietzsche-Studien**. 34, pp. 256-277, 2005.

_____. The Late Nietzsche's Fundamental Critique of Historical Scholarship. In: DRIES, Manuel. **Nietzsche on Time and History**. Walter de Gruyter, Berlin, New York, 2008.

BROCHARD, Victor. **Os cétricos gregos**. Trad. Jaimir Conte. Odysseus Editora, São Paulo, 2009.

BUHL, Michael. "Textstrategie und Performativität: Dialogizität, Literarizität und Polyperspektivität im Kontext von Nietzsches Kommunikationstheorie" In: GRÄTZ, Katharina; KAUFMANN, Sebastian(Hrsg.); **Nietzsche als Dichter. Lyrik-Poetologie-Rezeption**. Nietzsche-Lektüren, Band 1, De Gruyter, pp. 297-314, 2017.

BURDORF, Dieter. **Geschichte der deutschen Lyrik. Einführung und Interpretationen**. J. B. Metzler, Stuttgart, 2015.

CALDER, William Musgrave. The Wilamowitz-Nietzsche Struggle: New Documents and a Reappraisal. **Nietzsche-Studien**. 12, pp. 214-254, 1983.

CANCIK, Hubert. **Nietzsche Antike. Vorlesung**. Zweite Auflage. Verlag J.B. Metzler, Stuttgart-Weimar, 2000.

CAMPIONI, Giuliano. *Nietzsche e a filologia, a filologia e Nietzsche. Minhocas e tesouros. A pesquisa das fontes e a "biblioteca ideal" de Nietzsche*. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo, n. 33, p. 15-40, 2013.

CARO, Del Adrian. Nietzsche's Rhetoric on the Grounds of Philology and Hermeneutics. **Philosophy and Rhetoric**. Volume 37, Number 2, pp. 101-122, 2004.

CASSIN, Barbara. **Si Parménide**. Le traité anonyme *De Melisso Xenophane Gorgia*. Edition critique et commentaire. Vol. 4. Cahiers de Philologie. Presses Univeritaires de Litle, France. 1980.

_____. **Aristóteles e o lógos. Contos de fenomenologia comum**. Editora Loyola, São Paulo, 1999.

_____. **O efeito sofístico**. Ed. 34, São Paulo, 2005.

_____. A performance antes do performativo, ou a terceira dimensão da linguagem. **Revista Letras**. Editora UFPR. Número 82, set./dez. Curitiba, pp. 11-48, 2010.

_____. **Sophistical Practice: Toward a Consistent Relativism**. Fordham University Press, Nova York, 2014a.

_____. Uma Barbara entre os gregos (Entrevista). **Revista Cult**. Editora Bregantini, Nº 191, ano 17, pp. 06-11, Junho/2014b.

_____. **Se Parmênides. O tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia**. Editora Autêntica, 1ª ed., Belo Horizonte, 2015a.

_____. The Energy of the Untranslatables: Translation as a Paradigm for the Human Sciences. **Paragraph**. 38.2, pp. 145-158, 2015b.

CASSIN, Barbara; WOLFE, Charles T.; Who's afraid of the sophists? Against ethical correctness. **Hypatia**. Vol. 5 Number 4, pp. 102-120, 2000.

CASSIN, Barbara; VÉGS, Roland. The Relativity of Translation and Relativism. **CR: The New Centennial Review**. Volume 12, Number 2, pp. 23-45, Fall 2012.

CASSIN, Barbara; [et al.]; **Dictionary of Untranslatables: A Philosophical Lexicon**. Princeton University Press, 2014.

CHAPANSKI, Gissele. **Uma tradução da Tékhne Grammatiké de Dionísio Trácio para o português**. Dissertação de mestrado do curso de Letras da UFPR, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/vYtuE2>>.

CHATTERJEE, Ranjit. “Before and Beyond Linguistics: The Case of Professor Nietzsche, Philologist” In: CHATTERJEE,R.;NICHOLSON,C.[Ed]; **Tropic Crucible: Self and Theory in Language and Literature**. Singapore University Press, Singapore, 1984.

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots**. Tome I (A - Δ). Editions Klincksieck, Paris, 1968.

_____. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots.** Tome II, E-K. Editions Klincksieck, Paris, 1970.

_____. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots.** Tome III, Α-Π. Editions Klincksieck, Paris, 1974.

_____. **Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des mots.** Tome IV-1, P-Y; Éditions Klincksieck, Paris, 1977.

_____. **Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des mots.** Tome IV-2, Φ-Ω; Éditions Klincksieck, Paris, 1980.

CLASSEN, C. Joachim. "Aristotle's Picture of The Sophists" In: KERFERD, G.B.[ed]. **The Sophists and their Legacy.** Franz Steiner Verlag, pp. 07-25, 1981.

CONSIGNY, Scott. Edward Schiappa's reading of the Sophists. **Rethoric Review.** Vol. 14, N°. 2 (Spring, 1996), pp. 253-269.

CONSTÂNCIO, João; MAYER BRANCO, João Maria [Editors]. **Nietzsche on Instinct and Language.** De Gruyter, Berlin, Boston, 2011.

CORBIER, Christophe. Alogia et eurythmie chez Nietzsche. **Nietzsche-Studien.** Band 38, pp. 01-38, 2009.

CRAWFORD, Claudia. **The Beginnings of Nietzsche's Theory of Language.** Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, Band 19. Walter de Gruyter, Berlin, New York, 2005.

DAIBER, Claudia. "*Gehen als kommunikative Geste und performativer Akt im 'Nibelungenlied'*" In: HAHN, Daniela; MOHNKERN, Ansgar; PARR, Rolf. [Hrgs.]. **Kulturelle Anatomien: Gehen.** Synchron. Heidelberg, 2017.

DAHLKVIST, Tobias. "*Why Was Nietzsche so Wise and so Clever? Ecce homo and the Melancholy Tradition*" In: RESCHKE, Renate [ed.]. **Nietzscheforschung. Jahrbuch der Nietzschegesellschaft.** Band 12 – Bildung – Humanitas – Zukunft bei Nietzsche. Akademie Verlag, Berlin, Boston, pp. 209-217, 2005.

DB. Response to 'Sophistic Rhetoric: Oasis or Mirage?'. **Rethoric Review.** Vol. 10, N°. 2 (Spring, 1992), pp. 390-391.

DENAT, Céline. "Les découvertes les plus précieuses, ce sont les méthodes": Nietzsche, ou la recherche d'une méthode sans méthodologie. **Nietzsche-Studien.** Band 39, p. 283-308, 2010.

DEUTSCHER, Guy. **Through the language glass: why the world looks different in other languages.** 1st ed. Metropolitan Books, New York, 2010.

DI LEO, Jeffrey R. "Text", In: KELLY, Michael [Ed.]; **Oxford Encyclopedia of Aesthetics**. Volume Four. Oxford University Press, New York, pp. 370-375, 1998.

DIETHE, Carol. **Historical dictionary of Nietzscheanism**. 2nd ed. Scarecrow Press, Maryland, 2007.

DUDENREDAKTION (o. J.): **Duden online**. Disponível em: <<http://www.duden.de/>> Acesso agosto de 2018.

DUFOUR, Éric. La physiologie de la musique de Nietzsche. **Nietzsche-Studien**. Band 30, pp. 215-233, 2001.

DWB = *Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm*. 16 Bde. in 32 Teilbänden. Leipzig 1854-1961. Quellenverzeichnis Leipzig 1971. Disponível em: <<http://woerterbuchnetz.de/>> Acesso em agosto de 2018.

DWDS. *Digitale Wörterbuch der deutschen Sprache*. ein Projekt der BBAW. Disponível em: <<http://www.dwds.de>> Acesso em agosto de 2018.

EMDEN, Christian J.; Nietzsche's Philosophy of History by Anthony K. Jensen (review). **The Journal of Nietzsche Studies**. Volume 45, Issue 3, Autumn 2014, pp. 364-366.

ENDRES, Martin; PICHLER, Axel. "warum ich diesen mißrathenen Satz schuf": Ways of Reading Nietzsche in the Light of KGW IX. **Journal of Nietzsche Studies**. Vol. 44, N° 1, pp. 90-109, 2013.

ENOS, Richard Leo. Theory, Validity, and the Historiography of Classical Rhetoric: A Discussion of Archaeological Rhetoric. In: BALLIF, Michelle [ed.] **Theorizing Histories of Rhetoric**. Carbondale, IL, Southern Illinois University Press, 2013.

EISENBERG, Peter. **Grundriss der deutschen Grammatik**. Band 2: *Der Satz*. 4. Auflage. Verlag J. B. Metzler, Stuttgart/Weimar, 2013.

FEHÉR M., István. Textual Criticism, Edition History, Interpretation: Philological and Hermeneutical Problems of Historical Critical and Life Work Editions. **Philobiblon: Transylvanian journal of multidisciplinary research in humanities** – Vol. XVII (2012) – No. 1, pp. 114-181, 2012.

FICHER, Clara, "Workshop as a Work: Nietzsche's Hefte and Brecht's Notizbücher" In: BAJOHR, H. [et al.] (ed.). **The Future of Philology: Proceedings of the 11th Annual Columbia University German Graduate Student Conference**. Cambridge Scholars Publishing, pp. 76-97, 2014.

FRICKE, Harald [hrgs.]. **Reallexikon der deutschen Literaturwissenschaft**. Band II. H-O. Walter de Gruyter. Berlin/New York. 2007.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FLORES, Guilherme Gontijo; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Polimetria latina em português. **Revista Letras**. Curitiba, n.89, Editora UFPR, p. 147-172, jan./jun. 2014.

GLÜCK, Helmut; RÖDEL, Michael [hg.]; **Metzler Lexikon Sprache**. 5. Auflage, J.B. Metzler, Stuttgart, 2016.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos. A literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2006.

GENTILI, Carlo. **Nietzsches Kulturkritik: zwischen Philologie und Philosophie (Beiträge zu Friedrich Nietzsche)**. Schwabe Basel, 2010.

GLÜCK, Helmu; RÖDEL, Michael (Hg.); **Metzler Lexikon. Sprache**. 5. Auflage. J. B. Metzler Verlag, 2016.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **Performative Plautus: Sophistics, metatheater and Translation**. Cambridge Scholars Publishing, UK, 2015.

_____. **Perpétua prisão órfica ou Ênio tinha três corações: o relativismo linguístico e o aspecto criativo da linguagem**. UFPR, 2008. (Tese de Doutorado) Disponível em: <<https://goo.gl/zOwUFP>> Acesso em agosto de 2018.

GRAFTON, Anthony. **As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé**. Papirus, Campinas-SP, 1998.

GRAHNOLATI, Manuele; SUERBAUM, Almut [ed]. **Aspects of the performative in medieval culture**. Trends in medieval philology, vol. 18, Walter de Gruyter, Berlim/New York, 2010.

GRÄTZ, Katharina; KAUFMANN, Sebastian; “Nietzsche als Dichter: Zur Einführung” In: GRÄTZ, Katharina; KAUFMANN, Sebastian (Hrsg.); **Nietzsche als Dichter. Lyrik-Poetologie-Rezeption**. Nietzsche-Lektüren, Band 1, De Gruyter, pp. 01-06, 2017.

GRODDECK, Wolfram. 'Oh Himmel über mir'. Zur kosmischen Wendung in Nietzsches Poetologie. **Nietzsche-Studien**. Band 18, pp. 490-508, 1989.

GROTE, George. **A history of greece**. John Murray, London, 1850. Disponível em: <<https://goo.gl/VCCdV1>> Acesso em agosto de 2018.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **The Powers of Philology: Dynamics of Textual Scholarship**. University of Illinois Press, 2003.

GÜNTHER, Friederike Felicitas. **Rhythmus beim frühen Nietzsche**. Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, Band 55, Walter de Gruyter (Berlin, New York), 2008.

GUTHRIE, W. K. C. **Os sofistas**. São Paulo: Paulus, 1995.

HANDL, Jacob. **Ecce quomodo moritur justus**. Disponível em: <<http://goo.gl/OirC7Y>> Acesso novembro de 2016.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, Gregory. **Dictionary of Lexicography**. London, US: Routledge, 2002.

HASSET, Michael. Sophisticated Burke: Kenneth Burke as a Neosophistic Rhetorician. **Rhetoric Review**. Vol. 13, N° 2 (Spring), pp. 371-390, 1995.

HAUPT, Carine. O sistema vocálico alemão. **Revista do GEL**. Araraquara, nº4, p 159-167, 2007.

HEIT, Helmut. Hegel, Zeller and Nietzsche: Alternative Approaches to Philosophical Historiography, pp. 117-139, In: HARTUNG, G; PLUDER, V. [eds.] **From Hegel to Windelband. Historiography of Philosophy in the 19th Century**. Volume 1, Walter de Gruyter, Berlin/Boston, 2015.

HOLQUIST, Michael. The place of philology in an age of world literature. **Neohelicon**. 38, pp. 267-287, 2011.

HOMERO. **A ilíada**. Trad. Carlos Alberto Nunes. 5ª Edição, Ediouro, Rio de Janeiro, 1996.

_____. **Odisseia**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Nova fronteira, Rio de Janeiro, 2011.

HORSTMANN, Susanne. "Text" In: MÜLLER, Jan-Dirk [hg]; **Reallexikon der deutschen Literaturwissenschaft**. Band III (P-Z), Walter de Gruyter, Berlin/New York, pp. 594-597, 2007.

HÖDL, Hans Gerald. **Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos. Studien zur systematischen Bedeutung von Nietzsches Selbstthematisierungen im Kontext seiner Religionskritik**. Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, Band 54, Walter de Gruyter, Berlin/New York, 2009.

IORDAN, Iorgu. **Introdução à Linguística Românica**. Trad. Júlia Dias Ferreira. 2ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1962.

ISIDRO PEREIRA, S.J. **Dicionário grego-português e português-grego**. 5ª Edição. Porto: Apostolado da Imprensa, 1951.

JOSEPH, E. John; LOVE, Nigel; TAYLOR, Talbot J. **Landmarks in linguistic Thought II. The Western Tradition in the Twentieth Century**. London: Routledge, 2001.

JANZ, Curt Paul. **Nietzsche. Biographie.** Tome I. Éditions Gallimard, 1984.

_____. **Nietzsche. Biographie.** Tome II. Éditions Gallimard, 1984.

_____. **Nietzsche. Biographie.** Tome III. Éditions Gallimard, 1985.

JARRAT, Susan. The first sophists and the uses of History. **Rhetoric Review.** Vol. 6, N. 1 (Autumn, 1987), pp. 67-78.

JENKINS, Scott. Nietzsche's Use of Monumental History. **The journal of Nietzsche Studies.** Volume 45, Issue 2, Summer 2014, pp. 169-181.

JENSEN, Anthony K.; Geschichte or Historie? Nietzsche's Second Untimely Meditation in the Context of Nineteenth-Century Philosophical Studies. In: DRIES, Manuel. **Nietzsche on Time and History.** Walter de Gruyter, Berlin, New York, 2008.

_____. Meta-historical Transitions from Philology to Genealogy. **The Journal of Nietzsche Studies.** Volume 44, Issue 2, pp. 196-212, Summer 2013a.

_____. *Nietzsche's philosophy of history.* Cambridge University Press, New York, 2013b.

KERFERD, G. B.; **O movimento sofista.** Trad. Margarida Oliva. Edições Loyola, São Paulo, 2003.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; **Os filósofos pré-socráticos.** Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed., Lisboa, 1982.

KITTLER, Friedrich A.; **Gramophone, Film, Typewriter.** Stanford University Press, California, 1999.

KLUGE, Friedrich. **Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache.** 24 Alflage. Walter de Gruyter. CD-ROM. Berlin, 2002.

KNOBLOCK, Clemens. "Text/Textualität" In: BARCK, Karlheinz; et al.; **Ästhetische Grundbegriffe.** Historisches Wörterbuch in sieben Bänden. Band 6: Tanz – Zeitalter/Epoche. Verlag J.B. Metzler, Stuttgart/Weimar, pp. 23-47, 2010.

KURZ, Gerhard. "23. Methoden der Textinterpretation in literaturwissenschaftlicher Perspektive" In: BRINKER, Klaus [et al.]. **Text- und Gesprächslinguistik: ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung.** De Gruyter, Berlin/New York, pp. 209-220, 2000.

KUHN, Thomas S.; **A estrutura das revoluções científicas.** Editora Perspectiva, 1998.

LACAN, Jacques. **Outros escritos.** Trad. Vera Ribeiro. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2003.

LANDAR, Herbert. **Language and Culture**. New York: Oxford University Press, 1966.

LANGER, Daniela. **Wie man wird, was man schreibt. Sprache, Subjekt und Autobiographie bei Nietzsche und Barthes**. Paderborn; München, 2005.

LESKY, Albin. **História da literatura grega**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1995.

LEVENTHAL, Robert Scott. **The disciplines of interpretation: Lessing, Herder, Schlegel and hermeneutics in Germany, 1750—1800**. De Gruyter, Nova York/Berlin, 1994.

LEYHAUSEN, Katja. “‘Caution is not always the better part of valour’ – Purism in the historiography of the German language, pp. 302-323” In: LANGER, Nils; DAVIES, Winifred V.[ed.]; **Linguistic purism in the Germanic languages**. Studia linguística Germanica, Walter De Gruyter, Berlin, 2005.

LOPES, Rogério Antônio. **Elementos de retórica em Nietzsche**. Editora Loyola, São Paulo, 2006.

_____. **Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche**. Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, 2008. Tese de Doutorado disponível em: <<http://goo.gl/bh6wcC>> Acesso em agosto de 2018.

LOSSI, Annamaria. **L'io postumo. Autobiografia e narrazione filosofica del sé in F. Nietzsche**. Tesi di dottorato di ricerca. Università di Pisa, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/0KzwRm>> Acesso em agosto de 2018.

LOSSI, Annamaria; ZITTEL, Claus.; **Nietzsche scrittore. Saggi di estetica, narratologia, etica**. Edizioni ETS, Pisa, 2014.

LÖW, Reinhard. **Nietzsche — Sophist und Erzieher. Philosophische Untersuchungen zum systematischen Ort von Friedrich Nietzsches Denken**. Weinheim (Acta humaniora), 1984.

M. A. DISSER, Monika. **Friedrich Nietzsche und das „Experiment Schreibmaschine“**. „Archiv für Stenografie, Textverarbeitung, Informationstechnologie“, 48. Jg. [Heft 2/2006], S. 47 – 51. Disponível em <<https://goo.gl/vmMUA2>> Acesso agosto de 2018.

MACHADO, Isadora Lima. **Para além das palavras e das coisas: Friedrich W. Nietzsche e as Ciências da Linguagem**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação (Mestrado). Campinas, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/29SkoT>> Acesso em agosto de 2018.

MAINSFELD, Jaap. The Wilamowitz-Nietzsche Struggle: Another New Document and Some Further Comments. **Nietzsche-Studien**. Band 15, De Gruyter, Berlin/New York, pp. 41-58, 1986.

MANN, Joel E. Nietzsche interest and enthusiasm for the greek sophists. **Nietzsche-Studien**. 32, p. 406-428, 2003.

McCOMISKEY, Bruce. **Gorgias and the new sophistic rethoric**. Southern Illinois University Press, 2012.

MARTÍNEZ, Roberto Sanchiño. »Aufzeichnungen eines Vielfachen« **Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst**. Transcript Verlag, Bielefeld, 2013.

MARTUS, Steffen. **Werkpolitik. Zur Literaturgeschichte kritischer Kommunikation vom 17. bis ins 20. Jahrhundert mit Studien zu Klopstock, Tieck, Goethe und George**. Walter De Gruyter, Berlin/New York, 2007.

MERROW, Kathlen. The Meaning of Every Style”: Nietzsche, Demosthenes, Rhetoric. **Rhetorica: A Journal of the History of Rhetoric**. Vol. 21, No. 4 (Autumn 2003).

MORE, Nicholas D.; **Nietzsche's Last Laugh. Ecce Homo as Satire**. Cambridge University Press, New York, 2014.

MORENZ, Ludwig; SCHORCH, Stefan “Was ist ein Text? Einleitung” In: MORENZ, Ludwig; SCHORCH, Stefan (hrsg.); **Was ist ein Text? Alttestamentliche, ägyptologische und altorientalistische Perspektiven**. Walter de Gruyter, Berlin/New York, pp. IX-XX, 2007.

MÜLLER FARGUELL, Roger W.; **Tanz-Figuren. Zur metaphorischen Konstitution von Bewegung in Texten Schille, Kleist, Heine, Nietzsche**. München: Fink, 1995.

MÜLLER, Enrico. **Die Griechen im Denken Nietzsches**. De Gruyter, Berlin/New York, 2005.

MÜLLER, Enrico; SOMMER, Andreas Urs. “Einleitung zur Werkstatt” In: RESCHKE, Renate [ed.]. **Nietzscheforschung. Jahrbuch der Nietzschegesellschaft**. Band 12 – Bildung – Humanitas – Zukunft bei Nietzsche. Akademie Verlag, Berlin, Boston, pp. 127-131, 2005.

MULLER-SIEVERS, Helmut. **The Science of Literature. Essays on an Incalculable Difference**. De Gruyter, Berlin/Boston, 2015.

MÜLLER, Jan-Dirk, [hrsg.]. **Reallexikon der deutschen Literaturwissenschaft**. Band III. P-Z. Walter de Gruyter. Berlin/New York. 2007.

NASSER, Eduardo. Nietzsche e a reforma metodológica da filologia: o problema da cientificidade no contexto dos estudos clássicos. **Hypnos**. São Paulo, v. 34, 1º Sem., pp. 79-104, 2015.

NIEMEYER, Christian (org.). **Léxico de Nietzsche**. Edições Loyola, 2014.

NIETZSCHE F.; **Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe in 15 Bänden**. Hrsg. Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: DTV & Walter de Gruyter, 1980.

_____. **Genealogia da moral**. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

_____. **Da retórica**. 2a Edição. Editora: Passagens, 1999.

_____. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. Marco Antônio Casanova, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Aurora**. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

_____. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Companhia das Letras, São Paulo, 2005a.

_____. **Correspondencia I, Junio 1850 – Abril 1869**. Trad. Luiz Enrique de Santiago Guervós. Editorial Trotta, 2005b.

_____. **Humano, demasiado humano. Um livro para espírito livres**. Companhia das Letras, São Paulo, 2005c.

_____. **Humano, demasiado humano. Um livro para espírito livres**. Vol. II., Companhia das Letras, São Paulo, (Edição digital).

_____. **Além do bem e do mal**. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

_____. **A gaia ciência**. Companhia das Letras, São Paulo, 2007a.

_____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. Companhia das Letras, São Paulo, 2007b.

_____. **Assim falou zarathustra**. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

_____. **KGW IX/9**. Hrsg. v. Marie-Luise Haase und Martin Stingelin. Bearb. v. Marie-Luise Haase, Thomas Riebe, Beat Rölli, René Stockmar, Franziska Trenkle, Daniel Weißbrodt. Unter Mitarbeit v. Karoline Weber. Berlin/Boston: De Gruyter 2012.

_____. **Obras completas**. Volumen II, Escritos filológicos. Tecnos, 2013.

_____. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Trad. Jorge Luiz Viesenteiner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe**. Disponível em: <<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>>. Acesso em agosto de 2018.

NIETZSCHE RESEARCH GROUP (Hrsg.). **Nietzsche Wörterbuch**. Bd.1. Berlin: De Gruyter, 2004.

NÜNNING, Ansgar [Hrsg.]. **Metzler Lexikon. Literatur- und Kulturtheorie. Ansätze – Personen – Grundbegriffe**. 5. Auflage. J.B.Metzler, Stuttgart-Weimar, 2013.

NUTT-KOFOTH, Rüdiger. “*The Book in the Poetological Concept of Stefan George. Some Remarks on the Physical and Iconic Side of the Published Text-with an Editorial Conclusion*” In: HANSEN, Anne Mette et al. [eds.]. **Book as Artefact – Text and Border**. Editions Rodopi, Amsterdam-New York, pp. 111-132, 2005.

OTMANN, Henning [Hrsg.]. **Nietzsche-Handbuch: Leben, Werk, Wirkung**. Stuttgart/Weimar, 2011.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. Autogenealogia: acerca do “tornar-se o que se é”. **Dissertatio UFPEL**. [42], pp. 27-44, 2015. <DOI: <http://dx.doi.org/10.15210/dissertatio.v42i0.8463>>.

PEREIRA, Aires Manuel Rodoeia dos Reis; **A Mousiké: das origens ao drama de Eurípedes**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura clássica**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2002.

PICHLER, Axel. “Para-Literarizität. Versuch eines alternativen heuristischen Blicks auf die Gattungsgrenze von Philosophie und Literatur” In: DUNSHIRN, Alfred; NEMETH, Elisabeth; UNTERTHURNER, Gerhard [Hrsg.]. **Crossing borders. Grenzen (über)denken. Thinking (across) Boundaries**. Österreichische Gesellschaft für Philosophie, Wien, pp. 163-172, 2012a.

_____. “*Nietzsches Spiel mit dem Paratext. Literarische Techniken der Leserlenkung und -irritation in der Vorrede zu Menschliches, Allzumenschliches I und die Lektüremethode des autoreflexiven Lesens*” In: Nietzsche Studien 19, Walter de Gruyter, Berlin/New York, pp. 307-315, 2012b.

_____. **Philosophie als Text – Zur Darstellungsform der Götzendämmerung**. Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, Band 67. De Gruyter, Berlin, Boston, 2014.

PLATÃO. **Diálogos. Sofista – Político – Apócrifos ou duvidosos**. Vol. X.; Trad. Carlos Alberto Nunes. UFPR, 1980.

_____. **Sofista**. In: Plato. Platonis Opera, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903. Disponível em: <<https://goo.gl/HScZLO>> Acesso em agosto de 2018.

POLENZ, Peter von. **Deutsche Sprachgeschichte vom Spätmittelalter bis zur Gegenwart**. Band III, 19. und 20. Jahrhundert. Walter de Gruyter, Berlin/New York, 1999.

PORTER, James I.; **Nietzsche and the philology of the future**. Stanford University Press, California, 2000.

_____. Nietzsche, die Griechen und die Philologie. **Nietzsche Studien**. Vol. 40, Issue 1, De Gruyter, pp. 343-351, 2011.

_____. "Nietzsche's Radical Philology". In: JENSEN, Anthony K.; HEIT, Helmut (Ed.). **Nietzsche as a Scholar of Antiquity**. Bloomsbury, London, New York, pp. 27-50, 2014.

POLLOCK, Sheldon. Future Philology? The Fate of a Soft Science in a Hard World. **Critical Inquiry**. 35 (Summer 2009). The University of Chicago, 2009.

POULAKOS, John. **Sophistical rhetoric and its circumstances**. University of South Carolina Press, 2013.

PULA, Robert P. The Nietzsche-Korzybski-Sapir-Whorf hypothesis? **Spring – Et cetera**. p. 50-57, 1992.

RABATÉ, Dominique. A World of Gestures. **Journal of Literary Theory**. Volume 11, Issue 1, pp. 89-96, 2017.

RAHN, Thomas. "Gestörte Texte. Typographie als Interpretament (1870 bis 1930)" In: ZITTEL, 2017. Disponível em <<https://goo.gl/8mJ6Fu>> acesso em agosto de 2018.

RESCHKE, Renate. "Nietzsche, Friedrich Wilhelm", In: LUTZ, Bernd [Hrsg]; **Metzler Philosophen Lexikon. Von den Vorsokratikern bis zu den Neuen Philosophen**. Stuttgart, pp. 506-511, 2015.

RIES, Wiebrecht. **Nietzsche Werke. Die grossen Texte im Überblick**. WBG, Darmstadt, 2008.

_____. **Ursprünge**. (Vorlesung: Welche Sprache spricht Musik?) SommerUni in der Leibniz-Stadt. Universität Hannover, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/721s6j>> acesso em agosto de 2018.

RICHTER, Sandra. **History of poetics: German Scholarly Aesthetics and Poetics in International Context, 1770-1960**. De Gruyter, 2010.

RODRIGUES, Diego; NUNO, Fernando [ed.]. **Larousse escolar da língua portuguesa**. Larousse do Brasil, São Paulo, 2004.

ROLLINS, Peter. The Whorf Hypothesis as a Critique of Western Science and Technology. **American Quarterly**. Vol. 24, nº 5, p. 563-583, 1972.

ROSENTHAL, Erwin Theodor. **A língua alemã. Desenvolvimento histórico e situação atual.** Editora Herder, São Paulo, 1963.

SANDYS, John Edwin. **A History of Classical Scholarship. The Eighteenth Century in Germany and the Nineteenth Century in Europe and the United States of America.** Vol. 3. Cambridge University Press, New York, 2010.

SANTORO, Fernando. Dicionário dos intraduzíveis. **Revista Cult.** Editora Bregantini, Nº 191, p. 12, ano 17, Junho/2014.

SAPIR, Edward. **Language. An introduction to study of speech.** Harcourt, Brace and Company, New York, 1921. Disponível em: <<https://goo.gl/17xbIr>> Acesso em agosto de 2018.

SARAIVA, Francisco dos Santos. **Novissimo Dicionario Latino-Portuguez.** 7ª edição. Rio de Janeiro, 1910. Disponível em: <<https://goo.gl/1rMVJz>> Acesso em agosto de 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** Editora Cultrix, 2006.

SCENTER-ZAPICO, John. The Case for the Sophists. **Rethoric Review.** Vol. 11, Nº. 2, pp. 352-367 (Spring, 1993).

SCHAEFFER, Jean-Marie. “Fictional vs; Factual Narration” In: HÜHN; PETER; PIER; JOHN, and SCHMID; WOLF; eds. **Narratologia / Contributions to Narrative Theory: Handbook of Narratology.** Berlin, DEU: Walter de Gruyter, 2009, pp. 98-114.

SCHIAPPA, Edward. Sophistic Rhetoric: Oasis or Mirage? **Rethoric Review.** Vol. 10, Nº. 1 (Autumn, 1991), pp. 5-18.

_____. Some of my best friend are Neosophists: A response to Scott Consigny. **Rethoric Review.** Vol. 14, Nº. 2 (Spring, 1996), pp. 272-279.

_____. **Protagoras and the Logos: a study in Greek philosophy and rhetoric.** University of South Carolina Press, 2013.

SCHMITZ-EMANS, Monika; LINDEMANN, Uwe; SCHMELING, Manfred [Hrsg.]; **Poetiken. Autoren – Texte – Begriffe.** Walter de Gruyter, Berlin/New York, 2009.

SCHRÖDER, Winfried; **Moralischer Nihilismus. Radikale Moralkritik von den Sophisten bis Nietzsche.** Stuttgart (Reclam) 2005.

SELZ, Gebhard J.; “Offene und geschlossene Texte im frühen Mesopotamien. Zu einer Text-Hermeneutik zwischen Individualisierung und Universalisierung” In: MORENZ, Ludwig; SCHORCH, Stefan (hrsg.); **Was ist ein Text? Alttestamentliche, ägyptologische und altorientalistische Perspektiven.** Walter de Gruyter, Berlin/New York, pp. 64-90, 2007.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de heidegger sobre o humanismo**. Trad. José Oscar de Almeida Marques. Estação Liberdade, São Paulo, 2000.

_____. **Nietzsche Apostle** (Speech delivered on the occasion of the 100th anniversary of Friedrich Nietzsche's Death, Weimar, 25 August 2000) Translated by Steven Corcoran. Semiotext(e), Los Angeles, 2013a.

_____. **Philosophical Temperaments. From Plato to Foucault**. Columbia University Press, New York, 2013b.

SOMMER, Andreas Urs. **Nietzsche-Kommentar. Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist. Ecce homo. Dionysos-Dithyramben. Nietzsche contra Wagner**. Band 6/2, Walter de Gruyter, Berlin/Boston, 2013.

_____. **Nietzsche und die Folgen**. J.B. Metzler Verlag, 2017.

SOWINSKI, Bernhard; **Stilistik. Stiltheorien und Stilanalysen**. 2., überarg. u. akt. Aufl., (Sammlung Metzler. Bd. 263) Stuttgart: Metzler, 1999.

STEGMAIER, Werner. "*Philosophieren als Vermeiden einer Lehre: Inter-individuelle Orientierung bei Sokrates und Platon, Nietzsche und Derrida*" In: SIMON, Josef (Hrsg.). *Distanz im Verstehen: Zeichen und Interpretation II*. Frankfurt am Mai; 1995.

_____. **As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche: coletânea de artigos: 1985-2009**. Organização de Jorge Luiz Viesenteiner e André Luis Munis Garcia. Vozes, Petrópolis, RJ, 2013.

_____. "Der See des Menschen, das Meer des Übermenschen und der Brunnen des Geistes. Fluss und Fassung einer Metapher Friedrich Nietzsche". **Nietzsche-Studien**. 39, pp. 145-179, 2010a.

_____. "Nietzsche como destino da filosofia e da humanidade? Interpretação contextual do §1 do Capítulo "Por que sou um Destino", de Ecce homo". **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 33, n.2, pp. 241-278, 2010b.

STERNE, Laurence. **A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy**. Trad., introdução e notas de José Paulo Paes, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.

STINGELIN, Martin. Historie als "Versuch das heraklitische Werden [...] in Zeichen Absukürzen". **Nietzsche Studien**. 22, 1993, pp. 28-41.

_____. "Schreiben und Übersetzen". **Prospero. Rivista di Letterature Straniere, Comparatistica e Studi Culturali**. EUT Edizioni Università di Trieste. Prospero XII, pp. 41-55, 2005. Disponível em <<https://goo.gl/BO9HQR>> acesso agosto de 2018.

STOBBE, Johannes. "The Prospects of Philology: Modes of a Textual Reading" In: BAJOHR, H. [et al.] (ed.). **The Future of Philology: Proceedings of the 11th Annual Columbia University German Graduate Student Conference**. Cambridge Scholars Publishing, pp. 47-62, 2014.

SUAREZ, Rosana. **Nietzsche e a linguagem**. Editora 7Letras, Rio de Janeiro, 2011.

TONGEREN, Paul v.; **Reinterpreting modern culture: An introduction to Friedrich Nietzsche's philosophy**. Purdue University Press e-books OLD, Paper 12, 2000.

_____. **A moral da crítica de Nietzsche à moral: estudo sobre "Para além de bem e mal"**. Trad. Jorge Luiz Viesenteiner. Editora Champagnat, Curitiba, 2012.

UNTERSTEINER, Mario. **A obra dos sofistas – uma interpretação filosófica**. São Paulo: Paulus, 2012.

UNDERHILL, James W. **Humboldt, Worldview and Language**. Edinburgh University Press, George Square, 2009.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. Erlebnis (vivência): autobiografia ou autogenealogia? Sobre a "crítica da 'razão da minha vida'" em Nietzsche. **Estudos Nietzsche**. v. 1 n. 2 Jul./Dez. 2010, pp. 327-353.

_____. **Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é**. Campinas, SP. Editora PHI, 2013.

_____. Sobre autoencenação e autogenealogia no Crepúsculo dos ídolos de Nietzsche. **Estudos Nietzsche**. Curitiba, v. 5, n. 2, Jul./dez, pp. 189-214, 2014.

_____. Estrutura formal e semântica do argumento autogenealógico em Nietzsche. **Cadernos de Filosofia Alemã**. v. 20; n. 2, pp. 105-119, 2015. <DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v20i2p105-119>>.

_____. Autogenealogia e reivindicação de objetividade moral em Nietzsche. **PHILOSOPHOS**. Goiânia, v. 21; n. 2, jul./Dez., pp. 127-159, 2016. <DOI: <http://dx.doi.org/10.5216/phi.v21i2.43219>>.

WEIMAR, Klaus [hrgs.]. **Reallexikon der deutschen Literaturwissenschaft**. Band I. A-G. Walter de Gruyter. Berlin/New York. 2007.

WETZEL, Michael. "Autor/Kunstler" In: BARCK, Karlheinz; et al.; **Ästhetische Grundbegriffe. Historisches Wörterbuch in sieben Bänden**. Band 1: Absent – Darstellung. Verlag J.B. Metzler, Stuttgart/Weimar, pp. 480-543, 2010.

WALES, Katie. **A Dictionary of Stilistics**. Third Edition. Routledge, London/New York, 2011.

WHITMAN, J.; Nietzsche in the Magisterial Tradition of German Classical Philology. **The Journal of History of Ideas**. Vol. 47, n° 3 (Jul.-Sep., 1986), pp. 453-468.

WINDGÄTTER, Christoph.; Nietzsches Schreibpraktiken. **Nietzsche-Studien**. n. 35, Walter de Gruyter, Berlin/New York, pp. 407-421, 2006.

WINTHROP-YOUNG, Geoffrey; WUTZ, Michael. "Translators' Introduction" In: KITLER, Friedrich A.; **Gramophone, Film, Typewriter**. Stanford University Press, pp. xi-xxxviii, 1999.

WOTLING, Patrick. **Le vocabulaire de Nietzsche**. Elipses, Paris, 2001.

ZAVATTA, Benedetta. "Nietzsche and Linguistics" In: HELLER, Lisa; HEIT, Helmut [eds.]; **Handbuch Nietzsche und die Wissenschaften**. Berlin: De Gruyter, pp. 265-289, 2013a.

_____. "Nietzschean Linguistics". **Nietzsche Studien**. 42, Walter de Gruyter, Berlin/New York, pp. 21-43, 2013b.

ZITTEL, Claus; **Selbstaufhebungsfiguren bei Nietzsche**. Würzburg: Königshausen und Neumann, 1995.

_____; "Textologie und Materialität (Text-Bild-Wissen)" In: **Textologie. Literatur und Wissenschaften** (website). Disponível em: <<https://goo.gl/Jbh7al>> acesso em 2017.